

Sumário de Entrevista
Inês Berline Buldrini

Fita 02:

Casa de Itália:

- Não lembra a data da inauguração, mas começou com a escolinha.
- Os filhos estudaram lá, menos a Isaura, que estudou no Imaculada.
- Funcionava na rua Tamoios.
- A escolinha era gratuita.

Trajetória escolar dos filhos:

- Casa de Itália
- Monte Calvário. Era pago.
- Marconi. Também era pago, só que bem mais barato.

A família:

- Bruno gostava de crianças pequenas e ajudava Inês nas tarefas de casa.
- Ele dava vinho para as crianças.
- Quando os meninos iam crescendo, chegavam aos 4, 5 anos, começavam a ficar malcriadas. Então, Bruno perdia a paciência com eles. Então, a educação ficava toda por conta de D. Inês.
- D. Inês não trabalhou fora até 1930, pois eles estavam bem financeiramente.

Ida para a Itália, em 1950:

- Inês foi sozinha.

Mudança para o Rio de Janeiro:

- Março de 1930.
- Inês foi com todos os filhos, com o cunhado, com o marido.
- Eles ficaram 2, 3 dias na casa de uma família que os recebeu, depois, alugaram um chalé.
- Eles foram morar na Vila Isabel.
- Belo Horizonte era diferente do Rio, era mais sossegado. Lá ela não podia sair sozinha com as crianças.
- Um filho não se deu bem com o clima do Rio. O médico dizia que ele não tinha nada e que a solução para o problema era voltar para BH.
- Ela teve vontade de mudar definitivamente para o rio, porque gostou muito de lá, mas não pode por causa do problema do filho.
- Então, Inês veio na frente, com os seis filhos, e deixou Bruno terminando um serviço.
- O retorno foi para o Carlos Prates mesmo.

Vida em BH, depois de 1930:

- Era difícil cuidar de 12 filhos.
- O marido começou a ficar desleixado.

O trabalho fora de casa:

- Inês, logo, precisou trabalhar fora, mas não sabia fazer nada. Ela aprendeu com a necessidade.
- Arrumou um serviço com um capitão, para costurar roupas de soldado.

Sumário de Entrevista
Inês Berline Buldrini

- O padrinho de Isaura, que era tenente, não achava que era ambiente para Inês, e não ajudou em nada.
- Nesse trabalho, ela ficou 12 anos.
- A intendência das roupas de soldado ficava no Palácio da Liberdade, mas ela trabalhava em casa, com máquina própria.
- As roupas já vinham cortadas.
- O pagamento era em cupons e variava conforme o volume de roupas. E, além disso, quando se trocava os cupons por dinheiro, eles valiam menos que o valor estipulado.
- Depois, Inês foi calceira nº 1 da Importadora, que funcionava na rua Tamoios, 54.

Visita do Rei Alberto:

- Ela foi a Praça da Liberdade, o que não costumava fazer.
- A vizinha de Inês, foi intérprete do Rei.
- A Praça estava muito cheia.

Dias festivos italianos:

- Eram comemorados na Casa de Itália, até a 2ª Guerra.

O reflexo da 2ª Guerra em BH:

- Houve quebraadeira de vários estabelecimentos comerciais de italianos, inclusive um bar de Bruna, na rua Tupinambás, foi destruído.
- Os imóveis dos alemães também sofriam com os ataques.
- D. Inês ficou muito apreensiva com isso tudo.
- O Milton Campos indenizou as pessoas que tiveram prejuízos materiais, mais ou menos em 1950.
- Bruno recebeu 60 mil réis.

Contato com os parentes que ficaram na Itália:

- Sempre manteve o contato, através de cartas.
- Na época da Guerra, quando a cidade foi toda destruída, ela ficou muito preocupada.

A língua materna:

- Os filhos chegaram a estudar o italiano na Casa de Itália, mas perderam tudo.
- Ela aprendeu o português, rapidamente, no dia-a-dia.
- As vezes, ela conversava em dialeto da România com o marido.

Fita 03:

Compras:

- Tudo era comprado aos pouquinhos, pois o dinheiro era muito pouco.

Hábitos italianos:

- Na Itália, se comprava também aos poucos, mas porque era hábito. Não sobra nada mesmo.
- Cada tipo de comida, é feita em um tipo de gordura.
- Não tem janta farta, como aqui, é uma refeição mais leve e mais rápida.
- Refeições são regadas com vinho.
- Inês se adaptou aos hábitos daqui e abandonou os de lá, por causa do marido.

O marido de Inês que abriu a Rua Rio Casca.

Revolução de 1930:

- Ela já tinha retornado do Rio, na época.
- Ela, a empregada e os seis filhos fugiram a pé.
- O marido estava trabalhando fora da cidade, quando ocorreu a Revolução.
- Inês achou que precisava fugir, porque tinha trincheira na casa dela.
- Quando eles estavam fugindo, encontraram um leiteiro, que os ajudou. Ele levou todos em uma carroça para a sua casa, que ficava num arraialzinho fora da cidade.
- A família ficou por lá até o fim da Revolução, uns dez dias.
- Depois, a família ficou muito amiga da família do dito leiteiro. Eles também foram morar na Rua Rio Casca.
- O leiteiro voltou a casa de Inês para buscar algum mantimento, mas não deu para trazer nada, porque os soldados tinham invadido a casa.
- Os soldados usaram a casa como esconderijo, mas não mexeram em nada.

Relação com a vizinhança:

- Era muito boa, mas ela nunca foi de contar intimidades para os vizinhos, não gostava de lamentar.
- Quando ela precisava desabafar, ia para a Igreja e ajoelhava aos pés de Nossa Senhora.
- Ela dividia um pouco das tarefas com a vizinhança.

Relação de Bruno com a cidade:

- Ele gostava mais daqui que da Itália, pois era bem quisto pelas pessoas e tinha o seu trabalho reconhecido.

Igreja:

- Frequentava a da Boa Viagem, onde costumava fazer novena, mas também gostava de ir em outras.
- Inês vai a Igreja, independente da missa.

Política:

- Ela não gostava de política, nem se envolvia com isso.

Sumário de Entrevista
Inês Berline Buldrini

- Mas, por causa de uns desmoronamentos perto da linha de trem, que estavam atingindo a sua casa, se envolveu com a Prefeitura. Inês só sossegou quando conseguiu resolver o problema com a construção de um muro de arrimo.

Ida para a Itália, em 1950:

- Aproveitou que o cunhado e a cunhada, irmãos de Bruno, iam e foi junto.
- Ela queria muito ir, para ver a mãe, que estava muito doente.
- D. Inês vendeu um lote que tinha na Ressaca, comprado a prestação, para comprar a passagem.
- A cunhada de Inês era vizinha do comprador e foi ela que fez os contatos.
- Os meninos já eram maiores, alguns já casados, então ela não se preocupou. Foi tranqüila, deixando os mais novos sob os cuidados dos mais velhos.
- Ela ficou um ano por lá.
- Viajou no navio Júlio César.

A imigração dos irmãos para o Brasil:

- A irmã veio por causa do marido. Ele era polaco e desertou na guerra, lutando do lado da Inglaterra. Então, quando a guerra terminou, ele não pode retornar para a sua terra. E, como Inês já estava aqui, vieram também.
- O irmão veio pensando em ficar bem por aqui, como a irmã. Quando chegou, ele fez um curso profissionalizante e se casou rápido.
- O irmão que era mais ligado a Inês na Itália veio muitas vezes visitá-la, mas só a passeio.

A morte do pai:

- O pai morreu em 1935, na véspera de Natal, de enfarte.
- Como ele faleceu pouco depois que ela havia tido um bebê, os parentes resolverão poupá-la.
- Somente quatro meses depois, sua mãe lhe escreveu contando que ele tinha morrido e chamando por ela.
- Com isso, Inês até pensou em voltar de vez para a Itália.

Ida para a Itália, em 1966:

- Foi com a irmã, que estava doente.
- A irmã foi operada na Itália, ficou boa, engordou.
- Dessa vez, ela foi de avião e voltou de navio.

Fita 04:

Cometa:

- Viu, quando ainda era pequena em Rimini.
- Todos ficaram sabendo da passagem do Cometa pelos jornais.
- Muitos ficaram assustados, acharam que era o fim do mundo, mas Inês não teve medo, achou extraordinário.

Terremoto:

- 1916,1918
- Não deu muito prejuízo, foi leve.
- Eles dormiram fora de casa, em umas barracas de madeira.

Sempre gostou muito de viajar.

Partos:

- Todos os partos de Inês foram em casa, sob os cuidados de uma parteira.
- A parteira só ia ver a grávida no dia do nascimento, e, depois, até o umbigo da criança cair.
- Partos foram todos normais.
- Foram muitos, porque a religião não permitia evitar a concepção.

Fazenda do Rosário:

- Era um internato para meninos órfãos.
- O primeiro filho homem foi estudar lá.
- Foi a madrinha dele que conseguiu uma vaga.
- Como ele era muito agarrado com a mãe, ele fugiu várias vezes dessa Fazenda, mas Inês insistiu até ele completar o 4º ano.

Fita 05:

Copa do mundo:

- Inês sempre ficava em dúvida: Para quem torcer, Itália ou Brasil. Então, ela acabava ficando neutra.

Lembranças:

- As antigas são mais fortes.

A bagagem que ela trazia de volta, quando ia a Itália:

- Trazia tudo o que ganhava, principalmente roupas.

A Igreja Católica e o catolicismo:

- Inês teve formação católica.
- Ela tentou passar isso para os filhos. Todos eles são batizados, crismados, casados na Igreja. Entretanto, nem todos vão a missa todos os domingos.

O Carnaval:

- Em Rimini, também tinha carnaval, mas era diferente daqui. O principal lá eram os carros alegóricos enfeitados com comida.
- Inês fala que a sua família não participava, porque o pai dela não gostava. E, além disso, ela nem fazia questão de ir.
- No Brasil, Inês e Bruno sempre iam assistir, sem fantasia.
- O carnaval de clube era a marca do Carlos Prates. Já no Centro predominava o carnaval de rua.

A 2ª Guerra:

- Algumas professoras da Casa de Itália terminaram voltando para a Itália, porque ficaram muito assustadas com o "quebra-quebra" que houve por aqui.
- Aliás, a Casa da Itália chegou a fechar. Depois, passou a funcionar na R. Curitiba, junto com o consulado.
- Quando ocorreu o fechamento, todos os alunos foram transferidos para o Monte Calvário.

Os negros:

- Inês chama qualquer brasileiro de moreninho.
- Quando ela morava na Itália, não conhecia negros. Logo, da primeira vez que via africanos, correu para vê-los.
- Na primeira vez que veio para o Brasil, Inês fez uma parada em Dakar, onde muitos negros embarcaram. Ela sentiu medo, porque eles pareciam bichos.
- Na Lagoinha, onde ela foi morar quando chegou, havia muitos negros. O seu marido chegou a ter vários ajudantes negros.
- Os negros não podiam entrar na Casa de Itália.

O navio para imigrantes:

- Neles, existia uma separação de homens e mulheres. Havia alojamentos grandes para cada sexo.

Sumário de Entrevista
Inês Berline Buldrini

O dirigível:

- 1930
- Todo mundo correu para ver. Aqui, eles eram mais bonitos que na Itália, porque não vinham para bombardear.

O complexo da Pampulha:

- Inês esteve na inauguração porque o Boschi era proprietário da Casa do Baile.
- O Cassino era freqüentado pela elite. Lá, só os turcos podiam arriscar, porque tinham muito dinheiro.

As colônias de imigrantes:

- Inês só se lembra da colônia de italianos do Carlos Prates.
- Os turcos geralmente moravam na R. Caetés e mexiam com comércio.

Belo Horizonte, em 70 anos de convivência:

- Inês acha que a cidade progrediu muito. Mas, por exemplo, algumas coisas ainda continuam da mesma forma no bairro Carlos Prates.

A Savassi:

- Inês conheceu os Savassi, pois o marido fazia fornos para as padarias das famílias. Mas, eles eram apenas conhecidos.
- Aliás, o marido e um dos seus filhos eram os únicos que faziam forno em Belo Horizonte.
- O pão que era feito aqui era pão italiano mesmo, conhecido como panhoca.

Outras famílias de italianos citadas por Inês Berline:

- Frota
- Gaettani
- Bertolotti
- Graciolli
- Friederich

Fita O6:

O Golpe de 1964:

- D. Inês fala que não pode dizer nada sobre isso.

Suicídio de Vargas:

- A notícia chegou até ela no Barro Preto.

Ouro Preto:

- Quando seus parentes estiveram aqui no Brasil, visitaram Ouro Preto e não gostaram muito.
- Ela também não gosta muito de lá, apesar das Igrejas bonitas, porque não é muito chegada a antigüidades.

O bonde:

- D. Inês andou muito de bonde, eles eram bem arejados.
- Ela considera os ônibus um meio de transporte melhor.

Jornais:

- A parte de política não a agrada.
- Ela prefere a parte que trata das novidades locais e sobre os conhecidos.

Cinema:

- Já faz muito tempo que ela não vai a um.
- Quando freqüentava cinemas, ia sempre ao Leão XIII, na companhia de uma das filhas.
- Geralmente, era a filha que escolhia o filme.
- Os seus filmes preferidos eram os de romance.

Televisão:

- Ela não é muito amante, porque acha que tem muita coisa errada. As novelas, por exemplo, ela acha uma grande pouca vergonha.
- D. Inês acha que os pais não deveriam deixar as crianças assistirem, como D. Serafim propôs.
- Quando veio para o Brasil, ela já conhecia a televisão. Tinha visto uma em Frankfurt.
- A primeira que teve, foi um presente do genro, dado em 61. Na época, ela até gostou, porque morava sozinha, mas nunca fez muita questão.
- O que mais gosta na televisão é a missa televisionada.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORES: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL

CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA

ENTREVISTADA: INÊS BERLINE BULDRINI

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 28/09/90

Entrevista - fita 01 - lado A

TP: Bom Dona Inês, então nós vamos começar o nosso trabalho e, para início de conversa eu queria que a senhora nos confirmasse alguns dados a seu respeito. Então o nome da senhora completo, qual é.

IB: Inês Berline, da minha família, não é. Isso, tudo desde que eu nasci, não é isso.

TP: Inês Berline, nascida em Rimini...

IB: 21 de outubro de 1900. (...)

TP: É o local de nascimento, não é?

IB: Isso.

TP: A senhora veio de uma família de italianos//. Seus pais...

IB: Sim. Sim// Sim, meu pai italiano legítimo. Minha mãe filha de francês: Antonieta (...).

TP: E o nome do seu pai, dona Inês.

IB: Giovanni Berline.

TP: Giovanni Berline. A família da senhora era uma família grande? Quantos irmãos.

IB: Sim. Irmãos, quer dizer, minha mãe teve vinte e dois.

TP: Vinte e dois filhos.

IB: Vinte e dois. Mas depois uns morreram, não sei o que lá. Ficamos em dez.

TP: Certo.

IB: Agora somos só sete.

TP: Atualmente são só sete.

IB: Três aqui.

TP: Três no Brasil.

IB: No Brasil e quatro estão na Itália. Mas eu, desses todos eu sou a mais velha.

TP: A senhora é a mais velha dos que estão vivos.//

IB: // Dos que estão vivos, eu sou a mais velha.

TP: E na sua infância, dona Inês, a senhora conviveu com quantos irmãos em casa.

IB: Bom, na minha infância, quer ver, nós éramos mais ou menos de dez a onze, dez a onze. Teve lá uma doença, crupe?, que aqui também dá essas coisas, não é, e em quatro dias morreram três irmãos.

TP: É mesmo?

IB: É, de crupe, não é? De modo que aí, num instantinho, diminuiu um pouco. Depois foi crescendo o que ficou mesmo, não é? Agora, por exemplo, depois, que eu me lembro, eu fui batizada na Igreja São Bartolomeu.

TP: Em Rimini.

IB: Em Rimini, é. Hoje é igreja Santa Rita, onde fica, não é?

TP: Sei.

IB: Depois disso, eu me lembro bem quando eu me crismei. Até é uma bobagem mesmo lembrar certas coisas, não é? Eu lembro como se fosse hoje, meu Deus do céu, eu estava com um vestido muito bonito, cor de rosa. Eu não pensava que ia crismar não, era só a beleza, que eu estava bonitinha. Porque lá a primeira, a crisma é dia 16 de julho.

TP: Ah! Tem uma data fixa.

IB: É, só numa igreja, todo santo ano. Agora tem duas crismas, (...), a dos mais ou menos, senhora sabe, em todo lugar tem isso. E meio dia é a gente mais alta. Mas é só esse dia e uma vez por ano só.

TP: Sei. E a crisma se dá com as crianças já maiores. Que idade a// senhora tinha...

IB: Sete anos.

TP: Sete anos.

IB: É, sete anos tinha crisma. Mas eu sei que eu estava tão engraadinha...

TP: É.

IB: (risos) Eu me lembro, a minha madrinha também era muito bonita. Chamava (...), Anita (...), já falecida há muito tempo. Agora, depois disso andei crescendo... ir na escola.. Aos dez anos já tinha namorado firme.

TP: É mesmo, dona Inês?

IB: Hum...

TP: Mas então me conte uma com ele, mas ele era velho, heim? Eu tinha 16, ele tinha 28.

TP: Ah! é?

IB: Já estava de bigode.

TP: Aham. (riso)

IB: Então ele falou assim: "Não (...) seu esposo eu gostaria (...) sua filha?, não sei o que lá. (...) "Então está certo. Tal dia eu vou lá ver o lugar em que você está morando. Meu pai// era (...)

TP: Seu pai falou.//

IB: O pai, não é? Meu pai foi. Mas também eu passei telegrama para ele antes do meu pai ir, que não queria mais saber nada.

TP: Ah! é?

IB: Ah! é! Já queria casar. Ah! eu vou casar o quê.

TP: A senhora não estava interessada em casamento.

IB: Ah! Que é isso? Eu só sei que, e o meu pai foi, coitado... Quando ele voltou eu tenho como hoje, meu Deus do céu (...) Quando meu pai voltou, ele falou assim: o lugar era

muito bonito, a mãe dele era uma senhora muito boa, ela é viúva, tem um tio dele que é padre Oh! que beleza. (debochando)

TP: (Risos).

IB: Então (...) agora domingo eu te levo. Eu falei: "Aonde?"

TP: (Risos).

IB: Eu fiz de boba, sabe. Falei: "Aonde?" "Uai, lá, não é. Porque eles querem te ver, não é." E falei: "Uai, mas eu...//

TP: Não quero.

IB: ... Não quero não. Eu já escrevi para ele, ua. Não quero não." "Então porque você não falou antes, você me fez passar vergonha." Falei: "Ah! Mas o senhor não falou nada que o senhor ia, não é?"

TP: (Riso).

IB: Ora essa, ua! Eu sei que, Nossa Senhora, meu pai passou muito aperto comigo, coitado.

TP: Passou. A senhora era levada da breca.

IB: Passou. Mas por umas coisas assim, sem maldade nenhuma, não é?

TP: Sei.

IB: Porque quando, depois, eles não queriam que eu casasse com esse que eu tinha contado da outra vez, não é. Pensar de vir para o Brasil, meu pai gastou uma fortuna. Meu pai gastou uma fortuna, meu pai gastou uma fortuna lá dos...

FIM DO LADO A DA FITA 1

Entrevista - fita 1 - lado B

IB: Pois é, então veio esse senhor que daqui mesmo, ele se responsabilizou, assinou mesmo// como o responsável da minha vinda aqui.//

TP: //Sei.// Hum, hum.

IB: Eu sei que meu pai adoeceu, minha mãe adoeceu//. E eu vim sem... mas eu não sei, não tive dó dos meus pais não, gente.// Eu queria era viajar.

TP: //É. //É... A senhora não se preocupou com eles. A senhora...//

IB: Não me preocupei.

TP: ... se preocupou com... o que a senhora queria.

IB: Depois quando fiquei aqui aí sim.//

TP: //Começou a pensar nisso.//

IB: Nossa Senhora!

TP: Mas me conta então um pouquinho, para a gente entender melhor essa história. A senhora, com esses namorados todos que a senhora teve quando menina, alguns até que a senhora estava dizendo que queriam casar com a senhora. A senhora não quis, não é? E pelo que a senhora está contando, seu pai era muito rígido.

IB: Era, era.

TP: Não é? Ele era rígido e exigia da senhora uma certa disciplina//, não é mesmo?

IB: Ah! era. Isso mesmo. Era isso mesmo.

TP: A sua mãe também era, dona Inês?

IB: Não. Minha mãe não mandava nada.

TP: Não?

IB: Nada.

TP: Não? Não?

IB: Nada! Tudo era meu pai.

TP: É. Seu pai era a grande autoridade da casa.//

IB: Era.//

TP: Mas era uma autoridade também, que a senhora enfrentava,// que a senhora está contando que a senhora era uma pessoa com firmeza.//

IB: Ah! sim!... // era igualzinha a ele.

TP: É? (risos). Parecida com ele, por isso o enfrentava.

CF: Dona Inês, a mãe da senhora falava francês ou italiano com vocês.

IB: Não, italiano. É como eu (...)

TP: Hum, hum.

IB: E tem um senhor aqui no comitê, era um (...), um presidente daqui. Aí toda vez que eu vou lá, ele me xinga.

TP: Porque?

IB: "Os meus filhos todos falam italiano//. porque os da senhora não falam"//

TP: //Ah, é.// (risos)

IB: Bom, eles estudaram na Casa da Itália. Tem a Aidê, por exemplo, ela formou mesmo na Casa da Itália, e tudo. Mas depois, meu Deus, eu não tinha tempo, não é?

TP: Foi perdendo a língua, não é?

IB: Ah! Isso mesmo, é.

TP: E a sua mãe então, não falava o francês// com vocês.

IB: Não// Não. Eu nunca vi a minha mãe falar em francês.//

TP: Ah, não.// Nunca.

IB: Porque também não tinha pai, não tinha (...) tinha só um irmão, muitos poucos viviam naquele tempo.

TP: Sei. Com isso ela não tinha nem com quem praticar, não é.

IB: É, não tinha. Não tinha mesmo, não é.

TP: Dona Inês, e ainda, voltando à sua infância, a senhora morava em Rimini, morava no centro da cidade?

IB: No centro, no centro// No centro mesmo.

TP: //É. E como era a sua casa, era uma casa grande, porque a família era muito grande.

IB: Bom, não era muito pequena, mas não era casarão como tem hoje, não é.

TP: Sei.

IB: Não é. Agora, depois comprou outro apartamento, quase perto também, que era maior, não é. Mas nós quase sempre vivemos ali mesmo.

TP: Sei. E como era Rimini nesse início quando a senhora era menina, era uma cidade..., a senhora considerava//

IB: Histórica, não é.

TP: Era histórica.

IB: Cidade histórica. Mas agora lá está muito bonito.

TP: Muito desenvolvida, não é.

IB: Agora está.

TP: Mas quando a senhora era menina, a cidade já tinha assim, todas essas benfeitorias que hoje a gente está acostumada numa cidade, não é, como luz, telefone... Como era Rimini, o que a senhora lembra// para contar para a gente.

IB: //Bom, telefone tinha nos lugares mais...

TP: Importantes.

IB: ...Importantes. Não era em toda casa que tinha não.

TP: Na sua casa ainda não tinha, quando a senhora era menina.

IB: Não tinha não. Meu pai tinha onde que tinha o escritório dele.// Mas em casa não tinha não. Agora todo mundo tem.//

TP: //Sei.// Hum, hum. E tinha luz elétrica na sua casa// ... água quente// todas essas benfeitorias aí...

IB: Ah! sim. Sim.// Ah! sim. Tinha, isso tinha.//

TP: ... serviços de coleta de lixo na cidade?

IB: Não. Naquele tempo meu não.

TP: Não?

IB: Não. Agora sim. Agora tem de tudo, não é?

TP: Claro. Não, mas eu estou falando do seu tempo// quando menina. Ainda não, não é?

IB: //Não. Não, não, não, não... não tinha.

TP: E como é que era morar numa cidade de praia. A senhora ia à praia quando era menina?

IB: Escapulía, não é?

TP: Escapulía? (risos).

IB: Escapulía.

TP: As famílias não iam, não era um programa de família//

IB: Não, não. Nem, até hoje as famílias, a senhora acha que vão para praia.

TP: Não vão não?

IB: Não. Não mesmo, não.

TP: Não, dona Inês?

IB: As minhas irmãs moram quase perto, elas não freqüentam praia.

TP: É mesmo? É por falta da hábito, mesmo?

IB: Não, não, não.

TP: Mas a senhora gostava de escapular e passear na praia.

IB: Aham. Quando fazia calor nós íamos à praia, quando fazia frio nós íamos à igreja.

TP: É? (riso).

IB: Ua. Dois lugares...

TP: E a senhora ia para a praia com a turma de amigos.

IB: Ah! é. Três, quatro.

TP: É! Fugiam todos para passear na praia.

IB: Meu era (...)

TP: (Riso)

IB: (...)

CF: E nadavam, e nadavam, dona Inês?// Ou só passeavam.

IB: Ah!// Não, não, só passeava. Uma vez só que, só nós dois//, nós tomamos uma dessas barquinhas.

TP: Hum//. Sei. Para passear.

IB: É, e o vento nos levou.// Quase, quase que nós vamos para o beleléu.

TP: É mesmo? Que perigo dona Inês.// Que aventura perigosa.

IB: É isso. Esse tempo, quer ver, não era tão pequenininha esse tempo não, heim. Tinha mais ou menos 16 anos.

TP: Ah! isso era. Era uma menina que gostava de aventuras então.

CF: Dona Inês, não era comum nadar? As pessoas iam à praia e normalmente não nadavam?

IB: De lá, de lá do lugar mesmo não. Não é só da minha família não.// Muitos, muitos.

TP: Sei//. As pessoas do lugar que moravam ali não tinham esse hábito.

IB: É engraçado, é muito difícil (...). Vocês não lembram agora elas estiveram lá, não é, elas podem falar se minhas irmãs, minhas sobrinhas elas iam para a praia. A lá (...) olhe lá. Elas iam. Com elas num instantinho vinham embora: "Ah! calor, calor, calor."

?: É// é verdade.

TP: Sei. Mas Rimini já recebia muitos turistas nessa época que a senhora era menina...

IB: Não era muito não.

TP: Mas já tinha.

IB: Mas depois, depois mesmo, antes de eu casar, já tinha...

TP: Sei, já foi aumentando o número de turistas.

IB: Já foi aumentando.

TP: E os turistas gostavam de nadar nessa época?

IB: Ah! sim! E agora os alemães, austríacos, eles nadavam era de noite//. Engraçado.

TP: É mesmo?//

IB: É, de noite.

TP: E como era, eu perguntei para a senhora no início, antes de nós começarmos a gravar, como era o clima em Rimini? No verão. No inverno.

IB: Ah! sim. Tudo certinho.//

TP: Tudo certinho.//

IB: Frio era frio, tanto é que quando fazia frio não tinha uma roupinha assim, do lado de fora não, tudo era lavado, passado e guardado.

TP: As roupas de verão//. Só se usava coisa de lá mesmo.//

IB: Só//. É sim//. Agora já é diferente. Agora já não é mais assim.//

TP: Hum, hum.// Sei.

IB: Porque muitas vezes faz um calorão, quando é de tardinha já faz mais fresquinho, já tem que ter uma blusinha. No meu tempo não tinha nada disso.

TP: E a senhora está me dizendo aí de roupinha lavada e eu estou me lembrando de uma pergunta. É, a senhora disse que tinha uma governanta na sua casa// e a cozinha era sua mãe que lidava...//

IB: Sim, sim//. Minha mãe, minha mãe.

TP: ... com ela. E essa questão, por exemplo, roupa para essa meninada, a senhora tinha muitos irmãos, quem cuidava da roupa. A senhora tinha, como é que eu diria, tarefas em casa mesmo. A senhora era responsável por alguma tarefa?

IB: Eu? Só fazer macarrão.

TP: Macarrão?

IB: Só.

TP: É mesmo? E a senhora aprendeu quando menina ainda.

IB: Oito anos, eu quis fazer para mostrar meu pai, ver se eu ganhava uns trocadinhos...

TP: (Riso)

IB: Fiz bonito, tá fala (...) não é.//

TP: (...)

IB: Amarelinha, amarelinha; bonita mesmo. "Papai, fui eu que fiz." "Bravo." Meu pai fazia era assim. "Agora, de amanhã em diante é você que vai fazer macarrão. Pronto."

TP: (Riso)

IB: Até eu casar eu fiz macarrão.

TP: É mesmo?

IB: Oh! Todo, mas é todo dia.

TP: Todos os dias.

IB: Todo dia. Ou seja macarronada, ou seja lá sopa, ou seja de qualquer jeito, todo dia fazia.

TP: Macarrão.//

IB: Macarrão.//

CF: Mas a massa é feita todo dia, dona Inês? Não dá para fazer que dure 3 dias?//

IB: Não. Não//. Todo dia, todo dia.

TP: É mesmo?

CF: É porque perde, ou porque vocês não gostam?

IB: Não, não, não... faz tudo todo dia. A senhora vê que lá ninguém tem armazém, assim, as coisas todas dentro de casa. Tem geladeira?

?: (...)

IB: Aí. Ela pode falar, ela esteve lá, ela pode confirmar.

TP: É geladeira pequenininha.

IB: Pequenininha, porque todo dia, toda manhã, toda mãe de família vai...//

TP: //à feira.

IB: ... elas tem a bicicleta ainda, anda, todo mundo anda de bicicleta lá. Lá é tudo plano. Vai fazer compras.

TP: Sai todo dia para comprar.

IB: Se a senhora quiser comprar 100 gramas de carne, a senhora pode comprar 100 gramas de carne moída. Se a senhora quiser um bife, eles te cortam um bifinho.

TP: É, isso é um hábito que é europeu, muito diferente do Brasil, não é?

IB: Mas é todo dia, todo dia. Não tem nada desse negócio de um dia para o outro, de uma semana para a outra, hum-hum (negação).

TP: Sei. E com isso então, a senhora adquiriu a tarefa diária de fazer macarrão a partir dos oito anos de idade.

IB: Oito anos.

TP: E quem ensinou a senhora a fazer foi a sua mãe?

IB: É, mas eu via, a minha mãe também fazia.

TP: A senhora aprendeu com ela.

IB: É.

TP: Hum, hum. Aí a senhora aceitou essa tarefa sem reclamar muito ou brigou.

IB: Não, não, não...

TP: Não.

IB: Não. Era assim, dez e meia já começava a fazer que lá almoço é uma hora, eu começava a fazer macarrão e pronto.

TP: E a senhora fazia o... Qual era o macarrão que a senhora fazia, era espaguete, era...

IB: Ah! Qualquer um.

TP: Qualquer um.

IB: A massa era uma só.

TP: É uma só?

IB: É, só com ovos, não é, abre com pau de macarrão, não era com cilindro não.

TP: Sei.

IB: Ainda depois cortava, não é. Porque queria quadritinho, fazia quadritinho, // queria fazer comprido, fazia compridos //

TP: Hum, hum //. A senhora podia fazer... //

IB: ... queria fazer lacinho, fazia lacinho. // Mas a massa era uma só.

TP: //Sei //. Era um tipo só.

IB: Um tipo só.

TP: E a senhora fazia o que. Dependia da sua vontade naquele dia //, qual o tipo que a senhora ia fazer. //

IB: É isso mesmo // Pois é. Sempre (...).

TP: Ah! Aham.

IB: Agora era interessante, eu e meu irmão, esse que faleceu, os dois eram uma alma, um corpo e uma alma só, como (...).

TP: Ah é!? Muito amigos.

IB: Muito, muito mesmo. Então, nós dois, macarrão tinha que ser partido, assim, quadritinho,// Fala quadritinho.// Ah! É.

TP: //Quadrado mesmo.// Pequeninho.

IB: Quadrado mesmo, é. Quer dizer que tinha que ficar, se fosse na sopa, tinha que ficar o caldo, por numa panelinha, para depois por para nós dois.

TP: (Risos) Só para os dois.

IB: (...) só para os dois.

TP: E como é que é, a senhora está falando desse irmão, e como é que era o relacionamento da senhora com os outros irmãos?// Com as irmãs// por exemplo, a senhora também era amiga?//

IB: //Não, (...) Bom, era sim, mas elas eram gêmeas, bem melhor não é. Porque depois (...), esse irmão que eu falo que está parecendo mais velho do que eu,// o outro (...) na Itália// também mais novo, mas pior do que eu.// Era sempre tudo abaixo de mim//, depois que vinham as mulheres.

TP: //Sei.// Hum, hum.// Sei.// Ah, sei Ah! sim. E esse grupinho de amigos com os quais a senhora ia para a praia, que tinha os namorados, a senhora não tinha nenhuma irmã? porque não tinha a sua idade?

IB: Não.

TP: Eram amigos mesmo.

IB: Tinha só esse meu irmão.

TP: O irmão era companheiro mesmo.

IB: Ah! Uh.

TP: Junto com a turma... E os outros amigos dessa turma eles eram vizinhos da senhora?

IB: Vizinhos. Todos vizinhos.

TP: Todos vizinhos.

IB: Todos vizinhos.

TP: Colegas de escola.

IB: É isso mesmo.

TP: Ah!...

IB: (...) todos vizinhos. As moças também, as meninas. Tudo do mesmo bairro.

TP: Sei... E me diz uma coisa, dona Inês, além das fugidas para passear na praia, além da missa no domingo, que mais que a senhora fazia em Rimini... é... dançava... Tinha algum lugar de dançar?

IB: Não, não.

TP: Não?

IB: Não. Mas sabe onde é que nós íamos (...)

TP: Sei. Fazer pic-nic//, como a gente fala.

IB: //Isso mesmo, isso mesmo. Só. Mas não era nada de (...) essas coisas não.

TP: //Sei. E essa, e merendar era, onde que vocês iam normalmente?, na praia...

IB: Na praia também, se tivesse algum apartamento assim, em construção, também nós entrávamos.

TP: //Ah! é? Olha só (risos). E me diz uma coisa, embora a senhora tenha frequentado pouco a escola como a senhora estava falando, não é, a senhora não gostava muito, achava aquela disciplina difícil de enfrentar...

IB: Não dava tempo//. Não dava tempo.

TP: //(risos). Tinham outras coisas mais...

IB: Mas os exercícios eu fazia.

TP: Ah! é?

IB: Ah! isso eu nunca faltei.

TP: Fazia em casa, os exercícios.

IB: Ah! que os colegas, as outras que não saíam com a gente, elas davam, não é?

TP: Ah! sei. A senhora colava tudo//, como a gente diz.

IB: //Uh!

TP: Mas a escola, a senhora teria que ir à aula, era pela manhã que a senhora frequentava a escola?

IB: Lá era de manhã e de tarde.

TP: De manhã e de tarde. Ah! era o dia todo... É, aí não sobrava muito tempo mesmo para nada.

CF: E o macarrão? Tinha que fazer o macarrão todo dia. No intervalo da aula ia para almoçar em casa?

IB: (...) não, mas dava tempo.

CF: Dava tempo.

IB: Dava tempo, porque como por exemplo, no calor a aula começava às quatro horas.

TP: Às quatro da tarde.

IB: Às quatro da tarde.// De manhã também já saía mais cedo.// Dava tempo na mesma.//

TP: //Ah! // Hum.// Ah!. E então a senhora gostava desses passeios, da merenda, e me diz uma...//

IB: Ah! só assim? era para estar todos juntos, não é. Não era para dizer, fazer como muitos, que vão para lugar muito longe.

TP: Hum. Era farra mesmo, para encontrar com os amigos.

IB: Farrinha.

TP: E a senhora gostava de ler quando era menina?

IB: Ah! Toda vida.

TP: É?

IB: Toda vida.

TP: Embora a senhora não gostasse lá da disciplina da escola// a senhora tinha gosto pela leitura.

IB: Ah! não// Não. É isso.

TP: E a senhora lia sempre?

IB: Ih!

TP: É? O que que a senhora gostava de ler?

IB: Romance. Ih! Nó, ganhava por prêmio// (...) ganhava prêmio.

TP: É? Como, que tipo de prêmio?

IB: Por exemplo, comprava romances, ainda mais naquele tempo que eram fascículos, não é?

TP: Ah! sim. Eram os folhetins, não é?

IB: Isso mesmo. Quando acabava (...) qualquer coisa dava prêmio mesmo.

TP: Ah! é?

IB: Aqui também, eu ganhei muitos também.

TP: É mesmo? Então sempre a senhora foi uma leitora...//

IB: Até hoje.

TP: Até hoje.

IB: Qualquer papel que eu pego tenho que ler, senão não fico sossegada.

TP: É mesmo? E que mais assim, com relação por exemplo à música, a senhora gostava de música quando menina?

IB: Mais ou menos.

TP: Na sua família tinha alguém que era músico?

IB: Não, tinha bailarino.

TP: Bailarino? É?

IB: (..)

TP: Não tinha piano na sua casa//, ou instrumento musical?

IB: //Não. Não. Aliás, tinha, mas isso era da minha outra irmã, bem abaixo de mim. Foi assim, ela começou a estudar piano e o meu pai comprou um piano. Então, um dia o meu pai encontrou com o professor e o professor falou com o meu pai, ele perguntou pela minha irmã que chamava Líbera é falecida também. Então ele falou assim: "Como vai a Líbera?" Ele falou assim: "Ah! Berlini, ela só toca música!"

TP: Uai (Risos).

IB: Não, não, isso ela não podia, modinha, essas coisas não podia, porque quem aprende para formar não pode isso, não é? Então aí ele já começou a ficar com a pulga na orelha.

Chegou em casa e falou com a minha mãe, que só falava com a minha mãe. Aí, a minha irmã chegou: "Lá, lá, lá..." Aí, a minha mãe falou assim: "Líbera, Líbera" Meu pai estava deitado, não é, porque depois do almoço sempre deitava.//

TP: Sei.

IB: "O professor falou com o seu pai." "Lá, lá, lá, lá...". Meu pai ficou com (...) levantou, minha filha, nunca mais ela tocou piano.

TP: É mesmo? Deu uma bronca.

IB: Ele deu de presente.

TP: Deu o piano de presente.

IB: ... deu de presente o piano, o meu pai.

TP: É mesmo?

IB: À uma artista.

TP: Porque o piano era só para estudar música...

IB: Para estudar...

TP: Estudar música clássica?

IB: Clássica.

TP: E ela estava tocando música popular// então não podia//

IB: //É.// É. E minha mãe foi falou, o outro ao invés de dormir estava acordado.

TP: (Risos) Não era para estar acordado. (Risos).

IB: Não... mas minha (...) sofreu também.

TP: É?

IB: Hú!

TP: E a senhora então não chegou a estudar música não?

IB: Não, não, não, não, que é isso.

TP: De jeito nenhum.

IB: (faz um gesto, batendo).

TP: De jeito nenhum. E me conta uma coisa, já tinha rádio nesse época? em Rimini, quando a senhora estava lá, quando era moça?

IB: (...) não.

TP: Ainda não.

IB: (Negação) Não.

TP: E, onde que a senhora escutava música, assim. Era comum, tinha concerto na cidade.

IB: Não, música a gente escutava assim, que sempre ia fazer serenata, lá usava muito.

TP: Ah! é?

IB: Ih!

TP: Ah! então...

IB: Com violino.

TP: Com violino?

IB: Sim.

TP: A senhora recebeu muitas serenatas?

IB: Muitas. Ih!

TP: Dos namorados, dos amigos...

IB: É.

TP: E que era...

IB: Com violino.

TP: Com violino? É?

IB: Todos. Todos (...)

TP: (Risos) Dona Inês, e cinema já tinha em Rimini quando, quando a senhora era moça?

IB: Ah! Tinha, tinha.

TP: Tinha?

IB: Tinha.

TP: E a senhora freqüentava?

IB: É, gostava (...) cinema eu toda vida gostei.

TP: É?

IB: Toda vida gostei.

TP: Quando a senhora era menina ainda era cinema mudo.

IB: Ah! isso é.

TP: Não é? E aí tinham músicos que tocavam, animando a fita// E...

IB: É.// Agora nós (...) muito, sabe onde? É esse negócio de Traviatta. (...) assisti Tosca, Aida, Rigoletto, Barbeiro de Sevilla//, Teo Vatoze.

TP: //É mesmo? Então tinha muita ópera lá.

IB: Nossa. Meu pai comprava os camarotes (...).

TP: Ah! Que beleza.

IB: Também aí ia tudo//: pai, mãe e filhote.//

TP: //A família toda.// Ah! sei. Então o seu pai gostava de ópera.

IB: Gostava. E eu gostava também. Disso eu gostava. Mas assim, de música assim...

TP: À toa, assim, não. E a ópera tinha um teatro bom em Rimini, dona Inês.

IB: Ah! tinha. Tinha, até hoje, não é?

TP: É, não é. Eu não conheci não.

IB: Ah!!

TP: Não.

IB: Na praça Cavour.

TP: É, um teatro grande?

IB: Ah! é! Enorme. Tem (...) também muito bonito. (...) de Rimini (...) umas coisas muito bonitas.

TP: Ah! A senhora desde menina freqüentava o teatro.

IB: Ah! é.

TP: Escutando ópera.

IB: É.

TP: E me diz uma coisa, a senhora, enquanto moça, assim, a senhora está dizendo que gostava muito de ler não é? E a senhora, onde que a senhora comprava, na cidade de Rimini, tinha já livrarias boas...

IB: Ah! Tinha, tinha.

TP: Ou vendia assim, esses folhetins por exemplo.

IB: Não, isso vendia (...).

TP: Hum. Era como assim, era em banca de revista como a gente tem no Brasil.// É.

IB: //Era. Isso, é.

TP: Dona Inês, uma outra pergunta: A senhora, pelo que a senhora conta, a sua infância, ou mesmo a sua mocidade, vocês não tinham problemas financeiros na família.// Seu pai// tinha bons negócios...

IB: //Não, não.// Eu não, eu não. Eu posso dizer que eu vivi bem mesmo. E esse meu irmão. Agora, essa minha irmã que está aqui, ela já chora muito.// Mas eu não, eu não estava lá, não é?

TP: É.// Porque ela já é de outro período, ela é mais nova que a senhora.

IB: Depois da 2ª Guerra eles falaram que (...) acabou com tudo. Nossa cidade, ela foi arrasada, nossa cidade na 2ª Guerra.

TP: Aí a coisa já foi mais difícil// para todo mundo, não é.

IB: //Ah! foi. Me lembro depois que o meu pai morreu (...) muita coisa.// Muita coisa.

TP: //Hum, hum. Mas quando a senhora era menina, a senhora estava dizendo que a senhora convivia com os vizinhos. Todos deviam ter uma situação parecida com a da senhora//.

IB: //Pois é, mais ou menos.

TP: Mas a senhora se lembra, assim, existia gente muito pobre em Rimini, assim, a senhora se lembra...

IB: Agora, gente pobre eu até hoje não conheço na minha cidade.//

TP: //Não, não é?

IB: Tinha os pobres, tinha, tanto é que eu// desde menina, toda vida (...) dos pobres//, tirava a roupa dos irmãos para dar para os pobres.//

TP: Hum.// Sei.// É?

IB: É, mas não é (...) pobre como aqui não.// Pelo amor de Deus!//

TP: //Não, não é.// Isso a senhora nunca viu lá.

IB: (...) nunca vi. E eu não posso nem olhar.

TP: Sei.

IB: Quando eu vou a Igreja São José, eu quase desmaio de ver tanta...// pobreza. Pobreza.

TP: Pobreza//.

IB: ... e também falta..., eu não sei se é falta do governo, o que é que é?//

TP: //Abandono, dona Inês.

IB: Agora a senhora vê na Igreja São José, que tudo... aquelas (...) que parece casa de cachorro.

TP: É.

IB: Ah! que que é isso, gente?// Ah! isso é, é vergonha para o governo. Eu acho.//

TP: //É um acampamento que está lá.// Sem dúvida.

IB: Deus é que me livre, Nossa Senhora das Graças.

TP: Quer dizer que esse tipo de coisa a senhora nunca viu em Rimini.

IB: Não, não, não, não. Ate hoje nunca vi. Que eu nunca vi algum mendigo nas igrejas// de (...) como faz aqui.//

TP: //Hum, hum.// Hum, hum.

IB: Até moça, mulher já, forte ainda, não é? Todos pedindo esmola.// É uma vergonha. É uma vergonha meu Deus do céu.

TP: //É.// É claro. Agora, quando não tinha pobres assim, mas certamente em Rimini devia haver, como existem nas cidades.

IB: Porque lá todo mundo trabalhou. Ninguém tem vergonha//. Mulheres mais mulheres vão cortar capim para vender para quem tem cavalo//. Aqui ninguém faz isso, faz?// Morre de fome mas não faz isso//. Mas lá faz.

TP: //Sei.// Hum, hum.// É.// Hum, hum. O trabalho não envergonha ninguém.

IB: É isso mesmo. Já no tempo do veraneio agora, por exemplo, estudante, todos (...) para puxar um carrinho? Eles vão, puxam o carrinho, não tem vergonha não//. Mas aqui não fazem.//

TP: //Hum, hum.// Hum, hum.

IB: Todo mundo ganha dinheiro no tempo do verão lá//. Agora, no inverno naturalmente tem os bailes, as festinhas. Todos vão//, mas os que tem dinheiro.

TP: //Sei.// Hum, hum. É. É muito diferente, não é dona Inês?

IB: Ah! Muito diferente!

TP: Eu imagino que a senhora deve ter passado uns bons anos de sua vida// percebendo essas diferenças, não é?

IB: Ah! Eu vou te contar, quando cheguei aqui, que eu tive a Isaura primeiro, não é. Ah!, agora (...) Bom, então fiquei esperando a outra, falei: "Ah! meu Deus do céu, agora que eu não vou mesmo" (...) Mas eu fui, meu pai mandou as passagens, nós fomos, os quatro. Aí, meu marido ainda levou mais dois.

TP: Ah! é?

IB: É, ficou aquilo lá em casa. Bom, mas lá como tinha (...) Tarcísio, meu sobrinho, o meu tio não tinha (...) a língua não ficava lá dentro, tinha que usar para fora. Eu só sei que meu Deus do céu, ô inferno (...) reclamação lá com o meu pai. Meu pai já não sabia mais nem o que (...) (alterando o tom) já não queria o casamento. Ainda fui morar lá com dois filhos, com mais dois vizinhos, ainda ele desse jeito. Eu fiquei lá um ano e meio, mas sempre nesse martírio. A Isaura não se deu bem com o clima//, não se deu.//

TP: //É.// Não se adaptou.

IB: Agora, (...) ele que teve vontade de vir embora, senão não vinha não.

TP: Porque senão a senhora não voltava.

IB: Ela tava, ficava sempre dentro de casa, brincava (...) nós fomos para a Itália, ela estava com dois anos e pouco, a outra estava com 17 dias. Chegou na Itália ela estava com um mês. (...) Estava muito bem, abria a porta e pronto (...) desmaiava.//

TP: É mesmo?

IB: Pergunta a ela se é mentira. Eu sei, ainda fiquei lá um ano e meio. Tivemos que vir embora. Mas mais por causa dele, não é? Ele vivia só falando, falando... Um dia eu

pegava e matava ele ou ele matava outro, não é. Então meu pai falou assim: "Então, acho melhor vocês irem embora então.//

TP: Aí a senhora voltou para cá.

IB: É... lá vem eu trazendo a turma para cá.// Ai meu Deus do céu.

TP: //Pois é. Mas...

IB: Mas daí eu fiquei vinte e seis anos sem ir à Itália, não é.

TP: Sem voltar lá.

IB: Sem voltar, minha filha. Chorava feito um não sei o que.

TP: É mesmo? Mas a senhora, ainda uma outra coisa antes disso, porque, aquela história que a senhora nos contou outro dia, da vinda para cá, do casamento, ela,... nós não gravamos. Então, nós vamos pedir, insistir um pouquinho com a senhora, para a senhora nos contar de novo, como é que foi para a senhora, pessoalmente, a decisão de se casar e vir para o Brasil. O que que a senhora já tinha ouvido falar do Brasil. A senhora sabia para onde a senhora estava vindo?

IB: Não. Isso aqui era a América.

TP: Era a América.

IB: Já falava: "Vai na América"; e eu "vou na América", pronto.

TP: A senhora achava que era uma grande viagem.

IB: (...)

TP: E a senhora decidiu se casar com o senhor Bruno, e...

IB: Sabe porque? Porque se não ia acontecer coisas muito piores.

TP: Hum, conta para nós essa história, dona Inês.

IB: Porque ele sempre falava que ia me matar e matar o outro.

TP: Porque ele era muito apaixonado pela senhora//. Ele queria se casar// a qualquer custo.//

IB: //É.// É isso mesmo. Então foi por isso. Eu como tinha... meu pai Nossa Senhora não podia falar um tantinho assim... Agora (...)

TP: Seu pai não gostava dele de jeito nenhum.

IB: Como?

TP: Seu pai não gostava dele de jeito nenhum.

IB: Não, não é que não gostava, é que não queria. Porque sabia que eu não gostava dele, como não gostava mesmo//. Mas eu casei não foi para gostar não, eu falo franca mesmo//.

TP: //Sei.// É, Não é.

IB: Mas, para não acontecer coisas piores. Talvez não acontecesse, que falasse isso só de boca para fora, mas a gente já tinha medo, eu tinha medo.

TP: A senhora namorou ele quanto tempo, dona Inês.

IB: Ah! Uns sete, oito meses só.

TP: Pouco tempo, não é?

IB: Pouco tempo.

TP: Hum, hum. É...

IB: Agora, ele não era ruim não. Não era ruim não. (...) ele não era tão bom como ficou meu filho não (...)

TP: Sei. Quando a senhora se casou então, era uma pessoa// que a senhora conhecia pouco.

IB: //Não.// Não. É isso mesmo.

TP: E a senhora resolveu se casar por acreditar que vindo para cá com ele, a senhora...

IB: Já acabava tudo lá. O outro ainda falou assim: "Vou te ver no Rio".

CF: Que outro que era esse, dona Inês?

IB: O tal, meu. É... (riso)... o tal namorado.

TP: O namorado da senhora, antigo. Quer dizer que houve uma disputa entre os dois pela senhora.

IB: É... como um destino, não é? Foi um destino, porque eu não conhecia ele, meu Deus do céu.

TP: Mas a senhora tinha claro para a senhora que a senhora não queria casar com o outro, ou não?// Não.

IB: //Não.// Não, isso não. Eu gostava do outro.

TP: Sei. Então foi o destino mesmo que agiu assim.

IB: E eu, e eu aguentei até o fim, até o fim. Fiz 50 anos de casada, depois de 50 anos é que ele morreu. Eu sofri quando (...) me casei.

TP: É dona Inês.

CF: Dona Inês, o senhor Bruno, ele serviu o exército, ele veio do Brasil para servir o exército na Itália, não foi? Ele fazia o que no Brasil antes de...

IB: Pedreiro.

CF: Ele era pedreiro...// Hum, hum.

IB: //Pedreiro. Minha família não queria por causa disso também.

TP: Sei, ele era de uma condição social inferior a da senhora.

IB: É isso mesmo.

TP: E a senhora, depois evidentemente a senhora se casando com ele, soube da história. Ele era pedreiro, mas ele veio para o Brasil em que circunstâncias, assim, como que ele veio parar no Brasil?

IB: Agora?

TP: Não, da primeira vez, antes da senhora.

IB: Ah! da primeira vez? Ele tinha 17 anos.

TP: Era menino.

IB: Menino. Veio com a família que eu falo, depois. Ele assinou como responsável. Veio com essa família. Ele tinha uma bicicleta, vendeu a bicicleta//. Depois que ele contou, que eu não sabia.//

TP: //É mesmo?// Claro.

IB: Então, quando ele veio, já estava em Belo Horizonte, escreveu para a mãe que estava no Brasil, a mãe não sabia//. A mãe não sabia.//

TP: //É mesmo.// Ele fugiu da família.

IB: Família (...) garantindo a responsabilidade, não é.

TP: Hum, hum. Olha só, então ele era um jovem muito corajoso, dona Inês.

IB: Ah! muito. (...) Trieste, Roma, muitos lugares.

TP: E a senhora disse para nós que a senhora não o conhecia antes, não é?

IB: Não, não, não, não.

TP: Mas a senhora conhecia a família dele lá em Rimini.

IB: Ah! sim. Sim.

TP: A família era conhecida.

IB: Sim, os dois irmãos. Tanto que eles vieram aqui, morreram até aqui, os dois irmãos dele.

TP: Ah! é?

IB: É, não conhecia ele, porque é como eu falo, ele sempre estava fora, não conhecia ele.

TP: Sei. Hum, hum.

IB: Tanto é quando as companheiras falaram assim: "Uh! é do Bruno?", eu tinha até raiva, até do nome.// Eu tinha raiva até do nome. Falei: "Ih! mas que diabo. Só fala do Bruno, Bruno." "Ah! (...) bonito, homem bonito."

TP: //É mesmo. Ele era bonito, dona Inês.

IB: Não, não era bonito, mas elegante, não era para jogar fora não, mesmo.

TP: (Risos). E aí então, quando a senhora acabou aceitando que ia se casar com ele, a senhora tinha esse futuro pela frente, que era vir para o Brasil, não é. E aí, a senhora, do Brasil a senhora só sabia que era na América.

IB: É.

TP: E a senhora sabia pelo menos que a senhora estava vindo para Belo Horizonte direto? Como é que era.

IB: Sabia.

TP: Sabia.

IB: Sabia, porque ele já tinha estado aqui em Belo Horizonte, não é.

TP: Ah! Ele já tinha vindo aqui.

IB: É, ele já tinha conhecido...

TP: Sei. E o que que ele contou para a senhora sobre Belo Horizonte. A senhora se lembra?

IB: Não.

TP: A senhora não sabia bem o que ia encontrar aqui... E quando...//

IB: //A família que nós hospedamos, muito boa amiga.// São madrinha dos meus filhos quase todos.//

TP: //É?// Ah! é?

IB: Família muito boa, até hoje a gente tem amizade, //, com alguns que sobraram.

TP: //Sei. Hum, hum. E a senhora, a senhora, essa viagem que a senhora fez para o Brasil, a senhora já estava grávida de alguns, de muitos meses, não é?

IB: Muitos, sete para oito, não é, da Isaura, não é?

TP: Isto, e a senhora estava nos dizendo no início que foi uma viagem muito dura essa, não é?

IB: Nossa Senhora.

TP: Como é que ela foi, dona Inês.

IB: Nossa, uma sujeira danada dentro do navio. Para comer, a gente, era numas latinhas, que tinha que buscar lá. Aquela (...) imagina, do jeito que eu era acostumada, não é? Nossa, pelo amor de Deus.

TP: Foi um mau pedaço// Quantos dias de viagem, a senhora se lembra?

IB: //Hum. Na vinda, 25 dias.

TP: Vinte e cinco dias.

IB: Vinte e cinco dias na vinda. Agora...//

TP: //E era um navio só de passageiros ou era uma navio// cargueiro também.

IB: //Não, passageiros. Não, não, passageiros.

TP: Só passageiros.

IB: Era tomado da (...). Agora, a volta, cheguei aqui dia dezoito de março de 1921, fui para a Itália dia 8 de abril de 1923. Voltei dia 25 de... 25... foi em 1925 (...) foi em 18, 20, assim mais ou menos. Porque depois, aí vem de uma semana a Rita nasceu, que foi a terceira filha. Mas...

FIM DO LADO B DA FITA 1

B		M	
Belo Horizonte	1, 26, 27	macarrão	10, 11, 12, 13, 15
Brasil	2, 4, 12, 20, 23, 25, 26, 27	macarronada	11
Bruno	24, 25, 26	música	16, 17, 18, 19
C		O	
Casa da Itália	6	ópera	19, 20
cinema	19		
E		P	
escola	3, 14, 15, 16	praia	8, 9, 13, 14
F		R	
família	1, 2, 7, 8, 9, 11, 16, 19, 20, 25, 26, 27	Rimini	1, 2, 6, 7, 9, 10, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 26
folhetins	16, 20		
I		S	
Igreja	2, 21	serenata	18
Itália	2, 6, 13, 23, 25, 28		
italiano	1, 6		
italianos	1	teatro	19, 20
		telefone	7
L		T	
Líbera	17		

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS

GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”

ENTREVISTADORES: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL

CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA

ENTREVISTADA: INÊS BERLINE BULDRINI

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 28/09/90

Entrevista - fita 2 - lado A

CF: Entrevista com D. Inês Buldrini, 28 de setembro de 1990.

IB: Berlini, o meu é Berlini.

TP: É.

IB: Berlini Buldrini.

CF: Berlini Buldrini, certo.

IB: O meu é Berlini.

TP: A Sra. gosta de ser chamada Inês Berlini, não é? Que é o seu nome de solteira.

IB: //É.// Isso mesmo.

TP: Certo.

IB: Não, mas não tem importância não.

TP: Hum hum.

IB: Quando sabe os Buldrini, já sabe que sou eu no meio.

TP: Hum Hum. Pois é, d. Inês, então vamos aproveitar que a Sra. está deixando claro para a gente que o seu nome de solteira era Berlini, não é?

IB: //Está certo//.

TP: E o Buldrini, que é do seu marido, a Sra. podia nos contar, então, a respeito da confusão que esse nome gerou lá na Itália.

IB: //Que deu, não é?// Quando meu marido saiu do hospital, e teve que pegar o regimento dele.

TP: Hum Hum.

IB: Lá fala regimento, não é?

TP: Isso no final da guerra, não é d. Inês?

IB: Não, não, ele se desertou.

TP: Ainda não era no final. A senhora se lembra o ano disso, d. Inês?

IB: //Não era no final//. Não, às vezes foi lá para o 1918.

TP: Sei, então estava próximo do final da guerra.

IB: //Ou 1919?// Porque logo acabou a guerra, quer dizer, teve armistício.

TP: Hum Hum.

IB: É que foi agraciado de 30 anos, não é?

TP: Agraciado. (Risos)

IB: É, imagina.

TP: Hum Hum.

IB: Daí que, que como é que eu tinha falado, que eles tinham pego outro, porque era o mesmo nome.

TP: Hum Hum.

IB: E da mesma cidade.

TP: Sim.

IB: Quando então acabou a guerra, que acharam o Bruno/

TP: O seu marido?

IB: Acharam, acharam, (...) o pai mesmo é que denunciou.

TP: Sei.

IB: Mas não é por ruindade, não. Porque aquele tempo, matava a família toda.

TP: É, não é?

IB: É, tempo de guerra, matava a família toda se ele não aparecesse.

TP: Sei.

IB: Até ver se eles falavam, não é? Então, eu não sei, não é? Ouvi falar.

CF: E ele estava em Rimini mesmo?

IB: Em Rimini mesmo. Que o pai denunciou.

TP: Sei.

IB: Então eles pegaram, mesmo na praça, mesmo no centro.

TP: E, d. Inês, nessa época a Sra. já era namorada do sr. Bruno?

IB: Não, não. Não conhecia ele.

TP: Ah, ainda não conhecia.

IB: Depois desse tempo...Devido que ele estava no centro com o meu pai.

TP: Certo.

IB: Aí começou...

TP: A confusão.

IB: A confusão. Ah, de [] ir sempre lá em casa, a mãe dele, e aí conheci ele.

TP: Hum, Hum, Ah, sim.

IB: Mas eu não conhecia ele não.

TP: Nessa época.

IB: Agora os irmãos eu conhecia, porque a mãe morava quase em frente.

TP: Ah, eram quase vizinhos.

IB: É, mas ele nunca, nunca estava na nossa cidade. Ele foi a Trieste, foi a Roma, ele foi em diversos lugares.

TP: Hum Hum.

IB: A trabalhar, não é?

TP: Sei. E veio ao Brasil, antes.

IB: Veio ao Brasil com 17 anos.

TP: Com 17 anos.

IB: Com 18 ele voltou para a Itália para entrar no exército.

TP: Então ele não era muito mais velho que a Sra., não.

IB: Ele era de 92, eu sou de 90.

TP: Hum Hum.

IB: 2 anos e pouco.

CF: D. Inês, porque que ele veio ao Brasil pela primeira vez com 17 anos?

IB: Ele veio com uma família de lá, que vinha para cá, então acompanhou. Tanto é que a mãe não sabia. O pai nunca estava em casa também, não se importava também.

TP: Sei.

IB: Mas a mãe, coitada, sofreu muito, a mãe. Ficou sumido mais... mais de um mês, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Depois ele escreveu que estava no Brasil.

TP: E a Sra. soube disso nessa época? A Sra. era amiga dos irmãos dele? Não, não é?

IB: //Não, não//.

TP: Toda essa história/

IB: Depois que as conversas vieram à tona que a gente ficou sabendo.

TP: Ah, certo.

CF: E ele chegou ao Brasil pela 1ª vez quando, em que ano?

IB: Em mil novecentos... acho que 13.

CF: 13.

IB: Acho que é 13.

CF: Então ele ficou um ano e depois voltou para a guerra.

IB: Isso mesmo... isso mesmo. Mais ou menos com a temporada, porque ele veio no ano 13 ou 12, é 13, acho que é 13 mesmo.

TP: 13.

IB: Porque fez um ano de exército, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Quando era para ele sair teve guerra, não saiu. Foi 13 mesmo. A guerra começou em 14, 24 de maio.

TP: D. Inês, a Sra. não tinha irmãos em idade de servir o exército, na época da guerra, não é?

IB: Não, não, não.

TP: Seus irmãos eram mais novos.

IB: É. O meu irmão, abaixo de mim, era 1905.

TP: Certo.

IB: Depois o outro 10, 11.

TP: Eram bem mais novos.

IB: Eram mais novos.

TP: E a Sra. tinha alguém na família, gente mais próxima, primos ou tios que serviram na guerra nesse momento?

IB: Não, essa temporada até meu pai também, ele foi chamado, não é?

TP: Foi chamado.

IB: Foi, mas só, não ficou nem uma semana.

TP: Sei.

IB: //Deu o fora, não é//.

TP: Hum Hum.

IB: Minha família não teve ninguém.

TP: Não teve ninguém diretamente.

IB: Tinha só um filho da minha prima, que até chegou a ser marechal, em Milão.

TP: Sei.

IB: Mas nós não tínhamos muito contato. Era Milão, nós éramos Rimini.

TP: É muito longe, não é?

IB: //Não dava, não é?//

TP: Hum Hum.

IB: Mas o resto, ao menos os mais próximos, nenhum.

TP: Sei. Bom, e voltando então ao assunto do Bruno, não é? A Sra. então o conheceu já perto do final da guerra.

IB: Ah, é sim.

TP: Quando ele então/

IB: Depois, depois que ele foi preso, depois que ele saiu.

TP: Hum Hum. E aí como é que foi para a Sra. essa história do casamento mesmo, a Sra. já nos contou um pouco, que foi uma situação difícil, não é?

IB: Muito.

TP: E que a Sra. acabou se casando para evitar um problema maior, não é?

IB: //Isso mesmo, maior//. A gente tinha, eu pelo menos até hoje, tenho pavor falar de briga, tenho pavor.

TP: Sei.

IB: Não é? Porque ele sempre falava que ele me matava, matava o outro, aí eu: Para quê?

TP: Hum Hum.

IB: Eu tinha outros irmãos, nós éramos em 10, e eu era a mais velha, quer dizer que, não é? Toda vida eu tive muitos pensamentos bons, não é? Porque Nossa Senhora! De modo que eu falei: Bom. Ele falou que vinha para o Brasil, não é? e eu ôpa! (risos).

TP: Aí a Sra. gostou da idéia.

IB: Ah! só América, lá não falava Brasil, não.

TP: Sei.

IB: Vamos à América! [...] Até hoje peço perdão mesmo à Deus porque eu fiz sofrer muito meus pais quando eu vim embora. Muito mesmo.

TP: A Sra. tem essa avaliação hoje, que a sua saída de casa para vir para o Brasil deixou os seus pais muito/

IB: /Tenho/. Meus pais sofreram muito//. Muito mesmo.

TP: É.

IB: Muito mesmo.

TP: Hum Hum.

IB: Mas...

TP: A Sra. era jovem e decidiu por isso, não é?

IB: É, gostava de viajar. Toda vida! A única filha!

TP: Hum Hum.

IB: A única filha, toda vida para viajar. Desde menina. Não sei a quem que eu tinha saído, porque meu pai tinha pavor, minha mãe não saía.

TP: É, não é? A Sra. não sabe quem puxou.

IB: É.

TP: Hum Hum.

CF: Mas d. Inês, conta para a gente direito como foi a história do Bruno Buldrini. Como que confundiram ele com o outro? Aquela história que a senhora já tinha contado para a gente.

IB: Pois é, porque nessa temporada, o nome era igual, a mesma cidade, não é? Tem muito papel falso, não tem?

TP: É verdade.

IB: Muito certificado falso. Muitas vezes achavam que era ele mesmo, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Até não achar, não estava preso na cadeia, mas ele estava sob vigia mesmo, não podia sair não... o outro soldado também.

TP: Ah, era soldado também.

IB: Era soldado.

TP: Hum Hum.

IB: Era soldado também.

TP: E quando a Sra. resolveu se casar com o sr. Bruno, não é? A Sra., quando veio para o Brasil com ele, isso foi no ano de...

IB: 1921.

TP: 1921.

IB: Casei em 1920 e vim em 1921.

TP: Ah, certo. E nesse momento a Sra. tinha notícias do outro Bruno, quando a Sra. veio para o Brasil, a Sra. sabia/

IB: Ah, sim. Quando eu fiquei noiva ele foi lá.

TP: Hum.

IB: Ele foi, ainda falou com o meu pai: Ah, viu sr. Berlini, o sr. não me quis, não é? Entrou outro Bruno Buldrini, vai entrar outro Bruno Buldrini na família.

TP: Sei.

IB: Ainda lembro isso.

TP: Então ele não ficou mesmo preso, quando a Sra. /

IB: Não, não, não.

TP: Hum Hum... Bom. E aí, vindo para o Brasil, não para o Brasil mas para a América, como a Sra. estava contando, não é?

IB: É.

TP: A Sra. quando tomou essa decisão, a Sra. se casou, inicialmente a Sra. morou um pouco tempo ainda em Rimini.

IB: //Sim, sim//. Eu casei no dia 14 de agosto de 1920.

TP: Hum Hum.

IB: Nós saímos da Itália em 18 de, não, 23 de fevereiro de 1921.

TP: Então a Sra. passou bem uns 6 meses casada lá em Rimini. E a Sra. esse tempo todo morou onde? Na casa do seu pai mesmo?

IB: Não, não.

TP: Não.

IB: Meu pai deu um apartamento, morei lá, não é?

TP: Hum.

IB: Mas que, agora veja que juízo que eu tinha, não queria ficar lá não.

TP: Ah, não?

IB: Não. Então, como tinha outro alugado, onde está meus pais.

TP: Sei.

IB: Mandou os inquilinos onde que eu morava.

TP: Hum.

IB: E eu passei outra vez para a casa de meus pais.

TP: Ah, então trocaram todos?

IB: Isso mesmo, trocou não é?

TP: Trocaram de casa.

IB: É. Eu era muito ligada com meu irmão, como até hoje, não é?

TP: Sei.

IB: De modo que depois vim para cá, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Fiquei aqui de... 21 até dia 8 de abril de 23. Porque depois tive Isaura.

TP: Hum Hum.

IB: Depois tive a outra, segunda, não é?

TP: Isso.

IB: Que fui embora para a Itália, não é?

TP: Hum Hum.

IB: A segunda tinha 17 dias.

TP: Quando a Sra. foi de volta para a Itália.

IB: Quando cheguei de volta, não é? Quase matei meu pai só nisso.

TP: É?

IB: Porque eu tinha, tinha mandado avisar que tinha tido a criança, no dia 20 de março.

TP: Sei.

IB: Quando chega o dia... em abril, eu já estou na Itália. Naquele tempo a viagem era longa, não é? Não é como hoje.

TP: É. Hum Hum.

IB: E de madrugada. Meu pai ficou feito uma pedra.

TP: Levou um susto/

IB: Não faça nunca mais isso.

TP: Hum.

IB: Você quase me matou.

TP: Hum.

IB: Quase matei quando eu vim embora, quase mato quando chego. [porca] miséria! (risos).

TP: Mas então me conta um pouco melhor sobre essas viagens, d. Inês. A Sra. estava nos dizendo a semana passada, que a 1ª viagem que a Sra. fez foi muito dura, a viagem.

IB: Ah, muito.

TP: Porque foram muitos dias// dentro de um navio//.

IB: //Nossa, muitos//. 25 dias.

TP: Um navio que não oferecia nenhum conforto.

IB: Não, não, não. Aquele tempo não oferecia nenhum navio.

TP: Hum Hum.

IB: Começou muitos anos depois. Quer ver quando começou? 1950.

TP: É, não é?

IB: Que eu voltei que fui com o "Julio Cesare". Fui em 10 dias.

TP: Aí já era outra coisa.

IB: Ah, outra coisa. E daí para cá sempre a mesma coisa.

TP: Hum Hum.

IB: Porque eu fiz muita viagem de navio.

TP: Sei. Ah, isso depois a Sra. vai nos contar melhor. Mas essa primeira viagem então, a Sra. veio já, o objetivo era vir para Belo Horizonte direto.

IB: Sim, sim.

TP: Porque o seu marido, quando ele esteve aqui, ele tinha morado em Belo Horizonte.

IB: //Isso mesmo//. Morado em Belo Horizonte. E tinha o pessoal mesmo, da minha cidade, que veio com ele. Aliás, o meu que veio com eles, não é?

TP: Hum Hum.

IB: E como que meu pai não queria que eu viesse, como é que eu tinha falado, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Gastou muito dinheiro para... amontoar os papéis, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Porque não [podia...] os papéis para vir embora.

TP: Hum Hum.

IB: De modo que chegou esse senhor do Brasil, de Belo Horizonte, mesmo naquela temporada a Rimini, ele falou: Não, eu garanto. Ele falava era assim: Eu garanto, como [se eu fosse] o seu pai. Pronto, acabou.

TP: Hum Hum.

IB: Aí meu pai não pode fazer mais nada, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Aí ficou mais apaixonado ainda, não é?

TP: É. D. Inês, e essa viagem, como é que era para as pessoas? A Sra. tinha amigos, os próprios irmãos. Quando a Sra. se casou e resolveu vir para cá, o que que as pessoas achavam disso? A Sra. se lembra de conversas/

IB: Lembro, lembro. Os irmãos eram todos pequenos, não é?

TP: É, eram bem menores.

IB: Eu era a mais velha, com 19. O outro estava com 14, não é?

TP: Hum Hum. É, então não opinava muito.

IB: É. Mas acontece que.. que quando cheguei... como é que a Sra. falou?

TP: É, o que os amigos e as amigas da Sra. comentavam.

IB: //Ah, []// Vou a América, estava felicíssima.

TP: Com a idéia de vir para cá.

IB: Engraçado.

CF: A Sra. sabia que vinha especificamente para o Brasil ou a Sra. imaginava que talvez pudesse ser outro país?

IB: Não, não, não, não. Era aqui mesmo. O Brasil mesmo, Belo Horizonte mesmo.

TP: E a Sra. nos disse, que quando moça a Sra. gostava muito de ler, não é? Que embora a Sra. não gostasse muito de freqüentar a escola, a Sra. gostava de ler. A Sra. já tinha lido alguma coisa sobre a América? Conhecia alguma coisa mais de perto?

IB: Não, não.

TP: Não.

IB: Lia mais era romance.

TP: Romances, não é? E aí a senhora... que idéia a Sra. tinha da América? O que que a Sra. achava?

IB: Eu nem... nunca fiz uma idéia, a Sra. crê?

TP: É? Achava bom de ser alguma coisa longe!?

IB: É isso mesmo.

TP: Distante.

IB: Mas por causa do outro, não é?

TP: Sei.

IB: O meu troço era só isso, de acontecer alguma coisa.

TP: Como assim, d. Inês?

IB: Porque se eu estivesse lá, não é? Podia acontecer alguma coisa, não é?

TP: Sei.

IB: Porque o meu era danado mesmo, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Agora, já longe era mais fácil, não é?

TP: Então a Sra. queria era sair de lá/

IB: Queria sair mesmo.

TP: E aí a América parecia um bom refúgio.

IB: É isso mesmo.

TP: Hum Hum.

IB: Mas fiquei muito pouco tempo, não é?

TP: É.

IB: Eu fiquei nem dois anos.

TP: Hum Hum.

IB: Não, 2 anos, é. Eu vim em 21, fui embora em 23.

TP: É.

IB: 2 anos.

TP: E como foi a sua chegada no Brasil? A Sra. chegou no Rio de Janeiro?

IB: Foi.

TP: Foi. Mas passou uns dias no Rio ou não? A Sra. veio direto?

IB: Não, não, não. No mesmo dia tomamos o trem, que era o trem uma carriola, não era trem não.

TP: É?

IB: Nossa Senhora!

TP: Chacoalhando para todo o lado.

IB: Ih, meu Deus do céu.

TP: Então a Sra. já estava exausta da viagem/

IB: Nossa Senhora.

TP: E ainda tomou o trem para chegar a Belo Horizonte. Isso com uma barrigona.

IB: É. Família muito boa que nos acolheu, muito boa mesmo.

TP: Esta família que acolheu a Sra. é a família de Rimini com quem o seu marido tinha vindo inicialmente.

IB: //É, de Rimini//.

TP: Ah, então foram eles que acolheram a Sra.

IB: É, muito.

TP: Então a Sra. se sentiu de certa forma/

IB: Não, esse negócio de pessoal, dessas coisas, eu não tenho queixa nenhuma mesmo não.
Todos bons mesmo.

TP: Hum Hum. E, além disso, quer dizer, a Sra. chegou em um lugar inteiramente diferente,
não é?

IB: Está certo.

TP: Que a Sra. não conhecia, não sabia maiores detalhes sobre isso, o que que a Sra. sentiu?
A Sra. se lembra assim a 1ª vez que a Sra. pisou em Belo Horizonte, o que que a Sra.
achou desse lugar?

IB: Hum... gostei.

TP: Gostou?

IB: Gostei.

TP: É?

IB: Depois começaram os dias, dias depois já alugamos uma casinha na rua Diamantina, na
Lagoinha, não é?

TP: Ah, sim.

IB: Porque nós moramos na Lagoinha mesmo, essa família.

TP: Sei.

IB: Aí comecei a ficar sozinha, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Aí ficou um pouquinho diferente.

TP: Hum.

IB: Mas o resto não. Não tive nada, emoção nenhuma, nenhuma.

TP: Não.

IB: Só que eu falava: Não quero ficar aqui. Eu quero ir embora. Não quero ficar aqui, quero ir embora. Era só a ladainha que eu sabia.

TP: É mesmo? Embora a Sra., não tivesse acontecido nada que, assim, que fosse ruim para a Sra. no primeiro momento, mas a Sra. chegou e teve a certeza que queria ir embora.

IB: //É//.

TP: E Belo Horizonte era uma cidade, imagino, muito diferente de Rimini, não é d. Inês?

IB: Ah, muito! Carlos Prates era uma colônia, colônia Carlos Prates.

TP: Hum Hum.

IB: Não tinha nada, não é?

TP: E como é que era essa colônia? O que que a senhora se lembra daquela/

IB: Não tinha casa nenhuma, era só mato.

TP: Só mato.

IB: É por isso que se falava colônia.

TP: Sei.

IB: Onde é que nós compramos um terreno, ah, no Carlos Prates, ih! Todo mundo achava ruim. Para que Carlos Prates? Uma colônia.

TP: Hum Hum.

IB: Tudo capiau. Era assim que falava.

TP: Sei.

IB: Tem a Contagem, cidade das abóboras.

TP: Hum Hum.

IB: Era só isso que falava. Mas no entanto, num instantinho, cresceu tanto.

CF: Comparavam o Carlos Prates com Contagem ou falavam que Contagem era melhor?

IB: Não, não, é porque sempre vinha pessoal, até vinha a pé, aquele tempo vendia até a palha de milho, aquele saco assim.

TP: Hum Hum.

IB: A gente comprava também, porque eu também tinha um colchão de palha mesmo.

TP: Sei.

IB: Então falava assim: ah, [cadê] de Contagem, cidade da abóbora? Só falava era isso.

TP: Hum Hum.

CF: Então falavam que Carlos Prates já era mais perto de Contagem que de Belo Horizonte.

IB: É.

CF: É isso, ah, entendi agora.

IB: //É isso mesmo//.

TP: Agora, o bairro onde a Sra. morou inicialmente, a Lagoinha, tinha uma vida mais movimentada, não é?

IB: Ah, sim.

TP: Já tinha muita casa/

IB: Depois a gente fez uma casa na rua Itapecerica, uma casa muito boa, um bangalozinho muito bom.

TP: O sr. Bruno construiu?

IB: É.

TP: Hum Hum.

IB: Na rua Itapecerica, depois fizemos uma outra, naquele tempo era Indaiá, mas acho que trocaram o nome da rua. Rua Indaiá.

TP: Sei.

IB: É pertinho de uma padaria de Campolino.

TP: Hum Hum.

IB: Fez outra aí, aí na rua Rio Casca, nós tínhamos, quer ver quantas? 1, 2, 3, 4, 5, 6 casas na rua Rio Casca. Quase a rua era nossa.

TP: É?

IB: É. Mas antes disso, de fazer essas casas, nós fizemos uma, não é? Ele tinha um amigo que comprou desde a rua Padre Eustáquio até a avenida Nossa Sra. de Fátima. Todo o terreno, sabe? Era o tipo de uma chácara.

TP: Sei.

IB: E pôs o Bruno morar lá.

TP: Hum Hum.

IB: Você toma conta, fica aí, não sei o que lá. Ele tinha prometido que ele ia... o pedaço que dava para a estrada de ferro, aquele tempo era estrada de ferro, não é?

TP: Hum Hum. É.

IB: Ele era do Bruno. Mas não passou a escritura. Só falou bocalmente.

TP: Sei.

IB: Sabe? Mas acontece que o homem, de uma hora para outra, morre.

TP: Ah, então não tinha documento.

IB: Não tinha documento e embora a senhora soubesse, os filhos sabiam, mas que daí, foi por água abaixo. Não tinha escritura, como é que podia, não é?

TP: É.

IB: Mas mesmo assim nós ficamos lá bastante tempo lá, ainda.

TP: Sei.

IB: Até a viúva vender, a viúva era até de Juiz de Fora.

TP: Hum Hum.

IB: E depois fizemos mais outras casas, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Mas era assim: fazia uma e [] a segunda, depois já tinha que vender, vendia a 1ª.

TP: Sei.

IB: Era assim.

TP: Fazendo e vendendo.

IB: É isso mesmo.

TP: Hum Hum.

IB: Depois no fim vendeu até o resto.

TP: Sei.

IB: Mas nós estávamos bem, estávamos bem. Até 1930 nós estávamos bem mesmo.

TP: É?! Isso é que eu queria perguntar para a Sra., quer dizer, as chances que o seu marido teve nos negócios aqui foram boas inicialmente.

IB: Foram, foram. Trabalhava muito, honra seja feita.

TP: Hum Hum.

IB: Ele trabalhava muito mesmo.

TP: E com isso ele conseguiu/

IB: Conseguiu.

TP: Acumular alguma coisa em termos de patrimônio, não é?

IB: //isso mesmo// Depois de 1930 deu muita trapalhada, não é?

TP: Sei. Porque/

IB: Muita coisa errada.

TP: Quando vocês vieram... o seu marido - eu queria saber isso da senhora - quer dizer, qual era realmente a condição financeira dele?

IB: Ele não tinha nada.

TP: Não tinha nada. E nesses primeiros anos ele conseguiu é, construindo ele conseguiu fazer um patrimônio, não é?

IB: //isso mesmo//.

CF: Ele era construtor, d. Inês?

IB: Ele era, só que ele era construtor assim, como fala aqui, anônimo? Não.

TP: Autônomo.

IB: Autônomo.

TP: Autônomo.

IB: É isso mesmo.

TP: Trabalhava por conta própria.

IB: Isso mesmo. Nunca pagou instituto, nunca fez nada disso não.

TP: Sei.

IB: Mas ele trabalhava muito.

TP: Trabalhava para valer.

IB: Para valer. Embora ele trabalhasse até mais ou menos meio-dia, uma hora.

TP: Hum Hum.

IB: Mas valia pelo dia todo.

TP: Sei.

IB: Defeito a gente põe quando tem, não é? Quando não tem não põe.

TP: Hum Hum.

CF: D. Inês, e ele tinha, contratava pessoas para ajudar ele a construir essas casas.

IB: Ah, sim.

CF: Não é? E ele procurava contratar mais italianos, contratava brasileiro?

IB: //Não, não, não, não//.

CF: Como que, ele tinha alguma preferência?

IB: Não, não, o que viesse ele/

TP: Quem aparecesse.

IB: É, fez em 1925, ele fez uma estação com 9 casas em... Salinas.

TP: Ah, é?

CF: //Em Salinas//.

TP: Ele viajava também a trabalho.

IB: Ah, é, ele tomava empreitada, não é?

TP: Sei.

IB: Em Salinas, lá para Montes Claros, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Até o lugar lá chamava até Jacaré.

TP: Hum.

IB: Ele fez nove casas e a estação.

TP: Sei.

IB: Depois ele foi também a Uberlândia, também. Ele fez acho que um grupo.

TP: Hum Hum.

IB: Agora de solteiro, vamos passar para trás agora, que eu estou lembrando.

TP: //Hum//.

IB: Ele trabalhou em Contagem.

TP: Ah, é?

IB: Ele fez um grupo em Contagem e a cadeia em Contagem.

TP: É mesmo?

IB: É. Não sozinho.

TP: Sei, com mais gente.

IB: Naquele tempo ele era novo, não é.

TP: Claro.

IB: Com mais pessoal, mas ele trabalhou muito tempo lá.

CF: D. Inês, e nesse começo ele punha a mão na massa mesmo, ele/

IB: Ah, sim, sim.

CF: Ele carregava tijolo, fazia massa, fazia tudo, não é?

IB: //Ah, fazia//. Depois tinha servente, não é?

TP: Hum Hum.

CF: Sei, depois, exatamente. Depois então ele se tornou mais, quase um engenheiro, não é?

IB: Não, não. Para isso ele era inteligente.

TP: É isso que eu queria perguntar à Sra., porque nos interessa especialmente. Hoje em dia a gente sabe que para construir uma casa, normalmente o pessoal contrata um engenheiro, às vezes um arquiteto, que vai desenhar a casa.

IB: Não, isso ele tinha.

TP: Ele contratava esse tipo de serviços?

IB: //Contratava//. Punha placa, não é? Mas em nome dos outros.

TP: Sei.

IB: Não era nome dele, porque ele não tinha.

TP: Hum Hum.

IB: Mas isso ele tinha sim.

TP: Mas então ele, por exemplo, ele tinha condições, pelo que ele conhecia, de fazer uma casa/

IB: //Sim, sim, isso mesmo//.

TP: Desde bolar aquilo, fazer o projeto e construir mesmo.

IB: //Tudo, tudo//. É isso mesmo. Isso ele fazia mesmo.

CF: D. Inês, e ele trabalhou com construção desde pequeno, na primeira vez que ele trabalhou no Brasil, em Belo Horizonte, ele trabalhava com a mesma coisa?

IB: É, sempre pedreiro.

CF: Sempre.

TP: Sim, foi dessa primeira vez que ele construiu em Contagem.

IB: Que ele construía, de solteiro que ele construía em Contagem.

TP: Isso.

CF: De solteiro, ah, sim.

IB: É. Depois, quando nós viemos, fez na rua Itapecerica e na rua Indaiá, aquela que eu acho que trocou o nome.

TP: Hum Hum.

IB: Nós fomos para a Itália, quando voltamos, já voltamos já para o Carlos Prates, na casa dos Boschi.

TP: Hum.

IB: Você não ouviu falar dos Boschi?

TP: Já ouvi falar.

IB: Que até faleceu.

TP: Que tem padaria?

IB: Que tinha padaria.

TP: Tinha padaria.

IB: Tem, tem padaria lá no Anchieta, não é?

TP: É, é, isso.

IB: Eles mesmos, não é? Nós moramos lá.

TP: Que eram também italianos, não é?

IB: Também, do mesmo lugar. Só que... mais longe.

TP: Sei.

IB: Mas era a România a mesma coisa.

TP: Hum Hum.

IB: Foram muito bons também.

TP: Foram amigos da senhora.

IB: Nossa Senhora, até hoje.

CF: A România que a Sra. disse?

TP: A România é a região de Rimini.

IB://É a região//. Nós morávamos, por exemplo, aqui, eles moravam ali. Nós Rimini, eles Cesena.

TP: Hum Hum. Agora, voltando ainda um pouquinho, d. Inês. Essa viagem de volta à Itália, a Sra. já nos contou um pouco sobre ela, mas a Sra. não nos contou o motivo. O motivo que a levou à Itália depois do nascimento da segunda filha foi a vontade de voltar?

IB: Ah, é.

TP: É? A sua vontade.

IB: É.

TP: A Sra. impôs essa condição... é?

IB: É, fui eu mesma.

TP: Mas o seu marido topou, ele acompanhou.

IB: Ele topou, não é? Agora na volta, já tive que ir embora por causa dele mesmo. Vim embora por causa dele mesmo, não é?

TP: Sei. Porque a Sra., quando foi em 23, não é? que a Sra. disse.

IB: É, isso.

TP: A Sra. foi com intenção, a Sra. queria ficar lá?

IB: Ah, ficar. Não queria voltar não.

TP: Não, não é?

IB: O pai não deixou eu ficar, não é?

TP: Mas e o sr. Bruno? Como é que foi isso para ele assim, a Sra. acha que ele foi disposto a ficar lá, não?

IB: Não, ele não importava não, ele não importava, porque serviço tinha também para ele lá, não é?

TP: Tinha, não é?

IB: Tinha sim.

TP: Então ele, se fosse o caso, ele toparia ficar lá.

IB: Mas teve que vir embora mesmo, mas o meu pai, não é? Falou que ele tinha que sair, não é? Porque como é que podia?

TP: Hum Hum.

IB: Não dava, não é? No tempo de Mussolini não dava, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Ia acontecer mais tragédia ainda.

TP: O seu pai achava perigoso que ele ficasse lá.

IB: Até para o meu pai também era perigoso, não é?

TP: Sei, estar acolhendo ele em casa.

IB: A reclamação sempre vinha do meu pai.

TP: Hum Hum.

CF: E tudo isso porque ele tinha deserdado do exército?

IB: Não, é por causa do fascismo, não é? Ele não era nada, não era nem fascista nem antifascista.

TP: Hum Hum.

IB: Ele estava numa turma. Bebia, comia, ele era daquela turma. Podia ser que fosse.

TP: Sei.

IB: Mas ele, quando ele bebia, pronto.

TP: Hum Hum. Já que a Sra. está falando disso, nos conta um pouquinho sobre o seu pai. A Sra. já nos contou alguma coisa, mas nesse momento, por exemplo, do fascismo na Itália, não é? O seu pai ele tinha posição política clara?

IB: Mais ou menos. Ele era mais fascista do que anti-fascista, não é?

TP: Sei.

IB: É por isso que as reclamações iam todas em cima do meu pai.

TP: Hum Hum.

IB: Porque se o meu marido saísse com a bicicleta e fizesse algum gesto, porque ele fazia mesmo.

TP: Sei, ele era brincalhão, d. Inês.

IB: Não, não, ele era desaforado.

TP: Desaforado também (riso).

CF: E ele xingava os fascistas?

IB: É isso mesmo. Então, o que eles faziam? Prendiam a bicicleta.

TP: Sei. E aí/

IB: Aí ia reclamação para o meu pai, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Meu pai tinha que ir lá. Ah, mas Berlini, como é que pode? Não dá, porque se não fosse por causa de vocês eles já tinham matado ele, porque tó tó tó... Aí, o meu pai já ficava mais triste ainda, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Agora, de eu ficar lá? Falou: - *Hã-hã, você quis?! Você acompanha o seu marido!*

TP: É?

IB: Eu sofri muito.

CF: D. Inês, mas o sr. Bruno, então, ele desacetava na rua os camisas pretas?

IB: //Desacetava// desacetava.

CF: E ele não tinha medo?

IB: Uma vez... era lá para meia-noite... encontrou, o meu marido encontrou [???] que foi meu namorado, que era oficial fascista.

TP: Hum.

IB: E encontrou com outro amigo nosso, não é? Outro moço. Então o outro falou com o Bruno - Ele sabia que o Bruno ia falar asneira, não é?

TP: Hum.

IB: -*É Bruno, onde é que você vai?*

-Eu vou trabalhar para você, vagabundos!

Para o outro. O outro era oficial, não é? Quer dizer, que o outro podia até ter dado um ó psss (gesto de cortar cabeça), não é?

TP: É.

IB: Aí, no dia seguinte, já logo no ouvido do meu pai, não é?

TP: Sei.

IB: Meu pai falou com ele: - *Você não pode fazer isso não.*

TP: Hum Hum.

IB: - *Ah! Eu mato ele. Ah, porque eu mato ele.*

TP: Hum.

IB: Foi indo, foi até eu estava aborrecida.

TP: Sei. Ele era uma pessoa muito atirada, então, o seu marido.

IB: É.

TP: E ele era conhecido em Rimini? As pessoas o conheciam?

IB: Ah, era.

CF: D. Inês, o que que o Bruno normalmente falava dos fascistas? Por que ele não gostava deles?

IB: Ah, não gostava porque no começo Mussolini já, ele mandava espancar todos esses que estavam nos bares, não é? Ele bebia.

TP: Hum Hum.

IB: Mandava fechar as cantinas. Ele... Já era o lugar dele, não é?

TP: Hum Hum. Ele não gostava nada disso.

IB: Para ele não servia... Ah, meu Deus do céu.

TP: Então não era nem, assim/

IB: Ele não era nada. Nada nada dessa vida.

TP: Sei. Não era, ele não tinha uma posição política firme, mas ele tinha um tipo de comportamento que o fascismo queria evitar.

IB: //Não, não. É isso, é, é//.

TP: Sei.

CF: E ele chegou alguma vez a ser espancado pelos fascistas, alguma coisa? Não?

IB: //Não, não//.

CF: Mas isso sempre em respeito ao pai da Sra.

IB: Isso mesmo. E também foi quase no fim, não é? Foi 23. O furor mesmo foi 22, não é?

TP: Hum Hum.

IB: [] 22, já não existia há muito tempo.

TP: É?

IB: Em todos casos, não é? Foi mais brando, não é?

TP: Hum Hum. E no Brasil, d. Inês, como é que o seu marido, inicialmente, não é? Aqui em Belo Horizonte, a cidade era uma cidade ainda muito jovem. Porque uma cidade que foi inaugurada/

IB: Não, até que aqui em Belo Horizonte, nunca tive queixa nenhuma, ele sempre, todo mundo gostava dele.

TP: É? Ele era muito popular na região?

IB: Todo mundo gostava dele.

TP: Hum.

IB: Ele gostava muito de criança.

TP: É?

IB: Mas todo mundo. Eles gostavam de mexer com ele para ele falar palavrões.

TP: Sei.

IB: Ih... [risos]

TP: E ele chegou, enquanto construtor, aqui no Brasil, a Sra. se lembra se ele em algum momento ele fez parte de alguma associação, de construtores/

IB: Ele trabalhou naquele grupo Lúcio dos Santos.

TP: Ele trabalhou lá?

IB: Trabalhou também. Trabalhou também na Casa de Itália.

TP: Na construção?

IB: Na construção. No tempo que era... na rua Tamoios, não é?

TP: Sei.

IB: E antes, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Também. Todos os italianos trabalhavam. Quem não trabalhava dava uma certa soma, não é? Ele trabalhou uma semana de graça, só para fazer a Casa de Itália.

TP: Ah, é?

IB: É.

TP: Ah, uma atitude assim/

IB: Isso mesmo.

TP: Os italianos se reuniram para ajudar a construir a Casa de Itália.

IB: //Isso mesmo, isso mesmo//.

TP: E sindicato, quer dizer, nessa época ainda não tinha sindicato com esse nome, mas existiam algumas associações, não é? De profissionais em uma determinada área. E a Sra. se lembra se ele fazia parte desse tipo de associação?

IB: //Não, não// Ele não fazia parte de nada, de nada, de nada.

TP: Não?

IB: Nunca.

TP: Hum Hum. E a Sra. já disse que politicamente ele também não tinha muita posição.

IB: //Nada, nada//.

TP: Então ele não se metia em política no Brasil.

IB: Só xingava.

TP: Só xingava. (risos) Ele era muito crítico, então?

IB: É.

CF: D. Inês, como era a colônia de italianos em Belo Horizonte quando a Sra. chegou?

IB: Bom, quando eu cheguei, para falar a verdade eu nem procurei tanto, sabe? Depois ela começou ter a Casa de Itália justamente. Os meus meninos já estavam crescendo, então coloquei sempre no jardim da Casa de Itália.

TP: A Casa de Itália, eu já ouvi muito mas eu não sei exatamente o que que era, a Casa de Itália. Tinha escola para as crianças/

IB: Tinha.

TP: Mas tinha também salões, que faziam festas.

IB: Tinha, tinha. Festas muito boas. Tinha cinema, tinha reuniões/

TP: Ah, tinha cinema, também?

IB: Tinha. Reuniões, era muito bom aquele tempo.

TP: É?

IB: Muito bom.

TP: Aulas de música também, se não me engano.

IB: Tinha, tinha tudo.

TP: Hum. Mas e para freqüentar a Casa de Itália era preciso ser italiano, a condição era ser italiano?

IB: É, é. Agora aquele tempo não entrava nem um escurinho.

TP: Não, não se permitia.

IB: Não.

TP: Hum Hum.

CF: A Casa de Itália foi inaugurada quando? A Sra. se lembra?

IB: Ah, isso eu não lembro, porque quando eu/

FIM DO LADO A DA FITA 2

ENTREVISTA - FITA 2 - LADO B

TP: Então a Sra. não se lembra exatamente da inauguração da casa de Itália.

IB: Da data da inauguração não. Eu sei que começou justamente quando começou o jardim, a escola, não é?

TP: Hum.

IB: Que eu levava meus filhos lá.

TP: Hum Hum.

IB: Na primeira vez era só Isaura, que estudou no Imaculada.

TP: Ah, é? Desde pequenininha.

IB: //É.// Formou no Imaculada. Agora o resto tudo na Casa de Itália.

TP: Sei. E como é que era? A Sra. pagava para os filhos estudarem?

IB: Agora, não. Quando estava lá na rua Tamoios não pagava não.

TP: Não se pagava.

IB: Não.

TP: Hum.

IB: Mas depois fizeram o Monte Calvário, não é?

TP: Sei, na avenida do Contorno.

IB: Isso mesmo. Antes disso teve a pedra do Felício Rocho.

TP: Hum.

IB: Lá, até minhas meninas foram as primeironas. Elas eram desse tamanhozinho assim, não é? [Gesticula, mostrando a altura de mais ou menos 1,1 metro]. Pequenas.

TP: Hum Hum.

IB: Foram assistir essa festa. Depois foi o Imaculada, o/

TP: Monte Calvário.

IB: O Monte Calvário.

TP: Sei.

IB: Aí elas passaram para o ginásio, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Era lá no Monte Calvário.

TP: Ah, sei.

IB: Agora, depois teve outro, teve o Marconi.

TP: Hum Hum.

IB: Aquelas que continuaram o estudo foram para o Marconi.

TP: Foram para o Marconi.

IB: Para o Marconi.

TP: E nessa história aí, o Monte Calvário era pago?

IB: Era pago, mas sempre menos.

TP: //O Marconi não!?!//

IB: Sempre menos.

TP: Sei.

IB: Sempre menos.

TP: Hum Hum.

IB: Eu sempre tinha abatimento. Eu não precisava, por exemplo, pagar todo mês, não tinha importância. Só que fim de ano, em novembro.

TP: Hum.

IB: Eu tinha que estar quites, não é?

TP: Sei... Hum Hum. Mas se a Sra. não tivesse condições de pagar todo mês a Sra. podia deixar para o fim do ano.

IB: É, mas mesmo assim tinha vez que eu ficava bem apertada.

TP: É?!

IB: [Riso] [] Mas graças a Deus elas nunca tomaram bomba.

TP: Hum Hum.

IB: As poucas que puderam continuar, não é?

TP: Sei.

IB: Porque não foram todas.

TP: Hum Hum. Pois é, então d. Inês, conta para a gente um pouquinho agora sobre a sua família. A Sra. disse que o sr. Bruno gostava de crianças. E como é que era o sr. Bruno dentro de casa?

IB: Gostava de crianças quando eram pequenas.

TP: Quando eram pequenas, é? Porque depois ele não tinham muita paciência?... Quando crescia?

IB: De pequeno até mamadeira ele fazia.

TP: É mesmo? Isso que eu ia perguntar, então ele ajudava a Sra.?

IB: Ajudava.

TP: Em casa.

IB: Isso ajudava.

TP: Hum Hum.

IB: De manhã ele é que coava café.

TP: É?

IB: É. Aquele tempo tinha quem levava o leite, o pão na porta.

TP: Em casa, não é?

IB: É.

TP: Tempo melhor, hein d. Inês?

IB: Pois é, não é? Então, até padeiro bebia vinho de manhã cedo.

TP: É mesmo? Na sua casa?

IB: Ah, é. Dava era vinho, não dava café não. [risos] É, comprava esses barris, lá do Rio Grande.

TP: Sei.

IB: Esses barris desse tamanho assim. [Gesticula mostrando mais ou menos 1,2 metro].

TP: Hum Hum.

IB: Os meninos, pequeninhos, viviam com o babador todo sujo de vinho.

TP: De vinho, ele dava para os meninos.

IB: Nossa! Pergunta Isaura se eu falo mentira. [risos] A Isaura ficava danada.

TP: É?

IB: Nossa Senhora!

TP: Porque ela era a mais velha, não é?

IB: É, e também outro tipo.

TP: Hum Hum.

IB: Tem outro tipo. É o tipo da minha mãe, mesmo.

TP: Sei.

IB: Mas, Nossa Senhora, meu Deus do céu.

TP: Mas então, enquanto as crianças eram pequeninhas ele ajudava bastante a senhora.

IB: //Muito//.

TP: E como é que era o relacionamento dele com os filhos? Até em que idade a Sra. acha que ele tinha paciência com os filhos?

IB: Mais ou menos até uns 4, 5 anos.

TP: É? Depois/

IB: Depois começava a fazer malcriação. A Sra. sabe como é menino, não é?

TP: É.

IB: Mas... aí/

TP: Aí ele já não tinha paciência.

IB: Não tinha mais paciência, também ficou meio... meio maluco.

TP: Sei. E aí a responsabilidade com os filhos então era quase toda sua?

IB: Toda.

TP: Toda da Sra.

IB: Toda.

TP: É... e a Sra. teve, a Sra. já nos contou isso, a Sra. teve duas filhas antes de ir para a Itália, não é? Depois a senhora voltou/

IB: Depois só voltei em 1950.

TP: Voltou à Itália em 1950.

IB: É.

TP: Mas aí a Sra. já tinha tido todos os seus filhos.

IB: Já, já.

TP: Já.

IB: Lá fui sozinha.

TP: Hum Hum.

IB: Quer dizer, fui com a minha cunhada, que morava na rua Platina, já faleceu até.

TP: Sei.

IB: Com meu cunhado, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Então, aproveitei e fui.

TP: Hum Hum. Isso a Sra. vai nos contar também, daqui a pouco. Mas para a gente não perder o fio da meada, vamos pensar nas crianças pequenas. Como é que era o dia a dia da Sra., d. Inês? A Sra., eu ia perguntar à Sra. antes, a Sra. ajudou o sr. Bruno com os negócios dele? A Sra. em algum momento tinha alguma responsabilidade com os negócios dele?

IB: //Não, não//. Até 1930 foi muito bom.

TP: Sei.

IB: Eu não trabalhava não.

TP: Não, não é?

IB: Não. Foi muito bom, mas depois, vou contar mas não precisa, até gravar, não é?

TP: Podemos parar.

IB: Penso assim, porque como minha amiga, não é?/

[GRAVAÇÃO INTERROMPIDA A PEDIDO DA ENTREVISTADA, QUE PASSA A NARRAR CASOS PARTICULARES].

IB: Eu tive o meu filho no dia 2 de março.

CF: O Wander.

TP: Esse foi o 1º filho.

IB: //O Wander//, é.

TP: 2 de março de que ano, d. Inês?

IB: 1930.

TP: 30 mesmo.

IB: 30.

TP: Hum Hum.

IB: Ele foi para o Rio, deixa eu ver que dia que foi... foi em junho, não, foi em março mesmo, em março mesmo.

TP: No mesmo mês.

IB: Em março mesmo. Ele estava com 22 dias.

TP: Hum.

IB: Foi em março mesmo, em 1930, mesma coisa, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Chegamos lá a família nos acolheu muito bem, ele estava meio discabriado, não é?

TP: Sei.

IB: Mas nós agüentamos. Acontece/

TP: A Sra. foi com todos os filhos.

IB: Com todos os filhos/

TP: Com as meninas todas.

IB: Meu cunhado também foi.

TP: Ah, sei.

IB: Porque meu cunhado/

TP: O seu cunhado que era o irmão do sr. Bruno.

IB: Do sr. Bruno, pois é.

TP: Hum Hum.

IB: Eu só sei que, minha filha, chegamos lá, ficamos 2, 3 dias na casa dessa família, depois alugou um chalezinho.

TP: Hum Hum.

IB: Mas o que acontece? O meu filho não se deu com o clima.

TP: Ah, é?

IB: Não se deu com o clima do Rio.

TP: Hum.

IB: Agora eu errei, que tinha essa da Isaura também, não se deu com o clima da Itália.

TP: Hum Hum. É, a Sra. já tinha nos contado.

IB: Pois é. Mas então, levava no médico, ele falava: - *Ah, minha filha, ele não tem nada. Você sabe que para resolver tem que voltar para Belo Horizonte.*

TP: Hum Hum.

IB: Fiquei 3 meses lá. Gastou uma fortuna.

TP: Hum Hum.

IB: O menino tinha ficado feito esse cachorrinho, pretinho [referindo-se ao pequeno cão da casa].

TP: É mesmo?

IB: É. As perninhas assim, mas só a Sra. vendo que coisa mais feia.

TP: Isso tudo porque não se adaptou com o clima.

IB: Não se adaptou com o clima. Então, resolvi vir embora.

TP: Hum Hum.

IB: Ele não veio, porque tinha ainda construção para acabar.

TP: Sei.

IB: E eu vim sempre na frente com todos 6, não é?

TP: Hum Hum.

IB: E o meu cunhado... Aí, foi muito bom. Nós começamos outra vez na nossa casa lá.

TP: Hum Hum.

IB: Que estava alugada, depois saiu.

TP: E essa estadia da Sra. no Rio, a Sra. teve vontade, se não fosse o caso do seu filho, a Sra. pessoalmente teve vontade de ficar morando no Rio?

IB: Tive.

TP: Teve?

IB: Tive.

TP: A Sra. gostou do Rio de Janeiro, e achou bom ficar longe de Belo Horizonte.

IB: E eu gosto até hoje.

TP: É?

IB: Gosto.

TP: Hum Hum.

IB: Mas é assim. Eu sei que é, então meu pai, também não falei mais nada, não é?

TP: Sei.

CF: D. Inês, nesses poucos 3 meses que a Sra. passou no Rio, quais as diferenças principais que a Sra. via entre Belo Horizonte e o Rio de Janeiro? O que fazia a Sra. gostar mais do Rio?

IB: Acho que mais é sossego, não é?

TP: É.

IB: Porque eu nem podia sair de casa, com 6 crianças pequenas.

TP: Hum Hum.

IB: Não é? A Isaura, pus ela no grupo, todas duas, a Isaura e a Ladi, não é?

TP: Onde que a Sra. morou no Rio essa época?

IB: Em Vila, Vila Isabel.

TP: Vila Isabel.

IB: Vila Isabel, que é um lugar muito bonito.

TP: Hum Hum.

IB: Muito bonito mesmo.

TP: Tem um samba muito bonito do Noel Rosa, a Sra. conhece? Que chama Vila Isabel?

IB: //É, é//. Vila Isabel.

TP: Hum Hum.

IB: Eu também morei pouco tempo, 3 meses só.

TP: Foi muito pouco tempo.

IB: 3 meses.

TP: E deve ter sido um certo transtorno para a Sra. /

IB: //Muito//, muito.

TP: Porque se mudar com todas essas crianças, não é?

IB: //Uai!// E eu achava que não ia voltar mais para Belo Horizonte.

TP: Hum Hum.

IB: Não ia para a Itália, mas ao menos não estava em Belo Horizonte.

TP: É.

CF: Vocês chegaram a vender alguma coisa aqui para a Sra. ir?

IB: Não. Para ir não, não precisamos não.

TP: Hum Hum.

IB: Para ir, mas depois precisou, não é? Porque depois eu vim embora,... estava até alugado, eu fiquei morando numa outra casa que era nossa também.

TP: Sei.

IB: //[]//

TP: //[]// A essas alturas a Sra. já morava no Carlos Prates, não era mais na Lagoinha.

IB: Não, não, não. Só as duas, depois que eu vim da Itália fui morar na rua Peçanha dos Boschi, não é?

TP: Isso.

IB: E daí não saí mais. Compramos cá em cima, Carlos Prates mesmo, não é?

TP: Hum Hum. E d. Inês, como é que era a vida da Sra. na cidade? Agora a gente vai falar um pouquinho assim sobre Belo Horizonte. A Sra. disse que tinha dificuldade com as crianças todas, a Sra. teve, depois desse filho, a Sra. ainda teve mais...

IB:... muitos, não é?

TP: É. Quantos mais d. Inês?

IB: Ah, uns 12. Em fevereiro de 1928, eu tive 2 fora de tempo.

TP: Sei, perdeu.

IB: É, quer dizer, mais ou menos uns 10, não é?

TP: Hum Hum... então a Sra. /

IB: Eu tive 18.

TP: Teve 18 no total.

IB: Total, até 41, até 42.

TP: E isso a Sra. ainda era ainda uma jovem de 42 anos, que a Sra. nasceu em 1900.

IB: É isso mesmo.

TP: Quer dizer que com 42 anos a Sra. teve 18 partos.

IB: 18.

TP: E dos 18 viveram 12.

IB: 12. Agora, tenho 10, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Eu perdi a menina, eu perdi essa outra casada.

TP: Hum Hum.

IB: Há pouco tempo, não é?

TP: Isso... Agora, como é que era para a Sra. ter que dar conta desses filhos todos, cuidar de casa, como é que era a vida da Sra.? Depois de, com essa ida ao Rio e a volta?

IB: Depois de 30?

TP: É.

IB: Ah, meu Deus!

TP: Era muito difícil?

IB: Aí começou a roda ir para trás, não é?

TP: Hum.

IB: Aí ele começou também a desleixar, sabe?

TP: Sei.

IB: Vivia só na rua, chegava de madrugada, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Eu sei que faltava as coisas. Eu falei : - *Agora hein?* E eu não sabia fazer nada.

TP: Sei.

IB: Nada dessa vida... Aí eu tinha uma amiga, ela era amiga da uma que fazia roupa a
carregação.

TP: Hum.

IB: Na rua Tupis.

TP: Hum Hum.

TP: Uma Sra. muito boa, muito compreensiva mesmo. Então essa outra minha amiga falou:
Ah, Evelina, vê se a Sra. arranja para a Inês, coitada, fazer alguma coisa. Mas eu não
sabia, sabe?

TP: Sei.

IB: Eu tinha vontade, mas eu não sabia fazer calça, essas coisas. Eu não sabia.

TP: Hum Hum.

IB: Uai, eu nunca tinha pego uma coisa dessas.

TP: Claro, a Sra. não precisou disso antes.

IB: Mas quando precisa a gente aprende, não é?

TP: É.

IB: Eu só sei que ela começou, me mostrava, já estava cortada, não é? Faz assim, assado. Eu
comecei, aí que eu rompi, não é?

TP: Hum.

IB: Aí então, eu tinha um padrinho da Isaura, ele era tenente, e eu queria costurar roupa de soldado, não é?

TP: Sei.

IB: Ele não queria. Falava: - *Ah, não dá não, comadre. Lá no meio dos soldados, a Sra. no meio dos soldados.* Eu falava: - *Vai tanta gente eu não posso ir?* [risos]. Uai, é [modo feio] falar isso, não é? As outras o que é que são? Não são animais, são mulheres também, uai.

TP: //É.// Por que que eu não posso?

IB: É. Mas ele estava com vergonha.

TP: Hum.

IB: Aí eu só sei que morava um capitão perto de casa.

TP: Hum.

IB: Eu falei com a Sra. dele. Num instantinho... num instantinho ele arrumou, cheguei lá, então eu estava esperando o Lenine... Wander... Leda... Lenine. É, o 8°.

TP: Hum Hum.

IB: O oitavo filho. Então, estava com um barrigão de todo tamanho. Não tinha, aí eu ia pedir os outros? Eu tinha uma comadre muito boa, que sempre me dava as coisas, mas não dava certo, não dava?

TP: Hum Hum.

IB: Não dava, uai, pelo amor de Deus. As meninas eu levava, eu tinha contado os cupons, que elas ganhavam e davam para a Isaura, que era mais longe.

TP: Hum Hum.

IB: E eu levava a turma toda, a filha dos outros para ganhar merendinha, não é?

TP: Isso.

IB: E essa moça também que eu falo, muito boa, essa minha amiga, ela trabalhava na Casa de Itália.

TP: Ah...

IB: Na cantina, quer dizer que meus filhos vinham para casa cheios.

TP: Hum Hum.

IB: Cheios, não é?

TP: É.

CF: Que cupons que eram esses que a Sra. falou?

IB: Como é que é?

CF: A Sra. falou que os meninos ganhavam cupons?

IB: O bonde.

CF: Ah, do bonde.

IB: Do bonde, não é? Então como é que a outra era mais longe, na rua da Bahia, não é?

TP: Hum Hum.

IB: E eu dava os cupons para a Isaura e eu levava os meus à pé, não é?... Tinha que fazer assim, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Levava da outra também, que ela dava merenda e a outra dava café com leite, biscoito, pão com manteiga.

TP: Hum Hum.

IB: Eu sei que vinham.

TP: Vinham alimentados.

IB: Alimentados, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Então, naquilo... já atrapalhei.

TP: Não, o que a Sra. está nos contando é que a Sra. começou a aprender a costurar, não é?

IB: Isso, isto mesmo. Então eu comecei, mas quando eu cheguei lá não tinha assim, por exemplo culote, paletó.

TP: Hum Hum.

IB: Tinha acabado o estoque. Tinha cueca.

TP: Sei.

IB: Isso vai dar muito pouco, d. Inês. Não faz mal não, pouco serve.

TP: A Sra. estava disposta mesmo a trabalhar.

IB: //Disposta//. Aí comecei. Trabalhei lá 11 anos.

TP: Ah, é?

IB: 11 anos.

TP: Nessa firma que era, ficava no centro da cidade.

IB: Na intendência, no Palácio da Liberdade.

TP: Ah, no Palácio da Liberdade?

IB: Lá, lá, era lá a Intendência das roupas de soldado.

TP: Ah, muito bem.

IB: As meninas levavam aqueles [] na cabeça, à pé.

TP: É?

IB: De Carlos Prates até lá à pé. É um bom pedaço também, não é?

TP: É, um bom pedaço de chão.

CF: Levavam o que, d. Inês?

IB: Hein?

CF: Elas levavam o que para lá, as meninas, que a Sra. falou?

IB: Elas levavam as costuras.

CF: Hum Hum.

IB: Aqueles embrulhões, porque roupa de soldado faz muito volume, não é?

TP: É

IB: Quando vinha, vinha dois de 20, 15, conforme, não é?

TP: Hum Hum.

CF: Mas a Sra. costurava em casa.

IB: Ah, em casa.

CF: Com a máquina da Sra.

IB: Isso mesmo.

CF: E eles davam o pano ou davam o dinheiro para comprar o pano?

IB: Não, não, não, vinha cortado.

CF: Ah, já vinha cortado.

IB: Vinha cortado. Tanto é, vinha botões e tudo, então, para essas meninas ficarem quietinhas.

TP: Hum.

IB: Punha na cama e dava os botões para elas brincarem.

TP: Brincarem.

IB: Brincarem. Eu dava falta dos botões.

TP: Hum [risos].

IB: Eu falei: Meu Deus do céu. Embora que era botão barato, que podia comprar, não é?

TP: É, claro.

IB: Mas um belo dia eu descobri onde que estavam os botões. Elas engoliam os botões.

TP: Nossa! [risos].

IB: Já viu só? Já viu só?... Nossa Senhora, mas Deus que me perdoe, pelo amor de Deus. Agora lá...

TP: Hum.

IB: A gente ia entregar, não dava dinheiro, dava cupom.

TP: Ah, sim?

IB: É.

TP: E o cupom valia o quê?

IB: Um vale, um vale.

TP: Um vale.

IB: Valia o, conforme o volume que eu tinha, as peças que eu tinha, não é?

TP: Sim.

IB: Então eu tinha que trocar, não é?

TP: E onde a Sra. trocava esse vale?

IB: Era lá mesmo, tinha um capataz, não é?

TP: Hum.

IB: E já que fazia as coisas barato, ele ainda tinha que tirar um pouco ainda por cima, não é?

TP: É mesmo?

CF: Ele tirava para ele?

IB: Tirava. Se era por exemplo, aquele tempo, 20 mil réis, ele te dava 15.

TP: Sei...

IB: Muitas vezes até menos.

TP: Mas é mesmo?

IB: A gente precisava. Não era só eu não, porque tinha muitas.

TP: Hum Hum.

IB: Tinha muitas.

TP: Todo mundo acabava aceitando aquela condição.

IB: Todo mundo acabava. Chegava daqui, entrava aqui.

CF: E a Sra. nunca tentou reclamar, nunca tentou fazer nada?

IB: A gente precisava.

TP: Hum Hum.

IB: Ah, como agora acabou/

TP: Mas era um próprio, era um funcionário mesmo da polícia lá.

IB: //É//, de lá mesmo, de lá mesmo... de lá mesmo... Aí começou, compreende? e tal, trabalhando, depois a Isaura formou.

TP: Hum Hum.

IB: A minha comadre, a D. Ivone Cabral, não sei se a Sra. conhece.

TP: De nome.

IB: De nome, é?

TP: Hum Hum.

IB: Ela é madrinha dessa [referindo-se à sua filha Bruna, dona da casa onde foi realizada a entrevista e onde d. Inês reside].

TP: Ah, é?

IB: É... E aí começou... sempre entrosar mais, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Quer dizer, sempre ganhando dinheirinho. Depois fui calceira número 1 na Importadora.

TP: Hum.

IB: Na rua Tamoios 54, não sei se existe ainda.

TP: Sei, era uma importadora.

IB: Era uma importadora e eu era a nº 1.

TP: Hum.

IB: Fui a primeira. Aí eu trabalhei muito.

TP: A Sra. costurava também.

IB: É, calça.

TP: Calças.

IB: Eu era calceira.

TP: Hum Hum.

IB: As meninas foram crescendo.

TP: Hum Hum.

IB: Eu trabalhando, a Isaura estudava, já a 2ª, não tinha onde ela estudar, ela trabalhou numa camisaria.

TP: Sei.

IB: A 3ª estudava.

TP: Hum Hum.

IB: A Aidê. Daí para a frente começou// a melhorar.

TP: Fazendo o que foi possível.

IB: Melhorar, não é?

TP: Hum Hum.

IB: E a Casa de Itália ajudava.

TP: Mas isso basicamente em função do seu trabalho e das suas filhas.

IB: //Isso//. É, isso mesmo.

TP: Porque a essas alturas o seu marido já não ajudava.

IB: Ah, não, não, não.

TP: muito em casa.

IB: Nem casamento nem nada.

TP: Hum Hum.

IB: Nada, nada, nada.

CF: D. Inês, como que a Casa de Itália ajudava?

IB: Ajudava. Uma que os meus filhos todos estudavam lá.

TP: Hum Hum.

IB: Lá não pagava nada mesmo.

TP: Sei.

IB: Eles eram nutridos também, e sempre mandava mantimento, roupa.

TP: Hum Hum.

IB: Tempo de frio flanela, peça de flanela.

TP: Sei.

IB: Até dinheiro me mandaram chamar... Tinha um tal de Repeto, um povo branco, branco, parecia rato branco.

TP: Hum.

IB: Um povo/

CF: Repeto, Gepeto?

IB: Repeto.

CF: Repeto?

IB: Chamava Repeto. Morava lá no Barro Preto.

TP: Hum.

IB: Nem sei se existe mais essa família.

TP: Sei.

IB: Então, ele mais ficava lá, trabalhava lá e sempre mandava lá em casa avisar que fosse lá.

TP: Hum.

IB: Para buscar um trocado, alguma coisa assim, não é?

TP: Sei. Agora, d. Inês, conta para a gente um pouco essa coisa da cidade. A Sra. está contando para nós que a Sra. trabalhava em casa, não é?

IB: Ah, sempre em casa.

TP: É, sempre trabalhou em casa.

IB: De noite, ainda por cima.

TP: De noite, porque durante o dia tinha que dar conta do serviço de casa, não é?

IB: //Aí não dava, não é?// É isso mesmo.

TP: E a Sra. sempre foi quem manteve a casa, cozinhando, fazendo limpeza... é... [entra a filha da entrevistada, trazendo guaraná] Mas como é que era para a Sra. a cidade de Belo Horizonte? Assim, o que a Sra. poderia nos contar? Por exemplo, até 1930, quando as coisas estavam bem para o seu lado, a Sra. teve muitos filhos, portanto a Sra. ficava muito em casa. Mas a Sra. passeava um pouco também?

IB: Não.

TP: Não?

IB: Não. Só na Casa de Itália.

TP: Só na Casa de Itália.

IB: Só na Casa de Itália, que ela tinha cinema, tinha festinha, tinha reunião.

TP: E a isso a Sra. ia sempre. Toda semana?

IB: Sempre.

TP: É? Tinha um dia em especial que a Sra. ia para a Casa de Itália, assim toda semana? Ou não?

IB: Não, não, não, não.

TP: Quando tinha alguma coisa interessante.

IB: Quando a consulesa, que é madrinha daquela que mora no Rio.

TP: Hum.

IB: Ela sempre falava: Ah, de tantas, tem mais trabalho, ela é a única que sempre vem.

TP: É?

IB: Porque eu tinha todos os meus filhos lá, não é?

TP: Então a Sra. sempre ia mesmo.

IB: Não é?

TP: Agora passeios por exemplo na Praça da Liberdade, a Sra. não costumava fazer?

IB: //Não//.

TP: Não?

IB: Não.

TP: Não tem nada que lembre a Sra. mais sobre a Praça ou a Praça da Estação?

IB: //Não, não//.

TP: A Sra. não passeava pelo centro da cidade.

IB: Não, só lembro uma vez, quando a Isaura era pequenina, que chegou o Rei Alberto [riso].

TP: Ah sim. Esse caso, esse caso do Rei Alberto. A Sra. foi até a Praça?

IB: Fui.

TP: Foi?

IB: Fui. Com aquele solão não estava acostumada, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Cheguei em casa quase morri de tanta dor de cabeça.

TP: É mesmo? Tomou muito sol lá?

IB: Nossa Senhora!

TP: Hum.

CF: Estava muito cheia a praça?

IB: Nossa Senhora! Estava.

TP: E a Sra. foi mais porque a Isaura pedia?

IB: Não, a Isaura era pequeninha.

TP: Ah, ela era muito pequeninha.

IB: O Rei Alberto chegou/

TP: Então foi a Sra. mesmo que teve vontade de ir ver?

IB: [risos]. E a vizinha, justamente, era a intérprete dele.

TP: Ah, é?

IB: É, uma vizinha.

TP: Hum.

IB: Mas... o resto eu nunca/

TP: Não passeava muito não.

IB: //Não//. Só assim... quando tinha festinha na Casa de Itália.

TP: Sei.

CF: D. Inês, e a Casa de Itália comemorava todos os feriados italianos?

IB: Ah, sim.

CF: As maiores festas eram em dias de feriados italianos?

IB: É isso mesmo.

CF: Qual era a maior festa da Casa de Itália?

IB: Eram sempre as mesmas, mesmo. Porque... isso eu não me lembro.

TP: Se comemorava possivelmente, assim, o dia nacional da Itália, essas coisas.

IB: //[...]/ Depois da 2ª Guerra, valha-me Deus, Nossa Senhora.

TP: Hum.

IB: Acabou tudo.

CF: D. Inês, no final da 2ª Guerra Mundial, teve um episódio em Belo Horizonte, que os belorizontinos não gostavam muito dos italianos. Eu sei de caso que eles jogavam pedras em casa de italiano, se não me engano talvez até na Casa de Itália também. A Sra. se lembra de alguma coisa assim?

IB: Quando a 2ª Guerra?

CF: No finalzinho da 2ª Guerra.

TP: //No final//.

IB: Não, não foi no final da 2ª Guerra.

TP: Em 45?

IB: Acho que foi no começo. Quando eles bombardearam um navio, achavam que eram os italianos.

CF: Ah, foi no começo da 2ª Guerra?

IB: No [...] não foi, que teve quebra-quebra.

CF: Hum Hum. Quebraram casa de italianos.

IB: É isso mesmo! Nós também tínhamos, na rua Tupinambás.

CF: Quebraram a casa da Sra.?

IB: Quebraram.

CF: Como que foi? Explica para a gente.

IB: Foi assim eles quebraram de muitos. Dos [Patio], dos Boschi.

TP: Hum Hum.

IB: Aquela padaria enorme na rua Rio de Janeiro, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Mas o nosso era um botequim, para modo de dizer. Que fala, não é?... E era o meu marido que tinha... Quando começou, a minha filha, que mora em Contagem, ela ficava só trabalhando lá.

TP: //Hum//.

IB: Ela era meninota. Com o pai, não é?

CF:... Era um barzinho.

IB: Um barzinho.

CF: Hum Hum

IB: Uma portinhola só... Mesmo, sabia do Crivelari, aquela...

CF: Crivelari?

IB: Crivelari, dos Crivelari, mais ou menos no, o nosso era número mil, acho que oitocentos...
Não, 1082, uma coisa assim.

TP: Hum.

IB: Mesmo no começo, aquele tempo era Ponte do Saco.

TP: Hum.

IB: Que agora já não é mais isso, não é?

TP: É.

IB: Mas acontece que então o Bruno tinha que ficar no bar, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Zanzava, deixava a menina sozinha.

TP: Hum.

IB: Estava errado, não é?

TP: Hum Hum.

IB: E ele falou: Ah, o meu não vão quebrar não, porque tem só a menina, não é?

TP: Hum.

IB: Não vão quebrar não. Bom, eu fui para casa, lá para a meia-noite, assim, ainda estava fechado o bar, ninguém tinha mexido.

TP: Sei.

IB: Quando foi de manhã cedinho, não sei como é que tinha um quadro de santo, Santo Antônio.

TP: Hum Hum.

IB: Jogaram tudo na rua.

TP: É mesmo?

IB: Na rua. Só o quadro de Santo Antônio ficou inteiro.

TP: É?

IB: Inteirinho.

TP: Ficou lá mesmo na parede?

IB: É, mas não ficou nada do bar, quebrou tudo.

TP: Quebraram tudo.

IB: Tudo, tudo, tudo, tudo.

CF: Vocês viram quem foi? Ficaram sabendo quem foi?

IB: Não uai, era todo povo que estava quebrando de todo mundo.

CF: Todo mundo dos italianos, não é?

IB: É, dos italianos e dos/

CF: Dos alemães também.

IB: Alemães também.

CF: Hum Hum.

IB: É isso mesmo, dos alemães também. Teve muito, Nossa Senhora, mas depois, quando subiu para a presidência o... Milton Campos? É, o Milton Campos.

CF: Hum Hum.

IB: Ele pagou os danos.

CF: Ah, ele pagou os danos?

TP: //Ah, é?//

IB: Pagou, pagou. Naquele tempo eu sei que foi... acho que em 50. É, em 50.

TP: Hum.

IB: Porque eu estava na Itália.

TP: Hum.

IB: Em 50, o meu marido recebeu 60 mil, 60 mil réis.

TP: Como indenização.

IB: Indenização do bar, não é?

CF: D. Inês, e a Sra. soube de algum caso de agressão física, de espancamento nessa época?

IB: Não.

CF: Era só mais atacando as casas?

IB: //Mais era danos//.

TP: Danos materiais.

IB: Do [Pati], não é? Aquele ourives, não é? Nossa Senhora!

CF: Aquele ourives?

TP: //ourives?//

IB: É, na avenida Afonso Pena.

TP: Hum.

CF: D. Inês, e eles atacavam só estabelecimentos comerciais ou as residências também?

IB: Não, não, residência não, que eu saiba não.

TP: Só os negócios.

IB: Só os negócios.

CF: Só os negócios dos italianos e alemães.

IB: Olha que do Boschi tinha pão, ia fazendo a massa.

TP: Hum Hum.

IB: Jogou tudo na rua, tudo fora.

TP: É?

IB: Perto da igreja, na igreja estava cheio de cacariada, de tudo.

TP: A Sra. chegou a ver pessoalmente? A Sra. foi ao centro da cidade?

IB: //Ah, é//

TP: Hum Hum.

IB: Nossa Senhora, meu Deus do céu.

CF: A Sra. ficou com medo nessa época, d. Inês?

IB: Ah, a gente fica, não é?

TP: //Apreensivo//.

IB: Medo e também dó, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Isso é pecado.

TP: De ver tanta coisa destruída?

IB: //De tirar daquelas máquinas// a massa e jogar fora.

TP: Hum Hum.

IB: Jesus, Maria, José!

TP: D. Inês, e que notícias a Sra. tinha, eu quero saber um pouco como é que era o seu contato com os seus familiares que tinham ficado na Itália. A Sra. escrevia sempre para os seus pais?

IB: //Ah, sempre, sempre//. Até hoje.

TP: Para os irmãos? Até hoje a Sra. mantém contato permanente.

IB: Até hoje.

TP: Hum Hum. E quando estourou a 2ª Guerra a Sra. ficou apreensiva também pelos seus parentes lá, não é?

IB: //Nossa Senhora, meu Deus do céu//. Daí quando melhorou, porque lá, a minha cidade foi devastada toda. Não teve mais um tijolo em pé.

TP: É?

IB: Nossa Senhora!

TP: Hum.

IB: Nem não tiveram mais casa, não tiveram mais nada.

TP: É mesmo?

IB: É, não tiveram mais nada... Acontece que meu irmão/

TP: E seus pais eram vivos ainda, na 2ª Guerra.

IB: Meu pai não. Meu pai morreu em 35.

TP: Ah, em 35?

IB: Meu pai.

TP: Seu pai.

IB: E a guerra foi em 42.

TP: É, 39, não é?

IB: 39, não é?

TP: E a sua mãe viveu até quando, d. Inês?

IB: 82 anos, minha mãe.

TP: Hum. Ela faleceu em que ano, então?

IB: 57.

TP: 57.

IB: 2 de fevereiro, 9 de fevereiro 1957.

TP: Sei. Mas então a sra, desde que veio para o Brasil, sempre manteve contato com eles.

IB: Ah, sempre, até hoje.

TP: Sempre.

IB: Uh, fico no portão esperando o carteiro. Quando ele não traz nada, eu: Ahh!!! [risos]

TP: Quando ele não traz nada a Sra. fica brava. [risos]... Então a Sra. gosta de escrever e também de receber cartas.

IB: É isso mesmo.

CF: D. Inês, como a Sra. aprendeu português? Como que foi o aprendizado?

IB: À toa, não é?

C.F: À toa?

IB: É.

CF: Tranquilo, sem maiores problemas. A Sra. achou fácil a língua?

IB: //É//. Nada. [riso]

TP: Aprendeu logo?

IB: Ah, logo.

TP: É?

CF: Sem precisar de aulas?

IB: Ah, não.

TP: E com as crianças pequenas em casa, a Sra. falava italiano?

IB: Não. No começo ainda falava, porque elas também estavam na aula, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Elas tiraram diploma italiano, também.

TP: Ah, então na Casa de Itália elas estudavam português e italiano?

IB: É, as mais velhas, não é?

TP: Sei.

IB: Depois, a Isaura não, a Isaura era outro ramo [riso].

TP: Hum Hum.

IB: A Isaura só foi no Colégio Imaculada.

TP: Hum Hum.

IB: Mas a Ladi, Aidê, Wanda, elas todas/

TP: Estudaram italiano.

IB: //essa que faleceu//.

TP: Hum Hum.

IB: Todas italiano.

CF: E essas falam italiano até hoje, d. Inês?

IB: Não.

CF: Perderam.

IB: É, perderam. Compreendem mais ou menos alguma coisa, mas/

TP: E com o sr. Bruno, a Sra. falava em italiano ou em português?

IB: De vez em quando em dialeto, não é?

TP: É?

IB: Pior ainda em dialeto/

TP: Mais difícil.

IB: Tanto que eles ficam bobos quando eu falo que falo dialeto, quase ninguém fala dialeto.

TP: Ninguém mais fala, não é?

IB: É, só italiano.

CF: Dialeto da România.

IB: É, cada cidade tinha seu... dialeto. Não era tudo igual não.

TP: É.

IB: Engraçado, não é?

TP: //E a Sra. tem bem na memória//.

IB: O italiano era um só, mas cada cidade tinha seu modo de falar.

TP: Hum Hum.

IB: Então, agora quando eu vou lá e falo em dialeto, falam: - *Ahhh! Nós não estamos sabendo nada que está... Você de longe está sabendo.* [risos]

CF: O d. Inês, e a Sra. falava em dialeto com o sr. Bruno quando a Sra. não queria que as crianças entendessem?

IB: Não, mas elas entendiam mesmo. [risos]

TP: Não tinha jeito de ter segredo, não é d. Inês?

IB: Quando é doce, não é? [a entrevistada faz sons para dar a entender o sentido da entonação] [risos]

CF: Em que língua que for percebe, não é? [risos]

TP: D. Inês, uma outra pergunta. A Sra. que cuidava essencialmente de casa, das crianças, não é? Como é que era cuidar de casa no dia a dia? Onde é que a Sra. fazia compras, por exemplo? O que que a Sra. comprava? Porque a Sra. nos disse que quando era menina aprendeu a fazer macarrão e que fazia macarrão diariamente.

IB: É isso mesmo.

TP: A Sra. manteve esse hábito no Brasil?

IB: Ah, eu faço macarrão até hoje.

TP: É mesmo?

IB: Faço.

TP: E quando os filhos eram pequenos a Sra. fazia também, diariamente.

IB: Não, diariamente não, não é?

TP: Hum.

IB: Mas eu faço na mesma. Tem essa pequena aqui, ela come só quando eu faço macarrão.
[refere-se a sua neta, filha mais nova de d. Bruna].

TP: Ah, é?

CF: Macarrão de saquinho ela não come.

IB: É.

TP: Só gosta do da avó.

IB: É.

TP: Hum.

IB: Feito em casa, não é?

TP: É. E como é que era prover uma casa com tanta gente? A Sra. fazia compras no mercado central? ou a Sra. fazia compras perto de casa?

IB: Não, aí, aos pouquinho, não é? Tinha sempre armazém perto de casa, não é?

TP: A Sra. tinha o hábito de comprar pouquinho, diariamente.

IB: Ah, pouquinho. Era difícil de fazer lista.

TP: Hum Hum.

IB: Só uma vez que eu ganhei no bicho.

TP: Ah, sim? [risos]

CF: A Sra. ganhou muito dinheiro no bicho, d. Inês?

IB: Deus me ajudou mesmo.

TP: É? A Sra. ganhou bastante?

IB: Deus me ajudava sim. É até uma vergonha falar, não é?

TP: Não, acho que não.

CF: De jeito nenhum.

IB: Não estava roubando, não é?

TP: É lógico.

IB: Nossa senhora, meu Deus do céu.

TP: Então a Sra. gostava de jogar, acreditava na sorte.

IB: E ganhava mesmo.

TP: É mesmo? Isso ajudou a Sra. bastante.

IB: //Ganhava mesmo//. Ganhava mesmo.

TP: O dinheirinho do jogo completava o orçamento da Sra.

IB: Isso! Isso mesmo. É engraçado que quem levava morava mesmo em frente, não é?

TP: Hum.

IB: E lá, aquele tempo, era o [seu nome] da Isaura. Então, eu sei, ah, eu vou contar essa, porque, meu Deus, eu choro até hoje.

TP: Hum.

IB: De idéia que eu tive, sabe? Porque foi assim: Meu marido trabalhava fora, como eu falei, não é?

TP: Hum Hum.

IB: Ele chegou, ficou aí, acabou com o dinheiro que eu tinha, não é?

TP: Sei.

IB: Que eu recebia um tanto por mês essa temporada.

TP: Hum Hum.

IB: Porque ele trabalhava fora. O empreiteiro mesmo.

TP: Hum Hum.

IB: Dava dinheiro todo mês para mim.

TP: Sei.

IB: Dava 200 mil réis.

TP: Hum Hum.

IB: Então, ele veio e me gastou 120, ficou pouco, não é?

TP: Claro.

IB: Naquele tempo eu tinha 8 filhos... Eu falei: Meu Deus. Eu não tinha nada dentro de casa.
Ele foi embora eu não tinha um bago de feijão.

TP: Hum.

IB: Eu/

		2	fascismo	24, 26
2ª Guerra		51, 56	G	
	A		guerra	2, 3, 4, 5, 6, 56
América anti-fascista		6, 8, 12, 13 24	I	
	B		Itália 2, 4, 8, 9, 10, 22, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 36, 38, 39, 42, 47, 49, 50, 51, 54, 55, 57	
Belo Horizonte	11, 12, 14, 15, 16, 21, 27, 29, 36, 37, 38,39, 48, 51		italiano 29, 51, 57, 58	
bonde		42	italianos 19, 22, 28, 29, 51, 53, 55	
Boschi		22, 39, 52, 55	L	
Brasil	4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 21, 27, 28, 56, 59		Lagoinha	14, 16, 38
Bruno	2, 3, 6, 7, 8, 16, 17, 23, 25, 26, 32, 34, 35, 52,58,59		M	
	C		Milton Campos 54	
Carlos Prates		15, 16, 22, 38, 39, 43	Mussolini 24, 26	
Casa de Itália		29	N	
cinema		29, 49		
colônia		15, 29	navio	10, 11, 51
Contagem		16, 20, 21, 52	R	
	E		Rimini 3, 6, 8, 11, 14, 15, 22, 23	
exército		4, 5, 24	Rio de Janeiro 13, 17, 32, 35, 36, 37, 40, 49, 52	
	F		rua Itapecerica 16, 17, 22	
família		3, 4, 5, 8, 14, 32, 35, 36, 48		

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADA: INÊS BERLINI BULDRINI
ENTREVISTADORES: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA
DATA DA ENTREVISTA: 05 OUTUBRO 1990
LOCAL:

Entrevista – fita 03 – lado A

CF: Entrevista com D. Inês Berlini, 05 de Outubro de 1990.

TP: Então, D. Inês, a semana passada a gente conversou um pouco e a senhora nos... eu me lembro que perguntei para a senhora como é que era a questão do abastecimento, assim, como é que a senhora fazia compras para uma família que era tão grande, com tantas crianças/

IB: Aí era aos pouquinhos, não é?

TP: Aos pouquinhos, não é?

IB: Aos pouquinhos.

TP: Mas aos pouquinhos era uma opção porque o dinheiro estava curto ou/

IB: Estava curto, não é?

TP: Porque o dinheiro estava curto. Mas a senhora nos disse também que na Itália o hábito sempre foi de comprar aos poucos.

IB: Ah, sim. Lá é todo dia.

TP: Hum, hum.

IB: Toda manhã vai de bicicleta, hein?

TP: É.

IB: Vê toda essa mulherada, a moçada toda fazer as compras.

TP: Hum, hum.

IB: Tem pescaria, tem tudo. Tudo fresquinho todo santo dia.

TP: Sei.

IB: Não tem nada, não tem geladeira, e pode perguntar as meninas, geladeiras são pequeninas assim.

TP: Hum, hum.

IB: Assim, à toa. Não fica nem ligada.

TP: Sei.

IB: Porque eles nada tomam frio, gelado.

TP: Não, não é?

IB: Não. É engraçado, não é?

TP: Não tem o hábito.

IB: Não tem não.

TP: Hum, hum.

IB: De modo que compra todo santo dia.

TP: É.

IB: Pode comprar 100 gramas de toucinho, que lá faz comida, ah, isso! A comida é assim: macarronada é feita com toucinho batido.

[A ENTREVISTADA BATE A MÃO NA MESA REPETIDAS VEZES]

TP: Ah, sim.

IB: Não é?

TP: Hum, hum.

IB: Agora batata, essas coisas é com banha.

TP: Sei.

IB: E peixe, outras coisas é com óleo. Não tem nada com óleo faz de tudo. Cada/

TP: Cada tipo de alimento é uma gordura diferente.

IB: Tem um condimento. Muito bem temperada,

TP: Hum, Hum.

IB: Mas é assim.

TP: Sei.

IB: De modo que, e ninguém, por exemplo se tem uma graudona que vai lá que compra: - *Ah, me dá lá...* fala do Fetini, bisteca, não é?

TP: Hum.

IB: Bife.

TP: Bife.

IB: - Me dá duas bistequinhas. O açougueiro corta as duas bistequinhas.

TP: Hum, hum.

IB: Agora, mesmo que ela seja graudona, os outros não vão falar: - *Nossa Senhora, que pão-duro.*

TP: Hum, hum.

IB: Aqui fala, não é?

TP: É.

IB: Aqui fala. [risos] [...] mais ou menos que vai com uma sacolinha pequenina, fala: - *ah, que pão-duro.*

TP: Hum, hum.

IB: Tem dinheiro, ó, o que que vai comer? Aí, não é? Mas lá não tem disso não. Vai comprar tudo miúdo assim, não sobra nada.

TP: Sei.

IB: Não tem que sobra um tiquinho aqui, um tiquinho lá, não sobra nada mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Agora, não faz janta como aqui, não tem janta como aqui não. Porque aqui em casa pelo menos, é mais janta do que no almoço.

TP: É?

IB: Nossa Senhora. Parece tudo cavalo. [risos] Nunca vi, a despesa que tem Barbosa aqui. Mas, lá não. Almoço bom. Agora, à tarde sim, vai lá comprar peixe.

TP: Hum.

IB: A senhora faz piada. Não sei se você sabe qual é que é piada. Farinha de trigo, [...] feito pão de turco.

TP: Ah, sim.

IB: Mas o nosso é diferente, não é?

TP: Hum, hum.

IB: E faz com repolho, faz com lingüiça.

TP: Hum, hum.

IB: Com presunto, com queijo.

TP: Sei.

IB: Não é comida assim, arroz, feijão, macarrão, essas coisas. Não, não, não.

TP: Hum, hum.

IB: Mais leve e mais rápido, não é?

TP: Isto.

IB: E suja menos.

TP: Hum, hum.

IB: Tudo economia.

CF: E sempre regado a vinho, no almoço e no jantar.

IB: Ah bom, isso sim. Ou do melhor ou do pior ou água com vinho é todo mundo, toda casa tem.

TP: Hum, hum.

CF: Dizem que água com vinho também é muito comum, não é?

IB: É... De modo que...

TP: Então esse era o hábito da senhora lá na Itália, da sua família.

IB: //Claro.//

TP: E a senhora no Brasil, a senhora em alguma medida tentou manter esse hábito ou a senhora se adaptou logo às regras/

IB: Por causa de meu marido, que ele queria só era comer. Não queria beliscar não.

TP: É, não é? Gostava de uma mesa boa.

IB: Gostava.

TP: E a senhora mesmo é que cozinhava desde que a senhora veio para cá?

IB: //Ah, é, //

TP: A Senhora/

IB: Mesmo depois que nós melhoramos, logo melhoramos muito

TP: Hum, hum.

IB: Até 1930 a gente estava bem mesmo.

TP: Isso.

IB: Em Carlos Prates nós tínhamos umas 6 casas, boas.

TP: A senhora nos contou.

IB: Tanto na rua Rio Casca/

TP: Na rua Indaiá.

IB: Não, Carlos Prates.

TP: Ah, sim. Indaiá é na Lagoinha.

IB: É. Indaiá é na Lagoinha, mas em Carlos Prates mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Nós tínhamos 6 casas muito boas. A rua Rio Casca quem abriu foi meu marido.

TP: Ele que abriu a rua?!

IB: Ele que abriu a rua.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: É, ele que abriu aquela rua.

TP: Olha só!... Ele comprou um lote grande ali, e/

IB: Uma chácara, tinha uma chácara no final mesmo.

TP: Ah isso! A senhora nos contou que era uma chácara. E a senhora se lembra como ele fez para abrir a rua? Ele foi até a Prefeitura, conseguiu algum benefício da Prefeitura?

IB: Não, não, não, não.

TP: Não?

IB: Não, não, não. Eu sei que nós ficamos muito tempo esburacada, Virgem Maria.

TP: Hum, hum.

IB: Mas quem abriu foi ele.

TP: Sei. E ali foi que a senhora morou a maior parte do tempo.

IB: Ah é// Quase os meus filhos todos nascidos lá.

TP: Nasceram lá não é?

IB: Todos lá Porque era assim: fazia uma casa... depois fazia outra, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Quando estava para acabar a outra já vendia aquela.

TP: Hum, hum.

IB: Era assim, era comerciante.

TP: Comerciante de casas.

IB: É. Mas de casas boas mesmo.

TP: É, não é?

IB: Depois, até 1930 eu vivi bem, depois eu acabei.

TP: Depois é que foi mais uma fase difícil da sua vida.

IB: Nossa Senhora!

TP: Mas mesmo até 1930, então a senhora é quem cuidava da cozinha em casa.

IB: Ah, sim, sim.

TP: A senhora nunca teve empregada aqui?

IB: Ah, tinha.

TP: Teve?

IB: Teve, meus filhos tiveram ama de... eu tive meus meninos... Wander teve ama de leite.
Acho que eu já contei, não é?

TP: //Hum//. Contou.

IB: Que era uma preta e ele não mamava nela, tinha que tirar leite para dar com a colher.

CF: Ah, isso a senhora não contou não.

TP: //Não, isso a senhora não contou não//.

IB: Não? Ah...

CF: Por quê? Ele estranhava ela?

IB: É. Ele era pequeno.

CF: Hum, hum.

IB: 3 meses, não tinha nem 3 meses, uai.

TP: Sei.

IB: Porque daqui houve aquele negócio que eu contei, com o meu marido.

TP: Hum, hum, isso.

IB: Então ele foi embora para o Rio. Depois eu tive o menino.

TP: Isso, //e aí a senhora também foi//.

IB: Daí, foi para o Rio.

TP: Hum, hum.

IB: E lá o menino não se deu com o clima, não é?

TP: Isto.

IB: Então aí, eu logo perdi o leite.

TP: //a senhora voltou//

IB: Porque tanta coisa, não é?

TP: //Claro//

IB: Eu sei que naquilo, até arranjou uma ama de leite, era uma pretinha.

TP: Hum, hum.

IB: Ela tinha dois gêmeos.

TP: Sei.

IB: Novinha, novinha, novinha.

TP: Hum, hum

IB: Mas ele, ela não podia nem aparecer no quarto.

TP: Ele estranhou.

IB: Ele gritava feito um animal.

TP: É mesmo?

IB: Uh! Ele é nervoso até hoje, grita/

TP: É? [riso]

IB: É, mas ela tirava leite e dava.

TP: Hum.

IB: Mas não adiantou na mesma, quando eu fiz 3 meses o médico falou: - *Se a senhora não for, ó, a senhora perde o seu filho.*

TP: Sei.

IB: Então eu vim embora outra vez, não é?

TP: Hum, hum.

CF: Oh, D. Inês, esse ano de 30, que foi confuso para a senhora, a senhora morou em Belo Horizonte, a senhora morou 3 meses no Rio de Janeiro, a senhora lembra alguma confusão na cidade da Revolução de 30?

IB: Da Revolução de 30? Muito.

CF: Ou aqui em Belo Horizonte ou no Rio.

IB: Faz anos agora.

TP: Agora, essa semana.

IB: O meu menino era pequeno, Wander, uai? Ele nasceu em março.

CF: Hum, hum.

IB: Eu tinha 6 aquele tempo, não é?

TP: Isto. E a senhora viveu uns meses no Rio de Janeiro, não é?

IB: 3

TP: 3 meses, que foi de abril, foi de março/

IB: Foi de março, é isso mesmo.

TP: Março, abril, maio.

IB: É maio.

TP: Em junho a senhora estava de volta. Então/

IB: Em outubro já teve a Revolução, não é?

TP: Pois é, o que que a senhora se lembra dessa época?

IB: Lembro que nós tivemos que fugir, não é?

TP: Hum.

IB: E meu marido trabalhava fora, como falei, lá em Salinas.

TP: //Salinas//. Hum, hum.

IB: E eu estava com 6.

TP: Isto.

IB: E uma empregadinha que eu tinha. Mas naquilo nós corremos, corremos, quando nós estamos lá no alto de Carlos Prates eu arrependi. Falei: - *Ah meu Deus !! Antes ter ficado na minha casa! Morrer na minha casa.* Porque fiquei desnorteada, não é?

TP: A senhora fugiu com os 6 filhos e a empregada? A senhora saiu de casa?

IB: //Com os 6 filhos//, saímos de casa.

TP: E a senhora achou que precisava sair porque, D. Inês?

IB: Uai! Porque na minha casa foi trincheira, não é?

TP: Ah, foi?!

IB: É, os soldados do exército estavam todos lá

TP: Ah, muito bem. E a senhora tomou a decisão por sua própria conta ou/

IB: Ah é, uai, de certo, não tem ninguém.

TP: //É?// Mas conversando com os vizinhos, talvez.

IB: Não, não. Não tinha mais ninguém.

TP: Hum

IB: Os [últimos] saíram antes de que eu.

TP: É?

IB: É, mas então, aí passou, a gente sempre tem Deus mesmo, não é? Passou um leiteiro.

TP: //Hum//, hum

IB: Ele me enfiou dentro da carroça, da carroça, com menino. E andou, não é? Com a meninada toda atrás, porque não cabia todos na carroça, não é?

TP: É.

IB: Levou na casa deles, em... deixa eu ver que lugar que era... ah meu Deus, tem um lugar, para cima do Carlos Prates, como é que chama?

TP:... um outro bairro?

CF: Padre Eustáquio?

IB: Ein?

CF: Padre Eustáquio?

IB: Não, não./

TP: Padre Eustáquio é pertinho.

IB: É um lugarzinho que tinha um nome, não é Cachoeirinha... é um nome mais ou menos assim. Uma arraialzinho, sabe?

TP: Sei

IB: Que tinha quase mais era leiteiro, que morava lá.

TP: Era fora de Belo Horizonte o lugar.

IB: É.

TP: Pertinho.

IB: Aí em cima do Carlos Prates, lá para cima.

TP: Sei.

IB: Eu sei que nos tratou muito bem, a esposa dele/

TP: É mesmo? Então ele deu abrigo para a senhora e os seus filhos.

IB: Deu. Nós ficamos até acabar a Revolução lá.

TP: É mesmo?

IB: É.

TP: E isso a senhora se lembra mais ou menos quanto tempo que foi, D. Inês? Quantos dias.

IB: //Mais ou menos/... foi mais de 10 dias.

TP: É mesmo? E nessa época as crianças já estavam na escola.

IB: Estavam.

TP: As mais velhas.

IB: É, mas ninguém/

TP: Então ninguém foi à escola nesses dias?

IB: Ninguém, ninguém. Todos lá nessa família.

TP: E como é que a senhora, lá na casa desse leiteiro, era um leiteiro desconhecido, a senhora conheceu na rua.

IB: Isso mesmo.

TP: E ele deu abrigo para a senhora.

IB: Deu abrigo.

TP: Olha.

IB: E depois ainda ficamos amigos, depois.

TP: É?

IB: Porque muito bom mesmo, **mas bom mesmo.**

TP: Sei.

IB: Então eu tinha muita coisa em casa, não é? E lá quase não tinha.

TP: //Hum, hum//. Sei.

IB: Então falei com o moço: - *O senhor vai lá o senhor traz o que puder trazer.*

TP: A senhora deu a chave para ele.

IB: É, mas lá estava cheio de soldado.

TP: Ele não conseguiu entrar.

CF: Os soldados invadiram a casa ou ficaram na rua, na frente?

IB: Não, dentro de casa também.

CF: Dentro de casa também?

TP: Também?

IB: Dentro de casa também.

TP: É mesmo?

IB: É.

CF: Então eles invadiram a casa da senhora.

IB: É, mas tudo por aí estava cheio de soldado, uai.

TP: Mas eles pediram permissão à senhora para entrar na sua casa? Não.

IB: Não.

TP: Depois que a senhora saiu eles entraram.

IB: Depois, pois é.

TP: E quando a senhora voltou, em que estado a senhora achou a casa?

IB: Não. Estava certo.

TP: Não mexeram em nada.

IB: Não mexeram nada, nada, nada. Só era como esconderijo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: É no alto a casa, não é?

TP: É, aquele lugar ali é bem alto.

CF: Então eles montaram metralhadora na porta da casa da senhora.

IB: //Tudo, tudo, tudo//.

CF: Chegaram a dar algum tiro por lá?

IB: Deram, deram.

TP: E a senhora sabia mais ou menos, a senhora acompanhava nessa época os acontecimentos políticos, assim?

IB: Não.

TP: Não. A senhora, quando tinha notícias, dessa Revolução por exemplo, através do que? A senhora escutava rádio?

IB: Não, eles mesmos sempre vinham, não é?

TP: Sei.

IB: Então eles contavam: - *Fez isso, fez aquilo.*

TP: Hum, hum.

IB: Depois...

TP: Nessa época a senhora não tinha hábito de escutar rádio não?

IB: Não.

TP: Não. E jornal a senhora costumava ler, D. Inês?

IB: Também não.

TP: Também não. Não tinha muito tempo talvez, não é? As crianças pequenas.

IB: Mais era ele.

TP: Seu marido.

IB: As crianças era o menos. [risos]

TP: Ele é que dava mais trabalho.

IB: Nossa!

CF: D. Inês, nessa época da Revolução a senhora teve notícia de alguém morto ou ferido?

IB: Bom, eu agora, para falar a verdade, eu não me lembro. Sei que a gente sabia.

TP: Hum, hum.

IB: Fulano, Sicrano, Beltrano, não é? Sabia muito do Bragança. Ele que estava lá não é? Mas não posso, disso eu não posso dar/

TP: Sei, a senhora não se lembra de detalhes, não é?

IB: É.

TP: Hum, hum. Mas a senhora então manteve amizade com esse leiteiro que acolheu a senhora, então.

IB: //É//.

TP: Depois desse episódio a senhora ia visitá-los.

IB: Sim, Sim.

TP: É?

IB: Depois eles vieram morar justamente na rua Rio Casca.

TP: Hum.

IB: Que aí melhorou também a situação deles, não é?

TP: Hum.

IB: Vieram morar na rua Rio Casca.

TP: Então foram seus vizinhos mais tarde.

IB: É, também.

TP: D. Inês, por falar em vizinho, como é que era a relação da senhora com a vizinhança?

IB: Ah, graças a Deus muito boa.

TP: Muito boa?

IB: Nossa Senhora/

TP: A senhora contava com os vizinhos, assim?

IB: Não, esse mais ou menos que praticava mais a minha casa.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu nunca fui de ir nas casas, se brigava, vou na casa de fulano, vou contar, tá tá tá tá.
Nunca fui.

TP: Sei.

IB: O que que eu fazia sabe? Ia na igreja.

TP: Hum.

IB: Ajoelhava aos pés de Nossa Senhora e chorava, falava e pronto.

TP: //É?//

IB: Agora, depois que as meninas começaram a crescer, começaram a namorar, aí ficou já entrosando, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque ninguém sabia desse caso do Bruno.

TP: Sei.

IB: Mas depois, ficou sabendo. Mas por minha boca não.

TP: Sei, a senhora não era de ficar se lamentando com os vizinhos.

IB: Não. Tinha uma senhora, coitada, que faleceu ainda, já ela e a filha, faleceram todas as duas, moravam noutra casinha, ao lado. Numa casinha ao lado. Ah meu Deus! Ela chorava, coitada: - *D. Inês, vem para cá O Bruno aí vem, ele está tonto, ele vai matar a senhora.* Eu falava: - *O que que tem?*

TP: Hum. E a senhora enfrentava bem.

IB: Enfrentava.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu também, ele tinha medo de mim, mas eu vou contar essa, que nem sei se vale a pena.

TP: A senhora quer que desligue? [RISO SEM GRAÇA]

IB: Não, não. [hesitante – risos]

CF: A senhora que sabe, se quer que desliga a gente desliga

[GRAVAÇÃO INTERROMPIDA A PEDIDO DA ENTREVISTADA]

IB: A 1ª vez, que era solteiro, que ele já esteve aqui.

TP: Isso.

IB: Ele gostava, e todo mundo gostava dele. Não tinha uma pessoa que não gostasse dele.

TP: É, não é? Ele era benquisto.

IB: É, porque ele era muito brincalhão, falava muito nome feio. Todo mundo gostava dele.

TP: Hum, hum.

IB: E isso ele não tinha/ [A FILHA DA ENTREVISTADA ENTRA NO QUARTO]

TP: Mas a senhora quando resolveu vir para cá com ele, ele contava para a senhora o que que ele achava de Belo Horizonte? Ele contou assim alguma fantasia da cidade?

IB: Nada, nada, nada.

TP: Não?

IB: Nada.

TP: Não disse detalhes para a senhora, para onde é que a senhora estava vindo.

IB: Não, não.

TP: Não.

CF: Ele gostava mais daqui do que da Itália?

IB: Ah, é. Ele gostava daqui sim.

TP: E a senhora atribui isso ao fato que aqui ele era benquisto, que as pessoas gostavam dele.

IB: //É, isso era mesmo//.

TP: E tinha um trabalho também que era reconhecido, não é?

IB: //Ah, sim, trabalhava//. Isso, de manhã, ele levantava cedinho, ia para o serviço e trabalhava mesmo.

TP: //Hum, hum//.

IB: Isso, honra seja feita.

TP: E a senhora então, voltando aí para o local de moradia da senhora, a senhora, quando morou no Carlos Prates, a senhora está falando que a senhora tinha relações de vizinhança, embora a senhora não gostasse de muita intimidade com os vizinhos, mas a senhora também já nos contou que teve uma época importante, quando as primeiras filhas eram pequenas, que tinha uma vizinha que trocava, a senhora levava os filhos na escola/

IB: É isso mesmo.

TP: Não é? Vocês dividiam um pouco as tarefas, não é?

IB: Muito, muito.

TP: Em geral, a senhora acha assim, os vizinhos eram pessoas que quando, se a senhora precisasse a senhora podia contar com eles.

IB: Ah, podia contar, isso podia contar.

TP: Hum, hum.

IB: Todos meus vizinhos tudo muito bom.

TP: E a senhora encontrava os vizinhos assim, estou querendo saber um pouco como é que era o dia-a-dia da senhora. A Senhora tinha tempo, por exemplo, de no final da tarde estar um pouco no portão? Conversando um pouquinho.

IB: //Ah, não//.

TP: Não. A senhora ficava sempre dentro de casa... envolvida com as atividades de casa.

IB: //Ah é, isso mesmo, isso mesmo.//

TP: Não dava tempo para ficar na rua de conversa.

IB: //Não dava//. Depois com essa meninada não dava mesmo.

TP: Agora, a senhora nos disse aí que a senhora, sempre que podia, corria para a igreja.

IB: Ah, é.

TP: A senhora, qual igreja que a senhora freqüentava, D. Inês?

IB: Eu, até... Boa Viagem.

TP: Ah, Boa Viagem?

IB: Ia a pé de casa, Carlos Prates, até na Boa viagem.

TP: É mesmo?

IB: Fazia novena lá

TP: E quanto... A senhora ia na Igreja o que? uma vez por semana, ou não?

IB: Quando fazia novena ia toda tarde.

TP: Durante quanto tempo a novena?

IB: 9 dias, não é?

TP: 9 dias.

IB: 9 dias.

TP: A senhora ia toda tarde lá

IB: Toda tarde... que eu ia buscar as meninas.

TP: Na casa de Itália?

IB: Na casa de Itália. Antes eu ia lá em cima, não é?

TP: Sei.

IB: Na volta eu já passava e pegava/

TP: Passava na escola.

CF: Mas não tinha igreja perto do Carlos Prates?

IB: Tinha, tinha também. Barro Preto, não é? Mas eu/

TP: A senhora gostava. Boa Viagem era a matriz, não é?

IB: É.

TP: Era a matriz de Belo Horizonte.

CF: Naquele tempo existia ainda aquela vigília que tem hoje tem na Boa Viagem? Onde as pessoas ficam rezando 24 horas por dia, se revezando.

IB: //Ah, é, tinha sim, tinha//. //[isso nunca podia...]// Nossa Senhora! Uma vez, eu lembro uma vez, minha filha de Deus, as meninas estudavam todas em Casa de Itália, em Monte Calvário.

TP: Hum.

IB: E no Marconi, não é?

TP: A senhora nos contou.

IB: Então minhas meninas, essa e a outra caçula estavam no Monte Calvário. Então lá foi o dia, até acho que foi um dia de Pentecostes, me parece. Ou Corpus Christi, uma coisa bem religiosa. Então as irmãs mandaram as meninas que eu assinasse se podiam ir na festa na igreja Boa Viagem.

TP: Hum.

IB:... Eu falei: - *Ah, meu Deus*. A senhora viu, aquele dia eu ainda falei que comprava o sapato e as duas, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Bom. Eu falei: - *Ah, não é possível, como é que eu vou fazer?* Mas me deu de repente, eu falei assim: - *Pode assinar... pode assinar.* E assinou. Agora, quando foi de noite eu desmanchei a saia, virei, não é? Ficou novinha. As blusas eu dei um jeitinho, fiz uns biquinhos, arrumei.

TP: Hum.

IB: O que podia arrumar eu arrumava, mas o que tinha que comprar não podia, não é? Eu só sei que eu tinha, aquele tempo era, é a mesma coisa daquela vez, dos quatro e quinhentos.

TP: Hum.

IB: Era, mas dessa vez era 500... como é que fala? 500 réis? 500 réis antigamente? Nem sei, eu sei que era uma pratinha de 500. Eu falei: - *Ah, meu Deus do céu, como é que eu faço?*... Aí eu fiz um passe. 9 e 2.

TP: Hum.

IB: 500... Cruzados, cruzeiros ninguém sabe, uma coisa assim.

TP: Hum, hum.

IB: E fui na igreja Boa Viagem, que tinha elevação do Santíssimo. Mas fui eu sozinha, não com as meninas, que elas iam com as irmãs do colégio.

TP: Hum, hum.

IB: Tinha que levar elas no colégio no dia seguinte. Então eu fui lá, eu sei que na hora que... o padre veio com o Santíssimo Sacramento, eu pus as mãos postas assim e falei que se ele quisesse, tinha que dar um jeito, porque o que eu podia fazer eu fiz. Agora não tinha isso, não tinha aquilo, não tinha aquilo outro.

TP: Hum, hum.

IB: E vim embora, não é? Quando chegou na igreja do Barro Preto, dá 6 horas. Eu falei: - *Ah, meu Deus, é tarde demais.*

TP: Hum, hum.

IB: Eu falei: - *Meu Deus do céu, essa hora ele já está em casa, Ihh...*, porque brigava com as meninas.

T.P: Hum, hum.

IB: Eu falei: - *Ah, meu Deus do céu !* Eu sei que eu vim correndo, mas quando eu estou no lugar onde tinha uma loteria, num poste, eu olhei, 92. Ah, falei: *Não é possível?!*

TP: Aí deu uma paradinha.

IB: Dei uma paradinha e corri feito uma danada. Aí que eu corri mesmo. Cheguei em casa falei com a Aidê, a terceira, que é casada com o irmão do Lauro.

TP: Hum, hum.

IB: Falei: - *Aidê, eu ganhei no Bicho...*

- *É deveras?*

- *É. E agora? Como é, onde é que vai comprar os trens para as meninas?*

TP: Hum.

IB: Porque já era de noite. Eu sei que naquilo a moça veio atrás de mim. Morava pertinho

TP: Hum, hum.

IB: De manhã cedinho, às 7 horas nós já estávamos na cidade. No colégio, na rua Rio de Janeiro, Mundo Colegial

TP: Mundo Colegial.

IB: Mundo Colegial.

TP: Hum, hum.

IB: Estava o moço abrindo a porta. Falei: - *Ah, pelo amor de Deus, moço.*

TP: Hum.

IB: *Elas têm que ir na Igreja Boa Viagem às 7 horas.*

TP: Hum.

IB: E elas precisam comprar o sapato. Comprou tudo lá Faltava meia, sapato, luvas e chapéu.

TP: Hum

IB: Comprou tudo e, ainda por cima, mandei tirar foto, das duas.

TP: Ah, é?

IB: É. Até elas deve ter, por aí.

TP: Hum, hum.

IB: E levei de táxi lá. Imagina só.

TP: É mesmo?

IB: É, uai. [Risos] [] na Igreja Boa Viagem, os outros todos já estavam lá não é?

TP: //As colegas//

IB: Faltavam só as minhas mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: E voltei a pé, que não sobrou um tostão para mim.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: É, mas deu, mas parece mesmo que descreveu o que precisava.

TP: Foi a conta.

IB: Não sobrou um vintém. Mas dei graças a Deus quando minhas filhas foram.

TP: Isso porque era importante para a senhora, não é?

IB: Nossa Mãe! Virgem Maria!//

TP: Proporcionar isso para elas, não é?

IB: Quando podia arrumar as meninas eu gostava.

TP: Hum, hum.

IB: Ficava olhando da porta e graças a Deus.

CF: O que estava tendo na Boa Viagem mesmo que elas iam?

IB: Não sei se era Corpus Christi ou... eu sei que era uma coisa, uma festividade grande mesmo.

TP: //Grande//.

IB: Que os colégio todos iam.

TP: Sei. Mas então, D. Inês, a maior parte do tempo a igreja que a senhora freqüentou foi a Boa Viagem ou depois a senhora mudou de igreja? Como é que era?

IB: Não, até hoje eu sempre, quando eu posso eu vou na igreja Boa Viagem.

TP: A senhora prefere ir na Boa Viagem.

IB: Gosto, gosto. Na igreja de Lourdes.

TP: Ah, também, a senhora gosta de ir.

IB: Vou, buscar água benta...da gruta.

TP: Hum, hum.

IB: Eu gosto.

TP: Agora, a igreja do Carlos Prates mesmo a senhora não freqüentou?

IB: Não, freqüentava também.

TP: Freqüentava também.

IB: De vez em quando vou aí em cima [...]

TP: E a senhora gosta especialmente de ir à missa ou a senhora vai rezar independente da missa?

IB: Não, também independente, mas vou à missa. Hoje também já fui na igreja São José.

TP: Sei.

IB: Primeira sexta-feira do mês.

TP: E nessa época que a senhora ia na Boa Viagem, foi então nos primeiros anos que a senhora chegou em Belo Horizonte, a senhora já ia à Boa Viagem.

IB: Não, primeiros anos o que, uai! Pois as meninas já estavam grandinhas, a Isaura estava no colégio.

TP: Mas foi a primeira igreja que a senhora começou a freqüentar.

IB: Ah, bom. Não, não

TP: Não?

IB: A primeira não.

TP: Não?

IB: A primeira não, porque a primeira pode ser São José, não é?

TP: Hum.

IB: Que era mais próximo, não é?

TP: E esse caminho da sua casa, do Carlos Prates até o Centro, a senhora já nos disse que muitas vezes a senhora ia, por exemplo, para a Casa de Itália, a senhora atravessava com as meninas a linha a pé.

IB: É, é isso mesmo.

TP: E mesmo quando a senhora ia/

IB: Eu subia a Tupis.

TP: Subia a Tupis. Mesmo quando a senhora ia à Boa Viagem a senhora costumava ir a pé.
D. Inês?

IB: Ah, é, a pé.

TP: É.

IB: Fazia a novena a pé.

TP: É

IB: ·A pé.

TP: E a senhora ia sozinha ou com alguma vizinha?

IB: Não, sozinha, sempre sozinha.

TP: Hum, hum.

IB: Sempre sozinha.

TP: E essa, sempre que a senhora nos conta sobre as suas caminhadas em Belo Horizonte, a senhora andava muito a pé.

IB: É.

TP: A senhora andava a pé também porque era difícil pegar ônibus, porque era caro ou porque a senhora preferia andar?

IB: Não, não, eu gosto.

TP: A senhora gosta.

IB: Eu gosto.

TP: Agora, a senhora, com relação por exemplo à sua cidade natal, Rimini, Belo Horizonte é uma cidade muito cheia de morros, não é, D. Inês?

IB: Ah, sim, a nossa é plana.

TP: É. E a senhora sentiu muito essa diferença inicialmente?

IB: Ah, bom, isso sim.

TP: É? Reclamava.

IB: Subida eu não gosto. Aqui tem a igreja de Santa Luzia.

TP: Hum, hum.

IB: E eu vou na igreja São José.

TP: A senhora prefere ir na São José para não ter que subir o morro.

IB: É, porque essa subida é meio, quando eu chego lá em cima eu estou com meio metro de língua para fora [risos]. É porque não sei andar devagar, sabe?

TP: Hum, hum.

IB: Eu ando depressa. Cansa mais ainda, não é?

TP: Sei. Cansa mais, é claro.

IB: Cansa mais ainda.

TP: Hum, hum.

IB: De domingo eu vou aqui, porque domingo já vou nove horas da manhã, não é?

TP: Sei.

IB: Porque eu não vou de noite não.

TP: De noite a senhora não gosta de sair.

IB: Não gosto não.

TP: E a senhora nunca gostou de sair à noite ou é hoje em dia?

IB: Não, não, não. Não gosto não.

TP: Não, D. Inês?

IB: Não. Não, não tenho simpatia.

TP: Mesmo quando a senhora era mais moça?

IB: Não, não.

TP: A senhora não gostava da noite.

IB: [Balança a cabeça e nega através de sons]

TP: Estava sempre em casa.

IB: O que tinha que fazer era de dia.

TP: É? Qualquer coisa na rua a senhora resolvia de dia.

IB: //de dia//. Não gosto mesmo, é engraçado, não é?

TP: É.

IB: Tem nossa vizinha aí, uma senhora de idade também. Ela vai à noite. Ela fala: - *Ah, vamos*. Eu falo: - *Ah, eu fui de manhã, não vou de noite não*.

TP: É.

IB: *A senhora sabe que eu não vou de noite, porque não vai de manhã?* [risos] E ela já caiu, hein? Porque aqui os passeios são todos atropelados mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Um é mais alto, outro é mais baixo, outro é esburacado, outro é aquela subidinha. É fácil cair mesmo.

TP: É.

IB: E ela já caiu.

TP: D. Inês, mas seguindo um pouco aquilo que nós estávamos perguntando para a senhora sobre como a senhora acompanhou o movimento da Revolução de 30, não é? Depois de 1930 teve alguns outros momentos importantes na história do Brasil, que a senhora também estava aí e acompanhou. A senhora tinha algum interesse maior por política, D. Inês?

IB: Não.

TP: Nunca teve?... A senhora não costumava acompanhar os assuntos políticos.

IB: Não.

TP: E o seu marido também não?

IB: Não.

TP: Não se envolvia em política.

IB: Que nem eu falei da outra vez, não é?

TP: //Hum, hum//.

IB: Quem desse uma cervejinha para ele era do lado dele.

TP: Estava bom, não é? [risos] Mas a senhora se lembra, certamente, de pessoas, não é? Lideranças políticas que os brasileiros de maneira geral gostavam muito, como por exemplo o Vargas, o Getúlio Vargas, não é?

IB: É.

TP: Como é que a senhora via esses líderes? A senhora não se envolvia de jeito nenhum? A senhora tinha admiração ou não gostava?

IB: Não, eu nunca me preocupei com isso. Engraçado, não é?

TP: //Não//.

IB: Nunca, não posso dar informação nenhuma porque eu não/

TP: Claro, a senhora não se preocupava. Agora, com relação aos políticos assim, os administradores da cidade, a senhora enquanto moradora do Carlos Prates, assim, a senhora em algum momento... porque o Carlos Prates, o tempo que a senhora morou lá era um bairro que estava sendo aberto. A senhora mesmo nos disse isso, não é?

IB: //Isso mesmo, isso mesmo//.

TP: O seu marido abriu a rua, construiu algumas casas.

IB: //Isso mesmo// Nós fazíamos uma casa, fazíamos outra, outra.

TP: Hum, hum.

CF: A rua que ele abriu foi Rio Casca.

IB: Rio Casca, Rio Casca.

TP: Agora, em algum momento a senhora se viu ou o seu marido, se a senhora se lembra, se envolveu com a Prefeitura, por algum motivo assim de moradia?

IB: Eu.

TP: A senhora? Como foi, D. Inês?

IB: É porque tempo de chuva, vem muita enxurrada.

TP: Hum, hum.

IB: E aí o barranco, era lá em cima e a estrada de ferro lá embaixo, não é?

TP: Isso.

IB: Que andou desmoronando, desmoronando, até que caiu um pedaço da nossa casa. Caiu a parte da frente.

TP: Hum.

IB: Então, como que da Casa da Itália é sempre dos italianos, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Eu era muito conhecida, um dia passou lá o... prefeito Gianetti.

TP: Ah, sim.

IB: É, então ele olhou, eu estava lá em cima ele falou: - *Uai mas que isso?* Ele sabia que o meu marido era pedreiro, ainda por cima, não é?

TP: Ah, é?

IB: É.

TP: Hum.

IB: Ele falou: - *Uai!? Está morando aí?* Eu falei: - *Ah, estou, uai.* Ele falou: - *Ah, está bom. Eu vou te dar um muro para o Bruno fazer.*

TP: É mesmo?

IB: É. Bom. Aí então, [...] na Casa de Itália, tinha umas outras senhoras que gostavam de mim também, então

TP: Hum, hum.

IB: Mas acontece, que só falar... deixou escrito. A minha sorte foi essa, não é?

TP: Hum.

IB: E ele morreu mesmo no dia 7 de setembro, não é? Gianetti, não é?

TP: Ele morreu no dia 7 de setembro?

IB: Morreu no dia 7 de/

CF: Isso foi pouco depois da promessa que ele tinha feito?

IB: Isso mesmo, isso mesmo. Aí então, eu falei: - *Ah, agora sim!* Aí estava caindo mais ainda. Mas meu marido muito metido, não é?

TP: Hum.

IB: Ele dormia na frente. E eu cá, dormindo no fundo, porque no fundo estava mais seguro, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque era mais longe do barranco, não é?

TP: É, é.

IB: Eu sei que uma noite úúúúú, a varanda também caiu.

TP: Escorregou.

IB: Eu falei: - *Fica aí.*

TP: Hum.

IB: Aí ficou pior ainda, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas acontece que depois para prefeito foi o Celso Azevedo.

TP: Isto.

IB: Ele foi colega do irmão do Lauro.

TP: Hum.

IB: Daí começou, não é? E eu logo entrei na Prefeitura. Falei: - *Ah, não, Gianetti prometeu!*

TP: A senhora foi para a Prefeitura disposta a cobrar a promessa.

IB: Ah, fiquei um ano. Ia quase todo santo dia lá

TP: É mesmo?

IB: Sabia até onde é que o Celso passava.

TP: Conhecia o itinerário dele.

IB: É, o itinerário dele.

TP: Hum.

IB: Bom. Aí então, eu sei que um dia falou assim: - *Não, eu vou mandar.* Começou ir o material.

TP: Hum, hum.

IB: Assim, andaime, as tábuas, os paus, essas coisas.

TP: Sei.

IB: Nada de fazer o muro, cada vez caía mais.

TP: Hum, hum.

IB: Então eu sei que um dia eu falei: - *Ah, hoje, hoje eu vou falar mesmo no duro.* Porque se fosse o Gianetti já tinha feito o muro.

TP: Hum, hum.

CF: A senhora ia na Prefeitura com o escrito do Gianetti na mão.

IB: Não, não, não. Não tinha escrito nenhum, eu...

CF: Ah, não tinha escrito?

IB: Só bocalmente.

TP: É. [riso]

IB: Tinha deixado o escrito lá não é?

TP: Lá.

CF: Ah, Hum, hum.

IB: Então, como também o Lauro conhecia muito ele...

TP: Hum, hum.

IB: Por causa do irmão do [Antônio], não é?

TP: Isso.

IB: Eu sei que eu fiquei amissíssima deles.

TP: Hum.

IB: Um dia eu fui lá ele virou e falou para mim assim: - *Uai, mas ainda não fizeram?* Eu falei: *Não. Mas como?* Falei: - *Ah, vai lá para ver, então.... tem só os paus e andaimes. Não tem nada.* Mandou chamar o encarregado. Ele ficou com o carão desse tamanho, o encarregado. Em vez de fazer o meu ele foi fazer um outro.

TP: É mesmo?

IB: Nossa Senhora! E eu nem sei se mandaram embora, nem sei.

TP: Sei.

IB: O que eu sei que ele ficou/

TP: Porque então o encarregado estava desviando/

IB: Desviando material

FINAL DA FITA 3 - LADO A

Entrevista – fita 03 - lado B

CF: Prontinho.

IB: Pois é, eu sei que então o moço ficou mesmo branco, de preto que ele era.

TP: Hum.

IB: Ele falou: - *Uai, eu mando você fazer o serviço da D. Inês e você vai em outro? Com ordem de quem? Pode ir embora!*

TP: Hum.

IB: Então ele falou, então naquilo, eu vim para casa e falei com o Lauro. Ele falou: - *Ah, acho que eu vou amanhã, nós vamos os dois, eu vou primeiro*, eu [riso]

TP: Hum.

IB: - *Depois você vai, vê se combina de uma vez, que ele tinha falado, não é?*

TP: Hum, hum.

IB: Então quando chegou o Lauro, então combinou assim, aquele tempo ele deu 100 contos de réis. Como que Bruno era pedreiro, não é? Meu filho também era.

TP: Sei.

IB: Então deu o dinheiro para fazer o muro, que fizeram o muro.

TP: Hum, hum.

IB: Um muro alto, parece uma muralha.

TP: O dinheiro foi suficiente então para fazer/

IB: Foi, foi.

TP: Hum, hum.

IB: Foi.

TP: Mas então esse muro se deveu à sua persistência ali, um ano indo na Prefeitura.

IB: //Ah, deu. Um ano, minha filha//. Pode perguntar Isaura, Isaura sabe.

TP: E a senhora então ficou conhecida na Prefeitura durante um ano.

IB: //Nossa!//

TP: Que isso deve ter sido 1950 e poucos, não é D. Inês?

IB: Mais ou menos.

TP: Gianetti.

IB: Gianetti é.

TP: 50 e poucos, não é?

IB: Isso mesmo.

CF: D. Inês, mas com esse dinheiro fizeram só o muro ou reconstruíram a casa também?

IB: Não. A casa, assim, caiu o alpendre, não fiz mais alpendre. Não fiz mais a varanda não.

TP: Hum, hum.

IB: Ficou só assim, reta, compreendeu? Eu fiz, escada tem acho que uns 20 e tantos degraus.
Porque era muito lá em cima.

TP: A casa é alta, não é?

IB: Muito alta, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque depois abaixaram a rua, não é? Que agora é avenida Nossa Senhora de Fátima.

TP: Isto.

IB: Até uma avenida bonita, não é?

TP: É, uma avenida boa.

IB: É.

TP: D. Inês, uma grande referência para as pessoas que moravam no Carlos Prates era a linha de trem.

IB: É isso mesmo.

TP: A senhora andou nesse trem algumas vezes?

IB: Não, nesse trem não.

TP: Não?

IB: Não.

TP: Hum.

IB: Porque esse trem, acho que ia para o lado de Araxá, essas coisas, não é?

TP: É, exatamente.

IB: Mas eu ia na Central porque depois meu filho foi estudar na Fazenda do Rosário.

TP: Ah, sim.

CF: //Hum//, Fazenda do Rosário.

TP: Aí a senhora chegou a pegar o trem algumas vezes.

IB: //A Ibitiré, com a Central//, não é?

TP: Hum, hum.

CF: D. Inês, a senhora mudou para o Carlos Prates em que ano?

IB: Mudei em Carlos Prates, quer ver... eu cheguei em 23, na 2ª vez, não é?... Em 23, 24. É, essa temporada mesmo, de 24.

TP: Foi, não é?

CF: Então a senhora ficou muito pouco tempo na Lagoinha.

IB: Ah, lá na Lagoinha foi a primeira vez, não é?

CF: Ah, sim, foi antes/

IB: Foi de 21 a 23.

CF: Hum, hum. Depois que a senhora voltou da Itália a senhora foi direto para o Carlos Prates.

IB: //Que fui para a Itália. Isso//.

CF: D. Inês, nesse tempo, nesses primeiros anos, nessa década de 20, e nessa década de 30, a senhora se lembra bem da Praça da Estação? A Praça da Estação era um ponto de referência, um dos pontos mais importantes da cidade, ou não?

IB: Ah, eu acho que naquele tempo não era não. Acho que nem nunca foi... que eu não tomava trem.

TP: É? Para a senhora não era, não é?

IB: Eu não passeava para aqueles lugares.

TP: Hum, hum.

IB: E meu caminho era atravessar a linha de trem, era para o colégio.

TP: É, a senhora tem nos contado isso, não é? Que a senhora na verdade, o trecho da cidade ou a parte da cidade que a senhora conhecia e transitava era do Carlos Prates para o Centro.

IB: É isso mesmo.

TP: E o Centro/

IB: Sempre do lado de cima, não é?

TP: Isso. E o Centro para a senhora era basicamente a região ali da Casa de Itália, o Barro Preto/

IB: É isso mesmo.

TP: E, até agora, a senhora está nos contando que até a igreja da Boa Viagem a senhora costumava ir.

IB: Pois é, [...] Barro Preto mesmo, não é?

TP: Por cima, não é?

IB: Rua Guajajaras a vida toda, não é?

TP: Hum, hum.

CF: D. Inês, mas as festas na cidade, os desfiles militares, as paradas, comícios públicos, eram normalmente onde?. Nessa década de 20, 30.

IB: //Ah, eu...//

TP: A senhora não costumava freqüentar. E a senhora nos disse, nesse período aí, até os anos 30, que a sua situação financeira estava boa.

IB: Até 30 estava.

TP: Que o senhor Bruno estava ganhando dinheiro. Nessa época a senhora, quando fazia compras, a senhora fazia compras de vestimenta, alguma coisa para casa. Aonde que a senhora ia? A senhora ia ao Centro também?

IB: Eu ia sim, porque eu trabalhava lá na rua Tamoios, que eu era calceira de lá eu quase comprava tudo lá

TP: Mas nessa época a senhora já trabalhava? Não, não é?

IB: Até 30 não.

TP: Não, não é?

IB: Comecei em 33 a trabalhar.

TP: Certo.

IB: 33 comecei.

TP: E a senhora, em algum momento da sua vida, chegou a freqüentar ali a rua da Bahia, que era uma rua de um comércio fino?

IB: Bom, na rua da Bahia eu sempre ia, que a Isaura estudava no Colégio Imaculada, não é?

TP: Isto.

IB: Ia assim, para as missas, alguma reunião, alguma coisa.

TP: Do colégio.

IB: Mas sempre do lado de cima. Lá do lado do Barro Preto, não é?

TP: Sei. E a rua da Bahia, os moradores mais antigos da cidade contam que teve uma época em que ela tinha, alguns estabelecimentos muito importantes, confeitarias, casas de moda, de chapéus. A senhora não freqüentava.

IB: [A entrevistada balança negativamente a cabeça].

TP: Bom, então agora acho que nós podemos conversar um pouquinho sobre um assunto, nós vamos sair um pouquinho desse, mas na verdade a gente estava sentindo um pouco de falta de voltar a um tema que a senhora já nos falou nas outras entrevistas, mas que nós achamos que podemos conversar um pouco mais sobre ele, que são as suas viagens de ida e volta para a Itália. A senhora já nos contou a primeira, não é?

IB: Hum, hum.

TP: Quando a senhora veio pela primeira vez, depois a senhora nos contou/

IB: Foi em 50, não é? O ano santo.

TP: Isto, mas antes dessa a senhora veio em 21, depois a senhora voltou, veio em 23.

IB: Isso mesmo, isso mesmo. De 23 fiquei até 50.

TP: Isso, aí a próxima foi só em 50.

IB: Só em 50, o ano santo.

TP: Hum, hum.

CF: Que ano santo?

IB: 1950, uai. O ano santo na Itália.

CF: Por que?

IB: Teve também 75, também, uai... É, em Itália.

CF: Em homenagem a algum santo especial?

TP: A senhora foi por, a senhora escolheu ir em 50 exatamente para essas festividades?

IB: Não, minha cunhada ia, com o meu cunhado, então eu aproveitei.

TP: Hum.

IB: Acompanhei e fui em 50.

TP: Então conta para nós um pouquinho dessa viagem. Essa cunhada que a senhora está falando, o cunhado é irmão do senhor Bruno.

IB: É, ele era.

TP: O irmão do Bruno. E a sua cunhada era italiana também?

IB: Italiana.

TP: Também.

IB: Filha de italianos, nascida aqui.

TP: Ah, já nascida no Brasil.

IB: Já nascida no Brasil.

TP: E eles resolveram ir à Itália, então, em 50/

IB: Em 50, então/

TP: A senhora também resolveu ir junto.

IB: Isso mesmo. E eu tinha comprado um terreno lá na Ressaca.

TP: Hum.

IB: Esses terrenos que paga mensal, não sabe?

TP: Sei.

IB: Da Comiteco.

TP: Ah, sei.

IB: Isso mesmo. Então eu vendi para um vizinho da minha cunhada, o Dr. Odilon.

TP: Hum.

IB: Que ainda mora na rua Platina. E com isso eu...

TP: A senhora conseguiu o dinheiro para fazer a viagem.

IB: //Dinheiro//, foi 3.000 réis. Foi ida e volta.

TP: É?

IB: Não falei para a senhora que eu tinha vendido a máquina?

TP: Isso.

IB: Para papeladas. Pois é. Foi nessa temporada mesmo.

TP: Hum.

IB: Que com a máquina, eu arrumei os papéis, passaporte, tudo. Tudo leva dinheiro, não é?

TP: É claro.

IB: Então vendi a máquina, fiz isso e a passagem foi com os 3.000 réis que eu vendi o meu terreno.

TP: D. Inês, e essa viagem a senhora decidiu fazer sozinha, a senhora não tinha voltado à Itália desde 23. E a senhora não conversou com o senhor Bruno, em termos de, não tinha perspectiva dele ir junto. A senhora resolveu ir por sua conta.

IB: //Não//. É isso mesmo.

TP: E aí a senhora foi conseguir o dinheiro para a passagem.

IB: É isso mesmo.

TP: Hum, hum.

TP: E nessas alturas/

IB: Agora, as meninas,

TP: Hum.

IB: As maiores, a Bruninha, essa Bruna, ficou com a Isaura.

TP: Hum. Que já era casada?

IB: Já, já era casada.

TP: Hum, hum.

IB: Que tinha casado também, aquela que mora no Rio, não é? Então a Bruna ficou com essa.

TP: Hum, hum.

IB: Não, a Bruna ficou com a Isaura, com a Isaura.

TP: Sei.

IB: E a outra, Mariluz, a caçula, ficou no Rio com a outra que tinha casado em junho.

TP: Ah, sim.

IB: Que ela casou em junho, 17 de junho.

TP: Hum, hum.

IB: E eu, nós fomos para a Itália em setembro.

TP: Agora uma coisinha antes disso. A senhora disse que conseguiu o dinheiro com a venda do terreno que a senhora tinha comprado. Como é que a senhora comprou esse terreno? Com o dinheiro do seu trabalho.

IB: É, isso mesmo.

TP: A prestação.

IB: A prestação

TP: E a senhora decidiu a compra desse terreno foi, a senhora ouviu falar que estava vendendo ou alguém indicou para a senhora?

IB: Não, não. Aquele tempo tinha os moços que iam nas portas mesmo.

TP: Os corretores.

IB: // [...] // Até que pagava muito pouco, também aquele tempo também era pouco dinheiro, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas então eu tinha comprado 800 metros quadrados.

TP: Hum.

IB: Um terreno que na planta estava a praça 19 de julho.

TP: Sei.

IB: Eu ainda não fui lá, diz que está muito bonito lá.

TP: O lugar onde era.

CF: Eu conheço.

IB: Então, valeu, para mim valeu.

TP: Foi o primeiro negócio que a senhora fez com o seu dinheiro próprio?

IB: É isso mesmo.

TP: Foi? E como é que foi para a senhora vender esse terreno? Qual foi o sentimento que a senhora teve na época?

IB: Ah, nenhum, porque estava doida para ir para a Itália. [Risos] O pior que tinha que assinar, não é?

TP: Hum.

IB: Sem maior dificuldade. No mesmo dia... ele assinou e eu entreguei para o moço, ele me deu o dinheiro, eu fui embora.

TP: Hum, hum.

CF: A senhora teve que anunciar o terreno ou a senhora conversou e achou alguém interessado logo?

IB: Não, que a minha cunhada era, também ela queria que eu fosse para a Itália, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque ela não conhecia nada lá não é?

TP: Sei.

IB: Era interesse para ela também. Era vizinha desse médico, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então aí, conversou e ficou com o terreno.

CF: D. Bruna do céu !

[Entra no quarto a filha da entrevistada, trazendo um lanche]

TP: Mas veja bem, então a senhora vendeu o terreno e com o dinheiro a senhora, foi a conta da passagem ida e volta, não é?

IB: Ah, foi, não sobrou nada não.

TP: Não sobrou nada. Mas a senhora tinha feito umas, a senhora tinha umas economias para alguma despesa que a senhora tivesse que fazer lá?

IB: Não, lá [...].

TP: Lá a senhora não se preocupava, não é?

IB: Lá não precisava nada.

TP: Porque tinha os seus irmãos.

IB: É isso mesmo.

TP: E nessa época a sua mãe era viva ainda.

IB: Sim.

TP: Ah...

IB: Justamente, eu fui mais porque ela também queria, ela estava doente.

TP: Hum, hum.

IB: Queria que os filhos fossem. A minha irmã tinha chegado em 47, não é? Quer dizer, era recém-chegada, era mais difícil, não é? Meu irmão/

TP: Sua irmã tinha chegado, sua irmã que morava aqui? Não.

IB: Não, da Itália ela chegou em 1947.

TP: Veio aqui ao Brasil.

IB: Veio. Está no Brasil até hoje.

TP: Ah! Foi a que ficou.

IB: Ficou.

TP: Ah, então a senhora podia contar para a gente essa história. Essa sua irmã que veio em 47, a senhora tinha deixado ela na Itália, quando veio em 23 e não tinha mais encontrado com ela.

IB: Quando em 23 ela nasceu.

TP: Ah, ela nasceu em 23.

IB: Eu sou madrinha dela, até.

TP: Ah, muito bem.

IB: Quer dizer que ela veio aqui ela não me conhecia.

TP: É, isso que eu ia falar.

IB: //Só pelas fotos, não é?//

TP: A senhora não tinha nenhuma convivência com ela.

IB: Nenhuma.

TP: E porque que ela veio para o Brasil, D. Inês?

IB: Ah, porque o marido dela é, era, porque já faleceu agora, há pouco tempo.

TP: Hum, hum.

IB: Ele era polaco.

TP: Sim.

IB: Ele desertou-se na guerra de 40 e...

TP: Na Segunda Guerra.

IB: Na Guerra, não é? Ele foi para a Inglaterra.

TP: Hum.

IB: Ele guerreou pela Inglaterra lá.

TP: Sim.

IB: A favor deles lá, não é?

TP: Sei.

IB: Quando acabou a Guerra, ele na pátria dele ele não podia ir, porque ele era um desertor, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então, podia vir ou para o Brasil

TP: Sim.

IB: Ou acho que Argentina ele poderia ter ido. E como aqui no Brasil estava eu cá, não é? Preferiu vir para cá, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Agora ela, graças a Deus, ficou viúva e não tem filho.

TP: Ah, não.

IB: Não. Não tem filho, está bem, deixou ela bem mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu tinha um irmão também.

TP: Que também veio.

IB: Ele veio em 1900 e... ele tinha 16 anos, ele é de 10...

TP: Ele veio em 26.

IB: 26.

TP: Pouco depois que a senhora.

IB: É.

TP: E veio por causa da senhora também?

IB: Também.

TP: Mas esse era o seu irmão que era muito seu amigo lá na Itália?

IB: //Não.//

TP: Não, é outro irmão.

IB: Esse daqui é mais novo, 10 anos mais novo do que eu.

TP: Ah, sim.

IB: Aquele que era meu amigo mesmo já veio 3, umas 5 vezes aqui.

TP: Sim, mas ele nunca se mudou para cá, ele sempre/

IB: Não, ele teve um ano aqui comigo.

TP: É?

IB: Teve. Mas ele queria só vir, ele...

TP: Sei.

IB: Gostava mas gostava mais de lá não é?

TP: Hum, hum. Então, quando a senhora se decidiu por essa viagem, em 1950, tinha já uns tantos anos que a senhora não via sua mãe, não é?

IB: Ah é, 26 anos.

TP: E me diz uma coisa, D. Inês, a senhora nos disse que o seu pai faleceu nos anos 30.

IB: 35.

TP: 35. Como é que foi para a senhora? Nós vamos reviver uma coisa triste, certamente, mas talvez fosse interessante a senhora nos contar um pouco como é que foi para a senhora sentir a perda do pai.

IB: Ah, mas eu soube muito depois.

TP: Ah, é? A senhora não soube/

IB: Muito depois, porque em 1935.

TP: Hum.

IB: No dia 5 de dezembro a minha filha nasceu.

TP: Sim.

IB: 5 de dezembro.

TP: Hum, hum.

IB: E o meu pai morreu 24 de dezembro.

TP: Alguns dias depois.

IB: Pois é, na véspera de Natal, não é?

TP: Hum, hum.

IB: E ele, quando morreu, ainda falou o meu nome.

TP: É?

IB: É. Minha mãe escreveu uma carta falando: - *Morreu te chamando.*

TP: Sei.

IB: Até pensei que eu fosse embora também.

TP: Hum.

IB: Mas estou aqui. Engraçado, não é?

TP: //Hum-hum//. É. Mas a senhora soube muito tempo depois.

IB: Ah, isso, pois é. Como que eu tinha tido a criança, aquele tempo dava importância nos partos, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Era 40 dias, um mês, não é?

TP: É.

IB: Aquela coisa toda. Eu vim saber sabe quando?

TP: Quando?

IB: Dia 20 de março.

TP: 3 meses/

IB: Do ano seguinte.

TP: 4 meses depois.

IB: Nossa Senhora!

TP: Foi muito terrível para a senhora.

IB: Nó, pelo amor de Deus!

TP: E como que a senhora soube, D. Inês? Quem contou para a senhora?

IB: A minha mãe me escreveu.

TP: Uma carta da sua mãe.

IB: É, porque não dava, não é? Porque vinha carta não falava nada do meu pai!

TP: Hum, hum.

IB: Então eu dei o alarme, não é? Mas nunca pensei que o meu pai tivesse morrido.

TP: Foi um susto muito grande?

IB: Nossa Senhora! É engraçado que não é que ele tivesse doente não.

TP: Ele morreu com que idade, D. Inês?

IB: Ele morreu com 61 anos.

TP: Muito novo.

IB: Novo. Ele tinha um medo de morrer, minha filha.

TP: Hum, hum.

IB: Se tinha uma dorzinha de barriga, todos filhos tinham que ficar perto dele.

TP: Sei.

IB: Eu estou ruim, meus filhos. Vou morrer.

TP: Hum.

IB: Ele fazia assim mesmo, com as mãos.

[Gesto amplo de mãos, imitando o pai] [risos]

De tanto medo que ele tinha.

TP: E ele morreu de quê, D. Inês? Foi uma morte repentina?

IB: Ah, sei lá.

TP: A senhora nem nunca soube, muito bem.

IB: Não. Me parece que foi negócio de enfarte, não é?

TP: Do coração.

IB: Porque ele estava bem, tanto é que ele era muito guloso.

TP: Sei.

IB: Na véspera de Natal faz muito doce mas ninguém come.

TP: Hum.

IB: É só no dia de Natal. Mas ele, escondido ele comia.

TP: É, não é? [riso]

IB: Então na véspera de Natal mesmo.

TP: Hum.

IB: Ele conseguiu comer doce.

TP: Sei.

IB: E quando foi de noite morreu.

TP: Hum, hum.

IB: Agora, mas outra mais bonita ainda.

TP: Hum.

IB: Que justamente enquanto lá eles choravam que o meu pai estava na mesa, e eu chorava em casa com minha filha, que eu falo que nasceu em 35.

TP: Hum, hum, hum.

IB: No colo, mas não tinha nada o que comer.

TP: Hum, hum.

IB: Agora, você veja só como são as coisas. Eu só reclamava: - *Pois é, lá em casa tanta coisa, meu Deus do céu.*

TP: Hum, hum.

IB: *E aqui meus filhos não têm nada.* Falava só isso. A minha comadre, uma fazendeira, ela tinha me dado um galo para fazer uma sopa.

TP: //Hum.// Sei.

IB: Era aquilo que era a festa nossa.

TP: Festa de Natal.

IB: E meu marido tinha ido fora com os amigos.

TP: Hum, hum.

IB: Com a mulherada toda.

TP: Hum, hum.

IB: Ficou uns 8 dias fora.

TP: Nesse ano?

IB: Nesse ano.

TP: Hum, hum.

IB: Quer dizer, que mesmo, parece que a gente tem um ímã, não é? Que pega.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu chorei, meu Deus, que não era brincadeira.

TP: E a senhora, quando recebeu a carta da sua mãe, a senhora teve muita vontade de ir estar com ela ou a senhora nem pensou nisso porque não podia mesmo?

IB: Nem pensei.

TP: Nem pensou, não tinha nenhuma condição.

IB: //[com uma dispensa muito] pequena, não é?//

TP: Hum, hum. Mas de lá para cá, então, a senhora foi alimentando aquela vontade de retornar.

IB: Depois disso...

TP: Hum.

IB: Eu já não tive mais medo do meu marido não.

TP: É? Depois da perda do seu pai.

IB: Da morte do meu pai.

TP: É, D. Inês?

IB: É engraçado mesmo.

TP: A senhora se tomou de coragem mesmo.

IB: Eu não sei como é. Não, eu tinha, em toda vida tive medo de briga. Não gosto mesmo.

TP: Sei.

IB: Eu nunca briguei com ninguém, nem para filho, para ninguém mesmo, graças a Deus.

TP: Hum, hum.

IB: Onde que eu vou, vou de cabeça erguida.

TP: Hum, hum.

IB: Mas... agora, eu com meu pai, quando o meu pai morreu, daí uns dias eu não tinha mais medo do meu marido não.

TP: É, não é?

IB: Não tinha mesmo não. Parece que o meu pai me deu força, não é?

TP: Hum, hum.

IB: [...] [riso] Não é?...

TP: Aí a senhora se encheu de coragem.

IB: É, agora o que que eu vou fazer? Não tem mais meu pai, não é?

TP: Hum, hum. Isso.

CF: D. Inês, mas esse irmão da senhora que veio em 26, não é?

TP: É.

CF: Ele veio para fazer o que no Brasil?

IB: Ele veio para trabalhar aqui. E ele, ele era estudante, tanto que é que ele... Como se estudasse assim no SENAC, sabe?

TP: Hum.

IB: Estudava e aprendia ofício.

TP: Sei.

IB: Que ele era marceneiro.

TP: Sei.

IB: Tinha 16 para 17 anos. Quando ele veio aqui. 17. Eu só sei que ele estava num negócio de esgrima, sabe? Esgrima?

CF: Hum, hum. Sei.

IB: Ele ganhou medalha de ouro do príncipe, príncipe Humberto de Savóia.

TP: É mesmo?

IB: É.

TP: Lá na Itália?

IB: Na Itália.

TP: Olha, que beleza!

IB: Hoje ele está um caco. [riso] Eu fico boba, meu Deus do céu... Meu irmão está um caco, faz até dó.

TP: É?

IB: Faz até dó...

TP: É.

IB: É o único que mais me procura.

TP: É o que tem mais convivência com a senhora?

IB: //Nossa Senhora!//... Nossa, tem uma história... É o tal caso. Eu também não posso sair todo dia, que mora lá na Abadia.

TP: Hum.

IB: É longe, não é?

TP: É longe da senhora, é.

IB: Para mim também é muito longe.

TP: Hum, hum.

CF: Por que ele resolveu deixar a Itália? Ele queria tentar vida nova?

IB: Ah, porque eu estava bem aqui, não é? Achava que ele também ia ficar bem.

TP: Hum, hum.

IB: Em vez disso, não, com 18 anos ele já tinha um filho.

TP: Ele veio com família, então?

IB: Não, não, não, aqui, não é?

TP: Ah, sim.

IB: Arranjou uma mocinha, até muito boazinha. Até hoje eu gosto muito dela.

TP: Hum, hum.

IB: Não reclamo nada mesmo. Mas ele era muito novo demais, não é gente de Deus?

TP: É, muito jovem.

IB: Meu Deus do céu.... Eu só sei que agora está lá. Só teve 3 filhos, todos bem, os filhos estão todos bem.

TP: Hum, hum.

IB: Mas ele está um caco.

TP: É!?... Ele também fez as bandalheiras dele também, não é? Agora ó... está lá.

CF: Mas D. Inês, em 50 a senhora ficou quanto tempo na Itália?

IB: 1 ano.

CF: 1 ano.

IB: Todas vezes eu ficava um ano.

TP: Ah, a senhora ficou o ano inteiro, D. Inês?

IB: O ano inteiro.

TP: Mas tranqüila porque tinha deixado os filhos aqui/

IB: Ah, isso é, porque as duas menores, uma estava com a Isaura, a outra estava no Rio com a outra, não é?

TP: Então a senhora não teve preocupação.

IB: É.

CF: E os maiores ficaram sozinhos.

IB: Pois é, tinha os 2 rapazes... rapazes não, que eram meninos, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Que um é de 30. Ah, 30 tinha 20 anos.

TP: É.

IB: O outro de 33, tinha 17. Eram rapazes mesmo.

TP: Já eram rapazes sim.

IB: E... estava o Bruno. O Bruno não judiava não.

TP: Ficaram com ele então, os rapazes?

IB: Isso, isso, é.

TP: E a senhora passou um ano lá com a sua mãe.

IB: //Um ano.// Todas as vezes que eu ia lá, mesmo depois... Só agora, porque vai com os outros, não é?

TP: É.

IB: Dessa vez fui com 7.

TP: Hum, hum.

IB: Não é possível que fossem ficar um ano, não é? [risos]

TP: Mas como é que foi esse sentimento para a senhora, dessa vez que a senhora foi em 50. E a senhora ficou um ano, um ano a gente se acostuma de novo com a vida, não é?

IB: Ah, é.

TP: Que a senhora tinha antes. Como é que foi retornar para o Brasil para a senhora?

IB: Não, mas eu fiquei satisfeita, não é?

TP: Hum.

IB: Porque eu vi minha mãe... Agora, o meu irmão, ele ia junto comigo.

TP: Hum, hum.

IB: Mas como ele tinha aqui os negócios meio atrapalhados, queria arrumar primeiro os negócios.

TP: Hum, hum.

IB: E ele, quando ele foi, acontece que perguntou ao porteiro se a senhora Berlini estava, ele falou: - *A senhora Berlini?*

TP: Hum.

IB: Ela foi enterrada antes de ontem. Aí ele desmaiou. Não chegou a tempo de ver minha mãe não.

TP: É mesmo? Ele chegou 2 dias depois.

IB: 2 dias.

TP: Ela estava doente? Ele sabia da doença dela?

IB: Estava. Pois é, não deu tempo de/

TP: Ela faleceu quando, D. Inês?

IB: Hein?

TP: Ela faleceu quando, a sua mãe?

IB: 57.

TP: 57.

IB: Dia 9 de fevereiro de 1957.

TP: E a senhora a tinha visto em 50, depois a senhora não viu mais.

IB: Não, não.

TP: E depois dessa viagem de 1950, quando foi que a senhora voltou à Itália?

IB: Voltei em 66.

TP: 66. Aí a sua mãe já tinha falecido, a senhora ficou com os irmãos, lá?

IB: Foi. Foi eu com minha irmã, também foi. Dessa vez ela foi.

TP: Ah! Ela foi com a senhora.

IB: Foi. Aliás, eu fui com ela.

TP: Hum, hum.

IB: Porque ela estava doente, ela tinha essa doença ruim, então queria ir para a Itália, queria ir para a Itália, queria ir para a Itália. Acontece que lá ela ficou boa, minha filha.

TP: Hum.

IB: Veio gorda feito uma capadona.

TP: É?

IB: Só a senhora vendo.

TP: Hum.

IB: Quando chegou lá minha irmã falou assim: - *O que trouxe? Defunto?*

TP: Hum.

IB: Mas depois, lá ela recuperou, recuperou e ficou boa. Mas mesmo assim ela foi operada lá mesmo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Agora ela está boa, graças a Deus.

TP: Hum, hum.

IB: O marido faleceu faz um ano agora.

TP: Recentemente.

IB: É.

TP: E a senhora, nessas voltas à Itália, a senhora ficava em Rimini só? Ou ainda tinha tempo de passear um pouco por lá D. Inês?

IB: Não, eu ficava em Rimini.

TP: Ficava em Rimini.

IB: É, eu já fui em Roma.

TP: Hum, hum.

IB: Eu fui na França.

TP: Hum, hum.

IB: Em Lourdes, não é? E eu fui na África.

TP: Na África, D. Inês?

IB: Mas na África, vou te contar. Fui em 60, fui em 82. Depois de 66..., corri muito, não é?

TP: Hum, hum. [risos]

IB: Em 66, voltei em 71.

TP: Ah, sim.

IB: Eu fiquei viúva em 70, 71 voltei para a Itália, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Lá também fiquei um ano, também.

TP: Sei.

IB: E lá que eu fui à França.

TP: Ah, sim, dessa vez, em 71. Hum, hum.

IB: Agora, 82.

TP: Hum.

IB: Voltei outra vez. Voltei e aí que, quando nós viemos para o Brasil.

TP: Hum, hum.

IB: Era 4 horas de vôo de Roma, que nós já tínhamos percorrido.

TP: Hum, hum.

IB: Aí, tocou a trombeta, para silêncio, não é? Eu falei: - *Ah, meu Deus, deve ser seqüestro.*
[riso]

TP: A senhora levou susto, achando que era um seqüestro?

IB: Ah, eu achei.

TP: Hum.

IB: Mas fiquei dura, fiquei calada, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque estava com a minha neta, não é? Então, quando ele falou que havia... lá fala choque, aqui é greve, não é?

TP: Hum.

IB: Greve dos pilotos. Imagina, lá em cima. [risos] E que não podia seguir para o Rio de Janeiro.

TP: Hum.

IB: Tinha que ter, ou então voltasse para a Itália, não é? A gente voltou, foi para a África.

TP: Foi parar na África.

IB: Na África.

CF: Parou aonde? Em Tânger?

IB: Hein?

CF: Parou em que cidade?

IB: Ah, não, só no aeroporto.

TP: A senhora não se lembra de qual cidade.

IB: Não, não, só no aeroporto.

TP: Hum, hum.

IB: No final eu não sei, porque ficou só, nós chegamos, por exemplo, como agora e no dia seguinte já viemos embora, não é?

[ESSE "AGORA" SE REFERE A APROXIMADAMENTE 16:30 HS]

TP: Sei.

IB: Foi só uma noite.

TP: Uma noite.

IB: A tarde e a noite. Mas num hotel muito espetacular, muito bom.

TP: É?

IB: Muito bom mesmo. Falei: - Imagina só, hein? [riso]

TP: D. Inês, me conta aqui uma coisa. A senhora nos contou as primeiras 3 viagens que a senhora fez de lá para cá e vice-versa, a senhora fez de navio. A senhora nos contou que a primeira foi terrível, não é?

IB: A segunda mais ou menos.

TP: A 2ª já foi melhorzinha.

IB: E a terceira já foi melhor ainda, não é?

TP: A terceira foi no Júlio César.

IB: //Agora a terceira foi de navio//. Não, foi de avião.

TP: Ah, foi de avião?

IB: É, voltei de navio.

CF: Essa de 1950?

IB: Não, não, a terceira viagem. A terceira viagem foi em 66.

TP: 66. Aí a senhora já foi de avião.

IB: Fui de avião e voltei de navio.

TP: Essa foi a segunda viagem de avião que a senhora fez indo para a Itália? Ou não? A senhora já tinha viajado aqui dentro.

IB: //Não, não, já. Em 50.

TP: Já?

IB: Já tinha viajado. Não para a Itália, mas para o Rio.

TP: A senhora viajou de Belo Horizonte para o Rio, de avião.

IB: É. Em 54 também viajei para Poços de Caldas, também.

TP: Também de avião.

IB: De avião.

TP: Hum. E a senhora enfrentou o avião pela primeira vez sem medo, achou bom?

IB: Não tenho não, não tenho não.

TP: Não?

IB: Contanto que eu viaje. [risos] Até de carroça eu vou. [risos]

TP: Então a senhora certamente gostou do avião, que levava a senhora mais rápido, não é?

IB: É. Mas na volta assim porque me davam muita roupa.

TP: Hum, hum.

IB: Muita coisa, não é? Então eu vinha com cada baú desse tamanho, não é?

TP: Aí a senhora tinha que vir de navio.

IB: Se não eles me jogavam de lá de cima cá embaixo. [risos] Em 71 também eu fui de avião e voltei de avião.

TP: Aí já de avião. Em 82 também.

IB: É.

TP: De lá para cá, então, o avião se tornou/

IB: Aí foi um genro que me deu de presente.

TP: Sei.

IB: O marido da caçula.

TP: Hum, hum.

IB: E depois de 71, foi 82. 82 foi 85.

TP: E tirando as viagens para a Itália, as viagens que a senhora fazia no Brasil eram para o Rio. A senhora tinha parentes no Rio?

IB: A minha filha.

TP: Ah, a sua filha que morava no Rio, claro. E a senhora nos disse Poços de Caldas, a senhora foi para passeio?

IB: Não, Poços de Caldas a minha filha, essa, a caçula.

TP: Hum.

IB: Ela jogava vôlei. No Sírio, o Clube do Sírio, no Barro Preto.

TP: Sei.

IB: Então, Jogos de Primavera/

TP: Ela foi...

IB: Nós ficamos lá vinte,... 25 dias.

TP: Hum, hum. A senhora foi com ela.

IB: É, fui com ela. Demorou mais porque o tempo estava muito ruim. E não tinha avião que/

TP: Pudesse voltar.

IB: Pudesse voltar.

TP: E fora isso a senhora, aqui perto de Belo Horizonte, por exemplo, depois já que a senhora estava numa situação mais tranqüila de vida, a senhora gostava de viajar? Aqui para perto, essas cidades/

IB: Ah, eu gosto.

TP: É?

IB: Gosto.

TP: E a senhora, quando possível a senhora viajava.

IB: Viajava... Mas depois começa, casa um, casa outro.

TP: Hum.

IB: A outra tem um filho, lá vai lá, a outra tem outro, lá vai lá. Acabou... [risos]

TP: Fica ocupada com os filhos, não é?

IB: É bem que eu não assisto nenhum, não é? Eu corro léguas.

TP: É?

IB: Nossa Senhora! Pelo amor de Deus.

TP: [riso] A senhora já teve os seus, não é D. Inês?

IB: Ah, não, meu Deus do céu.

TP: Já teve muitos, não é?

IB: Eu não tenho coragem não.

TP: É, não é? E a senhora hoje tem muitos parentes morando fora de Belo Horizonte?

IB: Não.

TP: Não. A família está mais concentrada aqui.

IB: Não, tem. Meus netos tem, quer ver quantos: tenho o Sandro, tenho o Charles, da Isaura...

TP: Hum, hum.

IB: Tenho... O Carlinhos do Rio. Tem 3.

TP: Que moram fora, em São Paulo.

IB: São Paulo. Nem sei se a mulher do Charlinho teve, não é?

TP: Ela estava para ter filho.

IB: //[...]// Foi para a casa da mãe, já.

TP: Hum.

IB: Eu não sei, a Isaura não telefonou, acho que não.

TP: Hum, hum.

IB: [silêncio] Eu sei que é assim, a gente que é avó vive assim, sempre preocupado, não é?

TP: É.

IB: Com as coisas, não é?

TP: Estamos no finzinho da fita?

CF: Estamos no finzinho.

TP: É, eu acho que nós podemos interromper, melhor do que a gente/

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO, DEVIDO · PROXIMIDADE DO FIM DA FITA]

FINAL DO LADO B - FITA 3

B

Barro Preto, 18, 20, 34, 35, 57
Belo Horizonte, 8, 10, 16, 18, 22, 23, 24, 56, 57, 58
Boa Viagem, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 34
Brasil, 5, 26, 36, 40, 41, 42, 48, 51, 54, 57
Bruno, 15, 27, 31, 34, 36, 37, 50

C

Carlos Prates, 5, 9, 10, 11, 16, 17, 18, 22, 23, 26, 32, 33,
34
Casa da Itália, 27
Casa de Itália, 18, 23
Celso Azevedo, 28

F

família, 1, 4, 11, 49, 58

G

Gianetti, 27, 28, 29, 32

I

igreja São José, 22, 24

Itália, 1, 4, 16, 18, 23, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57

italianos, 27, 36

M

Monte Calvário, 18

P

Prefeitura, 6, 27, 29, 31, 32

R

Revolução, 8, 9, 11, 13, 25

Revolução de 30, 8, 26

Rimini, 24, 53

Rio de Janeiro, 5, 7, 8, 9, 14, 20, 27, 38, 50, 54, 56, 57,
58

rua da Bahia, 35

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADORES: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA
ENTREVISTADA: INÊS BERLINI BULDRINI
LOCAL:
DATA: :12 OUTUBRO 1990

Entrevista – Fita 04 – lado A

CF: Entrevista com D. Inês Berlini, 12 de Outubro de 1990.

TP: Quem sabe nós começamos então, D. Inês, para a senhora nos contar isso que a senhora se lembrou de quando a senhora viu o cometa, não é? Em Rimini ainda, quando a senhora era meninota. A senhora podia nos contar de novo essa história, já que para a senhora ela é importante, não é? A senhora se lembrou disso.

IB: Lembrei, eu lembrei mesmo, porque eu também corri nesse prado.

TP: Hum. Mas como é que foi? Vocês tiveram notícias pelos jornais?

IB: //Isso mesmo//. Isso mesmo, pelos jornais, como aqui também, quando tem alguma coisa não fala?

TP: Hum, hum.

IB: Então, o povo andou correndo, mas o povo viu mesmo. Não foi mentira não, porque eu mesma vi.

TP: Hum, hum.

IB: Mas ela tinha uma cauda, uma coisa extraordinária, uma beleza!

TP: É, D. Inês?

IB: Nossa! Brilhava como fosse brilhante mesmo, assim/

TP: A senhora se lembra, nessa hora que a senhora foi para o prado, a senhora foi com amigos, não é? Com a turma que a senhora andava?

IB: Quase todos, é, a gente se separava porque família, não é?

TP: Hum, hum.

IB: De tanto correr, corre, corre, corre, não era muito longe da minha casa não.

TP: Sei.

IB: Mas... a gente se separou mesmo.

TP: Muita gente da cidade foi para o prado para ver.

IB: //Ah é, quase todo mundo foi//, quase todo mundo mesmo.

TP: E a senhora se lembra que, nessa hora que vocês correram para o prado, se era de noite ou se era de dia?

IB: //De noite//.

TP: De noite. Então, por isso é que foi possível ver muito claro.

IB: Mais bonito, não é?

TP: //Hum, hum//.

IB: Porque era de noite. A gente via mesmo, o cometa perfeito mesmo... tinha uma cauda enorme mesmo.

CF: E causou susto na população?

IB: Ah, é uai. Eles falaram que era o fim do mundo. [Riso]

TP: É, todo mundo tinha um pouco de receio, não é, D. Inês?

IB: Todo mundo saía de casa, porque lá não tinha arvoredo, não tinha casa, não tinha nada, não é?

TP: Hum, hum. E a senhora pessoalmente, a senhora ficou também amedrontada.

IB: Não.

TP: Não?

IB: Nunca.

TP: A senhora foi desde menina uma pessoa muito corajosa, não é D. Inês?

IB: //É, nunca//.... E eu, vira e mexe, estava sempre sozinha ou com um irmão.

TP: Hum, hum.

IB: De colo ainda, que eram muitos.

TP: Hum, hum.

IB: Naquele tempo eram todos pequenos, não é?

TP: É.

IB: Porque quando ia longe, tinha o carro, punha tudo no carro, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Já tinha colchão, tudo, não é?

TP: Sei.

IB: Que muitas vezes era de noite também, para ir longe não dava, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas, a estrela, ela não descia assim tão depressa.

TP: É?

IB: É.

TP: Hum, hum. Então, a senhora não teve medo, mas ficou muito impressionada com a experiência.

IB: //Ah,// todo mundo saía, eu não ia ficar, não é?

TP: Hum, hum.

IB: E também, nessa temporada também, depois veio o terremoto, não é?... Na nossa cidade, mesmo na nossa cidade, no mês de agosto.

TP: //Hum, hum//.

IB:... de 1918, deu, em 1916, deu 18 vezes.

TP: Terremoto?

IB: Num dia.

TP: É mesmo?

IB: Num dia. Mas não era esse... grande assim, de amedrontar mesmo.

TP: Sei.

IB: Dentro de casa não podia ficar, porque se tivesse garrafa, qualquer coisa, tudo caía.

TP: Caía.

IB: Mas deu 18 vezes. Mas não deu muito prejuízo.

TP: Sei, porque foi leve.

IB: Foi leve. Só tremia, caía as coisas, não é?

TP: Mas de qualquer maneira era uma coisa/

IB: Dormiu tudo do lado de fora. [Foi justamente] a temporada que minha irmã faleceu.

TP: Hum.

IB: Que já estava nas casinhas de madeira do lado de fora.

TP: Como é que é a história?

IB: Quando a minha irmã faleceu.

TP: Hum.

IB: Acho que já deve ter...

TP: A sua irmã que era noiva do outro Bruno.

IB: Isso mesmo.

TP: Hum.

IB: Quando ela faleceu no hospital. Quando ela vinha de Bolonha para Rimini.

TP: Hum.

IB: Ela ficou doente mas ficou do lado de fora da casa.

TP: Porque era uma doença contagiosa.

IB: Não, não, não, terremoto.

CF: Por causa dos terremotos.

TP: Ah, sim.

IB: Terremoto.

TP: Que não podia ficar em casa por causa do perigo.

IB: Meu pai mandou fazer as casinhas.

TP: Ah, sim.

IB: [...]

TP: Hum, hum.

IB: E ficava tudo essas casinhas de madeira do lado de fora, não é?

TP: Sei.

IB: A gente dormia 3, 4 cada casinha. Assim como na praia que faz essas casinhas.

TP: Sei.

IB: Para vestiário, não é?

TP: É. Tipo um acampamento, assim provisório.

IB: //É a mesma coisa. É isso mesmo//.

TP: Hum, muito bem.

CF: Mas essa... D. Inês, a senhora falou das casinhas de vestiário na praia, essas casinhas existem só na Itália, no Brasil elas não existem não. Essas casinhas pequenininhas de madeira, não é?

IB: Ah, isso mesmo.

CF: Na Itália é que tem, aqui não tem não.

TP: É.

IB:... Porque todos hotéis tem os seus pedaços.

CF: Hum, hum.

IB: E todas as suas casinhas numeradas, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Quer dizer que os clientes deles trocam de roupa, guardam as suas bolsas, as suas coisas, não é?

TP: Exato.

IB: É tudo com chave e coloca lá numa tábua que tem os números, não é?

TP: Por falar nisso, D. Inês, uma primeira vez que nós conversamos, a senhora nos contou que quando pequena em Rimini não era hábito as pessoas irem à praia para se banhar, não é?

IB: Ah, não.

TP: E a senhora mesma não costumava ir a não ser para passear com os amigos, não é? Com a sua turma. Uma questão que eu queria perguntar à senhora, é exatamente se depois, mais tarde, já no Brasil, - a senhora morou no Rio, não é -? Algum tempo.

IB: //Morei//.

TP: É, a senhora passou a freqüentar a praia como banhista mesmo, em algum momento?

IB: Aqui no Rio?

TP: É.

IB: Não.

TP: Também não.

IB: Como banhista não. A gente ia de roupa e deixava secar e voltava, não é?

TP: Sei, mas a senhora entrava no mar, se banhava.

IB: Ah, isso é, eu entro até hoje.

TP: A senhora gosta.

IB: Gosto.

CF: Mas em Rimini a senhora não entrava na água.

IB: Entrava.

TP: Entrava.

IB: Não entrava no vinho mas na água eu entrava [Risos].

TP: Então a diferença que a senhora faz entre o banhista, o banhista é aquele que põe trajes de banho mesmo e vai para a praia, para tomar sol, para/

IB: Banhistas são esses que vão no hotel, não é?

TP: Ah, que ficam como veranistas.

IB: Veranistas. Isso, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas banhista quase, eu toda vida fui.

TP: Senhora sempre gostou de entrar no mar.

IB: Agora, ultimamente, como é que meu irmão tinha...

TP: Um hotel na praia.

IB: Hotel, como tem até hoje os meus sobrinhos, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Isso é, dá na mesma.

TP: Aí, quando a senhora vai para a Itália agora, a senhora vai como veranista.

IB: Vou.

TP: Ah, muito bem. [Risos]

CF: D. Inês, a senhora tinha nos dito que eram os alemães que gostavam mais da praia, de nadar.

IB: À noite, à noite.

CF: À noite, os alemães gostavam de nadar/

IB: 11 horas, meia-noite eles iam, mas tudo da Áustria, principalmente.

CF: Gostavam de nadar à noite, então.

IB: À noite.

TP: Hum, hum... E a senhora até hoje gosta de passear no mar.

IB: //Gosto//, eu gosto. Qualquer lugar que tem água eu entro.

TP: É?

IB: No sítio do Barbosa.

TP: Hum.

IB: Tem uma cascata, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Eu também lá eu também já entrei.

TP: É, D. Inês?

IB: Agora, sabia? Domingo eles foram lá eu não fui não. Não estava passando muito bem.

TP: Sei.

IB: Ah, não vou. Para que? Não há necessidade, não é?

TP: A senhora não se animou.

IB: Nem de maiô eu fui, é de roupa mesmo.

TP: Sei. Hum, hum.

IB: Mas eu entro.

TP:... Corajosa, não é D. Inês?

IB: Ah, nós íamos muito também a Guarapari. Meu genro tinha casa lá

TP: Hum, hum.

IB: Nós íamos muito mesmo.

TP: É?

IB: Muito. Eu gosto muito da praia de Guarapari.

TP: Hum, hum. Com relação a viagens, a senhora já nos contou que desde menina a senhora sempre gostou muito de viajar. Mas, depois que a senhora veio para o Brasil, para o Brasil/

IB: Depois de velha mais ainda.

TP: Nos primeiros anos a senhora não tinha muita condição de viajar. Nos primeiros 10 anos que a senhora passou aqui, que a senhora já nos disse que foi um momento bom da sua vida.

IB: //Isso mesmo//.

TP: A senhora viajava nessa época?

IB: Até 1930 foi bom.

TP: Hum, hum

IB: Depois avacalhou tudo.

TP: E até 1930, nesses anos aí, a senhora chegou a fazer alguma viagem aqui no Brasil com o seu marido, D. Inês?

IB: Não.

TP: Não.

IB: Não.

TP: Não tiveram condições para isso. E também a senhora estava tendo os filhos, não é?

IB: Tinha condição mas eu tinha muito filho, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Aquele tempo eu tinha muito filho.

TP: É. É, quer dizer, nós estamos falando em condição/

IB: //[...]// 1930, quando teve aquela rebordosa com meu marido, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Que eu fui para o Rio depois. Lá tinha, essa que faleceu tinha ama.

TP: Hum, hum.

IB: O meu filho, que teve que voltar porque não se deu, tinha ama-de-leite.

TP: Hum, hum.

IB: Quer dizer, a gente podia, não é?

TP: É.

IB: Se não pudesse não tinha isso, não é?

TP: Claro.

IB: E tinha empregada ainda, que ela foi e voltou comigo.

TP: Hum, hum.

IB: Mas depois começou a roda a ir para trás, sabe? Para voltar ela dispara, hein?

TP: Hum, hum. [Riso]

IB: Vai num instante, como foi num instante.

TP: Num instante, não é?

IB: Num instante.

TP: Mas por falar nisso então, já que nós voltamos um pouquinho, D. Inês.

IB: É.

TP: A gente queria saber um pouco hoje da senhora, como é que foi pessoalmente para a senhora ter tido tantos filhos no Brasil. Eu vou explicar melhor. A senhora podia nos contar um pouco, a senhora já disse isso algumas vezes, mas a senhora podia nos contar com relação aos filhos, não é?

IB: Hum.

TP: A senhora nos disse que teve 18 partos, não é?

IB: 18, 18.

TP: Mas que só...

IB: 12, 12.

TP: 12 filhos sobreviveram, não é?

IB: Isso mesmo.

TP: Mas a senhora seria capaz de se lembrar esses 18 partos, porque a senhora nos contou o seguinte: até 1930 a senhora teve 6 filhos.

IB: Isso mesmo.

TP: E esses 6 sobreviveram, viveram.

IB: Eu tive fora de tempo também, até 1930.

TP: Nesse intervalo a senhora teve também.

IB: 28 eu tive.

TP: Ah!

IB: 30 eu tive.

TP: Ah, sim. Então esses filhos que a senhora não chegou a ter, a senhora perdeu durante a gravidez ainda?

IB: Isso, é.

TP: Foram, foram...

IB: Não foram muito adiante, de 3 meses, 2 meses.

TP: Ah, sim.

IB: Assim.

TP: Hum, hum.

IB: Assim, num ano eu tive essa que faleceu e tive 4 fora do tempo.

TP: No mesmo ano.

IB: No mesmo ano. No mesmo ano... foi 1928.

TP: 28... E aí a senhora podia nos contar um pouco como é que era ter filho no Brasil nessa época, os seus primeiros filhos, por exemplo. A senhora teve em casa?

IB: Ah, tudo em casa.

TP: Tudo em casa.

IB: Tudo em casa.

TP: Com parteira?

IB: É.

TP: E quem era a parteira?

IB: Bom, a primeira foi uma senhora assim de muita idade até, ela chamava D. Rosa.

TP: Hum.

IB: Da Isaura.

TP: Sei.

IB: Que ela nasceu na rua Diamantina.

TP: Hum, hum.

IB: A Isaura, não é? Passei muito mal. O primeiro filho, longe de todo mundo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas, agora, a segunda, que é a Ladi...

TP: Hum.

IB: Foi na rua do Serro.

TP: Do Serro?

IB: É, na Lagoinha.

TP: Ah!

IB: Aquela foi uma D. Maria, que morava na rua Indaiá. Justamente a que nós fizemos casa também, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Uma parteira muito boa mesmo. Depois o resto foi uma italiana, uma italiana, ela... -
Quantos partos que ela fez para mim?- Ela fez da Aidê... ela fez da Wanda... fez da
Neide também... do Wander. Não, do Wander foi uma outra italiana também.

TP: Hum.

IB: Foi isso. Ela morava na rua Grão Mogol. Chamava Mariucha, italiana.

CF: Mariucha?

IB: Mariucha, italiana.

TP: Sei.

IB: Agora, depois da Neide foi a Anunciata Tocafuldo. Foi a Neide, foi a Wanda... é isso
mesmo, Neide... Neide, Wanda... Wander... Lenine... É, acho que foram esses 5.

CF: Anunciata?

IB: Anunciata Tocafuldo.

CF: Tocafuldo.

TP: Era nome mesmo ou era apelido?

IB: Anunciata Tocafuldo, italiana.

TP: Italiana também.

IB: É.

TP: Essa que morava na rua Grão Mogol.

IB: Não, essa era a Mariucha.

TP: Ah, sim.

IB: Na rua Grão Mogol.

TP: Hum, hum.

IB: Desses outros que teve mais era essa tal Mariucha.

TP: Certo. Agora, como foi isso, D. Inês? Quando a senhora veio para o Brasil a senhora já
estava grávida, não é? Como a senhora nos disse.

IB: Estava, 7 meses, não é?

TP: Já de 7 meses. Então quando a senhora chegou em Belo Horizonte estava quase na hora de ter o primeiro filho, não é?

IB: É.

TP: É, como é que foi assim, a procura pela parteira, quem indicou para a senhora, a senhora teve confiança ou a senhora ficou com medo?

IB: Não, não, não, não tive medo. Tinha gente muito boa. Em todo lugar eu encontrei gente boníssima.

TP: //É?// Porque a senhora nos disse que quando chegou foi ficar com uns italianos nos primeiros tempos, não é?

IB: //É isso mesmo//. Quem trouxe ele para cá, não é?

TP: Hum, hum. E foram eles que conseguiram a parteira para a senhora?

IB: Não, não, não. Lá mesmo onde que eu fiquei morando, que eu fiquei morando 2 meses ainda, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque cheguei aqui em março, ela nasceu em junho.

TP: Sei.

IB: É, mesmo lá os vizinhos mesmo.

TP: É que indicaram para a senhora.

IB: Indicaram.

TP: Hum, hum.

CF: D. Inês, e normalmente essas parteiras vinham só na hora do parto?

IB: Ah, só na hora do parto, aquele tempo.

CF: E depois voltavam algum tempo depois ou não?

IB: É, é, depois vinha todo dia até... a gente ficar melhor e cair o umbigo da criança, não é?

TP: //Hum, hum.//

IB: Mas, não tinha essas [filastrocas] que tem hoje não. Todo mês tinha que ir. Hoje é assim, não é?

TP: É.

IB: Tem pré-natal, naquele tempo não tinha nada disso, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Foi tudo em casa, nunca fui para o hospital não.

TP: Era algo muito mais natural, não é D. Inês?

IB: É.

TP: Mas mesmo sendo característico daquele tempo, o fato da senhora ter vindo sem a família, isso não deixou a senhora um pouco assustada na hora de ter o primeiro filho?

IB: Não.

TP: Não.

IB: Eu sabia que eu ia embora, não é? [Riso de escárnio e desilusão].

TP: É, a senhora tinha certeza/

IB: Estava doida para ter para ir embora. [Risos]

TP: E depois, uma vez nascida a criança, D. Inês, os cuidados com a criança, a senhora tinha, a senhora está dizendo, a parteira ia até normalmente o dia de cair o umbigo.

IB: //Sim, sim//. 6, 7 dias ainda ia, não é?

TP: E a partir daí, era com a senhora mesmo.

IB: Ah, é.

TP: A senhora que lidava com as crianças.

IB: //Isso mesmo//. Agora, onde é que eu morava quando nasceu a Isaura, tinha uma senhora, que morava... aqui fala porão, não é?

TP: Hum, hum.

IB: É, que eu morava em cima, ela morava em baixo e tinha uma filha, não é?

TP: Sei.

IB: Então a filha foi ficar comigo.

TP: Para ajudá-la.

IB: É, ela estava com 15 anos, mais ou menos.

TP: Hum, hum.

IB: Ela batizou Aidê, ela foi madrinha da Isaura e eu fui madrinha dela de casamento.

TP: Ah, é?

IB: É, Nossa Senhora, faleceu agora há pouco tempo.

TP: E aí essa menina foi morar com a senhora mesmo?

IB: Ficou sempre comigo.

TP: Hum.

IB: Quando fui para a Itália, Nossa Senhora, ela ainda era solteira.

CF: Brasileira ela?

IB: Hein?

CF: Brasileira ela?

IB: Brasileira. Quer dizer, filha de italiano, não é?

TP: Filha de italianos, hum, hum.

IB: Ela era pior do que as minhas.

TP: Hum.

IB: Mas eu só sei que ela era muito boa, muito boa mesmo, não é? Era uma filha, não era...
porque não falava empregada.

TP: Sei.

IB: Porque ela não era empregada mesmo não, não é?

TP: //Hum, hum//.

IB: Quando eu fui para a Itália então, ela era ainda solteira.

TP: Sei.

IB: Estava namorando um filho de italiano também, chamava... Malaco.

TP: Hum.

IB: Mas é gozado que, fui para a Itália, não é? E eu achava que eu não voltava nunca mais.
Em 23.

TP: Hum, hum.

IB: No entanto não deu certo, tive que voltar, não é?

TP: Isto.

IB: Nesse meio tempo, vinha uma família da Itália, muito conhecida de meu marido.

TP: Hum, hum.

IB: Então eu mandei um presente para a moça, não é?

TP: Hum.

IB: Essa...

TP: Como era o nome dela, D. Inês?

IB: Diana Bertoni.

TP: Diana?

IB: É.

TP: Hum.

IB: Casada com Malaco, Vitorino Malaco.

TP: Hum, hum.

IB: Ele era alfaiate, até.

TP: Ah, o marido era alfaiate.

IB: É, tem, até hoje tem a... acho que na rua Espírito Santo, não sei.

TP: Ele tem oficina lá

IB: Alfaiataria Malaco.

TP: Hum.

IB: Os irmãos, sobrinhos, não sei o que, têm.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu sei que não recebeu.

TP: O presente que a senhora mandou?

IB: Não recebeu.

TP: Hum.

IB: Então, mas acontece, não sabe? As mentiras têm perna curta, não é?

TP: Hum.

IB: Eu cheguei. [Riso]

TP: A senhora acabou voltando, não é?

IB: Vim, acabei voltando, vim para o Brasil, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então eu fui lá ver essa senhora, não é? [Falseando a voz]: - *Ah, me roubaram*. Eu falei:
- *Porque então não escreveu?* [Risos] - Uai! [Risos] Roubou.

Mas é assim, meu Deus do céu a gente tem cada pedacinho, não é?

TP: É. E aí quando a senhora voltou ela...

IB: Ela voltou comigo outra vez.

TP: Ela, Diana, não é?

IB: Diana.

TP: Voltou a morar com a senhora.

IB: Comigo, depois ela casou.

TP: Hum.

IB: Então aí separou, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Ela ficou morando na rua do Serro mesmo.

TP: Sei... Mas então ela foi uma pessoa importante enquanto a senhora teve filhos pequenos.

IB: //Ah, muito, muito//.

TP: Ajudou muito a senhora.

IB: Muito boa. Nós, até ela morrer, nós éramos amicíssimas.

TP: É?

IB: Nossa Senhora!

TP: D. Inês, explica para nós melhor, como é que era essa relação. A senhora estava dizendo para nós que não era sua empregada porque era o mesmo do que uma pessoa da família.

IB: Mesma coisa, mesma coisa.

TP: Mas a senhora pagava os serviços dela?

IB: Não.

TP: Não pagava.

IB: Não.

TP: Ah.

IB: Ela ficava mesmo comigo, dormia, ficava sempre comigo.

TP: Sei.

IB: Não pagava, sempre a gente dava, não é? Porque a gente...

TP: Hum, hum. Mas não era um serviço que a senhora pagasse um salário.

IB: //Não, não, não//. Nós ajudamos muito mesmo a família, mesmo a família, que era pobre.

TP: //Porque a família dela// era uma família pobre.

IB: A mãe era lavadeira.

TP: Ah, sim. Hum, hum.

IB: Muito boazinha, uma moça muito boazinha.

TP: E mesmo, por exemplo, com a ama-de-leite que a senhora disse que teve, não é? Para alguns filhos, quando nasceu o Wander, não é?

IB: //Só um//, o Wander.

TP: Como é que era essa... esse contrato da ama-de-leite assim, a senhora procurava uma pessoa conhecida ou/

IB: Não, não conhecia ninguém no Rio.

TP: Ah, porque foi no Rio.

IB: Não conhecia ninguém.

TP: Hum, hum.

IB: Essa era uma mocinha nova, tinha tido criança quase a mesma idade do meu, não é?

TP: Sei.

IB: Teve 2.

TP: Que a senhora conheceu como, D. Inês? A senhora se lembra?

IB: Ah, o pessoal.

TP: Hum.

IB: Do lugar onde que eu morava.

TP: Sei.

IB: Eu morava na... Vila Isabel, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Que era um lugar muito bom, muito bom mesmo.

TP: É.

IB: Então uma senhora falou: - *Ah, tem uma senhora que teve... não sei o que lá ela precisa não sei o que lá.* Então veio. Mas ela tinha que tirar.

TP: Sei.

IB: E dava na colher.

CF: Ah é, a senhora contou.

TP: Porque ele estranhou, não é?

CF: Porque ela era de cor, não é?

IB: É.

CF: Hum, hum.

IB: Era até uma pretinha, muito pretinha, jeitosinha, bonitinha mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Ela tinha 2, ela ainda vinha em casa dar para ele.

TP: Sei.

IB: Mas, se a senhora tivesse visto ele...

TP: Hum.

IB: Era mesmo que ver essa pretinha, [aponta para o cachorrinho próximo] esse cachorrinho. A mesma coisa, não tinha diferença nenhuma.

TP: Ele ficou muito mal mesmo, não é D. Inês?

IB: Nossa Senhora! Ele era gordo, bonito, quando nasceu.

TP: Hum, hum.

IB: 3 meses acabou, mas acabou.

TP: Hum, hum.

IB: O médico assim: - *Óh, se a senhora quiser o seu filho vivo, volta/*

TP: Volta para Belo Horizonte.

IB: Belo Horizonte.

TP: Hum, hum.

IB: Daí eu vim embora.

TP: A senhora não teve outra opção, não é?

IB: Não tive. Como da Isaura, eu tive que voltar porque ela não se deu com o clima da Itália.

TP: //Hum, hum//. Exato.

IB: Todo dia eu xingo ela: [Risos] - *Ah, por sua causa eu estou aqui.* [Risos]

CF: D. Inês, e tinha que pagar a ama-de-leite? Tinha que pagar para a ama-de-leite?

IB: Ah, tinha uai.

CF: Hum, hum.

IB: Tinha.

TP: Então o serviço da ama-de-leite era pago.

IB: Era pago.

CF: Era caro, D. Inês, pagar a ama-de-leite?

IB: Não, até que não era muito caro não, coitada. Não era não. Mas pagava. Não lembro bem quanto, mas pagava.

TP: Mas foi a única vez que a senhora precisou, foi o único filho que a senhora precisou recorrer a uma ama-de-leite, não é?

IB: É, ama-de-leite. Mas também, outros também, que perdi leite também.

TP: Sei.

IB: Também criei com mamadeira.

TP: Ah, sei.

IB: Lá em casa, não é?

TP: Hum, hum.

IB: E nós todos fomos criados com ama-de-leite. Todos.

TP: É, a senhora nos contou isso. Lá em Rimini, não é?

IB: //Todos//.

TP: Tinha uma ama-de-leite que criou a família, os irmãos.

IB: Não, cada uma.

TP: Cada um tinha uma, é, claro.

IB: Cada um tinha uma.

TP: Hum, hum.

IB: É, é gozado, não é?

TP: D. Inês, e quando a senhora voltou para Belo Horizonte, depois dessa estadia no Rio, que a senhora ainda teve mais... 6 filhos, não é? Porque a senhora foi exatamente quando tinha, no momento em que a senhora teve o sexto filho, não é?

IB: É isso mesmo.

TP: Mas até esse sexto a senhora nos disse que já tinha perdido 4, não é?

IB: //4//.

TP: Portanto a senhora já tinha tido 10?

IB: 10.

TP: 10 gravidezes até esse momento. Depois a senhora ainda teve mais 6 filhos, não é? E como é que foi para a senhora, já numa situação muito mais difícil, não é? Por tudo que a senhora nos contou.

IB: Muito, muito.

TP: E como é que foi para a senhora ter ainda 6 filhos?

IB: Nossa Senhora.

TP: A senhora tinha um sentimento assim de que... Como é que foi para a senhora? Tenta contar isso um pouquinho para nós.

IB: Ah, não sei. Eu sei que foi muito ruim, até ter, Nossa Senhora! Pelo amor de Deus.

TP: Foi difícil, não é, D. Inês?

IB: Ah, Nossa Senhora! Eu graças a Deus tive os partos tudo normal.

TP: Sei.

IB: Eu nunca fui para a cesariana.

TP: Nunca teve problemas com parto, não é?

IB: Meus filhos também tudo sadio.

TP: Hum, hum.

IB: Graças a Deus. Mas a dificuldade foi muita, Nossa Senhora.

TP: E a sua religião, ela não permitia evitar filhos, não é?

IB: Ah, não, não.

TP: Nunca permitiu, a senhora não pensava nisso. Com isso acabou criando 12, não é D. Inês?

IB: 12, 12.

TP: Hum, hum.

IB: Uma morreu, a Bruna, morreu com 1 ano e 19 dias.

TP: Ah, foi? Isso a senhora não tinha nos contado.

IB: É, que eu estava esperando essa daí.

TP: Hum.

IB: Ela morreu em fevereiro, essa nasceu em junho.

CF: Aí ficou chamando Bruna também.

TP: Ah, mesmo nome, a senhora repetiu o nome.

IB: //Nome Bruna//, isso mesmo.

TP: Ah, então essa foi o único filho que a senhora perdeu.

IB: É isso mesmo.

TP: Enquanto criança.

IB: É isso mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: É isso, é só essa... Depois eu tive a Leda, em 45. Ela teve, ela teve meningite.

TP:... Sei.

IB: Nossa Senhora! oh, dia! E eu, esse filho que eu falo que ele é muito rebelde, ele é muito nervoso.

TP: Hum.

IB: Eu sofri muito com ele, eu sofri muito. Ele era muito agarrado comigo.

TP: Hum, hum.

IB: Ele não queria ir para a aula, era só agarrado, com medo do pai... me bater.

TP: Sei.

IB: Fazer escândalo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Ele não saía, não é?

TP: Esse não era o Wander não, não é?

IB: O Wander, o Wander.

TP: Ah, o Wander, está

IB: O primeiro homem que eu tive.

TP: Hum, hum, é.

IB: Em 1930. De modo que esse toda vida foi agarrado comigo, Nossa Senhora!

TP: Hum, hum.

IB: Então, aí mas eu levava na mesma para a escola.

TP: Sei.

IB: Era amarrado, era com a correia.

TP: Hum.

IB: É que eu levava na rua Tamóios, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Na Casa de Itália, não é?

TP: Isto.

IB: Eu levava os outros também.

TP: É.

IB: Mas depois... não dava mais, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Por causa que estava grande. Ele me fugia, não é?

TP: Sei.

IB: Me fugia. Eu só sei que uma vez, acho que eu já falei também que a madrinha dessa daqui é a Ivone Cabral.

TP: Hum, hum.

IB: A diretora do Colégio 12 de Dezembro.

TP: Sei.

IB: Ela era primeiro professora na Casa de Itália, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então, ela arrumou para mim.

TP: Hum.

IB: Para pôr na Fazenda do Rosário.

TP: Ah! Ele é que foi estudar na Fazenda do Rosário.

IB: É. Mas eu engambei ele.

TP: Hum.

IB: Porque ele gostava, e gosta até hoje, de criação.

TP: Sei.

IB: Que lá tinha muita galinha, que lá tinha cavalo. Porque os padrinhos dele eram fazendeiros.

TP: Sei.

IB: Ele vivia sempre na fazenda deles.

TP: Ah, sei.

IB: Então ele estava com aquele entusiasmo só com criação. É cavalo, é galinha, é porco, é... apanhar ovo no mato.

TP: Hum, hum.

IB: É assim, não é? E inteligente feito não sei o que. Não queria ir para a aula nem de Buick.

TP: Hum.

IB: Aqui no Lúcio dos Santos, antes de ir lá para a Fazenda, ele pulava a janela... para fugir.

TP: No colégio, no grupo, não é?

IB: No grupo Lúcio dos Santos.

TP: Hum.

IB: Então, essa minha comadre arrumou para mim para levar lá mas eu engambeleí, não é? Que era lá ia ver os porcos.

TP: Sei.

IB: Muita galinha. Ele era tratado com as luvas, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque graças a Deus toda vida teve muita pessoa que gostava de mim.

TP: Sei.

IB: Tinha pena de mim.

TP: Hum, hum.

IB: Mas eu só sei que... levou.

CF: Ele foi, em que ano que ele foi para a Fazenda do Rosário?

IB: Ele, na Fazenda do Rosário, quer ver... Ele nasceu em 1930... Ele deve ter ido lá para 1943, 42.

TP: Ele tinha uns 12, 13 anos.

IB: É, é, mais ou menos.

TP: //Hum, hum//. D. Inês, o sistema da Fazenda do Rosário era de internato, não é?

IB: É.

TP: O menino ficava lá passava/

IB: Lá era filho que não tinha pai.

TP: Sei.

IB: Era órfão, compreende?

TP: Hum, hum.

IB: Mas como a senhora sabe, com cartucho.

TP: Claro.

IB: Vai longe, não é?

TP: Hum, hum.

IB:... Mas eu então voltei, não é? Deixei ele lá não é?

TP: Sei.

IB: Lá estudando, muito bom. As professoras, Wander daqui, Wander de lá eles gostavam muito dele também.

TP: Sei.

IB: Acontece, que eu estava deitada chorando feito não sei o quê.

TP: A senhora ficou triste de deixá-lo lá.

IB: Fiquei triste.

TP: Hum.

IB: Falei: - *Coitado, mas como é que eu enganei, hein?*

TP: Hum, hum.

IB: Minha filha, quando estou vendo na porta, ó ele.

TP: Voltou? [Riso]

IB: Voltou a pé.

TP: É mesmo?

IB: Voltou a pé de Ibirité.

TP: E era longe para danar, não é?

IB: Era longe, passou em túnel, passou [...]. Ele veio sujo, feito um carvoeiro.

TP: É mesmo?

IB: Eu falei: - *Nossa Senhora!*

TP: Isso foi em que distância de tempo? A senhora deixou lá num dia, a senhora foi pessoalmente levá-lo, não é?

IB: Claro, fui levar.

TP: Foi de carro ou foi de ônibus?

IB: De trem.

TP: Ah, de trem.

IB: De trem, de trem.

TP: Hum, hum. E a senhora foi num dia e ele voltou/

IB: No outro dia.

TP: No dia seguinte.

IB: Quer dizer, de lá deve ter saído, porque para fazer uma viagem, chegou de tarde em casa.

TP: Deve ter saído no mesmo dia.

IB: Ah, meu Deus! Toca agora saber como é que vai levar outra vez.

TP:... A senhora ficou apertada?

IB: Mas levei, mas levei.

TP: Levou de volta.

IB: Levei. Tinha um trem às 4 horas da manhã.

TP: Hum.

CF: Levou no outro dia então.

IB: No outro dia.

TP: Mas aí, D. Inês, a senhora nesse momento teve alguma conversa com ele, explicando melhor para ele a situação?

IB: É. Ele falou que não tinha nada, cavalo, não tinha nada, não sei que que é lá Falei: - *Não, mas espera, uai.*

TP: Hum.

IB: - *Vai, lá é bom. Está doido? Aqui você não vê a dificuldade que tem, a D. Ivone arrumou para você.*

TP: Hum, hum.

IB: - *Você deve de agradecer.* Bom, depois voltou.

TP: Hum, hum.

IB: Quando, um belo dia, me volta outra vez. [Risos]

TP: Mas aí já passado algum tempo.

IB: É.

TP: Hum.

IB: Voltou, outra vez levei, foi um moço comigo, um vizinho.

TP: Sei.

IB: Às 4 horas da manhã também, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Porque tinha o trem só esse horário, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Quando nós estávamos quase perto de Ibirité, ele me pula.

CF: Do trem?

IB: Ah, essa vez estava meu irmão, foi comigo.

TP: É mesmo?

IB: Meu irmão foi comigo.

TP: Hum, hum.

IB: Ele pulou do trem.

CF: Ele tinha uns 16 anos, mais ou menos?

IB: Não, menos.

TP: Menos.

IB: Menos. Porque quando casou a Isaura, ela casou em... 45, me parece... nem sei que idade ele tem. Eu sei que ele tem... o Ciro, que vai fazer ano agora o dia 22, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Ele é de 1940 e...

TP: O Ciro, eu acho que ele tem 43 anos, portanto ele deve ser de 47, é isso?... Ele deve ser de 46 ou 7, não é D. Inês? O Ciro.

IB: Eu acho que é antes, não é? 46 [...] teria 17 anos, ele é de 30, não tinha essa idade não.

TP: Não, não é?

IB: Não... Ah, meu Deus!

TP: Bom, mas não tem muita importância.

IB: Bom, eu só sei que, minha filha, ele me pulou.

TP: Pulou do trem.

IB: Do trem.

TP: E a senhora levou um susto danado.

IB: Hum...

CF: Brincadeira!

IB: E não tinha outro trem para voltar, não. Nós tivemos que dormir numa fazenda. Porque tinha muita gente que gostava da gente.

TP: Hum, hum.

CF: Vocês pularam do trem também?

IB: Hein?

TP: Como é que a senhora fez para descer do trem?

IB: Não, eu segui, uai.

CF: Ah!

IB: Como é que eu ia pular do trem?

CF: Ele pulou do trem andando.

IB: Andando.

TP: E a senhora seguiu até a Fazenda do Rosário.

IB: Segui até a Fazenda. Cheguei lá na Fazenda/

TP: Explicou.

IB: Lá comuniquei, depois fui na fazendeira, que ela gostava muito, dele também gostava muito, gostava muito dele.

TP: Hum, hum.

IB: Ela falou: - *Eu dou muito conselho Wander, mas ele não fica sem a senhora, que que a senhora quer fazer?*

TP: Hum.

IB: É, eu só sei que quando foi de manhã, que eu voltei, coitado, ele estava na estação me esperando.

TP: É mesmo?

IB: - *Me perdoa mamãe.*

TP: Hum.

IB: Eu tive uma dó.

TP: Pediu perdão.

IB: Fiquei é triste.

CF: Ele estava na estação onde? Aqui de Belo Horizonte?

IB: É, no Calafate.

CF: No Calafate.

IB: Que a gente tomava no Calafate, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Estava me esperando. Falei:

- *Ah, você fez uma coisa dessa comigo, hein?*

- *Ah mamãe... não quero ficar lá não.*

Mas ficou até receber diploma.

TP: É? A senhora fez ele voltar. A senhora foi dura também, não é D. Inês?

IB: Nossa Senhora! Uma vez levei ele amarrado.

TP: É mesmo? [Risos]

IB: Amarrado.

TP: Quer dizer, a senhora ficava com o coração despedaçado, mas fazia questão de levar.

IB: //Despedaçado//.

CF: Ele ficou quantos anos lá na Fazenda do Rosário?

IB: É, uai, ficou até receber o diploma do 4º ano. Daí depois, foi o casamento da Isaura, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Tinha que vir, não é? Coitado, não é?

TP: É, primeira irmã que casava, não é?

IB: Até, Isaura comprou um terninho para ele, primeiro terninho, azul-marinho comprou para ele.

TP: Hum.

IB: Muito satisfeito, isso, aquilo. E depois para ir?

TP: Para voltar para lá

IB: Já não queria mais.

TP: Hum, hum.

IB: Depois foi melhorando, foi crescendo foi melhorando.

TP: Hum, hum.

IB: Uma vez veio um jornal, ele gostava muito de criança e de gente idosa.

TP: É?

IB: Engraçado, até hoje! Até hoje.

TP: Sei.

IB: Eu só sei que estava lá nadando, porque lá tinha um... tipo de uma... Como se diz meu Deus do céu/

FIM DO LADO A - FITA 4

Entrevista – Fita 04 - lado A

IB: Ele tinha abraçado com a velha e outros meninos, não é?

TP: Hum.

IB: Então estava escrito assim embaixo: **“Filhos órfãos de pai.”**

TP: Hum.

IB: E ele estava com tanta raiva porque eu levei o jornal lá onde é que ele estava. Falei: -
Ó, aí, você conhece este?

TP: Hum.

IB: Esse não tem pai não.

TP: É? A senhora falou para ele?

IB: Falei. Leia, leia embaixo. São filhos sem pai.

TP: Hum.

IB: Então está aqui o cachorrão... [silêncio] Ele não importava.

TP: Não, não é?

IB:... Não importava não.

TP: D. Inês, a senhora teve dois filhos homens só.

IB: Só.

TP: Não é? O segundo... O Wander foi o primeiro, não é? Que nasceu em 1930. O segundo é de que ano?

IB: Ah, depois nasceu a Leda, 31.

TP: Hum.

IB: Depois nasceu o Lenine, 33.

TP: Lenine?

IB: Lenine.

TP: É o nome dele?

IB: É. O único que eu pus nome foi neste, ele.

TP: Ah! O pai que pôs o nome.

IB: O pai, que é Lenine, o revolucionário lá

TP: É, isso que eu quero saber.

CF: Ah, ele deu por conta do [Risos]. Ah, ele que deu então, o Sr. Bruno que deu Lenine.

IB: É.

TP: Os outros nomes todos foram a senhora que escolheu.

IB: É, agora esse mais outro que depois eu vou contar.

TP: Hum.

IB: Mas...

CF: E a senhora achou ruim dele se chamar Lenine?

IB: Até, na, até ele tinha falado: - *Então põe Jorge na frente, não é?*

TP: Hum.

IB: Mas o padre não aceitou.

TP: Não?

IB: Não aceitou.

CF: Misturar o nome cristão.

IB: É, não aceitou não.

TP: Hum.

CF: Ele não quis misturar Lenine com um nome cristão, não é?

IB: //É isso mesmo//.

CF: O padre não quis.

IB: É isso mesmo.

TP: E a senhora, quando o Sr. Bruno escolheu o nome, a senhora não gostou, D. Inês?

IB: Ah! Não gostei, mas já tinha registrado.

TP: Ah, ele foi lá e registrou.

IB: É, registrou dois no mesmo ano.

TP:... 2 filhos.

IB: É, a Leda com o Lenine.

TP: Hum, hum.

IB: Ela nasceu em 31, ele em 33. Nasceu tudo, registrou todos dois em 33.

TP: Ah!

IB: Na data já de maio, não é? A Leda nasceu dia 31 de maio e ele nasceu 15 de novembro.

TP: Sei. Aí ele registrou os dois no mesmo ano de 33, porque a Leda ele não tinha registrado quando nasceu.

IB: Não.

TP: Ah...

IB: Podia ser dois, um de dezembro e outro de novembro?

TP: Não tinha jeito.

IB: Um de maio, outro não.

TP: E a senhora ficou muito brava com isso, D. Inês?

IB: Ah, fiquei, mas depois a D. Ivone sempre os outros mesmo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: O primo dela era o Dr. Marcelo Linhares.

TP: Hum.

IB: Advogado, não é?

TP: Hum.

IB: Então ele olhou para mim.

TP: Ah, ele trocou, trocou o registro.

IB: Ainda falou: - *Quer que eu ponha na cadeia?* Eu falei: - *Que isso? Deixa para lá*

TP: //Deixa para lá//.

IB: Para que, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Afinal de contas era pai dos meus filhos, eu não ia fazer uma coisa dessas, não é?

CF: D. Inês/

IB: Tinha que ter muita paciência mesmo.

TP: Hum, hum.

CF: Mas então a senhora tem um filho que chama Lenine, não é?

IB: É.

CF: E ele teve algum problema quando ele era menino, ou na escola?

IB: Não.

CF: De perseguirem ele por causa do nome, de gozarem ele, não? Por causa do nome?

TP: Não chamavam ele de comunista?

IB: Não, não, não.

TP: Não?

IB: Quando ele foi para o exército /

TP: Hum.

IB: Que falou... - *Buldrini?! Seu nome?*

- *Lenine.*

- *Some!!* [risos]

CF: Mandaram [risos]. Ele então, ele não serviu exército?

IB: Não.

CF: Por causa do nome?

IB: É, mandaram embora. Nem, nem, nunca mais.

TP: Então ele gostou muito de ter o nome [risos].

IB: Até, que o outro também não serviu exército.

TP: Sei.

IB: Muito nervoso.

TP: Hum, hum.

IB: Não serviu. Mas esse, diz que ele foi lá, a primeira coisa que ele falou: *Lenine*, falaram:
- *Some!* [riso]

TP: D. Inês, e os filhos homens, um a senhora já nos contou, que o Wander acabou indo para a Fazenda do Rosário por dificuldade mesmo de se adaptar nas escolas.

IB: É.

TP: E o outro, em que escola que a senhora colocou o outro filho homem?

IB: Bom, como que a Isaura estudava, não, dava aula no Pestalozzi, não é?

TP: Hum.

IB: Então você sabe, não é? Lá tinha uma merendinha, lá tinha uma comidinha, não é?

TP: Sei.

IB: Então, enfiou lá também, não é?

TP: Ah, ele foi estudar lá também.

IB: É isso mesmo, ele foi estudar também.

TP: Hum, hum.

IB: Mas também não foi para a frente não, porque não gostava não.

TP: Sei, não estudou muitos anos.

IB: Mas ele, ele toda vida foi... Agora ele é gerente do posto de gasolina do Nicolau.

TP: Hum.

IB: Demétrio, não é?

TP: Sei.

CF: Nicolau Demétrio?

IB: É, aí na rua Santa Catarina, por aí mesmo, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Faz muitos anos, ele é gerente de lá do posto.

TP: Sei. E ele tem família também.

IB: Tem.

TP: É casado tem filhos.

IB: Tem, tem 4 filhos casados, 3 são casados e uma mora nos Estados Unidos.

TP: Hum.

IB: Ele tem 4... 3, 4 netos já. Tem 3 meninas, agora nasceu um menino.

TP: Sei.

CF: D. Inês, então a senhora teve o Wander, estudou na Fazenda do Rosário.

IB: É.

CF: E o Lenine estudou no Pestalozzi. As duas escolas que eram mais ou menos comandadas pela D. Helena Antipoff.

IB: Isto mesmo.

CF: A senhora conheceu a D. Helena Antipoff?

IB: Muito.

CF: É?

IB: Muito.

CF: É?

IB: Nossa Senhora!

CF: A senhora gostava dela?

IB: Muito boa, muito boa.

CF: Essas escolas que ela comandava eram super afamadas na cidade, não é?

IB: É isso mesmo, muito. Pois é, porque a D. Ivone Cabral também, ela era também do lactário Mário Campos.

TP: Hum.

IB: No Barro Preto, não é?

TP: Sei.

IB: Onde que tinha justamente a Escola Pestalozzi.

TP: Hum, hum.

CF:... Lactário Mário Campos?

IB: É, que hoje não tem mais não.

TP: E depois a senhora disse que ela foi diretora da Escola 12 de Dezembro, não é?

IB: É.

TP: D. Ivone Cabral.

IB: Agora, eu acho que agora ela tem... que esse lactário foi para... aquela João Pinheiro, para aquele lugar para lá perto da Gameleira não é?

CF: Hum, hum.

IB: Eu acho que ela ainda tem alguma coisa lá

TP: Hum, hum.

IB: Porque quando... a minha neta, a Cíntia, formou/

TP: Sei.

IB: Ela também foi.

TP: Hum.

IB: Não é?

TP: Hum, hum.

IB: Eu lembro ela falou para a Cíntia: - *Ah, vamos ver agora de vocês ajudar, não é?*

TP: Hum.

IB: - *É, agora vai lá de vez em quando porque, para ajudar os meus alunos lá.*

TP: Sei.

IB: De dentista, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas aí, há muito tempo que eu não a vejo.

TP: É?

IB: Mas isso é muito bom mesmo, eu costurei ela, a irmã dela tinha fábrica.

TP: Hum, hum.

IB: De calça.

TP: Sei.

IB: E eu costurava, fazia quase uma dúzia por noite.

TP: Para ela.

IB: Calça, essas/

CF: Uma dúzia de/?

IB: Uma dúzia, mas era de, chamava calça arranca-toco. [Risos]

TP: Arranca-toco?

IB: Pode imaginar, não é? Ela já vinha cortada.

TP: Sei.

IB: E era bolso pregado aqui [bate a mão na coxa]

TP: Hum, hum.

IB: Compreende? Não era esses bolsos para dentro. Era só/

TP: Era coisa fácil de costurar.

IB: Fácil, não é? Tanto é, quando tive essa Bruna que me faleceu, aquela noite tinha feito 11 calças... faltou acabar a décima-segunda.

TP: Hum, hum.

IB: Porque não deu, não é?

TP: Sei.

IB: Porque tive a menina antes da marca mesmo, antes dos 9 meses.

TP: Hum.

IB: Não tinha nada/

TP: Ah, a senhora está falando dessa noite antes de ter a Bruna, a primeira Bruna.

IB: //É//. Essa que faleceu, não é?

TP: //Hum, hum//.

IB: Tanto é que quem mandou todo o enxovalzinho foi elas lá mesmo.

TP: Sei.

IB: As irmãs da Ivone.

TP: Hum, hum.

IB: [A entrevistada diz alguma coisa em voz inaudível].

TP: Mas é isso mesmo que a senhora/

CF: Sempre de carregação, não é?

IB: É.

CF: E por que de carregação a senhora fazia só calça? Por que a senhora já era experiente em calça ou porque/

IB: Não, eu já fazia calça para importadora, não é?

CF: Hum, hum.

IB: Eu era número 1 da importadora.

CF: Hum, hum, a senhora nos contou.

IB: É, o enxoval das meninas tudo eu comprei lá que não vinha um tostão na minha mão.

TP: Sei.

IB: Mas eu ia para lá vinha para cá, ia para lá vinha para cá.

TP: É, virou troca, não é? [Risos]

IB: E eu dava graças a Deus, não é? Porque uai! Meu Deus.

TP: É, hum, hum.

IB: Eu tinha uma senhora que vendia roupa para mim.

TP: Hum.

IB: Então era de lá ela que arrumou para mim.

TP: //Sei//. Hum, hum.

IB: Foi bom mesmo. Mais que foi assim... que não tiveram dó de ninguém, que nós éramos muitas, negócio de soldado, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Que a gente trabalhava aqueles trem duros, tinha vez que esse osso aqui [da mão] nem sentia mais, de tanto, que não tinha motor, não é?

TP: Hum, hum.

IB: O caso era esse, não é?

CF: D. Inês, a senhora, nesta época a senhora fazia 12 calças por noite, então a senhora passava a noite toda costurando. A senhora não dormia não?

IB: Não, uai, eu dormia de manhã.

TP: De manhã a casa estava mais calma, as crianças iam para a escola, não é. A senhora podia dormir de manhã.

IB: //É//. Eu deitava assim mais ou menos 4 horas, 4 e meia.

TP: Da madrugada.

IB: E quando era roupa de soldado, a minha filha e eu deitávamos e elas levantavam. Tinha a Ladi e Aidê, elas caseavam.

TP: Sei.

IB: Elas caseavam para depois passar e entregar.

TP: E foi a senhora que/

IB: Elas iam a pé.

TP: A senhora nos contou isso.

IB: Iam a pé.

TP: Até, o Palácio da Liberdade.

IB: Porque as troxolas desse tamanho, minha filha.

TP: Hum, hum.

IB: Vou te contar um caso, pelo amor de Deus.

TP: D. Inês/

IB: Não desejo a ninguém.

TP: E foi a senhora que ensinou para as filhas a coser, a fazer casa, a senhora mesma é que ensinou?

IB: É.

TP: É?

IB: Elas mesmas aprenderam, porque eu também não sabia fazer e aprendi.

TP: Pois é, a senhora nos contou isso.

IB: Não precisa pagar para aprender não, se você precisar você aprende.

TP: Aprende, não é?

IB: Ai, ai, ai.

TP: Hum, hum.

IB: Uma vez teve a... a Wanda.

TP: Hum.

IB: Então, ela que fazia o serviço tudo de casa.

TP: Sei.

IB: Era cozinha, era arrumar as meninas para ir para a aula, porque eu, esse tempo justamente que eu tinha o bar na/

TP: Rua Tupinambás.

IB: Rua Tupinambás, não é?

TP: Sei.

IB: Então, para poder mandar comida para eles eu tinha que agüentar, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então, ela arrumava as meninas e depois ia para a aula, não é?

TP: Sei.

IB: Que era no turno da tarde, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas dava tempo. Então o namorado dela um dia falou comigo assim: - *D. Inês, a senhora podia deixar a Wanda aprender costura?*

TP: Hum.

IB: - *Corte, não é? À noite, que eu pago.*

Eu falei:- *hum, hum.*[negativa]

TP: Porque não, D. Inês?

IB:... Eu falei: - *Ah, não... Para que?... Se precisar ela aprende sozinha, sem precisar sair à noite para ir.* Falou:

- *Está certa.*

TP: É?

IB:... Foi o genro que me adora até hoje.

TP: É?

IB: Aliás todos. Nossa Senhora, meu Deus do céu.

TP: Todos se relacionam bem com a senhora.

IB: Elas me chamam puxa-saco dos genros, hein?

TP: É? [risos] Então a senhora foge à regra, D. Inês. A senhora não é tida como a sogra que todo mundo fala: - *que sogra chata!*

IB: Nossa Senhora, meu Deus.

TP: A senhora tem uma boa/

IB: Às vezes vêm uns amigos aqui do Barbosa, Nossa Senhora! Eles falam: - *Ih... a senhora, meu Deus do céu, é o ídolo do Barbosa.*

TP: É? [riso]

IB: Ele fala: - *Os outros falam da sogra, da sogra, eu não tenho nada o que falar da minha sogra.* [Risos] Não tem mesmo, porque eu sou cega, surda e muda.

TP: Sei.

IB: Não entro em conversa de ninguém, se tem alguma conversa mais alta eu ssst, venho para cá.

TP: Hum, hum.

IB: O que não tem, graças a Deus, mas de nenhum, de nenhum.

TP: E D. Inês, como é que foi isso, quando as meninas ainda eram novas, não é? A senhora, pelo que a senhora nos conta, a senhora foi a grande responsável pela educação dos seus filhos, não é? Foi a senhora que garantiu.

IB: Nossa Senhora.

TP: A escola deles, não é?

IB: É isso mesmo. Eles aprenderam alguma coisa, se formou, ginásio, hein?

TP: Hum, hum.

IB: Agora a que estudou mais foi a Aidê e a Isaura.

TP: Sei.

IB: A Isaura formou mesmo para professora.

TP: Hum, hum.

IB: E professora de surdo e mudo, não é?

TP: No Colégio Imaculada?

IB: No Colégio Imaculada.

TP: Hum, hum.

IB: Surdo e mudo foi no Pestalozzi mesmo.

TP: Sei.

IB: Não é?

TP: Hum, hum.

IB: E a Aidê, ela é, foi escriturária, tem muito, ela era taqui...

TP: Taquígrafa.

IB: Isto mesmo.

TP: Ah, sim.

IB: Uma pena que ela não guardou os cadernos dela.

TP: É?

IB: Se você tivesse visto.

TP: Hum.

IB: Ótima professora.

TP: Sei.

IB: [Meus parabéns]. Tudo uma beleza.

TP: Ah, é? Essas duas foram as que estudaram mais.

IB: É, mas ela nunca trabalhou.

TP: Hum.

IB: Nenhuma delas trabalharam. Só a Leda que está na Prefeitura.

TP: Sei.

IB: Essa toda vida trabalhou, que o maridinho dela era um pouquinho mais malandrinho, não é?

CF: D. Inês, a senhora tinha falado do bar, como que chamava o bar? A senhora não tinha/

IB: Bom, o bar dele, primeiro tinha um barzinho pequeno, esse que foi quebrado.

CF: Esse que foi quebrado.

IB: Ele chamava Cantarola.

CF: Cantarola.

IB: O Bar Cantarola. [Risos] É engraçado, não é?

TP: Nome engraçado.

IB: Que vivia só xingando, só falando, puseram Cantarola, não é? [Risos] Agora, o outro não tinha nome, era [em meu nome] que ele pôs.

CF: Ah.

TP: E esse outro era onde, D. Inês?

IB: Vizinho também.

TP: Ah, também na Tupinambás?

IB: Só que era maior.

TP: Sei.

CF: E quem tomava conta dele, desse?

IB: Era eu.

CF: Ah!

IB: Eu trabalhava feito um animal também. Eu sempre fui vítima de trabalhar até a noite.

TP: A senhora trabalhou no bar também?

IB: Nossa Senhora!

TP: Ah, isso a senhora não nos contou.

CF: Que época, D. Inês?

IB: Foi...

CF: Abriu quando?

IB: Na segunda Guerra.

CF: Na segunda Guerra.

IB: É.

CF: Mas então na época que apedrejaram um, vocês tinham dois?

IB: Depois de uns tempos já...

TP: Já tinha o outro.

IB: É, o outro, Ah! vem, vem, porque não sei o que lá, era negócio de muito macarrão, muito italiano que ia comer.

TP: Ah! Então deixa eu saber dessa história direitinho.

IB: Ah...

TP: Isso a senhora não tinha nos contado, porque nessa época a senhora já trabalhava como calceira, a senhora disse que começou em 33.

IB: Mas tanto é que eu deixei dos soldados, deixei tudo. Como é que eu podia, não é?

TP: Para trabalhar no bar?

IB: Para trabalhar no bar, porque ele era meu.

TP: Mas como que foi essa decisão? Conta para nós, D. Inês.

IB: A decisão é assim, que todo mundo queria que ele voltasse, não é?

TP: Sei.

IB: Que ele era assim, mas todo mundo gostava dele.

TP: Hum, hum.

IB: É gozado, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Teve um vez que eu fiz feijoada, um lá não sei o que que ele falou, ele pegou o troço da feijoada quente e jogou na cara do moço. [Risos] Era assim.

TP: Hum, hum.

IB: Era assim. E no entanto, todo mundo gostava dele.

TP: //Todo mundo gostava dele//.

IB: Todo gostava.

TP: Era uma pessoa benquista.

IB: Bom, mas depois montamos esse outro bar, foi um bar maiorzinho, não é?

TP: Ele comprou o...

IB: Não, [aquele tinha] João Barali, já faleceu também.

TP: Hum.

IB: Ele era assim, o meu era assim com ele, mas era/

TP: Muito amigo.

IB: Compreende?

TP: Hum, hum.

IB: Era cachorrinho dele, não é?

TP: Sei.

CF: João Barali.

IB: É, o meu era cachorrinho do João Barali, que tinha amante.

TP: Hum.

IB: Onde é que ele bebia, comia.

TP: Era das farras.

IB: É isso mesmo, não é?

TP: Hum.

IB: Então, Ah! Desce, não sei o que lá a Inês desce, vai fazer o macarrão, pá, pá, pá, pá bom, foi muito bom, não é? Mas não durou muito tempo não.

CF: Não durou não?

TP: //Não?//

CF: Durou quantos anos?

IB: //Porque minha filha//, nem um ano, não durou.

CF: Nem um ano?

IB: Eu fiquei cheia de dívida, ainda por cima, porque estava em meu nome.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: Ai, meu Deus do céu!

TP: Mas a senhora foi obrigada/

IB: Foi em 1949.

TP: 49?

IB: É, justamente, 48, 49. Que foi isso/

TP: Então já tinha acabado a guerra.

IB: Tinha acabado a segunda Guerra.

TP: Hum, hum.

IB: Mas foi assim... o vinho melhor que tinha nas prateleiras, tanto é que o representante, ele falava que ele vendia mais de tudo era no Bruno.

TP: Sei.

IB: Porque lá o nome era Bruno, não é?

TP: Hum.

IB: Mas dívida era eu. [Risos] Então, eu sei que, meu filho de Deus,... ele jogava muito... jogava muito mesmo.

TP: Hum.

IB: Vinha tudo aquelas piranhas daquela ponte do Saco.

TP: Sei.

IB: Coisa mais desagradável da minha vida.

TP: Hum.

IB: Não é?

TP: Hum, hum.

IB: Eu tinha um medo dele também, não é? Ainda por cima. Mandava fazer as coisas, é isso, é aquilo, aquilo outro, não é? [Entra a filha da entrevistada trazendo uma bandeja. A gravação é interrompida].

Daí eu sei que pouco, em pouco tempo acabou tudo.

TP: Sei.

IB: Que foi justamente essa temporada que eu vendi um terreno que eu tinha, que eu fui para a Itália.

CF: Hum, hum.

TP: //Ah!//

IB: E com o restinho que o moço tinha que me dar, as meninas pagaram as empregadas. E mais umas continhas que tinha.

TP: Sei.

IB: Com o meu terreno.

TP: Hum, hum.

CF: Mas D. Inês, a senhora começou a contar a história do vinho, que o representante falou que vendia mais vinho no Bruno/

IB: Não, porque eles jogavam carta e bebiam vinho, não é? Mas quem perdia sempre era o meu... Não pagava, porque estava lá na prateleira.

TP: Hum, hum.

IB: Não é?

CF: Hum, hum.

TP: D. Inês, quer dizer que a senhora, nessa temporada, porque ele comprou o bar, a senhora então acabou indo trabalhar lá porque/

IB: Lá tinha o, da Mesbla, diretores, empregados, todos iam lá

TP: Comer lá

CF: //Almoçar//.

IB: Comer... muito bons mesmo.

TP: E o bar, como é que funcionava o bar? Ele funcionava o dia inteiro, servia almoço e jantar ou como é que era?

IB: Era.

TP: É? Almoço e jantar.

IB: É.

TP: E a senhora ficou responsável pela cozinha.

IB: Isso mesmo, e também no balcão e servia ele também, não é?

TP: É? E atendia também no balcão.

IB: É.

TP: Então a senhora passava, nessa época, a senhora passava o dia inteiro lá

IB: Lá e mandava marmita.

TP: Para as crianças.

IB: Para cima, não é?

CF: E a especialidade da casa era massa, D. Inês?

IB: Nós fazíamos também arroz e feijão, porque tinha muito empregado, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Tinha oficina por aí.

CF: A senhora fazia espaguete, canelone e tudo ou só mais espaguete.

IB: Não, não, mais era macarronada mesmo.

CF: Macarronada mesmo.

IB: Tudo feito em casa, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Bife a milanesa, tudo essas coisas lá, bolinho de miolo.

TP: Hum, hum.

IB: Que tinha um, que até já faleceu, ele comia uns 10 de tarde. Não sei como é que ele fazia.

TP: É? [Risos]

IB: Nossa Senhora!

CF: Bolinho de miolo, D. Inês?

IB: Miolo.

CF: Isso é típico italiano?

IB: É.

CF: Como que é o nome em italiano?

IB: É...

CF: Porque no Brasil não é comum bolinho de miolo não, não é?

IB: Ah, mas tem sim.

CF: Tem?

IB: Muitos lugares tem sim. Aqui em casa ninguém gosta não.

TP: Hum.

IB: Engraçado, não é?

TP: É.

IB: Aqui mais é macarronada, é lasanha, é capelete, essas coisas, não é?

TP: Sei.

IB: Quando demora um pouco, assim: - *Está demorando, hein?* [Risos]

CF: A senhora ainda faz massa aqui sempre, D. Inês?

IB: Faço.

CF: Faz? Uma vez por semana, mais ou menos assim?

IB: Eu tenho um cilindro mas eu não uso o cilindro não.

TP: Não?

IB: Eu gosto é com pau. Eu tenho um pau deste tamanho assim.

TP: Ah, é? [Risos] A senhora gosta é do pau do macarrão.

CF: Ai, ai.

TP: D. Inês, mas essa temporada então que a senhora trabalhou no bar, a senhora parou de costurar, porque a senhora não tinha condição de costurar, não é?

IB: Não tinha não.

TP: Não tinha hora, não é?

IB: Não tinha não, não podia.

TP: Mas isso chegou a ser menos de um ano.

IB: Ah, menos. Não deu um ano não.

TP: E a senhora acabou saindo/

IB: Quem ficou foi mesmo esse tal Barali, não é?

TP: Sei. Ficou com o bar?

IB: Ficou.

TP: Porque/

IB: Mas também ficou pouco tempo também, porque pôs o sobrinho dele.

TP: Hum, hum.

IB: Acabou com ele.

TP: E me conta uma coisa, a senhora já tinha nos contado a respeito deste lote que a senhora tinha comprado, que a senhora vendeu para ir para a Itália em 1950. Esse lote, D. Inês, a senhora nos disse que comprou a prestação.

IB: É.

TP: Um vendedor que bateu na sua casa oferecendo.

IB: Isso mesmo, isso mesmo.

TP: E a senhora comprou com dinheiro exclusivamente seu.

IB: É isso mesmo.

TP: Que a senhora ganhava com o seu trabalho.

IB: Está certo, aquele tempo era 20 mil réis, não é? Que a gente pagava.

TP: A prestação, não é?

IB: A prestação, todo mês, não é?

TP: Esse foi o primeiro bem imóvel que a senhora adquiriu com o seu trabalho mesmo.

IB: É isso mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Isso mesmo.

TP: E quando a senhora vendeu, pela circunstância que foi, a senhora vendeu satisfeita, porque era para comprar a passagem.

IB: //Muito, muito//. E ainda tinha sobrado uns trocados, que depois veio esse negócio que tinha que pagar os empregados, não sei o que é lá.

TP: Hum, hum.

IB: Então eu falei: - *Então paga com o dinheiro que está aí e pronto.*

CF: Aí encerrou o bar, encerrou as dívidas e resolveu tudo, não é?

IB: //Graças a Deus, graças a Deus//.

TP: Nessa época que a senhora teve o bar, a sua... as primeiras filhas já tinham casado, pelo menos a Isaura já não é?

IB: //É//. A Isaura, a Ladi, a Aidê... a Wanda e a Neide.

TP: Sei.

IB: Que a Neide ficou morando na minha casa com o resto que estava lá

TP: Ah, casou-se e ficou em casa.

IB: Isso mesmo.

TP: Cuidando dos irmãos menores.

IB: Essa que faleceu, não é?

TP: Ah, sim... É, isso que eu ia perguntar para a senhora. Os filhos, na medida que foram casando, D. Inês, como é que era o relacionamento deles com a senhora? Eles vinham muito à sua casa ou a senhora ia à casa deles?

IB: Ah! Não. Todo domingo estavam lá ou tivesse ou não tivesse.

TP: Eles iam para lá

IB: Iam para lá Eu achei engraçado que, um domingo, ele ia sempre lá Quando podia ter alguma coisa, então está bem.

TP: Hum, hum.

IB: Eu tinha uma geladeira, que foi até o meu genro que me deu a geladeira, que eu não tinha também não.

TP: Sei, hum, hum.

IB: Então, foi o caso, os meninos foram para lá não tinha nada mesmo.

TP: Hum.

IB: Então um virou e falou assim, o filho da caçula, falou assim: - *Uai vó, hoje não tem nada não?*

-Ah, meu filho, hoje não tem nada. Falou:

-Uai, mas você podia ter feito ao menos... água com esses papeizinhos.

TP: Q-suco.

IB: Q-suco.

TP: Hum.

IB: Ah, mas não tinha também Q-suco.

TP: Hum.

IB: Tem água só, toma água. [Risos] Aí a gente quase morreu de dó, não é?

TP: É.

IB: Porque não, tinha vez que eles traziam as coisas, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas quando eram menorzinhos também.

TP: Hum, hum.

IB: Era pior ainda.

TP: Sei. D. Inês, e como é que foi, a senhora estava nos dizendo que a senhora se dá muito bem com os genros todos, não é? Como é que foi quando as filhas começaram a namorar? É...

IB: Ah, meu Deus!

TP: Conta um pouquinho disso para nós, assim. Como é que a senhora se relacionava com os genros enquanto eram namorados?

IB: //Ah, sempre bem//.

TP: Sempre bem? E o pedido de casamento foi feito para a senhora, ou foi feito para o pai?

IB: Só, só da Isaura que foi pedir. O Lauro foi lá no bar e pediu.

TP: É?

IB: Só da Isaura. O resto não.

TP: //Pedir para o pai//. Hum. O resto tratava era com a senhora.

IB: É.

TP: É? A senhora era a grande/

IB: Eles já sabiam, não é?... Eles viam, não é?

TP: Hum, hum. A senhora era a grande matriarca da família.

IB: É, o Lauro que foi lá, único.

TP: Sei.

IB: O resto/

TP: Os outros não. E a senhora era muito brava com as filhas na época de namoro?

IB: Mais ou menos.

TP: Mais ou menos.

IB: Agora, não queria mentira.

TP: Hum.

IB: Para mim mentira, minha filha, arrancava até, até o nariz. [Risos] Ah não, não gosto.
Não vem com mentira que eu não aceito.

TP: Hum, hum.

IB: Não aceito, porque a senhora sabe, não é? Fala - *Vou aí*. Se eu precisar, eu sei que está
aí, eu mando lá não é? Agora diz que esta aí e está em outro lugar? Ah não!

TP: Hum, hum.

IB: Não vem não.

TP: Isso a senhora não aceitava.

IB: Não, não aceitava. Não aceitava e não aceito até hoje. [Risos] Não vem com mentira
não. Não há necessidade, gente, não é?

TP: Mas então, os filhos foram se casando, conversaram com a senhora, não é? E, enfim,
casavam mas retornavam sempre.

IB: Ah, no domingo sempre.

TP: Para casa. No domingo a casa era sempre uma casa/

IB: Sempre.

TP: Animada, cheia de gente.

IB: No domingo vocês não iam sempre lá? [Referindo-se a sua filha Bruna, que escutava a entrevista em um canto]. Parou de ir lá depois que eu vim para cá, não é?

TP: Hum, hum. Pois é, até essa vinda para cá nós queremos saber um pouco também, que a senhora ainda não contou isso para nós, não é? A senhora morou no Carlos Prates até quando, D. Inês?

IB: Até, em... 76.

TP: Até, 76. A senhora nos disse que o seu marido faleceu em 70.

IB: 70. Fiquei/

TP: A senhora ficou 6 anos ainda.

IB: É, 5 anos e pouco sozinha lá, não é?

TP: Ah, isso que eu queria saber! Morando sozinha?

IB: Sozinha.

TP: É mesmo? Na casa que a senhora sempre morou.

IB: É isso mesmo, mas é assim: a casa lá é assim, tem a casa grande na frente.

TP: Hum, hum.

IB: Estava alugada. Mas não era minha não, porque nós vendemos para a minha filha.

TP: Sei.

IB: Para o irmão do Lauro, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então estava alugada e outro chalezinho, assim como está a casa aqui, não é?

TP: Sei.

IB: Agora esse outro, de frente à rua era o meu.

TP: Hum, hum.

IB: Até, um chalezinho bom, não é Bruna? Então quer dizer que eu morava aí, mas tinha muita gente...

TP: Em volta, não é?

IB: Em volta. E as meninas todos os dias estavam lá, não é? Que era perto.

TP: É.

IB: Agora aqui é mais longe para elas, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Muito pouco elas vem. A Aidê vem mais.

TP: Sei.

IB: Mas a Isaura vem menos.

TP: E como é que foi a decisão, porque a senhora passou então 5 anos e meio morando sozinha.

IB: Sozinha.

TP: Mas com todo mundo por perto, não é?

IB: É isso mesmo, é isso mesmo.

TP: E depois a decisão de vir para cá, de vir para a casa da Bruna, como é que foi isso?

Bruna Berlini : //... era um mês só//.

TP: A senhora veio para passar um mês?

IB: Não... Ah, isso mesmo, porque eu ia para a Itália.

TP: Ah, sim!

IB: Está vendo? Eu ia para a Itália, em 76.

TP: //Hum//. Sei.

IB: Acontece que meu irmão morreu.

TP: Hum, hum.

IB: Mas antes disso, houve uma trapalhada com minha filha, a caçula.

TP: Hum.

IB: Que separou do marido.

TP: Sei.

IB: Aí, quase morri.

Bruna Berlini: Não aceita até hoje.

TP: Hum, hum.

IB: Quase morri, que eu falei que eu agüentei tanta coisa.

TP: Hum.

IB: Nunca pensei nisso.

TP: Sei.

IB: E ela que tinha tudo de bom, do melhor... foi caçar desquitar do marido.

TP: A senhora então achou/

IB: Nossa Senhora, pelo amor de Deus!

Bruna Berlini: Pega fogo até hoje.

IB: Até hoje.

TP: É, D. Inês?

IB: Até, hoje, pelo amor de Deus.

Bruna Berlini: Hoje está na moda, mas/

IB: Ah, está na moda. Porque não tem vergonha. [Risos] E eu então, o que eu era? Até hoje que eu penso. O que que eu era, então? Monstro? Porque se eu agüentei tanta coisa, por causa de que? Para elas terem um nome honrado, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Podem falar: - o pai dela embriagou, como muitos falaram, não é? Mas, não podem falar outra coisa de mim, não é?

TP: Hum, hum... Mas a senhora/

IB: [Agora essa]. Ah, mas também eu tive uma irmã também que ajudou um pouquinho, não é?

TP: Sei.

IB: Ah, ela é bonita, ela é nova, ela é rica.

TP: Hum, hum.

IB: Mas tinha o pretendente pertinho... não é? Mas não foi para frente não.

TP: Hum.

IB: Ela não está com o marido mas também não está com o outro também não.

TP: Sei.

IB: Até que eu viver não entra outro lá não.

TP: É, D. Inês?

IB: Ah, não entra não... Para ficar lá dentro?

TP: Hum.

IB: Não entra não.

TP: A senhora não concorda.

IB: Não concordo.

TP: Hum, hum.

IB: Para que? Não serve um não serve outro também.

TP: Sei.

IB: Não tem estrela... não é? Então nisso, fiquei muito nervosa.

TP: Hum.

IB: Muito ruim.

TP: Isso nas vésperas de a senhora ir para a Itália.

IB: Não, já tinha feito a... tomado injeção para viajar. Naquele tempo/

TP: Sei.

IB: A gente tomava injeção.

TP: É, vacina, não é?

IB: //[...]/.

TP: Hum [Risos].

IB: E acabou. Acabou minha vida, acabou.

TP: É?!

IB: Então aí eu resolvi. A mais próxima era essa, não é? Então eu falei: - *Ah, vou lá na Bruna.*

TP: Sei.

IB: Mais longe... eu vim.

TP: Ah, a senhora queria tomar distância do problema, que a senhora estava muito chateada.

IB: Nossa Senhora!

TP: E aí veio passar uma temporada aqui e ficou.

IB: Fiquei. [Risos] Até hoje, 16. Vai fazer 16, não é? [Silêncio]

TP: Isso não causou um certo ciúme nos outros filhos, D. Inês? Da senhora ter vindo para cá.

IB: Não, eles têm, mas meu Deus do céu. Eu falo uma coisa: aqui eu tenho meu quartinho sozinha aqui.

TP: Hum, hum.

IB: Meu banheirozinho ali/

TP: A senhora gosta de ter sua privacidade.

IB: Não é? Ah, os outros, se eu vou na casa dos outros, durmo uma noite, um já tem que dormir noutro lugar.

TP: Hum, hum.

IB: Porque tem tudo certo, não é?

TP: É.

IB: Tem aí, 2, 3 quartos, mas tem moça, tem moço. Quer dizer, não vai ficar junto.

TP: É.

IB: Então atrapalha, não é?

TP: Sei.

IB: Não gosto.

TP: A senhora gosta de ficar no seu cantinho.

IB: Num lugar sozinha, sossegada. Eu rio, eu choro, eu danço, eu pulo. [Risos] Mas estou aqui dentro, fechada, não é?

CF: É importante.

IB: De modo que... o da Mariluz, ela acabou comigo mesmo... acabou mesmo.

TP: É? A senhora ficou muito chateada com a decisão dela.

IB:... Fiquei e estou até hoje.

TP: Isso continua. E isso já tem muitos anos, não é D. Inês?

IB: Já.

TP: Não passou essa mágoa.

IB: Isso tem quanto? 76, não é? É, foi quando morreu [Joselino].

CF: 14 anos.

IB: E a minha irmã acoitando? Ah, isso foi duro. Foi duro.

CF: Essa irmã da senhora que morreu morava aqui em Belo Horizonte?

IB: Quem?

Bruna Berlini: Na Itália.

CF: Ela morava na Itália, essa irmã da senhora que morreu morava em Rimini.

BB: Irmão.

CF: Irmão, que morreu em 76.

IB: É, morava na Itália. Ele sempre vinha aqui... sempre vinha aqui.

CF: Ah, era o grande amigo da senhora, que a senhora gostava muito dele.

IB: Isso mesmo, isso mesmo. Sempre vinha aqui. Mas, Nossa Senhora. Tanto é que quando ele faleceu, minha irmã telefonou, eu falei: - *Ah, pelo amor de Deus, eu estou com um espinho aqui na garganta.*

TP: Hum.

IB: Eu tenho muito que pensar na morte do meu irmão. Não quero nem saber mais nada.

TP: Sei.

IB:... Ah, mas isso/

TP: Então foi um ano difícil também para a senhora.

IB: //Ah, foi//.

TP: Porque perdeu o seu irmão, que era muito querido.

IB: //Ah, está doido//, ver uma irmã ainda ajudar, podia ter me falado, não é? [Silêncio]
Não, ela trabalhou tudo debaixo d'água.

TP: Hum.

IB: Ah, não!

TP: Quer dizer que a senhora ficou brava com a filha e com a irmã que deu cobertura.

IB: E estou com as duas até hoje. [Risos] Não jogo praga, não faço nada, eu converso. Eu falo, mas... meu coração/

TP: Não é uma coisa que a senhora tenha aceitado, não é?

IB: A chaga não fechou ainda não.

TP: Sei.

IB:... Deus que me livre.

TP: Hum, hum.

CF: Acabou a fita, gente.

[FIM DO LADO B DA FITA 4]

B

Belo Horizonte, 14, 22, 23, 33, 68
Brasil, 5, 6, 9, 10, 12, 14, 18, 56
Bruno, 4, 37, 38, 53, 54, 55

C

Casa de Itália, 26

F

família, 2, 15, 17, 19, 20, 23, 41, 61
Fazenda do Rosário, 26, 28, 32, 34, 40, 41

H

Helena Antipoff, 41

I

Itália, 5, 6, 7, 16, 17, 22, 26, 54, 58, 63, 64, 66, 68

P

Pestalozzi., 41, 42

R

Rimini, 1, 5, 6, 7, 23, 68
Rio de Janeiro, 6, 10, 20, 23

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
ENTREVISTADA: INÊS BERLINI BULDRINI
ENTREVISTADORES: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA
DATA DA ENTREVISTA: 26 DE OUTUBRO DE 1990
LOCAL:

Entrevista - fita 5 - lado A

TP: D. Inês, então sobre esse diário, a senhora já nos disse, de outra vez, que a senhora tinha feito um diário e tinha dado para a sua neta.

IB: É isso mesmo.

TP: A senhora podia nos contar quando foi que a senhora fez, por que a senhora fez, para qual neta que a senhora deu e porquê.

IB: Não, porque a minha filha, a 3ª, que é casada com o irmão do Lauro, ela sempre falava assim: - A senhora bem que podia fazer um diário [riso]. É danada aquela.

TP: Hum.

IB: Eu falava: - Ah, o que é isso! Eu não vou fazer diário não. Bom, de tanto fala, fala, então ela me deu uma porção de papel.

TP: Sei.

IB: E eu comecei a fazer, eu fiz. Quando entreguei para a minha neta, ela: - Só isso? Por que não fez mais? Tem muita coisa ainda que falta. Eu falei: - Ah, falta o quê?! Então põe as tuas. [risos]. Quase foi uma danação. Bom, daí, daquela, a outra também queria, mas não fiz mais não.

TP: E isso foi quando, D. Inês?

IB: Ah, meu Deus! Me apertou.

TP: Te apertei?

IB: Espera, deixa eu ver.

TP: Faz pouco tempo?

IB: Não, uns 4, 5 anos.

TP: Ah, é? É bem recente.

IB: Ah, sim, sim. Ela era casada já.

TP: Sei.

IB: Ela deve ter. Eu escrevi ao meu modo, não é? Depois ela ia é...

TP: Reescrever.

IB: Como fala? Corrigir, não sei se ela ia passar a máquina ou como é que era, não é?

TP: Sei.

IB: Porque minhas palavrinhas são difíceis.

TP: É?

IB: [riso]

TP: Mas quando a senhora aceitou fazer o diário para a neta. O que foi, o que a senhora sentiu na hora assim de fazer o diário?

IB: Não, eu, porque eu gosto.

TP: É?! Não é?

IB: Eu gosto.

TP: A senhora gosta de contar a sua história.

IB: É isso mesmo, não é?

TP: De poder lembrar.

IB: É. Eu não falei para a senhora que no fim, que eu falei que eu era italiana.

TP: Hum, hum.

IB: E meus filhos eram brasileiros.

TP: Isso.

IB: Afinal de contas, não é? Brasileiros. Era o tempo da Copa, antes da Copa.

TP: Sei.

IB: Que era, eu estava entre a espada e a cruz.

TP: Hum, hum.

IB: Porque, como é que eu ia fazer? Se eu torcesse para os meus, eu estava errada, não é? Porque não ia torcer de coração, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então torcer para os outros também, não ia torcer, não é? [risos] Então eu falava: - Estou entre a espada e a cruz, vou ficar neutra. [risos]

TP: E quanto tempo a senhora levou fazendo esse diário, D. Inês?

IB: Ah, não levei muito não.

TP: Não?

IB: [...] fazer um pouquinho. Um pouquinho, não, um poucão. Eu gosto, meus troços todos são correndo.

TP: É? Mas foi o quê? Só para eu ter uma idéia. Alguns dias, alguns meses?

IB: Não, acho que quase um mês eu levei.

TP: Quase um mês? É?

IB: É. Porque não era todo dia também que eu pegava, não é? Na hora que me dava na veneta/

TP: Que dava vontade. E ficou muito grande, D. Inês?

IB: Não, é por isso não estou falando que ela já achou ruim.

TP: Hum. Que ela queria mais.

IB: Queria que fizesse mais, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Uma coisa mais abreviada, não é? Para andar mais depressa.

TP: É. E esse diário, como foi que a senhora fez? A senhora foi falando das coisas na medida que a senhora se lembrava ou a senhora escolheu alguns temas assim?

IB: Não, não, não, assim que eu lembrava eu ia.

TP: É? Foi contando o que vinha na sua memória.

IB: É isso mesmo, isso mesmo.

TP: Ah. D. Inês, por falar em memória, me conta só uma coisinha assim, que é uma curiosidade nossa. A senhora tem a sensação assim, de que as coisas que se passaram na sua infância, na sua juventude, elas são muito presentes para a senhora.

IB: Ah, sim.

TP: Quando a senhora está se lembrando delas, não é?

IB: É, lembro sempre.

TP: Mais do que as coisas mais recentes que acontecem.

IB: //Ah sim, sim.//

TP: É?

IB: Ah, tá doido.

TP: [riso]

IB: Meu passado foi muito melhor de que, de que [riso]

TP: É, não é?

IB: Minha idade até os 20 anos, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Que até os 20 anos, eu vim embora eu tinha 20 anos.

TP: É. Então as recordações que a senhora gosta mais são as recordações que levam a senhora de volta para Rimini.

IB: //É isso mesmo.// Eu estou pensando em ir embora outra vez.

TP: É mesmo, D. Inês? [riso]... Bom, mas por falar nisso, por falar em viagens, em ir embora, uma outra coisa que nós queríamos saber, é, assim: a senhora já nos contou das viagens que a senhora fez para o Brasil, as viagens de volta para a Itália. Agora, eu queria saber um pouco assim, o que que a senhora gostava de trazer, por exemplo, que tipo de lembrança, quando a senhora voltou à Itália, não é? Em 1950, por exemplo, depois de ter passado tanto tempo sem ir lá.

IB: É isso mesmo.

TP: Quando a senhora voltou lá, a senhora passou um ano, não é?

IB: Um ano.

TP: Quando a senhora voltou de novo para o Brasil, que tipo de coisa, de lembrança mesmo, a senhora gostava de trazer de lá?

IB: Vou contar certo, lembrança mesmo posso dizer nada, assim, dizer que comprasse.

TP: Sei.

IB: Foi o que eu ganhava eu trazia, não é? Porque aquele tempo era pior do que hoje. Não é?

TP: É.

IB: Aquele tempo era pior do que hoje, não é?

TP: É.

IB: De modo que eu trouxe muita coisa. Tanto é que veio baús, muita roupa.

TP: É? Que a senhora ganhou lá

IB: Nó! Meu Deus do céu! Muita coisa mesmo. Assim de presentes caros. Com ouro, essas coisas, nunca.

TP: Hum, hum.

IB: Muitas coroas, não é? Dessas grandonas. Isso sim.

TP: Sei.

IB: Mas tudo que eles me deram.

TP: Hum, hum.

IB: Eu fui e voltei de bolso vazio.

TP: É, eu estou perguntando lembranças por isso assim, não é? Até querendo saber se tinha alguma coisinha especial, mesmo que não fosse coisa de valor, que lembrasse a senhora mais de Rimini, assim. Alguma coisa que a senhora fizesse questão de trazer de lá para ficar mais ligada.

IB: Como é que fala, não é? Queria mais trazer roupa para as meninas. Essas coisas, não é? Todas as vezes que eu estive lá mais que eu trouxe foi isso mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Negócio de presente caro assim, recordações, não.

TP: A senhora nem tinha condições.

IB: Um tercinho, como se diz, uma coisa assim ainda vai...

TP: Hum, hum.

IB: Mas o resto. Não vou falar mentira, falar que eu trouxe a Estátua de São Pedro.

TP: Hum, hum.

IB: Não ia falar, não é? [risos]

TP: Bom. Então, e por falar em tercinho, uma coisa que a gente também podia conversar um pouco, é que a senhora já nos deixou claro que a senhora teve uma formação religiosa, não é? Católica.

IB: Graças a Deus, graças a Deus.

TP: Desde menina, não é?

IB: Todo mundo.

TP: E como é que foi isso da senhora para os seus filhos? Como é que foi a educação religiosa que a senhora deu a eles.

IB: //Pelo menos dei//... a mesma, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Dei a mesma. Não tem nenhum que seja de outro lado, nada.

TP: Hum, hum.

IB: Embora que não são todos que vão à missa todo domingo, que isso aqui, são batizados, comungados, crismados, tudo, não é?

TP: Todos os seus filhos passaram.

IB: //Todos, graças a Deus.//

TP: Por todas essas, esses atos da Igreja Católica.

IB: //Todos. Casaram na igreja, graças a Deus.//

TP: Hum, hum.

IB: Todos.

TP: E quando eles eram pequeninhos, como é que era? A senhora levava à missa todo domingo ou a senhora não podia ir e fazia com que eles fossem.

IB: É, eles iam, depois de moço mesmo, elas iam mesmo.

TP: Continuaram indo.

IB: Isso não teve...

TP: Hum, hum.

IB: Agora, hoje é que é mais difícil, não é?, porque muitas vezes pode ir, não pode ir, de modo que/

TP: É claro.

IB: Mas...

TP: Quando os filhos são pequenos é mais fácil, não é? Da senhora orientar, não é?

IB: //É isso mesmo//, é isso mesmo.

TP: Hum, hum....

IB: A vida não foi fácil mas rompeu, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Graças a Deus.

TP: Uma outra coisa que a gente queria saber também, D. Inês, até com relação à senhora mesmo e aos seus filhos depois, é, a senhora já nos disse que a senhora pouco participava de festividades, não é? Que a única coisa que a senhora...

IB: É isso mesmo.

TP: O lugar que a senhora freqüentava era a Casa de Itália, não é?

IB: É isso mesmo.

TP: Quando eles eram pequenos. Mas tinha uma pergunta que eu queria fazer para a senhora. A senhora, quando veio para o Brasil ouviu falar no carnaval desde o início? Porque o carnaval é uma festa importante no Brasil.

IB: Ah, sim, sim.

TP: A senhora, na Itália tem alguma festa que se possa comparar?

IB: Não, tinha na rua, mas não sei como aqui na rua assim, não!

TP: Não. Em Rimini não tinha festa de carnaval.

IB: Tinha.

TP: Tinha?

IB: Tinha, no meu tempo tinha.

TP: É? E como é que era, D. Inês?

IB: Mas era nesses carros alegóricos só.

TP: Sei.

IB: Sem muito, nada de correr na rua, jogar laranja, jogar farinha de trigo, nada disso.

TP: Não. [riso] Era só desfile de carros.

IB: Lá tinha bomboniêre, que as moças estavam, porque lá tudo casa... aqui.

TP: Alta, não é?

IB: É apartamento, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Eles jogavam com a flecha na janela das moças.

TP: Ah, é?

IB: É.

TP: Mas as pessoas saíam/

IB: Não tinha nada disso. Agora, faziam carros alegóricos assim, de comida.

TP: Sei.

IB: É, faziam.

TP: Como que era?

IB: Comida. Mas agora escuta só, hein?

TP: Hum.

IB: [Penico].

TP: Hum.

IB: Punha lata na mostarda não sei se aqui tem.

TP: Hum.

IB: Lá usa muito, não é? Eles jogavam tudo assim no penico, não é?

TP: Hum.

IB: E punha macarrão. Eles, lá em cima nos carros alegóricos, todos comiam.

TP: Ah, é?

IB: Assim, as características assim.

TP: A farra era um pouco com a comida mesmo.

IB: É. Agora, tinha muita festa nos clubes.

TP: Sei.

IB: Muitas fantasias bonitas.

TP: Ah, festa de fantasia nos clubes.

IB: Muito bonito. Isso era muito bonito mesmo.

TP: //Hum.// E a senhora ia quando era menina.

IB: Não.

TP: Não, não era costume da sua família.

IB: Nunca, nunca, nunca nós participamos.

TP: Hum.

IB: Nunca.

TP: Porque seu pai não gostava.

IB: //Meu pai não gostava//, meu pai não gostava.

TP: E a senhora, mas a senhora via o movimento para a festa.

IB: Via.

TP: Tinha vontade de ir.

IB: Não, até que não.

TP: Não.

IB: Eu não estava muito influenciada, não estava. Nisso não.

TP: Sei. E aí quando a senhora veio para o Brasil, a senhora soube logo que aqui tinha uma festa importante que era o carnaval.

IB: //É isso mesmo.// É.

TP: E a senhora se lembra assim dos primeiros anos que a senhora chegou em Belo Horizonte, a senhora ia com o seu marido ver o carnaval?

IB: Íamos sim.

TP: Iam?

IB: Mesmo com elas todas pequenas.

TP: Hum.

IB: A rua Tupis.

TP: Sei.

IB: Atravessava a Central. Na rua Tupis com, tinha essas caricaturas de burro, que insultava.

TP: Hum.

IB: Aqueles balaiões. Todas essas bobajadas, não é? E todo mundo gostava, não é? Porque uai, não ia em parte nenhuma.

TP: É.

IB: E ia com aquela fileira de filharada toda.

TP: [riso]

IB: Na rua Tupis.

TP: Ah, então vocês iam. Todo ano vocês desciam para ver a festa.

IB: É, nós sempre íamos.

TP: E no Carlos Prates tinha alguma festa de carnaval do bairro, D. Inês?

IB: Ah, tinha, tinha. Tinha também baile, também, no Tremedal.

TP: Hum, hum.

IB: Me [disseram] que tinha, não é?

TP: No clube, não é?

IB: Não, tinha.

TP: Mas festa de rua não havia muito lá no Carlos Prates.

IB: Não, era tudo mais era/

TP: No centro.

IB: A rua Tupis, que ia para o centro, não é?

TP: Sei. E as meninas, alguma vez a senhora fantasiou as suas filhas para ir, para saírem no Carnaval?

IB: //Não//, não.

TP: Não, não é? Só iam ver mesmo.

IB: Só.

TP: Hum, hum.

IB: Chegava com aquilo [riso].

TP: E quando eles já eram, não mais crianças, mas já eram moças e rapazes, aí eles já iam ao Carnaval, assim, ou/

IB: É, mais ou menos, mas de fantasiados mesmo não.

TP: Não. Não era um costume da família então.

IB: Não.

TP: E ainda com relação à educação dos filhos a nível da religião, a senhora disse que eles foram todos batizados, crismados, fizeram a primeira comunhão.

IB: Sim.

TP: E a senhora se empenhava pessoalmente na primeira comunhão? Assim, a senhora fazia roupa?

[Passa um avião]

IB: Isso mesmo. Só dessa daqui que eu não fiz, não é? Nem sua [referindo-se à filha presente] nem da Mariluz.

TP: Hum, hum.

IB: Porque foi quando eu vim da Itália, em 50. Que a Mariluz comungou, então foi a vizinha que fez.

TP: Sei.

IB: Afinal ficou muito bonita, não é? A sua também.

TP: Hum, hum.

CF: A gente tinha ficado em dúvida outro dia, quando que a Casa de Itália tinha sido fundada na rua Tamoios. Eu li que ela foi fundada em 35, na rua Tamoios.

IB: Em 35?

CF: É, a Casa de Itália.

IB: É, eu sei que o meu marido também trabalhou uma semana lá

CF: Hum, hum. Ela era em outro lugar antes ou ela nasceu na rua Tamoios?

IB: //Gratuito.// Não, pelo menos eu acho que nasceu aí.

CF: Nasceu lá, hum, hum.

IB: Não me recordo se tivesse um outro lugar não.

CF: A senhora começou a freqüentar já na rua Tamoios.

IB: Isso mesmo, na rua Tamoios. Até a Segunda Guerra, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Depois daí, elas foram sempre, da Casa de Itália, não é? Ao colégio Monte Calvário e o Marconi, sempre era da Casa de Itália, não é?

TP: Hum, hum.

CF: Mas D. Inês, na Segunda Guerra, a Casa de Itália foi saqueada, jogaram pedras, tiraram símbolos, não foi?

IB: Ha, ha, Nossa Senhora, uai! Todo mundo foi, todo mundo foi embora.

TP: Hum, hum.

IB: Diretora, todo mundo foi embora. Todas as professoras, todas italianas, não é?

TP: Voltaram para a Itália mesmo? É?

IB: Voltaram para a Itália.

TP: De tão assustados que ficaram com a confusão aqui.

IB: Voltaram para a Itália, pois é.

CF: Depois da Guerra.

IB: Depois da Guerra.

CF: Durante não, não é?

IB: Não. Naquele tempo que apedrejaram tudo, não é?

CF: Hum, hum.

IB: Foi aquele tempo. Foi todo mundo embora.

CF: E então a Casa de Itália nunca mais funcionou depois daquela época.

IB: Não, aí não.

CF: Fechou por causa disso.

IB: //Depois,// pois é. Depois funcionava na rua Curitiba.

CF: Hum, hum.

IB: Na rua Curitiba. Mas, mesmo assim, só o consulado.

TP: Aí já era diferente.

IB: Já era diferente. Mas lá na Tamoios era muito bonito. Tinha, todo sábado tinha cinema, tinha festinha.

TP: Hum, hum.

CF: E tinha muita coisa boa para a comunidade italiana, não é?

IB: Muita, muita mesmo.

CF: Escola, não é?

IB: Muito mesmo. Agora não tem mais nada.

TP: E me conta uma coisa, D. Inês. A senhora fala, os seus filhos, parte deles estudou na Casa de Itália os outros foram, ou mesmo os que estudaram lá foram depois para o Monte Calvário ou para o Colégio Imaculada, foi só a...

IB: Só a Isaura.

TP: A d. Isaura.

IB: Só a Isaura.

TP: Não é? E a senhora, como é que a senhora escolheu esses colégios? Foi alguma sugestão de pessoas amigas, vizinhos ou do pessoal da própria Casa de Itália? A senhora se lembra disso?

IB: Não. Não, porque tinha minha vizinha, minha amiga, ela justamente trabalhava na Casa de Itália.

TP: Sei. Que era quem a senhora levava os filhos dela para a escola.

IB: Não. Essa que trabalhava lá mesmo não, não levava filho não.

TP: Ah, não?

IB: A vizinha que levava filho.

TP: Hum.

IB: Mas essa trabalhava mesmo era na cozinha, sabe?

TP: Sei.

IB: Na cantina, como diz aqui, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então, aí começaram todos no jardim, no curso ginásial também. O primeiro tinha também.

TP: E aí eles que sugeriram para a senhora então, que o Monte Calvário era um bom colégio.

IB: Não, o [...] não. O mesmo colégio, ginásio. Começou também na Casa de Itália.

TP: Sei.

IB: Depois da Guerra que...

TP: Que acabou.

IB: Acabou, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Então foram todos transferidos para o colégio... Monte Calvário.

TP: //Monte Calvário.//

CF: D. Inês/

TP: Ah, então, só um instante, todo mundo que estudava na Casa de Itália, quando a Casa de Itália acabou, foi...

IB: Todos os que quisessem podiam ir para lá

TP: A maioria das pessoas foi para o Monte Calvário.

IB: //É isso mesmo//, é isso mesmo.

TP: Foi um acordo entre a escola e a Casa de Itália.

IB: //Está certo, é isso mesmo//.

TP: Hum.

CF: E na Casa de Itália só estudava italiano ou filho de italiano, ou...

IB: Logo no começo, falo no começo, não tinha nem um moreninho lá dentro.

CF: Hum, hum.

IB: Não entrava.

CF: Mas brasileiro mesmo também não.

IB: //É.// Era só filho de italiano mesmo. Agora, depois não.

TP: //Sei.// Hum.

IB: [...] mesmo no Monte Calvário tem agora, tem até pretinho, tem tudo. Mas logo no começo não.

TP: Era só para...

IB: E todos bem uniformizados, todos com sapato, todos... não dava ninguém mesmo. Todos tinham que ser com uniforme.

TP: Hum, hum.

CF: E até a Casa de Itália fechar então, só teve italiano ou filho de italiano.

IB: É, não! Depois começou a, mais um moreninho, mais um moreninho.

TP: Começaram a aceitar os brasileiros.

IB: Quer dizer, mesmo quando acabou lá tinha moreninho, tinha sim.

CF: E a senhora chama de moreninho qualquer brasileiro? [risos] É porque eu não estava entendendo direito. Qualquer brasileiro para a senhora, a senhora chama de moreninho, então.

IB: É. [riso].

CF: É, então entendi, está certo.

TP: Então vamos conversar um pouquinho disso, não é? A senhora, enquanto estava na Itália, a senhora não conhecia negros.

IB: Como?

TP: Enquanto a senhora viveu na Itália, até 20 anos, a senhora não conhecia negros? Negro mesmo.

IB: Não, de vez em quando na praia vinha os africanos.

TP: Ah, é?

IB: Ah, nós corríamos para ver, não é? [risos] Nossa Senhora! Ah, meu Deus!

TP: Era muito diferente, não é D. Inês?

IB: Muito alinhados, não é?

TP: Sei.

CF: Alinhados, eles eram alinhados?

IB: Nossa Senhora! Granfinos feito não sei o quê. Muito bem tratados. Uns dentes, uma maravilha.

TP: E iam para Rimini para fazer turismo mesmo.

IB: É.

TP: Iam para a praia.

IB: Pois é? Eles vendiam as coisas, não é? Vinham trazer tapete, peles, essas coisas, para a praia.

TP: Ah, sei, faziam/

IB: Aí, nós corríamos, era uma beleza para nós. í...í...í...í. [risos] Mas quando eu vim a primeira vez, minha filha...

TP: Quando a senhora veio para o Brasil?

IB: Que eu vim para o Brasil.

TP: Hum.

IB: O navio parou em Dakar. A negrada subiu toda e eu fiquei com um medo.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: Nossa Senhora!

TP: A senhora teve medo mesmo?

IB: Tive medo, ah, tive.

TP: Mas que tipo de medo? O que que a senhora achava que eles podiam fazer?

IB: Ah, medo, não sei, parecia tudo bicho do mato.

TP: A senhora achava uma coisa muito diferente.

IB: //Nó, tudo desdentado,// tudo maltrapilho. Nossa, pelo amor de Deus!

TP: Nem lembrava os negros alinhados que a senhora via lá em Rimini.

IB: Ah, não, nem ver, Nossa Senhora! Nem ver.

TP: E aí a senhora se assustou mesmo.

IB: A gente jogava dinheiro de cá de cima. Eles iam no mar, eles pegavam com a boca o dinheiro.

TP: Mergulhavam no mar?

IB: Até mesmo sem dente.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: //É.//

TP: Então, o que era uma população, lá em Dakar era gente pobre mesmo.

IB: Ah, muito, muito.

TP: Eram negros pobres.

IB: Nó, tudo maltrapilho, tudo sujo, minha filha de Deus. Descalços. Ah, Nossa Senhora.

CF: Mas eles seguiram viagem no navio também ou não?

IB: Hein?

CF: Eles seguiram viagem no navio?

IB: Não, não, não. Foi só quando parou. Navio, não é? Eles entraram todos. Meu Deus do céu.

TP: Hum. Era só uma farra ali deles.

IB: É isso mesmo, é.

TP: Para conhecer o navio, para pedir esmola.

IB: Para pedir esmola.

CF: Para vender também uma coisinha ou outra? Eles vendiam alguma coisa no navio?

IB: Não, eles não, eles não.

TP: Nem tinham o que vender, possivelmente.

IB: Não, eles não.

TP: E aí, quando a senhora chegou no Rio de Janeiro, a senhora, a primeira vez a senhora disse que não ficou no Rio, praticamente, não é? A senhora chegou e pegou o trem para Belo Horizonte.

IB: //Não, isso mesmo.// Para Belo Horizonte.

TP: Então a senhora não, dessa primeira passada, passagem pelo Rio, a senhora não chegou a conhecer a cidade do Rio de Janeiro, não é?

IB: Não, não, não, não.

TP: Aí a senhora veio direto para Belo Horizonte.

IB: //Nós viemos embora//, que viemos com o tal senhor que garantiu...

TP: A sua estadia aqui, não é?

IB: A minha estadia, não é? Como de fato muito bom. A família dele muito boa. Até hoje nós temos amizade.

TP: Hum, hum.

IB: Mas... nós fomos morar na rua do Serro.

TP: E aí, quando a senhora estava morando na Lagoinha, que foi o primeiro lugar que a senhora morou sozinha.

IB: É isso mesmo.

TP: A senhora tinha vizinhos negros, D. Inês?

IB: Não.

TP: Não.

IB: Por aí não tinha.

TP: Não tinha não. Mas em Belo Horizonte, o que, de maneira geral, o que que a senhora me diria? A senhora encontrou muitos negros aqui, na cidade? Estou falando em geral.

IB: Ah, sim. Na Lagoinha tinha, não é?

TP: Tinha.

IB: Que agora, hoje, quase não tem tantos como tinha àquele tempo, 70 anos atrás.

TP: É? Hum.

IB: Está doido. Tinha muitos, não é? Todos maltrapilhos, tudo desdentado.

TP: Hum.

IB: Mas aí, não, não. Agora, meu marido como era pedreiro, não é? Sempre tinha servente preto, não é?

TP: Sei. Mas aí esses aqui no Brasil não assustavam a senhora não.

IB: Não.

TP: A senhora não tinha medo como a senhora teve lá em Dakar.

IB: Não, só lá porque eles entraram assim tão/

TP: Foi uma invasão.

IB: Nossa Senhora! Entraram muito.

TP: Hum, hum.

IB: E lá aquele tempo, era separado. Não era junto o casal não. As mulheres de um lado, homens do outro, não é?

TP: Sei.

IB: De modo que a gente assustou mesmo quando eles entraram lá dentro.

TP: Hum, hum.

IB: Nossa Senhora!

CF: Como que é essa história, D. Inês? No navio ficava separado mulheres de um lado e homens de outro?

IB: É.

CF: Mesmo sendo casados?

IB: É.

CF: Porque a senhora foi com o marido da senhora, a senhora viajou com o marido da senhora.

IB: Isso mesmo.

CF: A senhora não ficou junto com ele na viagem?

IB: Não, não, não, não.

TP: Ah, não?

IB: Não, não.

TP: Isso a senhora não tinha nos contado.

IB: Não, não.

TP: O navio/

IB: Duas vezes que eu viajei, separados. Todo mundo. Os homens eram de um lado e as mulheres eram de outro.

CF: Encontrava só para almoçar e jantar.

IB: Isso mesmo. Só.

TP: E como é que era a condição de alojamento do navio?

IB: Ih! Nossa Senhora. Pelo amor de Deus.

TP: A senhora não gosta nem de lembrar. [riso]

IB: Nó, meu Deus! Tinha rato, tinha tudo quanto é porcaria. Nossa Senhora.

TP: É, D. Inês? Terrível mesmo?

IB: Nossa! Terrível mesmo. Nossa Senhora.

TP: A senhora nunca pensou que fosse passar por uma experiência dessa.

IB: //Ah, nunca.//

TP: Quando morava lá em Rimini.

IB: Nossa Senhora. Foi feio mesmo.

TP: É? E era, como era? Era um alojamento grande assim, onde dormiam todas as mulheres?

IB: Todas as mulheres.

TP: E do outro lado um alojamento grande onde dormiam os homens.

IB: Agora, comida a gente ia buscar. Eles davam marmita, essa latariada, não é?

TP: Hum, hum.

IB: As latas. Ia lá na fila, buscar na cozinha... Meu Deus. [riso]...

CF: Essa, D. Inês, essa primeira parada em Dakar, que a senhora falou, foi na primeira vinda da senhora e/

IB: É, a primeira, a primeira vinda. Fui em Dakar e fui ao Rio de Janeiro.

CF: Hum, hum.

TP: Só uma parada então.

IB: Só. Levamos 25 dias, a primeira vez.

CF: E ficou parado em Dakar quanto tempo?

IB: Ah, um dia e uma noite. Até abastecer, não é?

TP: E a senhora grávida.

IB: É. Mas ninguém desceu.

CF: Hum, hum.

IB: Ninguém desceu.

CF: Não era permitido descer ou vocês não quiseram?

IB: Não, não era permitido, não.

TP: A senhora se lembra, D. Inês, já nos anos 30, quando, uma possibilidade de fazer essa viagem do Brasil para a Itália, para a... ou para a Europa, não é?, qualquer lugar da Europa, ou de lá para cá, que apareceu o Zepelin?

IB: Ah!

TP: Que era o dirigível.

IB: Eu estava no Rio.

TP: Ah é?

IB: Eu estava no Rio quando passou o dirigível. Ah, eu já conhecia.

TP: Em trinta e... em 36, isso?

IB: Em 30.

TP: Em 30, então foi o primeiro.

IB: Em 30, uai. Foi quando...

TP: Hum. Foi quando a senhora se mudou.

IB: //Quando meu filho, que eu tive que vir embora,// que não se deu com o clima.

TP: Hum, hum.

IB: Ele nasceu em 30. Mas foi interessante isso. Todo mundo correu, meu Deus. Nós estávamos na feira. Largou a feira para quem quisesse...

TP: É mesmo?

IB: É. Ia ver Zepelin. E eu já tinha visto tantas vezes, que a gente corria, porque eles iam bombardear nossa cidade, não é?

TP: É, lá em Rimini a senhora já tinha visto muito.

IB: Nó, baixinho, lindo, lindo.

TP: É?

IB: Não [foi] para frente o Zepelin, hein?

CF: Não. É tão bonito, não é?

IB: Muito bonito, muito bonito mesmo.

TP: É, é muito bonito.

IB: Eu acho que lá dentro deve ser sufocado, não é? Tudo fechado, não é?

TP: Deve ser, não é? Deve ser meio terrível a viagem.

IB: É, eu acho.

TP: É, mas que é bonito, é.

IB: Muito bonito.

TP: E nos anos 30, eu acho que vieram, era uma rota mesmo, não é?

IB: Eu vi o mais bonito aqui no Rio de que na Itália, que sempre ia bombardear.

TP: Hum, hum.

IB: A gente via sempre, não é? Mas muito bonito. Todo mundo correu, meu Deus do céu.

TP: Hum.

IB: Se tivesse ladrão mesmo como tem hoje, àquele tempo, acho que eles não iam olhar o Zepelin não, iam olhar as bancas. [risos]

TP: A feira ficou para quem quisesse.

IB: Mas que engraçado, hein?

TP: Hum, hum.

IB: Mas esse povo o que que não pensou também, hein?

TP: É....

CF: D. Inês, a senhora passou muito pouco tempo no Rio, a gente sabe, o que a senhora acha da cidade?

IB: Ah, é muito bonito, eu gosto.

TP: Nesses anos, nesses 10 primeiros anos que a senhora ficou no Brasil, quando a senhora veio, não é? A senhora passou pelo Rio e veio para cá. Nesses 10 anos a senhora não foi ao Rio. A senhora só voltou ao Rio em 1930 ou a senhora foi lá alguma vez antes? A senhora...

IB: É isso mesmo.

TP: Só voltou em 30.

IB: Só.

TP: E que impacto a cidade do Rio de Janeiro causou? Porque a senhora, mar não era novidade para a senhora, não é?

IB: É isso.

TP: A senhora já conhecia. Mas a gente sabe muito bem que o Rio de Janeiro é um mar especial, quer dizer...

IB: Ah!

TP: A cidade é uma coisa muito diferente, não é?

IB: Mas eu quase não saía, porque eu tinha 6 filhos, então eu ia sair como?

TP: Não deu nem muito para ver.

[Passa uma motocicleta]

IB: Não deu.

TP: Não tinha nem condições, materiais, nem psicológicas, não é? para passear naquela hora.

IB: Eu fui morar na Vila Isabel.

TP: Que era longe do mar, não é?

IB: Pois é.

TP: Hum, hum. Então a senhora não pôde passear no Rio, não é?

IB: Não [pude] mesmo.

TP: Hum, hum.

IB: Essa temporada não.

TP: Mas aí a senhora já nos contou que de outras vezes a senhora voltou ao Rio, aí já para passear.

IB: Depois que a minha filha casou, também, foi morar no Rio, aí a gente sempre ia, não é?

TP: //Aí a senhora ia muito.// A senhora fez aqueles passeios tradicionais todos do Rio? Foi até o Corcovado...

IB: Ah, fui, muitas vezes.

TP: Foi ao Pão de Açúcar.

IB: Por isso que eu estava com os meninos pequenos, eu ia sempre no Corcovado. Agora eu quase não vou mais ao Corcovado.

TP: É mesmo?

IB: A senhora já pensou?

TP: É, precisa ir de novo, não é? Lá é tão bonito.

IB: É engraçado, não é? Mas é porque, porque quando a gente ia com os meninos, tinha que andar com os meninos todos, não é?

TP: É.

IB: Agora, um do lado, outro de outro, outro de outro.

TP: É, fica difícil, não é?

IB: É mais difícil.

TP: Hum, hum.

IB: É como a minha filha, tem só dois filhos. Todos dois casaram, não é? Um está sempre lá.. Ela tem menos tempo de que primeiro, porque ela também pegava os dois, a gente saía...

TP: Hum, hum.

IB: O meu genro trabalhava em Niterói. Ele ia embora de manhã, voltava à noite, quer dizer que nós tínhamos o dia todo para zanzar. Como dizem, não é?

TP: Hum, hum... Aí a senhora aproveitava bem, não é?

IB: Aproveitava muito mais do que hoje.

TP: Hum, hum... Deixa eu saber uma outra coisa da senhora, que a gente tinha anotado aqui para perguntar também, que é sobre a cidade de Belo Horizonte. Vamos ver o que que a senhora se lembra disso. Na década de 40, quando Juscelino foi prefeito de Belo Horizonte, ele então inaugurou a Pampulha.

IB: Isso mesmo.

TP: Foi uma coisa muito badalada naquela época, não é? A senhora se lembra disso? A senhora chegou a ir à Pampulha quando estava em obras? Conta para nós um pouquinho disso.

IB: Cheguei, eu fui porque o meu compadre Boschi, ele era, proprietário eu não digo, mas pelo menos do baile era, não é?

TP: Hum.

IB: A senhora já ouviu falar dos Boschi?

TP: Da Casa do Baile?

IB: É isso mesmo.

TP: Eu conheço. A família Boschi é famosa em Belo Horizonte.

IB: São todos meus compadres. Tanto é que a Sílvia morreu agora há pouco tempo.

TP: Hum.

IB: [Tem] um mês. Todos são padrinhos dos meus filhos, todos eles. Que nós ,ramos muito unidos mesmo, não é? De modo então, por causa dessa festa então, eu fui convidada e eu participei.

TP: Ele era então, como é que era o nome desse seu compadre, D. Inês?

IB: É, Pascoal Boschi.

TP: Pascoal Boschi.

IB: Mas lá chama Casa do Baile, não é?

TP: Era Casa do Baile. Então ele era... ele que/

IB: É isso mesmo.

TP: Dirigia.

IB: Isso mesmo.

TP: Hum, hum. Ah, então a senhora foi na inauguração da Casa do Baile?

IB: Na inauguração.

TP: É mesmo?

IB: É.

TP: E o que que a senhora achou da Pampulha assim, em termos de/

IB: Bonita, não é?

TP: Achou bonita? Era uma coisa muito diferente em Belo Horizonte, não é?

IB: Muito, uai, meu Deus.

TP: Moderna, não é, D. Inês?

IB: Muito, muito.

TP: Tinha o cassino.

IB: Isto mesmo.

TP: A igreja. E a igreja/

IB: Agora a igreja, nunca entrei.

TP: Ah, não?

IB: Interessante que não.

TP: Ah! Porque a igreja, a gente sabe que houve uma resistência muito grande do bispo de Belo Horizonte.

IB: //É.//

TP: Para reconhecer a igreja, porque ela era uma igreja muito diferente.

IB: É isso mesmo.

TP: Não é? Então o bispo, ele teve uma certa indisposição nos primeiros meses.

IB: Ah, bastante tempo, não é?

TP: É. Para reconhecer mesmo a igreja como um templo católico, não é? Então a senhora nunca chegou a ir à igreja, nem a freqüentar para missa, nem nada.

IB: //Não,// nada.

TP: Hum, hum.

IB: Não... Para se ver, na Itália, Firenze, quantas estátuas que tem lá

TP: Hum, hum.

IB: À disposição de quem quiser ver, não é?

TP: É.

IB: Porque são todas nos lugares do lado de fora.

TP: É... Mas a Pampulha, ela era diferente principalmente porque era muito moderna, não é?

IB: É, é isso mesmo.

TP: E era um arquiteto, o Niemeyer, que era um arquiteto famoso, que projetou, não é?

IB: Portinari, não é?

TP: Portinari fez o painel de dentro da igreja, não é?

IB: É.

TP: Do quadro da igreja.

IB: Hoje é freqüentada, tem casamento, tem tudo, não é?

TP: É, é sim... E também tinha, além da Casa do Baile e da igreja, tinha o cassino, não é?

IB: Cassino.

TP: No Cassino a senhora nunca foi, assim, numa festa. O seu marido freqüentava, a senhora sabe?

IB: Não.

TP: Não, não gostava de jogo.

IB: Gostava de jogo, mas nunca freqüentou.

TP: Nunca freqüentou.

IB: Não era pessoa de entrar no Cassino. Era assim nesses barzinhos, nessas coisas assim, não é?

TP: Sei... O Cassino então, ele não chegou a freqüentar... Hum, hum.

IB: Porque morreu muita gente naquele cassino.

TP: Morreu?

IB: Ah! Quantos, meu Deus do céu!

TP: Por que, D. Inês?

IB: Ué, quanta turcaçada... Uai, perdiam, davam tiro lá

TP: É mesmo?

IB: Nunca ouviu falar não?

TP: Não.

IB: Ah, é, uai.

TP: É verdade essa história?

IB: É verdade sim.

TP: É? E de desespero assim, as pessoas se matavam.

IB: //[Desespero].//

TP: Ou matavam os outros, como é que era?

IB: Uai, jogava até a mulher. [riso] Se perdia tinha que dar um jeito. [riso]

TP: É, não é? A senhora ouvia contar essas histórias? A senhora ouvia por pessoas que freqüentavam ou jornal, como é que era?

IB: No jornal também, uai!

TP: É?

IB: É, eu esqueci de um turco, eu até esqueci o nome dele, mas eu posso dizer que quase conheci. Mas esqueci. Muito tempo, não é?

TP: Que foi morto lá, se matou ou foi morto?

IB: Não, se matou.

TP: É mesmo? De desespero.

IB: Desespero.

TP: Porque perdeu tudo que tinha.

IB: Lá não joga 10 cruzeiros não.

TP: Era muito dinheiro, não é?

IB: [riso] Perde, quer apostar para ver se recupera, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Não ganha, lá vai mais um.

TP: É.

IB: Uns têm sorte, não é?

TP: É.

IB: Que recuperam. Outros já não têm, não é?

TP: É. E a senhora se lembra, a senhora já nos contou que viajou algumas vezes com uma filha sua para Poços de Caldas, para a região do Sul de Minas, não é?

IB: Poços de Caldas eu fiquei 25 dias, Poços de Caldas.

TP: É? Acompanhando uma filha, não é?

IB: Isso mesmo.

TP: E essa região do Sul de Minas, lá nas Estâncias Hidrominerais, também tem cassinos famosos, não é?

IB: Tem.

TP: Que eram cassinos elegantes nos anos 40. A senhora chegou a ir a algum deles alguma vez?

IB: Nunca.

TP: Não... Não era nada que a senhora./

[FINAL LADO A]

Entrevista – fita 05 - lado B

TP: O Cassino era uma coisa muito de elite mesmo.

IB: Ah, era!

TP: Só gente muito fina é que freqüentava...

IB: Mais era freqüentado pelos turcos mesmo, não é?

TP: Quem tinha muito dinheiro, que podia se arriscar a perder.

IB: Isso mesmo.

TP: D. Inês, uma outra coisa: a senhora está falando em turcos e a gente estava conversando um pouco sobre isso. Já me disseram que no bairro Carlos Prates tinha uma colônia grande de judeus também, mais antigamente. A senhora se lembra? A senhora conhecia? Não.//

IB: Não, nem nunca ouvi falar em Carlos Prates, isso daí?

TP: É. A senhora sabe... A colônia italiana, a senhora sabe que era grande lá não é?

IB: Ah, isso eu sei... isso eu sei.

TP: E outros tipos de, ou pessoas de outras nacionalidades, assim, que a senhora se lembre... tinha alguma predominância lá no Carlos Prates? Não?

IB: Não. Porque eu morava mesmo no Carlos Prates era onde tinha a linha do trem, lá embaixo, não é?//

TP: Sei, lá embaixo.//

IB: Agora, não, agora está bonito, não é?, é igreja, a avenida Nossa Senhora de Fátima, não é? Que primeiro era o trem que, Nossa Senhora, a gente não dormia. Aquela macadame, aquela macadame: tac, tac, tac...

TP: Macadame era o... trem//

IB: Era o trem.//

TP: A maquininha.

IB: É, a maquininha, não é? Nossa Senhora.

TP: E D. Inês, a senhora, o tempo que a senhora morou na Lagoinha, a Lagoinha era um bairro ainda familiar, não é?

IB: É.

TP: Porque depois, mais para a frente, a Lagoinha se deteriorou muito, não é? O bairro tinha, tem uma região.../

IB: Agora, assim na rua do [Rutilo] fiquei muito pouco tempo, porque logo fizemos uma casinha na rua Itapecerica mesmo. Era um bangalozinho muito, muito bonitinho, bangalozinho, não é? Depois fui lá para o Indaiá, depois fui embora para a Itália, que é a minha paixão.

TP: Mas assim... a senhora... com relação à comunidade de italianos, que outros estrangeiros a senhora achava, nos primeiros anos, quando senhora chegou, que outros estrangeiros chamavam a atenção em Belo Horizonte. Assim, que tinha presença marcante. Porque os italianos, a gente sabe, não é?, que tinha muito italiano.//

IB: Não.// Eu, para falar a verdade, eu gosto de todo mundo. Não tenho preferência: nem fulano, nem cicrano, nem rico, nem pobre. Tanto é que sou mais o lado mais baixo que o mais alto, não é? A gente... Mas graças a Deus...

TP: Para a senhora não fazia diferença... Mas, agora, eu estou querendo saber assim, se a senhora achou que algum pessoal de outra nacionalidade teria tido tanta participação na construção da cidade como os italianos.//

IB: Ah!

TP: Por exemplo: os portugueses. A gente sabe que tinha muitos portugueses também em Belo Horizonte, não é?

IB: Mas que eu saiba que tenha colônia de português, eu não sei não!

TP: Não, não é? Colônia mesmo que a senhora tenha notícia era de italiano só.

IB: De italiano. Pois é.

CF: E os turcos, D. Inês, eles moravam em alguma parte especial da cidade?

IB: Aqui? Mais na Caetés, não é? Na Rua Caetés, loja, tudo de turco, não é?

TP: É. Mas eles moravam mesmo na Caetés// ou só tinham o comércio deles?

IB: Moravam//... Não, eu acho que moravam também.

TP: Moravam? Tinham casas mesmo, casas de família.

IB: É... Até hoje é turco aí, não é, na rua Caetés.

TP: E o comércio dos turcos era principalmente o comércio de tecidos, não é?// D. Inês.
Panos... e móveis também, não é?, na rua Caetés.

IB: É.// Isso mesmo. Também. Mas é pouco, é bijouteria... essas coisas, não é?

TP: A senhora nos disse que o seu marido, ele era construtor, não é? Fez a casa onde vocês moravam. E os móveis, D. Inês, a senhora inicialmente saiu para comprar, ou o seu marido também fazia, ele era...

IB: Não, não.

TP: Na carpintaria, ele não mexia não. Então vocês compravam móveis. Dos turcos, possivelmente.

IB: É, é... [...] turco [riso]... Mas tudo simples, nada de luxo, não, não comprava, não... Depois que as meninas começaram crescer, começaram a trabalhar, que ele quebrava tudo, não é?,... então...

TP: A senhora não tinha muito, muito é... como é que eu diria, assim... a senhora não fazia muita questão das coisas, muito, em casa, porque...//

IB: Como é que eu ia fazer não é? Agora, depois, quando as meninas começaram a crescer... O meu filho também, que eu falo que ele era muito nervoso, que sofreu muito, e ele não me deixava, não queria nem sair de casa com medo do outro chegar tonto, fazer... Mas, e aí começou a comprar as coisas, mas vira e mexe quebrava. Eu não tinha nada, ele não tinha nem a cama, ele, para dormir. Quem deu a cama para ele foi justamente a cunhada de Laura, casada com o Celso, não é? Mas era assim, quebrava tudo, era uma coisa pavorosa. Nisso tudo, Isaura é que sofreu mais de tudo.

TP: Porque era a mais velha, não é?

IB: Não é porque era mais velha. Porque Isaura sempre foi mais e... mais delicada... a senhora vê, põe as meninas tudo junta, a senhora nota, ela é diferente.

TP: É, não é? A senhora atribui isso ao sangue francês da senhora...//

IB: Isso mesmo.//

TP: A senhora acha que ela é que puxou mais a sua mãe, não é?

IB: É sim. É engraçado mesmo.

TP: A senhora acha que ela se distingue do resto dos outros filhos.

IB: É..., junta aqui a que parece mais com ela é a Leda, que trabalha na prefeitura de Contagem, que ela é loura, os olhos azuis, as únicas duas... mas o resto, com os outros ela quase não parece, que ela é outro tipo. As outras são...//

TP: Que ela é mais madame?

IB: É isso mesmo! As outras são todas tropeiras. [risos]... Nossa senhora.

TP: D. Inês, mas a gente podia falar um pouquinho ainda, eu queria que a senhora nos contasse um pouco, porque nós estivemos pensando, toda essa nossa conversa, nós estávamos querendo conhecer a sua, um pouco da sua história de vida, para a gente pensar um pouco como é que foi a sua vida em Belo Horizonte, não é?...//

IB: É, isso mesmo.//

TP:... que nós estamos preocupados em entender o que a senhora viveu na cidade e o que a senhora acha dessa cidade. Então, para a gente pensar..., quer dizer, a senhora veio para cá em 1920. Belo Horizonte tinha uma idade um pouco mais alta que a sua.// A senhora é quase da idade de Belo Horizonte// porque Belo Horizonte foi inaugurada em 1897 e a senhora chegou aqui em 20. A cidade tinha 23 anos e a senhora 20.

IB: Ai.// É isso mesmo, isso mesmo.// Tá certo. É isso mesmo.// E eu 20, é isso mesmo.

TP: Portanto, a senhora de lá para cá, quer dizer, a senhora acabou de fazer 90 anos. Tem 70 anos que a senhora conhece essa cidade, não é?//

IB: É... conheço. É isso mesmo.

TP: Eu queria que a senhora falasse para a gente, um pouco, o que a senhora acha, assim, desses 70 anos. Vamos pensar aqui.... É muita coisa, não é? D. Inês - a senhora vai falar o que quiser. É... por exemplo, a senhora, a cidade progrediu, o que que a senhora acha do progresso?

IB: Ah! Foi ótimo mesmo, não é?, muito!... A cidade é muito bem tratada, a senhora vê que... bonita mesmo, não é?

TP: A senhora acha.

IB: Ah! Eu acho.

TP: Desde o início, assim... O traçado original dela.//

IB: Ah!, eu acho, eu acho.

TP: E o que a senhora achou, então - voltando um pouquinho aí - porque a senhora veio para uma cidade que era muito jovem e que tinha nascido a partir de um planejamento. Ela foi planejada, não é?//

IB: Planejada. É isso mesmo, é isso mesmo.

TP: E isso era muito diferente de outros... Por exemplo, na Itália, a senhora conhecia cidades que eram muito antigas...//

IB: Antiga, como a nossa é antiga.

TP: Pois é? E que tinham surgido a partir de alguma coisa diferente, não é? Não tinham sido planejadas pelo governo como foi Belo Horizonte. O que a senhora achou? A senhora se lembra, assim, do que a senhora achou disso, a senhora estranhou muito isso?

IB: Não. Não estranhei não, porque a vida é essa mesmo, tem que progredir, não pode ir para trás, não é? [riso] Mas que eu acho Belo Horizonte muito bonita, eu gosto muito de Belo Horizonte. Mas eu, se fosse para morar, sem ser a Itália, ah!... Rio de Janeiro.

TP: Ah é! A senhora escolheria o Rio// Por que, pelo mar, D. Inês?

IB: Ah é... pelo mar.

TP: A senhora gosta de estar próxima do mar, não é? Afinal de contas, a senhora nasceu do lado dele.

IB: E... Não! Mas é interessante, tem pessoas que não têm... Eu sinto falta do mar. Sinto.

TP: E ao contrário do mar, o que a senhora achou das montanhas aqui de Minas Gerais. A //senhora já tinha visto montanhas como a senhora conheceu aqui?

IB: Ah.// Não.

TP: Não, não é. Lá na Itália a senhora não conhecia nenhuma região parecida com essa nossa aqui.

IB: Não. Só o San Marino, não é?//

TP: Que é um monte.

IB: É. San Marino é... um monte não é? Fora essa não..., tudo é planura lá não é?

TP: Mas o mar toca a senhora mais fundo do que a paisagem de montanhas. [silêncio] E essa história do progresso, a gente tem é que progredir. Como que é isso para a senhora? Andar para frente, não andar para trás.//

IB: Ah! Está certo. [riso]

TP: Mas o que a senhora acha, por exemplo, quando a senhora passeia lá pelo Carlos Prates e não vê mais as coisas que a senhora costumava ver quando a senhora morou por ali. Que sentimento que isso traz para a senhora?

IB: Não, porque não, na [...], porque a gente vê na mesma, não é?, que o Carlos Prates subiu mais, assim..., progresso, essas coisas. Lá em cima já não vou, mal mal vou ... igreja do Padre Eustáquio, uma vez ou outra, não é? Mas assim, por exemplo, como a rua Padre Eustáquio, antigamente era Contagem, Contagem não é? Agora é Padre Eustáquio. [...]

TP: Era Contagem?

IB: Antigamente era Contagem.

TP: Ah, é?

IB: Era. Depois é que ficou sendo Padre Eustáquio.

TP: A senhora tem uma boa memória, D. Inês. Todas as ruas que a senhora fala, se elas mudaram de nome, a senhora lembra o nome antigo, não é?

IB: Ah, é... pois é. Mas, quer dizer... as casas, até [aquelas dali] são as mesmas, daquele pedacinho, do grupo até quase a igreja São Francisco é a mesma cantarola. São aquelas casinhas. Tem aquelas [de panecalli] que são três, quatro, cinco, seis, sete, tudo igual, não é? Aquilo dali não mudou nada, mudou mais é para cima. Porque o progresso é muito bonito, não é? Quer dizer, mesmo lá em cima eu nunca fui - como é que eu falo - fui até a Igreja do Padre Eustáquio. A gente vê que lá em cima é bonito, vê que, não é?,... esse pedacinho que eu conheço mais é aquele pedacinho aí, aquela ruelinha aí.

TP: Mas mesmo o centro da cidade também é um lugar que a senhora conheceu bem, que a senhora freqüentava. E o centro também mudou muito, não é?

IB: //Mudou.

TP: E a senhora vê de forma favorável essas mudanças?

IB: É... Agora, como o centro, o centro é assim: eu vou na igreja da Boa Viagem, vou na igreja de Lourdes, desse lugarzinho eu não saio.

TP: É, não é? Faz sempre o mesmo trajeto.

IB: Essa rodinha... [riso] Passo pelo Barro Preto, eu rodo assim, não é? Sion, por exemplo, eu não conheço.

TP: O Sion?

IB: Não conheço... esses lugares todos. É difícil. Mangabeiras fui uma vez, mas fui de carro, o que vai ver? Não vai ver nada. Eu gosto é de ir a pé.

TP: É. Passear a pé, não é, D. Inês?

IB: Eu gosto é a pé, a pé [...].

TP: A pé é que a gente conhece mesmo, não é?

IB: Não é? Agora se fala para mim onde é que eu fui aquela noite, eu não sei.

TP: É, porque indo de carro a senhora está sendo levada, não é?

IB: É isso mesmo.

TP: Então não é o mesmo tipo de atenção, não é?

IB: Pois é.

TP: Agora, tem uma região que hoje, na cidade, é também muito desenvolvida e tal, que é a região da Savassi, que aliás, é de uma família, o nome é de uma família, é italiano. A senhora conheceu essa família?

IB: Os Savassi. Isso mesmo. É... os Savassi eu conhecia. O meu marido fazia fornos para os Savassi.

TP: Ah, é? Para padaria Savassi.

IB: Para padaria. Ele era único que fazia forno aqui em Belo Horizonte.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: Ele e o meu filho, eram os únicos. //Todas...//

TP: Olha só!// Seu filho Vander?

IB: É.// Todas as padarias italianas, todos os fornos foram feitos por meu marido.

TP: É mesmo, D. Inês?

IB: Também. Eles entravam com forno quente...// Nossa Senhora...

TP: Ah! Isso a senhora não tinha nos contado. Ele fazia o forno.../ de ferro mesmo//, batido, é.

IB: Forno...// É, é...// batido.

TP: Onde que ele fazia. Ele fazia direto no lugar onde ia instalar// ou ele tinha uma oficina.

IB: É//... Não, não, não, lá mesmo na...

TP: Sei, construía já no lugar..., não é?

IB: Já no lugar, que era...

TP: Grandes?

IB: As cozinhas que o [...] o pavimento que [...] tijolos não é?, [...] que eram a lenha, você entende. Então, tinha quebrado alguns, aí deixava o forno aberto à noite. Ele de manhã, madrugada às vezes, ia lá e entrava no forno. Ele ficava torrado, todos dois, ele e meu filho...

TP: É mesmo!

IB: Entravam, compreende, para colocar os tijolos certinhos.

TP: Quer dizer que ele andou fazendo muito forno aí.

IB: Muito... ah...

TP: As padarias todas em Belo Horizonte.

IB: Muito.

TP: E falar em padaria, o que a senhora..., porque a gente conhece hoje, o pão italiano, ele é muito diferente do pão feito aqui, não é?

IB: Sim, sim, sim, é isso mesmo.

TP: Essas padarias, antigamente, elas faziam o pão italiano mesmo, D. Inês?// O pão italiano genuíno.

IB: Não.// Bom, tinha como por exemplo os Savassi, fazia, fazia. Mas nada é a mesma coisa, não é?, porque... Mais que fazia era aquela panhoca, que palavra panhoca italiana.

TP: Ah, então a senhora chama de panhoca...

IB: Panhoca italiana.

TP:... O que eu estou chamando de pão.

IB: Panhoca italiana.

TP: É aquele redondo// pesado, com a massa pesada// boa, não é, D. Inês?

IB: Isso mesmo. [...] italiano mesmo. Mas já na Itália não. Na Itália faz assim, depois faz assim, e tem-se os quatro... é...//

TP: Ah! Fica com quatro biquinhos, assim.

IB: Isso mesmo, não é?

TP: Ele fica redondinho com quatro.

IB: Fica redondinho. Não, fica redondinho só que encaixa assim com a massa [...] já fica agarrada, não é? Mas aqui não está fazendo isso não. Panhoca faz.//

TP: É, panhoca faz.

IB: Panhoca faz, é.

TP: E faziam, desde essas padarias mais antiga// faziam a panhoca.

IB: Isso mesmo, faziam.// Acho que faz até hoje, me parece.

TP: Quando nós estávamos falando da família Savassi, não é?, porque os Savassi, acabou, foi uma família que, acho que acabou acumulando muito dinheiro aqui, não é? Muito patrimônio. Tanto é que hoje tem uma região chique da cidade que é conhecida como Savassi, que fica ali em torno da padaria, não é? Nessa região, essa região a senhora conhece, a senhora costumava freqüentar? Não.... O bairro dos Funcionários...

IB: Funcionários eu conheci muito. O Hugo, os Savassi meio dono da padaria, o filho dele que é da minha terra, do namorado da minha filha, aquela que está em Contagem. Mas assim, ter relação mesmo, muita amizade, não.

TP: Não.

IB: O meu marido tinha muito, nunca vi.// Nossa Senhora...

TP: É, não é?// Ele se relacionava com todo mundo.// Com todos os italianos da cidade.

IB: Nossa Senhora.// Com todo mundo, todo mundo gostava dele.

TP: Não só os italianos, não é? Pelo que a senhora fala.

IB: Não, não. Todo mundo.

TP: Ele se relacionava bem com todo mundo.

IB: Todo mundo, isso é [seja feita]. Defeito a gente põe quando tem, quando não tem, não põe.

TP: É claro.

IB: Ele trabalhava muito, mas também, de manhã. Ele levantava de madrugada, ia para o serviço. E quando era meio-dia, uma hora, tinha acabado o serviço. Aí, era nos botequins, aí é que atrapalhava, não é? Mas ele trabalhava, não é?

TP: Era um trabalhador.

IB: Muito trabalhador, muito.

TP: D. Inês, além da família, nós já falamos da família Savassi, da Boschi, não é? Que outras famílias de italianos a senhora poderia nos dizer o nome, assim, de famílias que a senhora acha que tiveram importância... que eram famílias grandes...

IB: Tinha o Frota também... é...

TP: Frota? Frota é italiano?

IB: É, que ele tinha até negócio de..., esse negócio assim, de... salsicha, salame, mortadela, queijo, essas coisas.//

TP: De frios.

IB: De frio, isso mesmo. Ele também...

TP: Sei, tinha um negócio dele...

IB: Tinha um negócio muito grande também, muito, muito bom mesmo também... Do resto não...

TP: Não se lembra, assim, de gente que tivesse um tipo de negócio específico.

IB: Não. Lembro-me agora dos Gaettani, deles eu lembro muito, porque [...]

TP: Gaettani, é,...

IB: Dos Cali, que eu nem sei se ela morreu, porque, depois, eu não tive... acabou a Casa de Itália, acabou.

TP: É, porque a Casa de Itália é que reunia todo mundo, não é?

IB: É, isso mesmo, reunia tudo a gente, não é? Lá não tinha essa distinção, rico e pobre era a mesma coisa. Ninguém fazia pouco caso, nem nada.

TP: Sei... É, a família Gaettani, a senhora conheceu algumas das pessoas da família, D. Inês?

IB: De quê?

TP: Da família Gaettani.

IB: Conheci, a d. Emília... ela...

TP: D. Emília a senhora conhece?

IB: Conheço... Agora, muito tempo que eu não a vejo. Mas se eu a ver, eu vou conhecê-la.

TP: A senhora sabe que já nos indicaram o nome dela para a gente fazer essa entrevista.//

IB: É?//

TP: É, e disse que ela está muito bem, e ela deve ser, acho que ela é mais velha que a senhora.

IB: É, ela já fez noventa anos, ela já fez.//

TP: É.// Já fez. Ela é mais velha que a senhora. Mas dizem que ela está muito bem de saúde //também...

IB: Pois é... é...

TP:... e que é uma pessoa que a gente poderia fazer esse tipo de trabalho.

IB: Ah!, ela sim, que ela foi diretora da Casa de Itália.

TP: Ah! Ela foi diretora.

IB: É. “Diretrice”. É diretora, fala “diretrice”, não é? Mas ela, ela sim são gente da alta sociedade, eles lá..

TP: Ah! Ela sim, assim como a senhora sim, não é?

IB: Ah, não! Eu não... nem nos pés dela, não é?

TP: Nós queremos. Nosso interesse não é só gente da alta sociedade...

IB: Ela, ela... Nossa Senhora...// Não sei se ela ainda..., ela deve lembrar dos Boldrini? Sim...

TP:... Se eu falar com ela//, vou falar que nós trabalhamos com a senhora.

IB:... Deve lembrar//... deve lembrar. Oh! já vem.

CF: Oh! d. [...] [alguém entra na sala] [tempo]

IB: Mas a d. Emília, eu sei que foi muito boa para mim. Teve uma vez que, quer ver, eu não me lembro bem, eu sei que a Ladir tinha mais ou menos 12 anos. Teve um passeio na... Paquetá. Em Paquetá! Então lá tinha, que podia ir, pela idade, era só duas: Aidê e a Ladir. Mas então, foi só a Ladir. Ela não tinha, eu não tinha nada e minha filha também não tinha nada [...] - De noite [que eles foram] - aquele tempo, já os anos Mussolini, não é?, foi no tempo de Mussolini ainda. Eu só sei que eles..., a Bertolotti deu o paletó para minha filha. Mas todo mundo ó. Ela foi [...], eles ficaram lá acho que uns quinze a vinte dias em Paquet. Não gastou um tostão. [Todos eles...]

TP: Ficaram de férias mesmo.

IB: Isso mesmo. Estava a senhora Frederich que já faleceu. Ela também podia dar uma entrevista boa demais. Faleceu.

CF: Frederich?

TP: Frederich.

IB: Frederich. Catarina Frederich. [...] Ela era “presidentessa de lo Fascio”.

TP: Como é, D. Inês?

IB: “Presidentessa de lo Fascio”. Quer dizer, Presidente dos Fascistas, aquele tempo.

TP: Ah, é!...

IB: [...] [risada] [...] vai tirar muita coisa. A minha comadre também morava na Av. Bias Fortes também. A Consolência, não é?

TP: Consolência [...] falou dela.

IB: Carmem Graciolli, já falei, também. Muito, muito, eu achei sempre gente muito boa. Graças a Deus.

TP: A convivência com os italianos /aqui sempre foi muito boa, não é?, para a senhora.

IB: Graças a Deus//. Tenho queixa de ninguém. Só que eu gosto mais da minha terra de que essa, o que que eu vou fazer. [risos]

TP: Mas então, voltando, a senhora está nos dizendo que gosta mais da sua terra do que daqui...

IB: [risos]

TP:... e a senhora estava nos falando, há pouco, que a senhora acha que o progresso é algo muito bom, é positivo e tal. Eu quero perguntar para a senhora o seguinte: a Itália é um país onde você tem muita coisa conservada, não é? Apesar da senhora certamente achar Rimini hoje muito diferente do que era, quando a senhora saiu de lá..

IB: Ah! Muito!

TP:... mas eu aposto com a senhora que tem muita coisa lá //que permanece a mesma, não tem?//

IB: Ah, sim. Tem... tem...

TP: Porque os italianos têm um trato diferente com as coisas deles.

IB: Agora, o que embelezou a nossa cidade. Bom, na cidade mesmo é só coisa antiga, não é?

TP: Em Rimini.

IB: Praça [...]... tem todas essas... Praça [...] tem todas essas coisas. Mas o que embelezou a nossa cidade é a praia. Longo mar, a senhora vê que, a senhora vê que a praia daqui longe, não faz essas curvinhas não. Aqui nós brigamos sempre [risos].

TP: Por que, D. Inês?

IB: [Risos] Porque eu falo que a minha praia é a mais bonita do mundo [risos].

TP: Mas está certo.

IB: Meu genro me dá cada patada [risos]. Mas ela é bonita mesmo, gente. Cada apartamento, cada hotel que a senhora baba mesmo.

TP: É isso aí, tudo novo, //não é? com relação ... cidade antiga.

IB: Ah!... é novo. Pois é o que eu falo, não é?

TP: Mas, e o que tem de velho na Itália, por exemplo, a senhora me falou que foi lá em Florença, não é? Em Firenze. A senhora já viajou, não é? Firenze é uma cidade que tem muita coisa antiga, bem conservada, não é?

IB: Muito.

TP:... Aí, eu estou falando disso para a gente pensar um pouco no caso do Brasil. Quer dizer, o Brasil, a gente não tem muita coisa conservada, não é?

IB: Não. E por exemplo, no Brasil [...], Belo Horizonte não tem nada que se possa dizer que é antigo, não é? Tudo é novo, não é?

TP: Pois é? Mas mesmo o que a senhora poderia chamar de antigo, por exemplo, o que tinha em Belo Horizonte quando a senhora chegou aqui, não tem mais.//

IB: Não tinha nada.//

TP: Não tinha nada. [riso]

IB: Também não tinha nada, tinha só mato... [risos]. A senhora vai fazer entrevista com a Emília Gaettani igual à minha, ela não fica nem na ponta do sapato. [risos]

TP: Por que D. Inês, por que...

IB: [risos] Ah, porque... porque... as minhas palavras com as dela, Virgem Maria... [riso]

TP: Nada..., para nós//

IB: Agora, eu//, eu sou assim mesmo, o que é que eu vou fazer? Eu não vou mudar, não é?

TP: Não, e para nós é isso: com a senhora é uma coisa, com ela é outra//

IB: É outra coisa.// É isso mesmo.

TP: Cada pessoa é uma...

IB: Está certo.

TP:... e o tipo de informação que nós vamos ter é diferente, não é? //Em função da própria experiência de vida da pessoa.

IB: Está certo.// Isso mesmo.

TP: Mas a da senhora é riquíssima para nós, não é? A senhora...

IB: Não... Mas que ela é uma pessoa boníssima, ela é mesmo, pode falar... Eu até... quando ela fez noventa anos, eu guardei aqui o jornal dela. //Eu guardei.

TP: É, não é?// Mas escuta, D. Inês, a senhora estava falando, Belo Horizonte não tinha nada, não é? [risos de D. Inês] em 20.

IB: Eu vi só mato.

TP: É forma de dizer, porque não tinha nada em relação ao que a senhora estava acostumada. Mas, as primeiras construções da cidade, as casas mais antigas; tem algumas exceções, é claro. Por exemplo, a Praça da Liberdade, ela está ali mais ou menos do jeito que ela era, não é?//

IB: //É isso mesmo, está certo.

TP: A Praça da Estação também, não é? Agora.../

IB: Que cresceu mais é lá para a Afonso Pena afora, não é? [...] //Carlos.

TP: É, // que a cidade expandiu, não é?

IB: Sim. Disse que é muito bonito... Eu nunca fui lá

TP: Agora, a região mais antiga da cidade, que é o centro e esses bairros mais próximos da Av. do Contorno, essa região conserva muito pouco o que ela tinha //no começo do século.

IB: Está certo.//

TP: Que eles derrubaram muitas casas para fazer edifícios, não é?

IB: Isso, está certo.

TP: Como é que a senhora vê isso? A senhora acha positivo, assim, você destruir alguma coisa da cidade para fazer uma coisa nova, ou a senhora acha que tem que...//

IB: Não, não.// Eu acho... Ah!, tem que ser não é? [...] se eu pudesse...//

TP: É?

IB: Êta... [risos]

TP: Se pudesse, a senhora derrubava a sua casa lá do Rio Casca para fazer um edifício?

IB: Mas não tenho... não é minha [risos]. Já acabou. [riso]

TP: Mas a senhora acha de qualquer maneira que o progresso, ele é bem vindo.

IB: Ah, sim. Ah! Isso é, ora. Antigo chega a gente, não é? [riso] Ah meu Deus do céu [...]

TP: Bom, eu acho que é isso, não é? Eu acho que o que nós tínhamos para falar hoje...

[FINAL DO LADO B]

B

Belo Horizonte, 10, 18, 19, 25, 26, 27, 32, 34, 35, 37, 38,
44, 45
Brasil, 4, 5, 7, 10, 17, 19, 22, 23, 44

C

Carlos Prates, 10, 11, 31, 36
carnaval, 7, 8, 10
Casa de Itália, 7, 12, 13, 14, 15
Casa do Baile, 26, 28
Cassino, 28, 31

Catarina Frederich, 42
cinema, 13
Colégio Imaculada, 14

F

família, 9, 11, 18, 26, 33, 37, 39, 40, 41

I

igreja, 6, 27, 28, 31, 36, 37
Itália, 4, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 22, 23, 27, 32, 35, 39, 41,
43, 44

J

Juscelino, 25

L

Lagoinha, 19, 32

M

Marconi, 12

Monte Calvário, 12, 14, 15

P

Pampulha, 25, 26, 28

Pascoal Boschi, 26

Praça da Liberdade, 45

R

Rimini, 4, 5, 8, 16, 17, 21, 22, 43

Rio de Janeiro, 18, 21, 22, 23, 24, 35, 46

S

Savassi, 37, 39, 40

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: MEMÓRIA E HISTÓRIA : VISÕES DE MINAS
LOCAL:
ENTREVISTADA: INÊS BERLINI BULDRINI
ENTREVISTADORES: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
CARLOS AURÉLIO PIMENTA DE FARIA
DATA DA ENTREVISTA: 07 NOVEMBRO 1990

Entrevista – Fita 06 – lado A

TP: Nós podíamos aproveitar D. Inês, para conversar um pouquinho sobre seus planos, e ainda um pouco, nós queríamos voltar em algumas coisas, para tentar saber da senhora algumas coisas que a gente se lembrou... ainda sobre a sua experiência de vida aqui em Belo Horizonte, tal.

IB: //Hum.//

TP: Então vamos falar um pouquinho do passado e um pouquinho do futuro.

IB: //Está bem.//

TP: com relação ao passado, nós estivemos pensando que a gente conversou um pouco com a senhora e a senhora nos contou alguma coisa relativa À Revolução de 30, quando a senhora saiu de casa, que foi um momento marcante da história do país.

IB: //Ah, aquilo foi mesmo!//

TP: Nós, agora gostaríamos de saber da senhora... com relação a um outro momento que também é importante na história recente do Brasil, que foi o golpe de 64 ou a Revolução de 64. Se a senhora se lembra dela; a revolução que os militares fizeram?

IB: Ah, isso não. Eu não posso dizer nada.

TP: Não? Por que D. Inês? A senhora não se lembra?/

IB: Não, não lembro nada disso.

TP: A senhora não viveu nada especial nesse período?

IB: Não.

TP: Não?

IB: Interessante; 74?!

TP: 64!

IB: 64?

TP: //1964.//

IB: //Ah, espera.// Aquela vez, negócio de... dos presidentes...

TP: Isso.

IB: É muito... muito...

TP: Muito de passagem?

IB: //Muito de passagem, é.//

TP: A senhora não se lembra muito. A senhora ainda morava no Carlos Prates, nessa época?

IB: Morava, morava

TP: E a senhora...

IB: //É interessante, como é.// Agora me lembro um pouco... Gaspar Dutra, não? Não era o Gaspar Dutra?

TP: //De passagem.// Não, o Dutra é antes disso.

IB: //A filha de [...].// Que a filha... a filha dele que... não sei o que que lá.. de...//

TP: Do Vargas?

IB: Tsi. Aí meu Deus do Céu! Não foi do Getúlio Vargas. Aquele outro... que estava... depois de Getúlio Vargas?

TP: O Dutra?! Marechal Dutra!

IB: Foi Marechal Dutra?... Não. Aquele mais novo?

TP: O Jango? João Goulart./

IB: Isto mesmo! Não foi aquela temporada que teve a/

TP: Exatamente! Quando ele era Presidente da República, que então, os militares depuseram o João Goulart.

IB: //É isso mesmo. E depois... é isso mesmo. Quem subiu foi Dutra, não é?

TP: Não, não foi Dutra. Foi o Castelo Branco.

IB: //Não?!// Castelo Branco. É, mas eu não posso/

TP: A senhora não tem/

IB: //Eu sei// mais ou menos, assim vago. Nem, nem me lembrava, está vendo! Não me lembrava dessa, sabia?!

TP: //Sei.//

CF: A senhora não presenciou manifestação nas ruas, das donas de casa, as marchas da família/

IB: //Não.// Acho que nem me preocupava, porque eu estava bem ruinzinha, então.

CF: As paneladas nas ruas... [risos]

IB: Porque não vê nada, não sabe nada. Tinham alguma coisas, naturalmente, não é?

TP: Claro.

IB: Porque não lembro mesmo. Agora... lembro assim, vago, vago, lembro assim do... de Jango, lembro do Getúlio Vargas, quando se deu um tiro.

TP: //Sei.// É...

IB: Eu lembro, até quando começou falar: Getúlio suicidou, suicidou. Eu estava no Barro Preto.

TP: A senhora estava no Barro Preto?

IB: //Estava// no Barro Preto.

TP: É...

IB: Isso eu me lembro como se fosse hoje.

TP: É mesmo? A senhora estava na rua, comprando alguma coisa?

IB: //É...// eu tinha ido à igreja e de lá se tinha que comprar alguma coisa, comprava, e vinha, não é.

TP: //Hum// Certo.

IB: Mas sempre freqüentei a igreja do Barro Preto.

TP: Então, a senhora teve a notícia de suicídio de Getúlio lá no Barro Preto?

IB: //Foi isso mesmo.// No Barro Preto. A mesma coisa quando... Jânio Quadros também... que.../

TP: Renunciou/

IB: Renunciou, também.

TP: Hum.

IB: Foi na rua também que fiquei sabendo.

TP: Sei.

IB: Jânio Quadros renunciou! (tom de voz diferente)

TP: Hum-hum.

IB: Acabou com as vassouras. [risos] Mas, assim, interessada nestas coisas/

TP: A senhora não era?

IB: Não era. Não tinha tempo para isso também.

TP: É a senhora estava/

IB: Não tinha tempo/

TP: Trabalhando duro, não tinha tempo.

IB: //Não é?// Sempre correndo, sempre xingando. [risos]

TP: Então, com relação a esse episódio mesmo, da deposição do governo João Goulart, a senhora então não tem nenhuma memória mais concreta sobre isso?

IB: //Acontece// Tsi, tsi.//

TP: E a senhora lembra se alguém de sua família, mesmo seu marido que ainda era vivo, não.,/

IB: Uuuuu...

TP: Ou os seus filhos, se algum deles é... esteve mais de perto envolvido com isso?

IB: //Tsi-tsi.// Não.

TP: Não. Ninguém que a senhora conhecesse de perto./

IB: Nenhum. Também na minha família acho que nenhuma.

TP: Hum-hum.

IB: Nem agora, que todos são moços, acho que ninguém se interessa sobre esse negócio de política, sabe?!

TP: É, não tem nenhuma. //Não tem ninguém.//

IB: //É, porque// são muitos, são muitos.

TB://É,// a família é muito grande/

IB: Todos estudaram. Havia de ter, mas nenhum.

TP: Hum-hum.

IB:... engraçado...

TP: E a senhora não sentiu D. Inês, com relação à sua vida pessoal, essa história em 64, quando os militares tomaram o poder, eles instituíram censura aos jornais, tinham histórias de gente que resistiu aos militares e que andou sendo preso. A senhora não acompanhou isso?

IB: Tsi-tsi.

TP: Não? Não tinha notícia disso/

IB: Acho que já estava morta.

CF: [risos]

TP: Isso não pode ser, porque a senhora está bem viva, aqui na minha frente. [risos]

IB: É engraçado, não é?/

TP: E depois disso, quando a senhora voltou à Itália, das últimas vezes, quando a senhora foi depois de 50, as outras vezes que a senhora voltou lá/

IB: Foi 50, depois de 50 foi em 66.

TP: Em 66. Quando a senhora esteve lá em 66, a senhora não se lembra de ter sido perguntada pelas pessoas de lá do que tinha acontecido por aqui?

IB: //Não, não, não. Não, não, não.//

TP: /Não./

IB: Nada. Nada, nada, nada. É interessante mesmo.

TP: Hum-hum.

IB: Mesmo agora se eu for lá também, nem pergunto lá como é que vai, como é que foi, como está.

TP: Não querem muito saber daqui/

IB: Não.

TP: Hum-hum.

IB: Mesmo quando eles vêm aqui, que sempre vêm, não é?

TP: É.

IB: Quando o meu irmão era vivo vinham muito mais, não é. Mas o resto mesmo tem vindo, agora já tem bastante tempo. Vieram, quer ver? Não foi 82, 85, vieram em 84, mais ou menos, vieram muitos.

TP: Hum-hum.

IB: Até, cinco pessoas ficaram aqui, cinco. Mas nada, não tem essas coisas de ver. Por exemplo: nós fomos até o Ciro, não me lembro bem se o Ciro, não, o Ciro não estava. Estava o Cid...

TP: Hum-hum.

IB:... nos levou até Ouro Preto, não é?

TP: Sei.

IB: Achando que fazia uma coisa muito bonita, mostrar não é? A mesma coisa que dar um bofetão.

TP: É?

IB: É, não gostaram.

TP: Não se entusiasmarem/

IB: Eu fiquei até envergonhada, porque a gente não gosta de uma coisa, mas também tenha misericórdia, não é.

TP: //É.//

IB: Tem um pouco mesmo de educação, não é.

TP: Hum-hum.

IB: Não sei como estuda tanto a pessoa, não é?

TP: //Hum.//

IB: Porque não tem um pinga, pelo menos esses meus sobrinhos não tiveram um pinga de educação.

TP: //Sei.//

IB: Porque depois convidaram para entrar numa lanchonete, e estava tão danado um deles, que não quis nem entrar lá. Falou: “não, vamos embora, vamos embora.” (D. Inês imita o sobrinho).

TP: Não gostou mesmo do programa!

IB: //Não gostou.// Agora, eu falo verdade, eu não sou muito amante de Ouro Preto.

TP: Não, D. Inês?

IB: //Eu não sei// se eu estou errada./

TP: Não, é... é.../

CF: Gosto pessoal.

IB: //Eu é... // passei, já fui lá muitas vezes. É que o meu genro tinha um sítio em...
Guarapari.

TP: Sei.

IB: Então a gente passava sempre, parava para almoçar ou jantar, que fosse, não é?

TP: //Hum-hum.//

IB: Mas, eu engraçado, eu não achei graça, não sei por quê.

TP: Sei.

IB: Não achei tanta graça lá

TP: //Hum-hum.//

IB: Só tudo, tudo muito feio, muito... cheio de pedras/

TP: Muito antigo?!

IB: //Não podia// nem caminhar direito!

TP: Difícil de caminhar.

IB: //Não é?// Mas eu, para não dizer, mas não agora, que seja uma coisa, é uma coisa
antiga, umas igrejas bonitas, não é?

TP: //Hum-hum.//

IB: Mas eles ficaram; que isso daí não foi passeio para eles não.

TP: Sei.

CF: E de onde que eles gostaram do Brasil? Eles foram ao Rio ou Salvador?

IB: É, no Rio... no Rio foram. Foram no Rio e foram é... Paraguai, para aqueles lados de lá

TP: //Hum-hum.//

IB: No Rio eles gostaram. Ficaram até uns 10 dias no Rio, também.

TP: //É.// Acharam bonita a cidade?

IB: É e eu também!

TP: Aproveitou para passear?

IB: Eu ia buscar, ia trazer. [risos]

TP: Então, a senhora não tem também grande entusiasmo pela cidade de Ouro Preto?

IB: Não.

TP: Por que o antigo a senhora já conhece, talvez, por isso D. Inês?

IB: Não sei, meu Deus do céu. Para não dizer se tem passeio. Ah, vão, vamos (mudança no tom de voz). Vou, eu vou, mas não é dizer que vão muitas pessoas. Eles querem mesmo porque é antigüidade, porque é isso, é aquilo. Mas eu não sou muito de antigüidade. [risos]

TP: É, isso a senhora já nos disse. A senhora gosta do novo, não é D. Inês?

IB: Isto! Mas gosto de igreja, Nossa Senhora! Em todos os lugares [...] nossa, meu Deus do céu!

TP: A senhora gosta de conhecer?

IB: Gosto muito. Aprecio muito. Mas, agora é mais estudantil, Ouro Preto também, não é? Sempre vão essas comissões de estudantes, eles fazem essas coisas. Mas eu, se for para ir, eu vou - sou até a primeira [risos]. Mas eu convidar os outros para ir, não faço.

TP: Hum-hum.

IB: Mas essa vez eu fiquei mesmo... E ele, não é que é burro, não, ele estudou muito. Mas nessa temporada eu fiquei com vergonha, juro mesmo./

TP: Ficou envergonhada?

IB: //Fiquei com vergonha//, tanto do Cid Afonso, como dos outros que estavam juntos. Ele fez um papelão muito feio mesmo. Mas não tinha que fazer, porque estava com a gente, não é? Eu saí da Itália para ver aqui e ver isso, eu tô cansado de ver isso. (D. Inês imita o sobrinho).

TP: //Um agrado, não é.//

IB: Ué, mas você não viu essa, não é? [risos]

TP: Mas a gente podia até pensar um pouco por aí D. Inês, porque a senhora mesmo está dizendo que o antigo não entusiasma muito a senhora.

IB: //Não.//

TP: E a senhora conhece já.

IB: //É.//

TP: Coisa muito mais antiga.

IB: //Está certo.//

TP: Pela sua experiência de vida na Itália. Com relação ao Brasil e mais especialmente Belo Horizonte, não é, nós já falamos disso, é uma cidade muito nova.

IB: //É.//

TP: O que a senhora vê de positivo aqui, pensando em relação à Itália?

IB: Hum.

TP: O que que a senhora vê de positivo no Brasil, ou na cidade de Belo Horizonte mais especialmente? Tenta dizer isso para nós.

IB: Não, eu acho, por exemplo, aqui, Belo Horizonte, acho muito bonito, muito bem traçado, eu acho. Mais nada disso.

TP: É só?

IB: É só. Que eu ando é só daqui à igreja São José. Daqui, de vez em quando Barro Preto, Carlos Prates, acabou.

TP: É essa região da cidade que a senhora conhece bem.

IB: //Acabou.// Não é dizer que passeio, vou nesses lugares. Eu não vou em lugar nenhum mesmo, nem antes eu ia, nunca fui. Minha rota sempre foi essa/

TP: Foi essa?

IB: Mais longe era a igreja da Boa Viagem, a igreja de Lourdes, mas, quer dizer, passeio, fazer passeio, eu nunca fiz.

TP: Então, a senhora tem claro para a senhora mesmo, que a senhora conhece um pedaço de Belo Horizonte, vamos dizer assim.

IB: //É.//

IB: É só, só isso mesmo. Não posso dizer de outras coisas, que não entendo patativa.

TP: Mas, o pedaço, mesmo o pedaço da cidade que a senhora conhece, porque a senhora quando me disse que acha o traçado da cidade bonito, a senhora está me dizendo que conhece um tanto da história de Belo Horizonte. A senhora sabe que a cidade foi planejada.

IB: //Um pedacinho.// Porque, antigamente, não tinha nada, era só mato, não é? Vê Carlos Prates, o que era, colônia Carlos Prates, era só mato. Hoje não. Você vê que até... Progresso mesmo, só até a igreja Padre Eustáquio, porque o resto lá eu não conheço, também.

TP: Hum-hum.

IB: Contagem. Era Contagem das abóboras, não é? Que todo mundo vinha a pé, hoje ninguém anda a pé, não é?

TP: Hum-hum.

IB: E Contagem é bonita, eu gosto. Contagem tem muita diferença da abóbora e agora, não é?! Lá mora minha filha também./

TP: A senhora vai lá de vez em quando?

IB: Não é muito também não.

TP: Hum-hum.

IB: Tudo isolado, não é? Antigamente, interessante, não é? Vai indo, vai indo...

TP: A cidade nem tão grande é e as coisas estão longe.

IB: //É, é.// Porque para ir sozinha está difícil, com os outros mais difícil ainda, porque todos são muito ocupados, não é?

TP: Hum-hum.

IB: Assim, fica. Então, se quiser, vem [risos].

TP: E, D. Inês, a senhora sente falta na cidade de Belo Horizonte, porque quando a senhora nos diz isso, a senhora nos indica que, inicialmente, a senhora andava muito a pé na cidade, fazia longos trajetos a pé.

IB: Ah, isso sim.

TP: E hoje/

IB: Eu sinto que estou longe, tem que esperar, tem vezes que espera mais de meia hora pelo ônibus para chegar aqui, da igreja São José, não é. Eu falei: oh, está vendo, do Carlos Prates eu ia a pé e já estava em casa [risos].

TP: No Carlos Prates a senhora se sentia muito mais próxima do centro?

IB: Muito mais próxima. Olha, daqui não dá mesmo, não é? Chego amanhã! [risos]

CF: A pé.

IB: Muito longe demais, não é?

TP: Então, teve um tempo da sua vida que a senhora caminhava muito mais, longas distâncias, não é?/

IB: Ah, sim, isso sim!

TP: E depois a senhora passou a depender do ônibus, da lotação?

IB: Agora é.

TP: Mas a senhora se lembra, a senhora chegou a andar muito de bonde em Belo Horizonte, quando tinha o bonde?

IB: Sim... muito.

TP: Era o transporte que a senhora usava?

IB: É isso mesmo. Quando tinha a meninada pequena, quando podia, era tudo de bonde.

TP: E hoje em dia a senhora depende da lotação para ir de um lugar ao outro, não é? E o que a senhora acha desses serviços, hoje, na cidade?

IB: Bom, isso é bem melhor, não é? Agora diz que vai voltar outra vez o bonde?

TP: Tem uma idéia/

IB: Não sei, eles tem essa idéia. Uns falam que não, não sei não é. Era mais ventilado, o bonde, não é? Vai no ônibus e tem uns que ficam com a janela fechada. Valha-me Deus!

TP: Dureza!

IB: Não é? Tem muitos.

TP: Uma outra coisa que a gente queria perguntar para a senhora D. Inês, diz respeito a como a senhora acompanhou; a senhora já nos disse que gosta de ler, por exemplo/

IB: É, gosto.

TP: Eu gostaria de saber da senhora se a senhora tem por hábito ler jornais, por exemplo/

IB: Não, de vez em quando, de vez em quando não, toda manhã eu leio./

TP: É? A senhora tem costume?

IB: É, mas eu primeiro leio aquelas letras grandes. Sse é uma coisa que interessa, eu leio o resto. Se não interessa também, passa para outra.

TP: Passa os olhos?

IB: É [risos]. [...] Mas não sou muito de política não, não sou não. Mas o que vai fazer, no jornal, hoje, tudo é política, tudo é roubo, é... esses negócios de... agora também não soltaram um mafioso. Agora o outro ganhou muitos dólares. O que que vale? Me diz o que vale os dólares agora, vale alguma coisa? Vale nada, não é?

CF: D. Inês, quando é notícia sobre a política italiana, interessa um pouco mais?

IB: Não, é a mesma coisa, é mesma coisa. Porque eu acho que essas a gente nunca deve fazer. Nem eles devem fazer, nem os outros que, eles estão punidos, ajudar para sair.

CF: Não, mas eu estou falando de política normal, quando se discute a... /

IB: Também não, porque no tempo do Mussolini que estava ruim lá, não é? Mas eu estava aqui.

TP: E que tipo de assunto D. Inês, interessa ... senhora num jornal? O que a senhora gosta? A senhora estava dizendo: não, quando eu vejo e me interessa, aí eu paro para ler.

IB: Não, eu gosto de novidades, eu gosto. Eu gosto de ler jornal quando tem negócio, quem faleceu, porque muitas vezes a gente já não sabe, já no jornal vem e fica sabendo, essas coisas, não é?

TP: Notícias mais locais, assim, de pessoas conhecidas da senhora, nomes?

IB: É, é isso mesmo. O que que se vai fazer, fala bem do Garcia, os outros falam mal do Garcia e fala bem do Hélio Costa. Então, não adianta. Aí, assim, cada um [...].

TP: E esse hábito de folhear o jornal e de ler o que interessa à senhora, é um hábito que a senhora adquiriu mais recentemente, eu a senhora sempre teve esse hábito?

IB: Ah, sempre, sempre.

TP: Na sua casa a senhora se lembra, sempre teve jornal da cidade?

IB: É, também romance, também.

TP: /E também romance./ Esses romances que a senhora gostava de ler, ou gosta ainda, a senhora costumava conseguir, a senhora comprava em banca de revista, conseguia emprestado.../

IB: Não, emprestado não.

TP: //Ganhava de presente?// Como era?

IB: Não, naquele tempo vinham toda semana em fascículos, não é? Em casa, traziam.

TP: Ah, sim!

IB: Toda vida!

TP: Os jornaleiros entregavam em casa?

IB: Entregavam em casa.

TP: E a senhora encomendava então aqueles fascículos?

IB: É, vinha. Jogava um para ver, não é? Gostava, quando ele vinha, falava assim: eu assino. Então, toda semana vinha o jornalzinho. Agora, quando tinha mais gaita, comprava dois, três. Eu toda vida gostei de ler, não é? Mas se não, ficava só com um, não é?

TP: Então, isso a senhora conseguia na porta de casa?

IB: Na porta de casa.

TP: O moço passava; jogava um para atrair a sua atenção/

IB: Isso mesmo!

TP:... e a senhora mesmo assoberbada de trabalho achava um tempinho para ler?

IB: Achava, achava. Iiii...

TP: E esse primeiro, normalmente a senhora comprava um por experiência, ou esse primeiro era dado?

IB: O primeiro era dado.

TP: /Era dado./

IB: Se gostasse, então, continuaria o segundo capítulo.

CF: Semanal?

IB: Semanal! Era uma revistinha pequeninha.

CF: E depois juntava esses fascículos num livro, ou guardava eles em fascículos mesmo?

IB: Não, depois a gente guardava em fascículos. Depois emprestava - empresta e perde a testa - Minha mãe também, minha mãe tinha 82 anos, ela lia com uma caligrafia pequeninha, sem óculos também...

TP: É D. Inês?

IB: É. Lia de noite, ela. Nós todos, defeito muito grande até hoje, meus irmãos. Estão na mesa, minhas cunhadas ficam danadas, estão à mesa para almoçar ou jantar, com um jornal. Eu tenho uma cunhada muito brava e ela, "pá", no jornal, assim ela fazia - que vergonha, nem na hora de comer? Nós todos, todos iguais.

TP: Bravos, D. Inês?

IB: Todos iguais. Não, para a leitura.

TP: Para gostar de leitura. Então a senhora sempre gostou e a senhora manteve esse hábito, mesmo considerando que a senhora tinha muito trabalho, a senhora achava um tempinho para ler?

IB: Agora aqui, de noite não leio. [...], mas de manhã eu pego.

TP: D. Inês, uma outra coisa que a gente gostaria de saber. A senhora já nos disse que não gostava muito de rádio, não tinha costume de ouvir rádio. A senhora nos contou que cinema a senhora ia quando ainda ia na Casa de Itália, a senhora costumava ver filme.

IB: //Isso mesmo!// Isso mesmo! Depois que minha filha perdeu o noivo, então foi que começou a ir ao cinema e eu ia com ela.

TP: Ah, a senhora ia com sua filha?

IB: É, com minha filha. Mas, agora eu não sei quantos séculos...

TP: Que a senhora não vai mais. E quando a senhora ia com sua filha, a senhora ia fazendo companhia.../

IB: Fazendo companhia.

TP: Ou porque a senhora gostava também?

IB: Não, eu gostava também. Toda vida eu gostei.

TP: Que cinemas a senhora costumava freqüentar?

IB: Olha, vou contar um caso. Sabe o Leão XIII?

TP: João XIII?

IB: Leão XIII.

TP: Ah, Leão XIII!

IB: Que era na rua... ai meu Deus!... eu sei que nós passvamos pela Central, pela Tupis; esqueci... nem sei se existe mais o Leão XIII.

TP: Não, acho que não. É um cinema?

IB: Era um cinema mesmo.

TP: Não, com este nome não existe mais. Se a senhora se lembrar da rua, a gente pode até/

IB: Ai meu Deus!

CF: Não era na rua da Bahia não?

IB: Não, não, não, não, não. É antes do centro. Nós passávamos pela Tupis... meu Deus do céu! Até era um cinema bonzinho, não era ruim não.

TP: É?!

IB: É, até que ali perto tinha uma escola, que falei que minha filha era muito elogiada, porque ela cursou taquigrafia.

TP: /Taquigrafia!/

IB: É, pertinho tinha ali o Leão XIII e tinha a escola dela. Meu Deus! [...]

TP: E a senhora se lembra de que época que foi isso? Será que foi nos anos 50, na década de 50?/

IB: Não, mais.

TP: /Mais!/

IB: Quer ver, daquela temporada, não, antes de 50. Foi 1944, 1944, que faleceu em poucos dias. Ela ficou 8 anos sem [...]. Ela que ajudou a criar os irmãos. Seria a cunhada do Lauro, ela foi o pai dos meus filhos, dos meus filhos.

TP: Hum-hum.

IB: Depois, namorou o irmão do Lauro e casou.

TP: /Acabou se casando./

IB: Tantos anos que conhecia e ainda foi esperar 8 anos. É engraçado, como são as coisas, não é?

TP: /É./

IB: /É, foi uma coisa tão... sem saber. Porque quando eu fui para a Itália em 50, ela foi... e eu levei a Marilúcia, caçula, para o Rio, a outra que mora lá e a Bruna [...] eram as duas menores, não é? Então, quando ela foi ver lá a irmã, lá no Rio, ele também, o Celso, também, ia para o Rio. É engraçado, não é? Nem que soubesse. E daí

começaram a namorar e casou logo. Logo que eu cheguei da Itália, eles casaram. Eu falei: coincidência tão [...], foram criados todos juntos...

TP: Foram criados juntos e só...

IB: Tudo junto eles foram criados [...] Nossa Senhora! Uma coisa, um moço tão bonito, tão bonito.

CF: A senhora ia contar um caso em relação ao cinema Leão XIII?

IB: Como?

CF: Ao Leão XIII. A senhora ia contar um caso em relação ao cinema?

IB: Pois é? É que foi nessa temporada. Eu não lembro a rua gente!

CF: Ah, sei.

TP: Mas não tem importância. Isso depois se a senhora lembrar da data, depois nós podemos procurar para...

IB: //Não, mas mesmo assim. A Bruna é capaz de lembrar.

TP: Então, a senhora freqüentava muito esse cinema?

IB: É, era o mais próximo da gente, a gente ia a pé, não é.

TP: Ah, então a senhora...

IB: //A gente ia pela linha//, pela linha Tupis...

TP: D. Inês, que tipo de coisa a senhora gostava de ver no cinema? A senhora escolhia o filme, ou ia em qualquer filme que estivesse passando?

IB: Não, não, não. Ela escolhia os filmes. Eu nunca gostei desses filmes de matar, de roubar, de fazer [...], isso não. Mais romântico.

TP: /De romances./ E quando a senhora costumava ir ao cinema, a senhora ia na sessão da tarde, ou mais à noite, como é que era?

IB: À noite.

TP: /Na noite./

IB: É.

TP: Durante a semana?

IB: Também, porque às vezes durante a semana também.

TP: E esse cinema, D. Inês, era de dois andares, ou de um só?

IB: Não, não, não.

TP: De um só?

IB: Um só. Muito engraçado, estou aqui pelejando, meu Deus do céu, a rua. Uma rua comum, não é que seja uma rua tão difícil não. Na rua Tupis?

TP: Goitacazes, será?

IB:... É gozado mesmo.

TP: Mas a gente, isso a gente acha depois.

IB: //Como que a gente esquece!//

TP: É, mas a cidade vai crescendo, a senhora vai se lembrando de outras coisas e esquece. É um detalhe.

IB: Acho que depois dos 90 anos eu fiquei mais boba! [risos]

TP: Mas além do cinema, D. Inês, uma outra coisa que a gente queria perguntar para a senhora é sobre a televisão. A televisão não é uma coisa que existe desde a sua infância/

IB: Não sou muito amante também de televisão não.

TP: /Não, D. Inês?/

IB: Não. Acho que tem muita coisa errada. Acho que não devia de ter tanta coisa errada como tem. Deus que me livre!

TP: O que a senhora quer dizer com isso? A senhora acha que ela/

IB: Novela não é? Aqui tem criança - porque o erro também é dos pais. Eu falo. Porque eu acho que quando fala é só para adulto, não é para criança, acho que não devia deixar a criança ver. Eu acho que não tem necessidade de uma criança ver televisão até 11

horas, até meia-noite, tem? Não tem. Quer dizer, os pais são culpados. Essas novelas são uma pouca vergonha!

TP: A senhora acha que/

IB: Eu tenho vezes que nem, que nem gosto de ver. Não é porque sou puritana não, é porque eu acho feio mesmo. Para que tanto, não tem uma novela que você possa dizer, essa que é mais ou menos. É só mulher separada, rouba o marido da outra, é pega isso, pega o outro, é assim. Para que gente de Deus?

TP: Então a senhora acha que a televisão...

IB: //[...] Eu toda manhã assisto o Evangelho, com o Dom Serafim. Ele fala muito e tem razão - porque muitas vezes tem umas coisas que ele não tem razão, mas essa ele tem, ele tem.

TP: Me diz uma coisa D. Inês, a senhora vê televisão mais - a senhora está dizendo que não gosta muito - mas eu queria saber desde quando a senhora tem convivência com a televisão - porque a televisão chegou ao Brasil já na década de 50, não é?/

IB: Mas, já na Itália tinha antes.

TP: /Já tinha antes./ Então, a senhora já conhecia de lá?

IB: Já, de Frankfurt, na Alemanha.

TP: Mas, mas nas suas viagens para Itália, não é? Claro, porque quando a senhora era menina ainda não tinha.

IB: Não, não, não.

TP: E quando a televisão chegou ao Brasil, na sua casa vocês tiveram televisão logo?

IB: Não.

TP: /Não./ Naquela época/

IB: Eu tive televisão em 1961, que foi meu genro que me deu.

TP: /61, a senhora ganhou de um genro./

IB: É, de um genro.

TP: De presente?

IB: Porque senão, não tinha até hoje. Mas...

TP: Mas o que a senhora achou do presente? A senhora ficou satisfeita?

IB: Gostei. Porque eu morava sozinha, lá em Carlos Prates, não é? Eu gostei. Mas não me faz falta a televisão.

TP: /Não./

IB: Às vezes, aqui tem duas, meu genro fala: põe uma aí, de vez em quando eles trazem, Eu digo: não quero, não quero, não quero...

TP: A senhora não faz questão?

IB: Não quero, não sou muito amante, não sou muito amante não.

TP: Então a senhora/

IB: A única coisa que eu sinto falta, sabe o que é? A missa aos domingos de manhã cedo.

TP: Na televisão?

IB: Na televisão. [...] de vez em quando, quando ela fica [...], quando ela fica sábado e domingo, então, eu gosto. Mesmo que eu vá à missa das 9 aqui em cima, mas de manhã cedo, eu assisto na televisão.

TP: Eu sei.

IB: Isso eu gosto.

TP: É um hábito que a senhora mantém?

IB: É, mas o resto não me faz falta.

TP: /Não faz falta./ Nem para - a senhora está dizendo que assiste/

IB: O rádio. Eu tenho rádio, que até meu neto que me deu, não é. Eu só ligo na América.

TP: É D. Inês?

IB: É, na rádio América, só. É, também só de manhã e muitas vezes à noite o Evangelho.

TP: Hum-hum.

IB: Mas, não gosto de [], não, não gosto. Eu sou difícil, não é? [risos]

TP: Mas isso, desde que a senhora ganhou; a senhora nunca teve, gostou, porque era uma forma de lazer, mas a senhora nunca teve grande paixão pela televisão, não é só agora.

IB: //É, certo, certo!// Não, não, não. Não é que eu diga que eu fico o dia inteiro - eu de dia não assisto televisão, [...] não assisto, nem vê! nem de tarde.

TP: Sei

IB.: Agora o Repórter Esso também acabou...

TP.: O jornal a senhora gosta de ver?

Entrevista – fita 06 – lado B

TP: Hoje em dia a senhora costuma assistir a qual TV, qual jornal, de qual canal?

IB: É... Globo.

TP: Ah, sim. A senhora assiste o jornal da Globo?

IB: Só, é. Porque, claro, liga na Globo, tem que ficar. Não vou falar para pôr no outro.

TP: Então, o pessoal aqui prefere a Globo?

IB: É, isso mesmo.

TP: E a senhora, o jornal que a senhora assiste na rede Globo, a senhora partir dele, a senhora se sente informada sobre o que acontece no país?

IB: É isso mesmo.

TP: Então, quando a senhora vê o jornal, a senhora pode [..]?

IB: Um pouco no jornal, um pouco na televisão, eu fico sabendo mais um tiquinho.

TP: Então, a televisão para a senhora é principalmente para ver a missa que a senhora gosta e assistir o jornal diariamente?

IB: Isso mesmo. São as duas coisas principais para mim.

TP: Hum-hum.

IB: Negócio de novela. Antigamente tinha umas novelas mais jeitosas, não é?

TP: A senhora gostava mais de ver?

IB: Gostava. Direito de Nascer, uma novelona, não é?

TP: É famosa.

IB: E boa, não é? E outras mais ainda. Mas, agora/

TP: Hoje em dia a senhora acha/

IB: Sai uma e entra outra, uma pior que a outra. Agora, até “Barriga de aluguel”, onde já se viu uma coisa dessa? Ah, isso foi demais, eu acho.

TP: Hum-hum.

IB: Não devia de ter essas coisas. Uma menina, que aquela mocinha é nova, não é velha não, aquela que faz o papel. Acho que não havia de ter isso não. Nossa Senhora! Pega um, pega outro. Ah, tomar banho! Não sei se sou antiquada, não sei, mas eu não gosto/

TP: É a sua opinião.

IB: Uns podem gostar. Ah, que gracinha! Gracinha uma titica! [risos] Quem tem filho é que sabe se é gracinha, ou se não é!

TP: Então, a senhora acha que a televisão influencia na educação?

IB: Ah, sim! Eu acho. Do lado tem uma vizinha aqui, de 83 anos, mas ela é gozada também. Então, fica assim: agora, imagina só, quando dá essas coisas. Eh, que bonito, que bonito! A moça, a neta dela, diz que ela fica assim: ah, que bonito, que bonito! Ah meu Deus! Ah, meu Jesus e Maria José! Se ela souber, ela te dá um pescoção, você vai ver bem. Imagina, ela fica danada. Também, também a outra não pode falar nada, não é? E diz que a moça fica rindo - ai, que bom, que beleza! [risos] É porque ela não sabe nada, não é? Mas, êta, meu Deus do céu! Ai, eu sei minha filha, para chegar até aqui, eu sofri muito.

TP: É D. Inês?

IB: Pode ser que tenha igual, mas que me passa, não. Não tem não, não tem não.

TP: É?

IB: Não tem não, viu! Eu digo pela vida que eu levei na minha mocidade e a que eu vim passar aqui. Porque o que já cresceu naquele ritmo, não é? Bom toda vida, trabalhou, trabalhou. Mas eu rolava no chão como uma bicha. Pergunta as meninas se é mentira, estão vivas. Eu rolava no chão, porque eu não sabia fazer nada, não sabia, ué! E não tinha; ia pedir os outros? Comecei com calça de carregação, esses tais arranca-toco, que chamava não é? E trabalhava a noite inteira. Quando eu comecei a trabalhar na Intendência, em roupa de soldado, deitava as 4 horas e elas levantavam para casear as túnicas. As meninas, é! Meninas, ainda!

TP: /Pequenas./

IB: E carregava aqueles pesos, aqueles embrulhão deste tamanho, na cabeça, só no ombro. De Carlos Prates até na Secretaria de Intendência, lá no Palácio da Liberdade. Era lá em cima. Entregava. E às vezes ainda voltava porque não estava bem passada, viu! Porque sempre tem uns mais contemplados e outros menos, não é? Às vezes ainda voltava... Nossa, eu sofri muito! Eu não sei como eu estou viva até hoje! Não sei!

TP: E a senhora, sempre que a senhora nos fala, a senhora deixa claro isso, que o que a senhora viveu no Brasil faz a senhora se lembrar de sofrimento/

IB: É isso mesmo!

TP: E o que a senhora viveu na Itália/

IB: Agora não! Agora, agora eu estou bem. Agora só tenho saudade, não é?

TP: Mas isso tudo deixou marcas na senhora, não é D. Inês?

IB: Ah, deixou... Eu tenho vezes que choro a noite inteira, só de pensar como que agüentei tanta coisa. Eu nunca maltratei os outros, eu, a mesma coisa, tinha [...] de idade, que já faleceu, coitada. Quando ela via ele chegar já tonto, fazendo as palhaçadas dele, ela falava assim: D. Inês, pelo amor de Deus, vem para cá, vem para cá! Nunca! Eu nunca fui na casa de ninguém. Sempre na minha casa. E eu fiz muita coisa para não dar escândalo. Eu já tinha os meninos, eu tinha meus filhos, para quê?! Correr para a casa dos outros com a filharada toda, para quê? Quem ia sofrer era eu, eu quis, eu agüentei até o fim, Graças a Deus!

TP: A senhora se apegou a isso porque a senhora tinha escolhido o seu caminho?

IB: É isso mesmo.

TP: D. Inês, então eu vou perguntar uma coisa para a senhora que diz respeito ao que a senhora está nos falando agora. Como é que foi para a senhora estar contando isso para nós? O fato da gente vir fazer um trabalho com a senhora aqui, que força a senhora se lembrar de sua vida. E mais, sabendo que nós estamos registrando isso, e que isso vai fazer parte de uma, como a gente explicou para a senhora um outro dia, vai ser quase uma biblioteca.

IB: //Hum-hum.//

TP: Para as pessoas que depois forem estudar Belo Horizonte, e a vida dos imigrantes, aqui, essas pessoas vão utilizar do depoimento da senhora. A senhora está sabendo disso.

IB: //Pois é.//

TP: Como é que foi para a senhora? Assim, nós virmos aqui ouvir a sua história de vida?

IB: Isso é a pura verdade, não é? Se eu falasse mentira era uma coisa, mas é pura verdade. Muitos sabem da minha vida. Também, se a senhora for na Ernesta, na Emília Gaetani, que ela ainda se recorde de alguma coisa de mim, porque ela sabia por intermédio da

Consolência - que ela é madrinha da minha filha que mora no Rio, a tal Carmem Gracieli, não é, nunca mais eu tive notícia. Mas, eles lá todos sabiam, tanto é que todo mundo ajudava, todo mundo ajudava.

TP: Sei.

IB: Só da Segunda Guerra para cá, que todo mundo esqueceu. Agora, começou outra vez. Agora, eu já fui para a Itália e começou outra vez. [Risos]. De vez em quando eu estou lá agora, no presidente do [Comitê] - até não sei se hoje ou amanhã, tem uma festa.

TP: Ah, sim.

IB: Mas a festa, porque eu já fui lá é, para saber. A festa é assim, ele mesmo me falou: não, é da Santa Casa, para angariar dinheiro para a manutenção da Santa Casa, não é. Então, quem quiser vai, mas paga. Então chamaram a Colônia Italiana, muitos vão. Hoje, até minha filha me telefonou me xingando - por que a senhora não comprou, só cinco mil cruzados? - Não posso ir sozinha, não é? Não vou a pé, vou a pé?

TP: Não pode!

IB: Então, quanto que precisa, eu não tenho nenhum. Eu falei: por que não comprou? Que comprasse... eh! Tem horas que a gente fica até com raiva, não é? Mas eu sabia, que ele falou: isso não é obrigatório, não é nada da Casa de Itália, nós somos convidados; comprar para ajudar a Santa Casa.

CF: De Belo Horizonte, não é?

IB: Belo Horizonte. Não sei se é hoje, primeiro era dia nove, agora, um dia eu li no jornal dia oito, que seria hoje, não é?/

TP: Não, hoje é sete ainda/

IB: Ah, então seria amanhã, então é amanhã mesmo, é amanhã, ah sim. É. Mas não é sempre que a gente pode ir - uma vez eu fui, e eu ganhei entrada e a Renata, que foi a Renata que foi comigo, ela pagou a dela e ela tem carro, me levou de carro. Mas eu posso fazer isso todas as vezes? Eu não posso, eu não tenho carro para isso! Podendo vai, não podendo, não vai. E foi uma festa muito bonita até. E tem um sorteio de uma passagem para a Itália.

T.P: e C.F: Aaaahhhh!!!!...

IB: Não é possível que eu seja tão felizarda que vou ganhar mais uma. E ainda quase que eu ganhei a passagem, vai ficar uns trocadinhos para mim, não é? Porque o dinheiro está depositado na caderneta, já com juros dá para pagar, não é. Vai me sobrar uns trocadinhos para mim. Eu vou chorar outra vez. Ah, meu filho!

CF: Mas D. Inês, vamos voltar um pouco na história das fitas que a gente fez sobre a vida da senhora/

IB: Pois não.

CF: Como que a senhora acha, a senhora se sente algumas vezes constrangida de saber que alguém que a senhora não conhece vai escutar e vai trabalhar para saber mais sobre a cidade, não propriamente sobre a vida da senhora, mas sobre a cidade?

TP: Ah, para eu saber? Como é que...

CF: Não, o que que a senhora sente sabendo que a história da senhora vai ajudar alguém a conhecer mais um passado que a pessoa não presenciou?

IB: Ah! Como é que eu falei. Pode ser que tenha igual a mim, mas que passa a mim, não. Não tem não, eu aposto com quem quiser que não tem.

TP: E a senhora acha isso importante, a gente deixar registrado isso, a sua experiência de vida?

IB: Pois é? Porque criar onze filhos não foi sopa não. Eu tive muita gente boa, eu tive os Boschi, tive a d. Ivone Cabral, também é minha comadre. Porque depois tudo era mesmo compadre, comadre, não é? Ajudava, ajudava criar os filhos. Como a Constância Gracielli, a Casa de Itália, tinha a Emília Gaetani, tinha uma outra senhora Galli, que também eu não sei se está viva, essa nunca mais eu fiquei sabendo dela, não. Moravam todas na Avenida Bias Fortes. Mas, quer dizer que... Nossa Senhora, que vergonha que eu passei. Ai meu Deus, Nossa Senhora! E sempre calada, eu chorava de noite, de noite podia torcer o travesseiro, o pouco que eu dormia.

TP: Isso, muitos anos?

IB: Muitos anos! Ah, muitos anos! Até que as meninas cresceram. Ele achava ruim porque estudavam as meninas, tinha que levar para poder angariar alguma coisa dos outros, mas para ele, podia empregar em qualquer lugar as meninas, tanto que nem, nem se importava. Mas eu não, toda vida, não é? Desde a Isaura, Isaura foi no colégio

Imaculada. Mas sempre todo mundo teve contemplação comigo. Nossa Senhora! Tem que agradecer mesmo. Eu sempre agradeço a todos. Ah, Nossa Senhora!

TP: O fato é que, enquanto a senhora viveu na Itália, a senhora estava acostumada a um outro padrão de vida, não é D. Inês?

IB: Pois é. Nossa Senhora!

TP: A vinda para o Brasil fez a senhora mudar de/

IB: Muito!

TP: D. Inês, e a senhora teve nesses anos todos que a senhora fala que foram de muito sofrimento, a senhora teve na religião um apoio moral, assim é.../

IB: De santo?

TP:... importante?

IB: São Judas Tadeu!

TP: A senhora sempre se apegou...

IB: Sempre!

TP: À religião?/

IB: Sempre! Sempre eu rezo e falo: ele foi que me ajudou a criar meus filhos, que me ajudou a estudar, que me ajudou a casar e até hoje ele é o meu protetor.

TP: Ajudava a senhora?

IB: Tirando os outros, porque a senhora vê, estou cirucndada. Eu rezo muito.

TP: Mas a senhora/

IB: Eu rezo. Para mim é que eu menos rezo. Para mim é menos que eu rezo. Mas a família grande, sete filhos é grande. Mas, eu rezo muito, peço muito ... Deus, meu Deus! Nossa Senhora! Vela, se eu tivesse o dinheiro que já acendi de vela, estava bem! Mas a gente tem que agradecer, tem, ué, não é só pedir não.

TP: Hum, hum.

IB: Não é só pedir não. Às vezes eu pago as minhas preces antes de receber.

TP: Mas D. Inês, a senhora tem para a senhora a religião como um apoio mesmo/

IB: É, muito!

TP:... isso a senhora escolheu esse caminho./

IB: Minha filha, se não fosse Deus, eu não aguentava não! Porque também, eu sou de carne e osso, como os outros. Às vezes as meninas, qualquer coisa que elas falam e principalmente essa: ai, meu Deus! O marido tem sítio, ela não gosta de sítio. Qualquer coisa que ele faz no sítio, já acha ruim. Eu falei: meu Deus do céu! O que é, às vezes, eu fico com raiva. O que eu era antes então?. Até que eu tinha as coisas, depois que eu não tive mais, acabou. Então, eu não sei, vocês têm tudo, só falta trazer água na peneira. O que vocês querem? Ajoelha e dá graças a Deus! Porque nós mesmos não somos perfeitos, todos nós temos nossos... vai ver, não é?

TP: Hum, hum.

IB: Mas também gente de Deus, ele gosta! Ah, a senhora puxa saco do genro. Pronto, eu fico com raiva, eu fico com raiva.

TP: A senhora acha que, baseado no que a senhora viveu, a senhora relativiza muito [].

IB: // Gente de Deus! Eu não fazia escândalo//, eu não fazia nada, para não envergonhar, não é. Sempre engolindo, sempre engolindo. Às vezes nem nada falava das coisas, não é? Agora, é uma coisa horrorosa, Virgem Maria!

TP: E contar tudo isso para nós, D. Inês, foi bom para a senhora? Essa experiência de nos contar?

IB: É isso mesmo. Alivia um pouquinho, não é?

TP: É bom?

IB: O peso é menos. É, bem que o Ciro falou ontem: diminui dois quilos. Acho que é isso!
[Risos]

TP: E a senhora acha que o trabalho que nós estamos fazendo com a senhora se assemelha um pouco a quando a senhora se sentou para escrever o diário?

IB: Ah, na Itália também, quando o troço lá da Casa de Itália de Bolonha, que eu fui lá na casa de meu sobrinho, também, deve vir o jornal também. Também não é tanto, assim como é isso, mas foi, tirou até foto, também.

TP: Ah, é?

IB: É, chegaram e "cleck".

TP: A senhora nos mostra?

IB: Mostro.

TP: Liga para nós, para a gente ver!

IB: //Para ver.// Dizem que ele vem agora, em fevereiro, para o meu aniversário. Vai ter uma festinha. Para o meu aniversário, não sei. Até no meu aniversário, o presidente daqui passou telegrama.

TP: /É./

IB: Passou. E o outro lá escreveu para o presidente, presidente. É assim: ele escreve para ele, o outro escreve para mim e falando que só em fevereiro que virá fazer a festinha para a senhora Inês Berlini Buldrini. Eu falei: êta, eu estou aí! Para eu não morrer não. [risos]

TP: Mas então, vamos falar um pouquinho agora do futuro. A senhora está nos contando da festa, da próxima festa.

IB: [Risos].

TP: A senhora tem pensado em dar um jeito de ir para a Itália outra vez? O que a senhora está pensando?/

IB: Eh, isso não precisa nem perguntar! A Itália está aqui dentro, o que eu vou fazer, não é?

TP: Está dentro do coração e da cabeça?

IB: Da cabeça!

TP: O tempo todo? E se surgir uma oportunidade a senhora não pensa duas vezes?

IB: Ah, não penso. Agora, não dá para muitas pessoas não, porque não dá. Não dá, porque fica muito ruim. Vai aqui, vai lá vai lá eu não, eu não, eu não/

TP: A senhora gosta de ir sozinha?

IB: Eu gosto de ir com menos pessoas. É melhor.

TP: Se a senhora pudesse ir sozinha/

IB: Primeiro, primeiro eu ia sozinha mesmo, agora está muito difícil ir sozinha, não é? Esses capial não vão deixar [risos]. Agora, recebi carta por esses dias mesmo; um irmão... tem três, lá ruim, agora. Subiu mais um, o meu cunhado, acho que ele não está com doença muito boa não. E o outro meu irmão saiu, caiu, desmaiou, ficou desmaiado na rua, levaram para o hospital, depois avisaram em casa, eu sei que ele ficou internado - esse que tem hemorragia nasal. Mas diz que ele está melhor, porque engordou quatro quilos,

vamos ver. Agora, tem o meu filho, o bravo, primeiro homem, porque tem seis mulheres e ele, cinco mulheres e ele. Ele nunca adoeceu - vai fazer 61 anos, nunca, nunca, nunca ele teve nada. Forte, muito trabalhador, mas ficou passando mal, sem falar nada, sempre, não é? Um dia eu vi ele, estava muito, eu falei: mas o Wander não é isso, meu Deus do céu. Mas fiquei calada, porque ele é muito nervoso, fosse falar, ele falaria assim: com certeza eu bebi? Fica assim não é!

TP: Hum, hum.

IB: Então, calar é melhor, não é? Mas, no meu aniversário, ele estava feito um bobo - eu falei: mas o Wander! Nós chamamos ele de Deco - Deco não é assim. Eu falei com meu neto: vê lá o Deco, ele está muito murcho, tá doido! Virgem Maria! Parece um bobo! No entanto, minha filha, quando foi no dia seguinte, ele esteve ruim, quase que foi para o bebelê. Asma!

TP: É mesmo!

IB: Da brava!

TP: E a senhora percebeu que tinha alguma coisa errada com ele?

IB: Mas eu achava que era pneumonia. É engraçado, porque eu vi que ele ficava - [D. Inês simula a respiração do filme com asma] - ficava assim, falei: para mim é pneumonia. Mas nunca quis ir no médico, nunca. Muitas vezes o Ciro falou: vai, vai, vai lá no consultório. Então, esse dia o Ciro falou com ele: vai no meu consultório. Ele nunca tomou injeção, nunca, nunca, nunca. Então, ele passou muito mal, aí aquele alarme, não é? - Deco está muito ruim, Deco está muito ruim, caça o Ciro, caça o Ciro - não achava o Ciro. Afinal de contas achou o Ciro, então levou lá, então ele falou: asma e da brava ainda. Mas tirou radiografia também e diz que - ontem fui lá mais por causa disso, para saber, não é? Porque eles nunca falam a coisa certa, não é? Então, diz que é asma mesmo, que, agora tem que tratar, porque senão oh! Agora não sei, [...], não sabia que dava em gente velha também, 61 anos.

TP: É, mas é uma doença que pode surgir a qualquer hora, não é!

IB: Nossa Senhora, mãe de Jesus! Ele é muito nervoso! Nossa, coitada da Alda, ela é uma pamonha, mas nessa hora ela fica esperta, coitada! É, ela é gorda! Mas ela, tanto faz a água descer lá como subir, é mesma coisa. Porque se não fosse assim, não tinha ficado com ele mesmo, não. Ele é bravo mesmo! A criação, não é? Ele então foi o mais

prejudicado, o mais prejudicado, que era muito agarrado comigo e o pai aí que caía por cima. É, mas é assim, agora, mais uma, não é?

CF: O Lenine morreu há muito tempo D. Inês?

IB: Não, o Lenine está vivo!

CF: O Lenine, o Lenine/

IB: Meu irmão?

CF: Ah!!!/

IB: O meu filho!

CF: Então são dois filhos?!

IB: Não, eu tenho dois filhos, tem o Wander e o Lenine.

CF: Ah!!!

TP: Não, quem morreu foi o irmão dela.

IB: É, foi meu irmão. Lenine foi o nome que o pai colocou.

TP: É mais novo, não é D. Inês, que o Wander?

IB: É mais novo, é! O Lenine é de 33 e o Wander de 30.

TP: É próximo, são todos próximos?

IB: É, depois do Wander tem a Lêda - que é, esta que está em Contagem. É assim.

TP: D. Inês, a senhora foi sentindo alívio quando os seus filhos foram crescendo? A senhora sentiu um certo alívio de poder; porque a senhora diz que todo sofrimento pelo qual a senhora passou, a senhora muitas vezes evitava de mostrar, porque eles eram crianças e tal.

IB: //Ah, sim, sim.// Muito.

TP: Mas depois que eles cresceram a senhora/

IB: //Ah, isso,// depois que cresceram, depois que cresceram já todas elas tinham sua obrigação. Não é como hoje em dia, pelo menos eu vejo aqui. A Isaura, olha, a Isaura que era a que arrumava a casa, tinha pouca [bianqueira], ela vinha da escola, lavava os lençóis, passava com ferro a brasa, ela era a arrumadeira da casa que ela é até hoje, não

é? Agora, a Aidê [risos] - cada uma tinha uma coisa, não é. A Aidê era negócio de rachar lenha, naquele tempo era rachar lenha, ou senão, buscar serragem/

TP: Para acender o fogão?!

IB: Uma tinha até papo, de tanto soprar na serragem. A gente sofreu demais, Nossa Senhora! Agora, a Wanda, essa que mora em Sabará, ela que cozinhava, porque eu tinha que trabalhar, não é? Não dava.

TP: /Não dava tempo./

IB: Não dava. É, cada um tinha uma coisinha.

TP: Uma tarefa!

IB: Cada uma tinha uma coisa. Nunca brigaram, sempre assim. Agora, por exemplo, se uma tinha que ir a algum lugar, falava com a outra: você faz isso para mim hoje, que depois eu faço para você tal dia. Era assim, compreende? Cada uma tinha sua tarefa para fazer. Dia de domingo, a minha tarefa era na máquina o dia inteiro, para costurar para elas. Ela levava o prato de comida na máquina, dia de domingo. Mas era a Wanda que fazia a comida; Aidê arrumava a cozinha, rachava a lenha, às vezes tinha uma hortinha, ela aguava a hortinha, arrumava a hortinha, era dessas coisas. Mas cada uma tinha suas coisas para fazer. De modo não era pesado e foi melhorando para mim, daí para fora. Depois começaram a se casar, ficaram menos. O genro muito bom, toda vida ajudava. Melhorou, não é? Mas até crescer, até certa idade, eu é quem sei!

TP: E uma outra coisa que a gente queria perguntar para a senhora é que - nós já falamos um pouquinho nisso, mas a senhora nos falou pouca coisa - foi quando a senhora se mudou para cá, para a casa da Bruna?

IB: Ah!!!

TP: A senhora mudou não só de casa, deixou de morar sozinha, passou a morar com uma filha e a senhora mudou de lugar na cidade, uma mudança muito grande, porque a senhora saiu de um bairro antigo para um bairro novo.

IB: //Eu vou contar esse caso.// Esse caso foi assim: eu ia para a Itália, eu ia para a Itália porque o meu irmão estava ruim. Acontece que eu justamente vinha fazer uma coisinha aqui, mas não vinha morar aqui não. Só que, alugavam o meu barracãozinho e quando eu voltava, fazia a mesma coisa, como é que eu fiz das outras vezes. Acontece que Marilúcia separou do marido, aquilo para mim foi a morte. Foi uma morte para mim. Eu

estive ruim mesmo, porque eu não queria. Porque nenhum de nós é perfeito, não faltava nada para ela, ela sofreu depois quando separou do marido, ela foi ser faxineira, ela que tinha carro, que tinha todas essas coisas, não é? Mas aí, não tive vontade nenhuma de ir para a Itália, fiquei ruim, então, por aqui fiquei, não saí mais. Foi em 76 isso.

TP: /76./

IB: 76. Aí justamente, meu irmão morre, também. Quer dizer, não vi meu irmão e ela separou do marido, mas está separada até hoje. Mas agora já está melhor, já converso... mas está com a outra mesmo, não é? Tem outra família. Mas em todos casos, os filhos todos estão com ele, trabalham tudo na gráfica. Mas é... aquela vez, nunca na minha vida aconteceu uma coisa dessas. A caçula, Deus que me livre! Eu sofri, eu sofri muito! Pronto, por isso que eu falo! Eu sofri demais!

TP: Essa é a sua filha caçula?

IB: A caçula.

TP: Ela tem que idade atualmente?

IB: Ela é de 41. Vai fazer 49 anos agora em fevereiro...

TP: E aí a senhora ficou aqui e aqui ficou?

IB: Aqui fiquei.

TP: E como é que foi essa mudança para a senhora? Vir para a casa de uma filha e vir morar na Cidade Nova? Como foi isso?

IB: Na Cidade Nova, pois é. Eu gostei, porque aqui está bom, não é? Mas eu gosto mais do Carlos Prates.

TP: Por que D. Inês?

IB: Porque tem muitas lá, tem muitos netos, tem muitos. Lá é diferente, sabe! Elas são diferentes, não são todos que trabalham, eles ficam em casa - eu tinha mais companhia.

TP: A senhora gostava mais do Carlos Prates, mais pelo pedaço da família que ficou lá?

IB: É, da família, é.

TP: Não é pelo bairro em si?!

IB: Não, não, não...

TP: Pelo local na cidade?!

IB: Não, não, não, não. Aqui são todos, Nossa Senhora, se eu falar alguma coisa errada, sou uma pecadora. Todos, meu Deus do céu! Vai fazer um tiquinho assim para mim, para ver se todos não pulam em cima. Tanto é que às vezes falam: Pois é, a senhora também pensa por todo mundo! Faz como os outros fazem. Mas eu não nasci para isso, o que eu vou fazer! Mas é, não somos todos iguais, não é? Eu sinto.

TP: E com relação ao bairro, quando a senhora se mudou para a Cidade Nova, a senhora não estranhou muito o tipo de coisa, o tipo de vida aqui do bairro, a vizinhança?

IB: Não! Porque logo que eu vim para aqui, justamente foi o negócio da Marilúcia. Meu irmão falou assim: [...] faleceu, aí fiquei mais morta do que viva. Custei aprumar, custei mesmo. E os meus genros, todos me adoram, não tem um que não goste de mim. Também tem como fazer por onde gente, uai, eu acho. Por exemplo, como esse daqui, só falta carregar água na peneira. Gente, nós todos temos defeitos meu Deus do céu! Mas não, ehh!!! Gasta tudo no sítio, aquela porcaria, comprar para quê?! Agora fez um carramanchão, uma beleza! Fez uma cozinha espetacular, com churrasqueira, com a mesa, com tudo. Mas é porque fica em casa sábado, vai fazer as compras e lá vai para o sítio. Chega de noite, não é? Domingo de manhã, lá vai para o sítio, chega de noite. Ela não quer ir. Domingo, fomos todos, mas foi um custo, foi um custo. As meninas - ah, vai vovó, vai. Eu também não estava com muita vontade de ir, mas mesmo assim empurrei, e gostei! Engraçado, eu gostei, domingo. Da outra vez que eu fui, não gostei. Tanto é que nem entrei dentro d'água, estava com [ovo]. Eu falei: ah, eu, espera aí. Eu vou entrar lá embaixo, eu quero ver se eu melhora, ou não melhora.

TP: E fez bem o banho de cachoeira?

IB: Gostei, gostei mesmo!

TP: D. Inês, mas pelo o que a senhora fala um pouco das filhas, a braveza que a senhora tem, a senhora passou um pouco para elas, não é?

IB: [risos]

TP: É uma característica?!

IB: É, mas eu não era ruim não.

FINAL DA FITA O6
FINAL DA ENTREVISTA

B

Belo Horizonte, 1, 10, 11, 12, 25, 26
bonde, 12, 13
Brasil, 1, 8, 10, 20, 21, 25, 28

C

Carlos Prates, 2, 10, 11, 12, 21, 24, 34, 35
Casa de Itália, 16
cinema, 16, 17, 18, 19
Contagem, 11, 32

F

família, 3, 5, 28, 34, 35

G

Getúlio, 3, 4

I

Itália, 6, 10, 16, 18, 20, 21, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 34

L

Leão XIII, 16, 17, 18

M

manutenção da Santa Casa, não é. Então, quem quiser
vai, mas paga. Então chamaram a Colônia Italiana, 26

R

Revolução de 30, 1
Rio de Janeiro, 8, 9, 18, 26

S

Santa Casa, 26